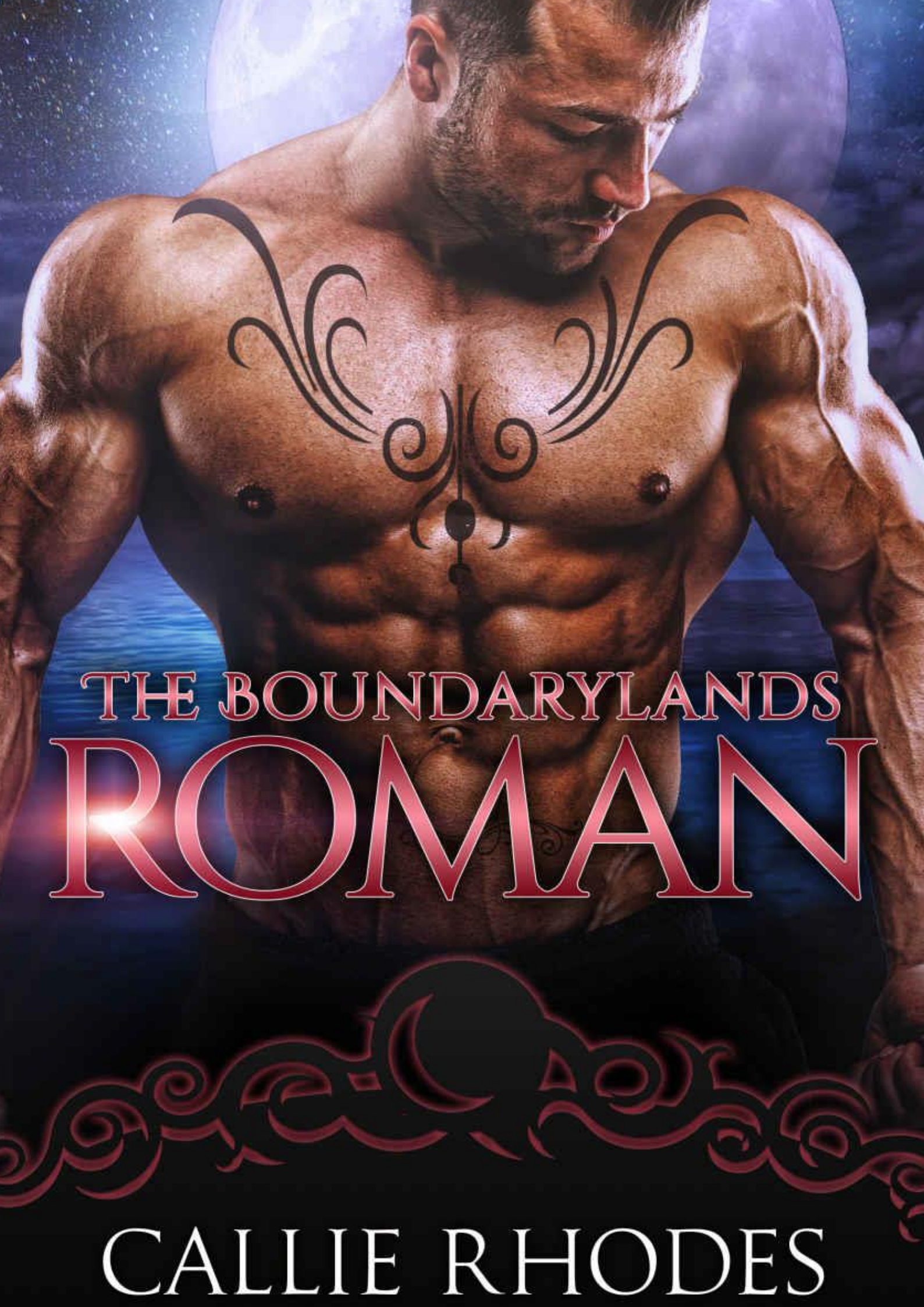




THE BOUNDARYLANDS
ROMAN

CALLIE RHODES





AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

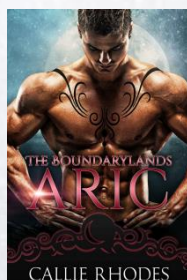
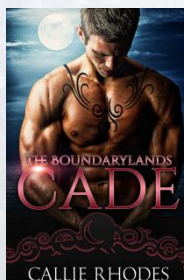
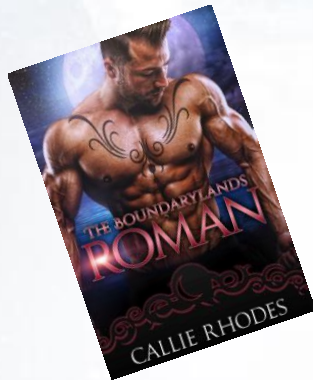
A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

THE BOUNDARYLANDS OMEGAVERSE

Callie Rhodes



THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes

STAFF



Disponibilização e TM – *WAS*

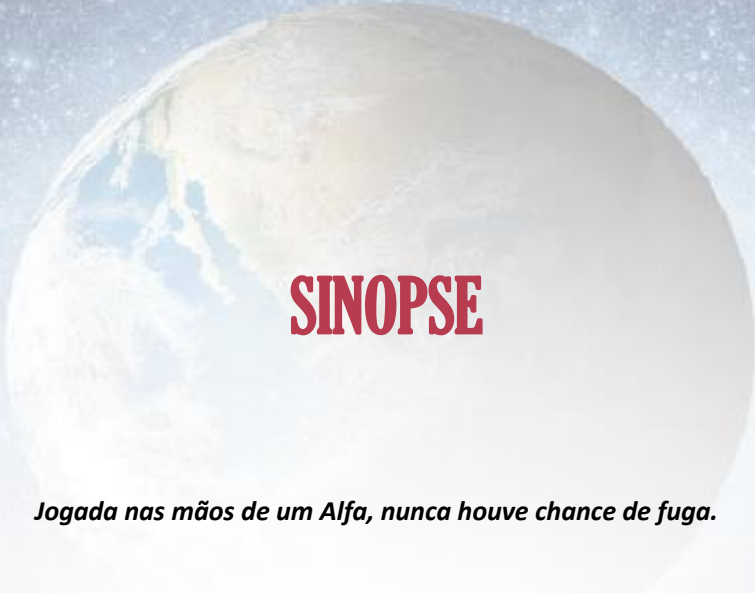
Revisão Inicial – *Gamora Zen (Só Aliens)*

Revisão Final – *Gaia Wings (WAS)*

Leitura Final – *Sidriel Wings (WAS)*

Formatação – *WAS*

Janeiro 2022



SINOPSE

Jogada nas mãos de um Alfa, nunca houve chance de fuga.

Nenhuma mulher viaja voluntariamente para Boundaryland.

É onde eles estão... os Alfas.

Eles se mantêm isolados no deserto, e a civilização Beta sabe como manter distância. Especialmente mulheres Beta... por medo de que possam não ser Beta, afinal.

Infelizmente, Phoebe nunca teve escolha, não quando sua família está contrabandeando mercadorias do mercado negro para os Alfas que vivem dentro das fronteiras. Ela sabe o suficiente para manter distância, mas quando um acordo dá errado, Phoebe se vê oferecida como um sacrifício... sua liberdade pela vida de sua família.

Agora, está presa com uma criatura que a vê como nada mais do que outra possessão... então por que sua natureza selvagem a chama de maneiras que ela é incapaz de controlar?

Bem-vindo à Boundarylands. Onde a única maneira de conhecer a sua verdadeira natureza é sentir o toque de um Alfa. As Ômegas podem ser raras, mas todas as mulheres sabem que seus destinos serão infernais... mantidas em cativeiro, quebradas, acasaladas, atadas e reproduzidas.



CAPÍTULO 1

Phoebe

— Estou com um mau pressentimento, pai.

Phoebe Whitfield tentou controlar seu batimento cardíaco acelerado enquanto se inclinava para frente para chamar a atenção de seu pai. Com seu irmão mais novo Holden sentando na frente, não havia nenhum lugar para se sentar, mas no colchão fino no compartimento apertado atrás da cabine do caminhão-tanque de dezoito rodas que seu pai e Holden tinham roubado várias horas antes.

— Shhh, — Ed Whitfield sussurrou por cima do ombro enquanto lentamente saía da sinuosa estrada de duas pistas para uma estrada de terra estreita... uma proeza nada pequena para um veículo daquele tamanho. — Você sabe que esses caras podem ouvir tudo.

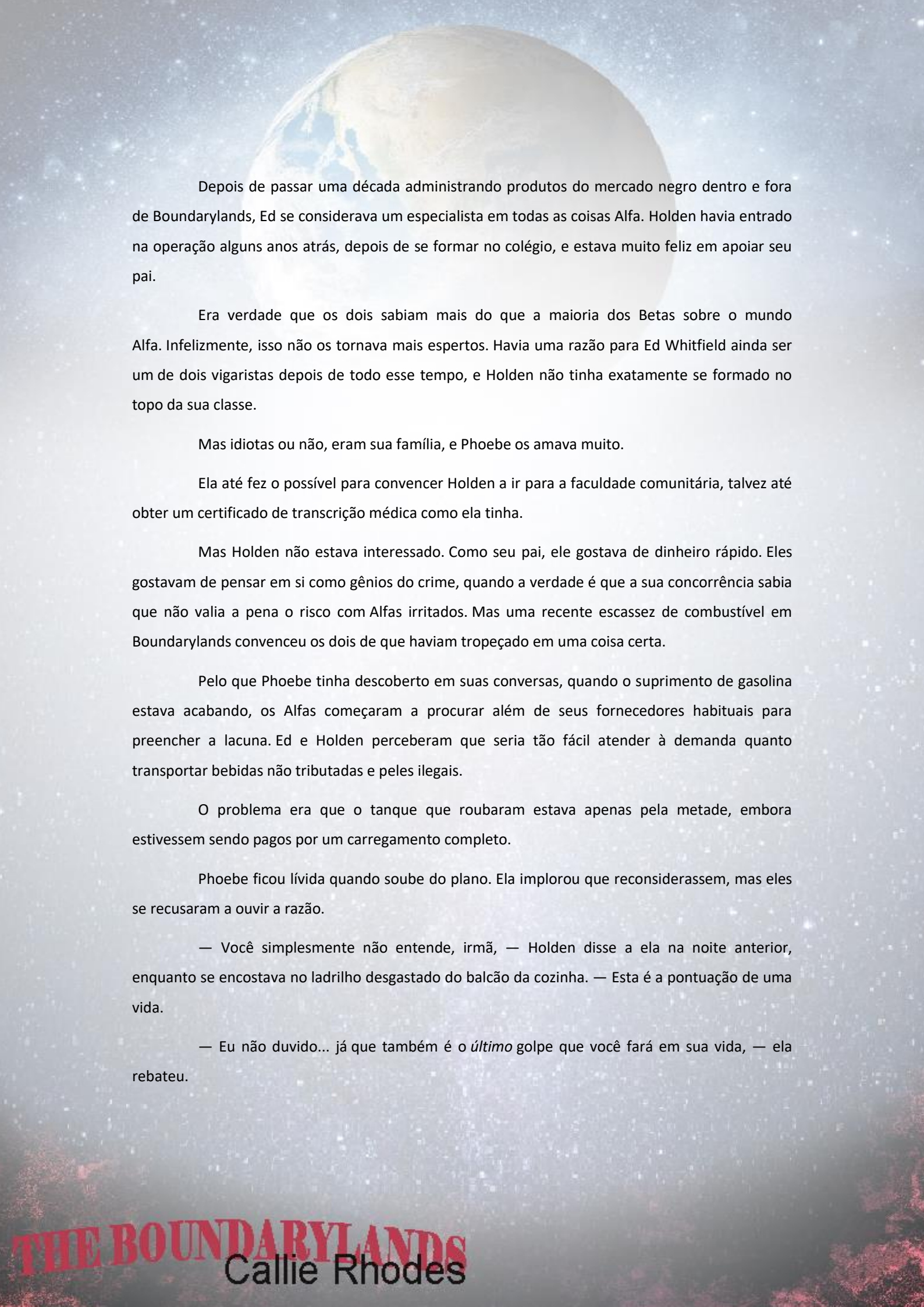
Phoebe revirou os olhos com as palavras de Ed. Seu pai fez soar como se estivesse falando sobre alguns de seus velhos companheiros de bebida no bar da esquina, em vez do bando de Alfas enormes e brutais que viviam neste remoto território montanhoso.

— Conseguimos isso, irmã, — Holden disse a ela, cheio de confiança impetuosa e aquecido pelo conteúdo do frasco que ele e seu pai estavam passando de um lado para outro. — Esta não é a nossa primeira corrida.

Talvez não... mas Phoebe estava disposta a apostar que era a primeira vez que transportavam um tanque meio vazio de combustível quando foram pagos para entregar um cheio.

Mas ela sabia que trazer isso à tona não faria nenhum bem. Ela apenas se calou novamente.

Afinal, esta era a primeira vez que entrava nas Fronteiras do Noroeste do Pacífico, enquanto os homens de sua família estavam trabalhando nisso há anos.



Depois de passar uma década administrando produtos do mercado negro dentro e fora de Boundarylands, Ed se considerava um especialista em todas as coisas Alfa. Holden havia entrado na operação alguns anos atrás, depois de se formar no colégio, e estava muito feliz em apoiar seu pai.

Era verdade que os dois sabiam mais do que a maioria dos Betas sobre o mundo Alfa. Infelizmente, isso não os tornava mais espertos. Havia uma razão para Ed Whitfield ainda ser um de dois vigaristas depois de todo esse tempo, e Holden não tinha exatamente se formado no topo da sua classe.

Mas idiotas ou não, eram sua família, e Phoebe os amava muito.

Ela até fez o possível para convencer Holden a ir para a faculdade comunitária, talvez até obter um certificado de transcrição médica como ela tinha.

Mas Holden não estava interessado. Como seu pai, ele gostava de dinheiro rápido. Eles gostavam de pensar em si como gênios do crime, quando a verdade é que a sua concorrência sabia que não valia a pena o risco com Alfas irritados. Mas uma recente escassez de combustível em Boundarylands convenceu os dois de que haviam tropeçado em uma coisa certa.

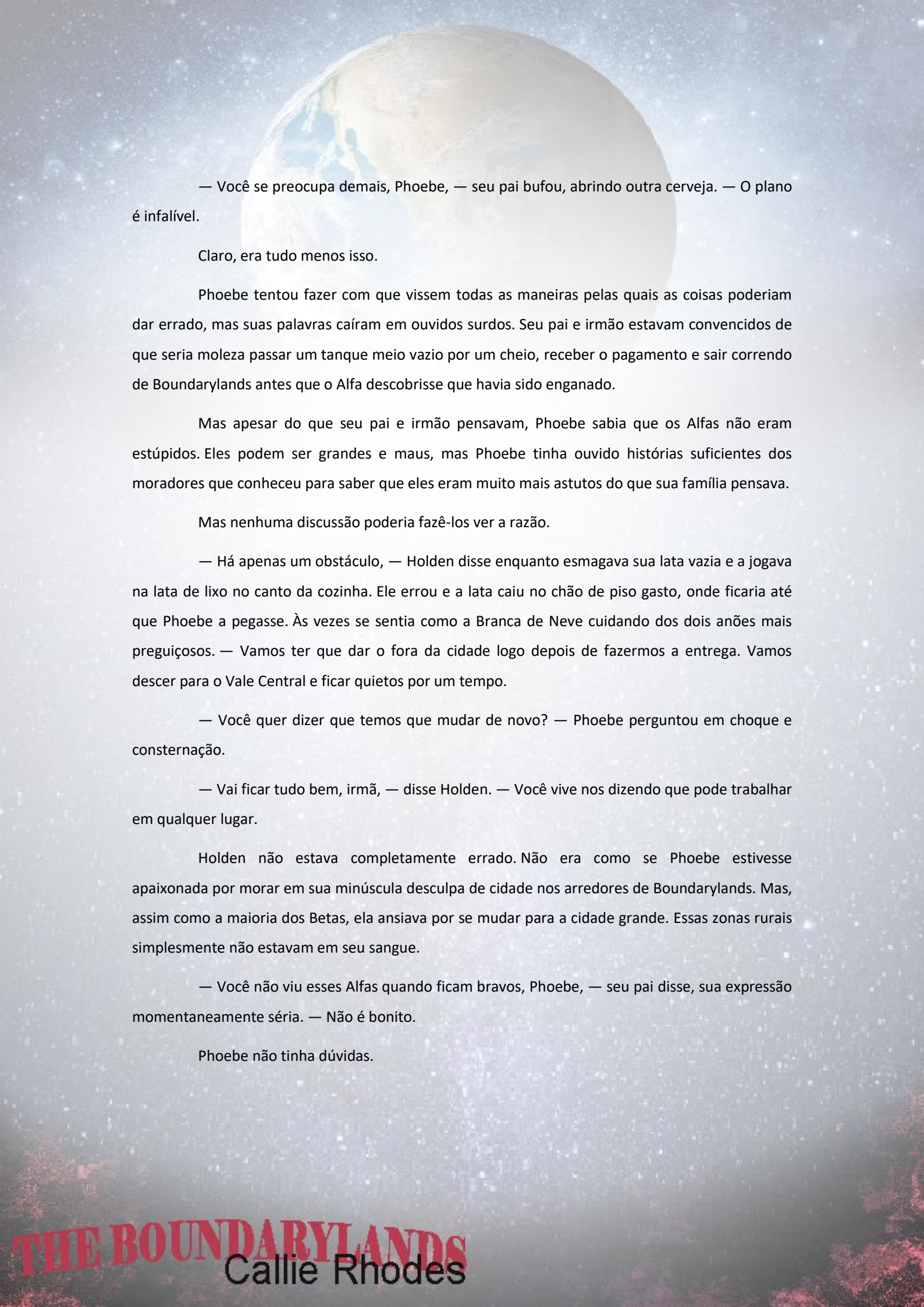
Pelo que Phoebe tinha descoberto em suas conversas, quando o suprimento de gasolina estava acabando, os Alfas começaram a procurar além de seus fornecedores habituais para preencher a lacuna. Ed e Holden perceberam que seria tão fácil atender à demanda quanto transportar bebidas não tributadas e peles ilegais.

O problema era que o tanque que roubaram estava apenas pela metade, embora estivessem sendo pagos por um carregamento completo.

Phoebe ficou lívida quando soube do plano. Ela implorou que reconsiderassem, mas eles se recusaram a ouvir a razão.

— Você simplesmente não entende, irmã, — Holden disse a ela na noite anterior, enquanto se encostava no ladrilho desgastado do balcão da cozinha. — Esta é a pontuação de uma vida.

— Eu não duvido... já que também é o *último* golpe que você fará em sua vida, — ela rebateu.



— Você se preocupa demais, Phoebe, — seu pai bufou, abrindo outra cerveja. — O plano é infalível.

Claro, era tudo menos isso.

Phoebe tentou fazer com que vissem todas as maneiras pelas quais as coisas poderiam dar errado, mas suas palavras caíram em ouvidos surdos. Seu pai e irmão estavam convencidos de que seria moleza passar um tanque meio vazio por um cheio, receber o pagamento e sair correndo de Boundarylands antes que o Alfa descobrisse que havia sido enganado.

Mas apesar do que seu pai e irmão pensavam, Phoebe sabia que os Alfas não eram estúpidos. Eles podem ser grandes e maus, mas Phoebe tinha ouvido histórias suficientes dos moradores que conheceu para saber que eles eram muito mais astutos do que sua família pensava.

Mas nenhuma discussão poderia fazê-los ver a razão.

— Há apenas um obstáculo, — Holden disse enquanto esmagava sua lata vazia e a jogava na lata de lixo no canto da cozinha. Ele errou e a lata caiu no chão de piso gasto, onde ficaria até que Phoebe a pegasse. Às vezes se sentia como a Branca de Neve cuidando dos dois anões mais preguiçosos. — Vamos ter que dar o fora da cidade logo depois de fazermos a entrega. Vamos descer para o Vale Central e ficar quietos por um tempo.

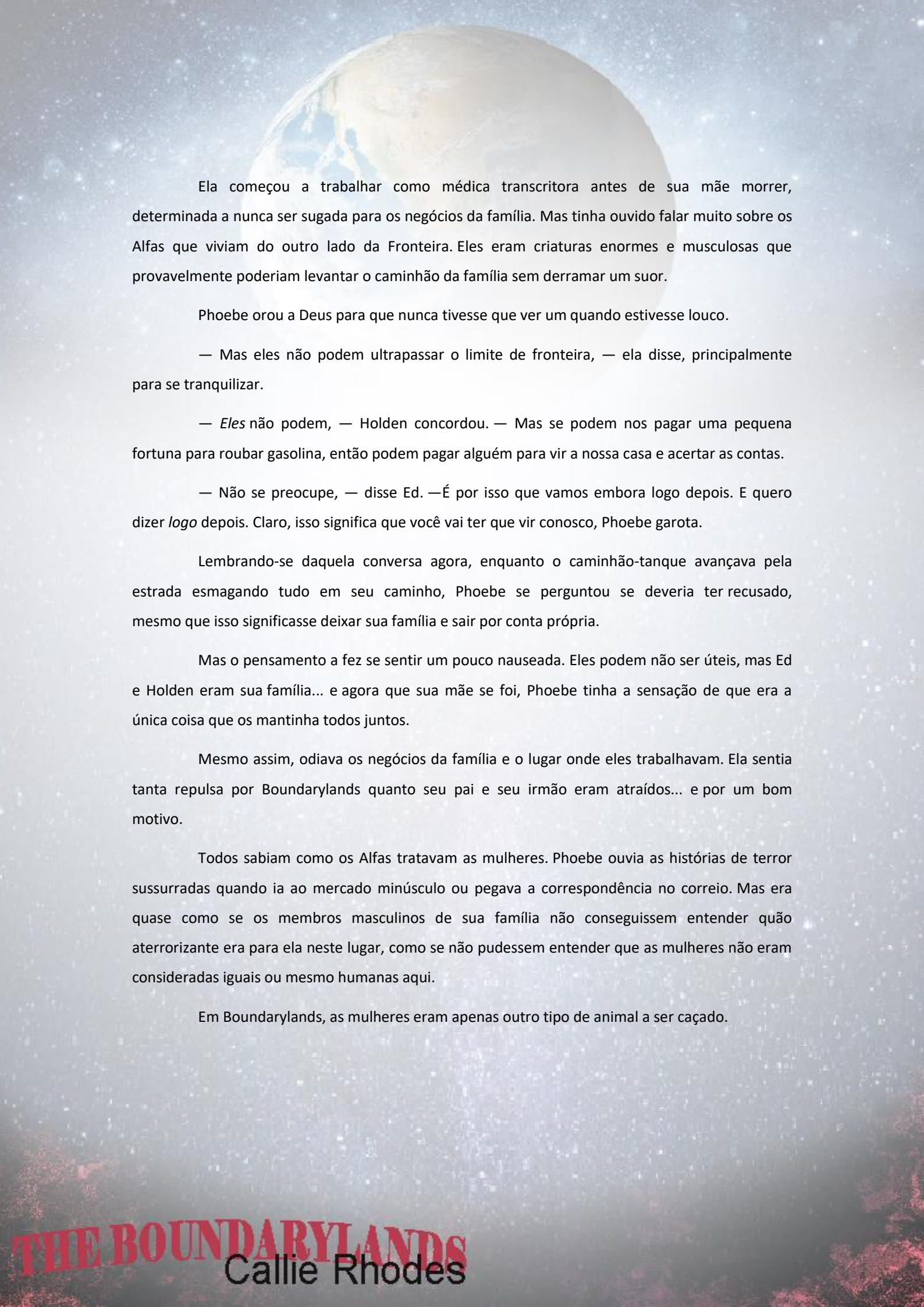
— Você quer dizer que temos que mudar de novo? — Phoebe perguntou em choque e consternação.

— Vai ficar tudo bem, irmã, — disse Holden. — Você vive nos dizendo que pode trabalhar em qualquer lugar.

Holden não estava completamente errado. Não era como se Phoebe estivesse apaixonada por morar em sua minúscula desculpa de cidade nos arredores de Boundarylands. Mas, assim como a maioria dos Betas, ela ansiava por se mudar para a cidade grande. Essas zonas rurais simplesmente não estavam em seu sangue.

— Você não viu esses Alfas quando ficam bravos, Phoebe, — seu pai disse, sua expressão momentaneamente séria. — Não é bonito.

Phoebe não tinha dúvidas.



Ela começou a trabalhar como médica transcritora antes de sua mãe morrer, determinada a nunca ser sugada para os negócios da família. Mas tinha ouvido falar muito sobre os Alfas que viviam do outro lado da Fronteira. Eles eram criaturas enormes e musculosas que provavelmente poderiam levantar o caminhão da família sem derramar um suor.

Phoebe orou a Deus para que nunca tivesse que ver um quando estivesse louco.

— Mas eles não podem ultrapassar o limite de fronteira, — ela disse, principalmente para se tranquilizar.

— *Eles* não podem, — Holden concordou. — Mas se podem nos pagar uma pequena fortuna para roubar gasolina, então podem pagar alguém para vir a nossa casa e acertar as contas.

— Não se preocupe, — disse Ed. — É por isso que vamos embora logo depois. E quero dizer *logo* depois. Claro, isso significa que você vai ter que vir conosco, Phoebe garota.

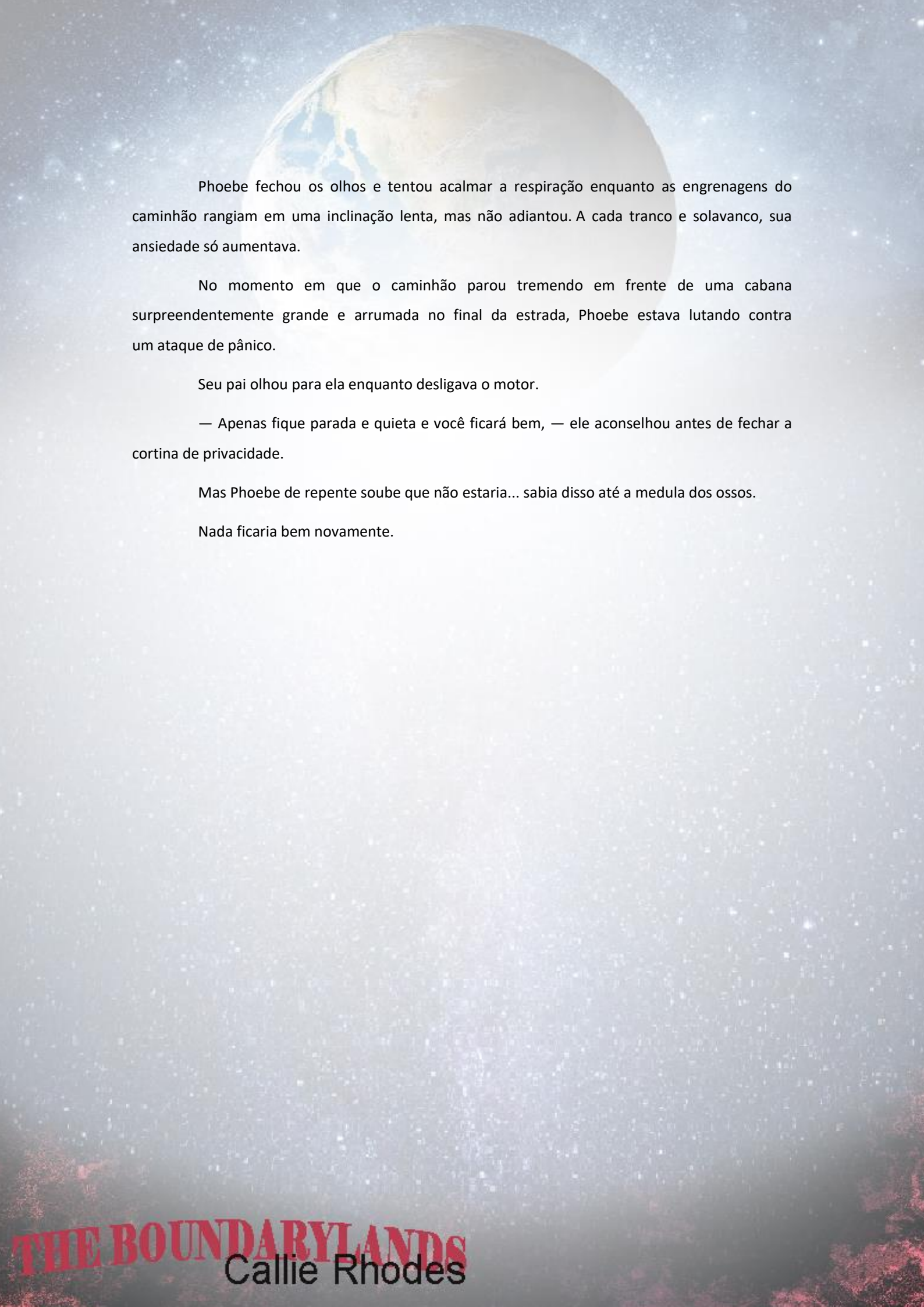
Lembrando-se daquela conversa agora, enquanto o caminhão-tanque avançava pela estrada esmagando tudo em seu caminho, Phoebe se perguntou se deveria ter recusado, mesmo que isso significasse deixar sua família e sair por conta própria.

Mas o pensamento a fez se sentir um pouco nauseada. Eles podem não ser úteis, mas Ed e Holden eram sua família... e agora que sua mãe se foi, Phoebe tinha a sensação de que era a única coisa que os mantinha todos juntos.

Mesmo assim, odiava os negócios da família e o lugar onde eles trabalhavam. Ela sentia tanta repulsa por Boundarylands quanto seu pai e seu irmão eram atraídos... e por um bom motivo.

Todos sabiam como os Alfas tratavam as mulheres. Phoebe ouvia as histórias de terror sussurradas quando ia ao mercado minúsculo ou pegava a correspondência no correio. Mas era quase como se os membros masculinos de sua família não conseguissem entender quão aterrorizante era para ela neste lugar, como se não pudessem entender que as mulheres não eram consideradas iguais ou mesmo humanas aqui.

Em Boundarylands, as mulheres eram apenas outro tipo de animal a ser caçado.



Phoebe fechou os olhos e tentou acalmar a respiração enquanto as engrenagens do caminhão rangiam em uma inclinação lenta, mas não adiantou. A cada tranco e solavanco, sua ansiedade só aumentava.

No momento em que o caminhão parou tremendo em frente de uma cabana surpreendentemente grande e arrumada no final da estrada, Phoebe estava lutando contra um ataque de pânico.

Seu pai olhou para ela enquanto desligava o motor.

— Apenas fique parada e quieta e você ficará bem, — ele aconselhou antes de fechar a cortina de privacidade.

Mas Phoebe de repente soube que não estaria... sabia disso até a medula dos ossos.

Nada ficaria bem novamente.



CAPÍTULO DOIS

Roman

Não era surpreendente que os malditos Whitfields estivessem planejando foder com ele desde o início... mas ainda assim foi decepcionante.

Roman Fontana havia captado o som do motor do caminhão-tanque quando ainda estava a quilômetros de distância. Ele saiu para a varanda de pedra na frente de sua cabana, café na mão, e ficou lá ouvindo o som da gasolina espirrando contra as laterais do tanque.

A maioria dos Alfas nesta parte da região central foram forçados a lidar com Ed Whitfield e seu filho em algum momento. Ao contrário dos contrabandistas Beta típicos, eles negociavam principalmente com produtos do mercado negro que ninguém mais queria tocar por medo das autoridades Beta, itens como peles raras, charutos ilegais e facas balísticas. Mas embora às vezes fosse conveniente lidar com eles, isso não significava que alguém gostasse do par. Os Whitfields conquistaram sua reputação de não confiáveis, astutos e estúpidos.

Infelizmente, a recente interrupção no fornecimento de combustível os tornou necessários.

Roman não era o único cujas reservas de gasolina estavam quase acabando. Em todo o território, seus irmãos estavam ficando sem combustível para seus caminhões e equipamentos. Roman havia tentado todos os outros comerciantes Beta legítimos na tentativa de obter uma remessa suplementar, mas todos recusaram.

Mas não os Whitfields.

Eles concordaram sem nem mesmo parar para pensar sobre isso, uma vez que ouviram o preço que Roman estava disposto a pagar. Embora o dobro do preço normal, a soma significava pouco para Roman. O dinheiro guardado naquele fundo fiduciário de merda permaneceu intocado durante todo o tempo que passou em Boundarylands.

Roman não se iludiu que os Whitfields pegariam a gasolina de uma fonte oficial... e honestamente, não se importava.

O que *realmente* importava era o fato de que o caminhão-tanque que estavam estacionando em frente à sua cabana não estava nem perto de estar cheio.

Observando os dois Betas magricelas descendo da porta do caminhão-tanque, Roman teve que enfrentar o fato de que havia cometido um erro. O mais jovem nem mesmo olhou em sua direção quando saltou para o chão, enxugou as mãos na calça e se dirigiu para a parte de trás do caminhão para desengatar o tanque como se não houvesse nada de errado com a entrega. Ed Whitfield desceu em seguida dando a Roman seu sorriso de merda que era sua marca registrada.

Então, eles não iriam mencionar o tanque. Roman reprimiu um grunhido do fundo de seu peito.

Se os dois homens ouviram o som de advertência, não deram nenhuma indicação... nenhuma que Roman pudesse ver, mas o mais revelador, não em seu cheiro. Eles não ouviram bem ou eram muito arrogantes... ou estúpidos... para perceber o perigo que corriam.

E não apenas porque estavam tentando enganar ele.

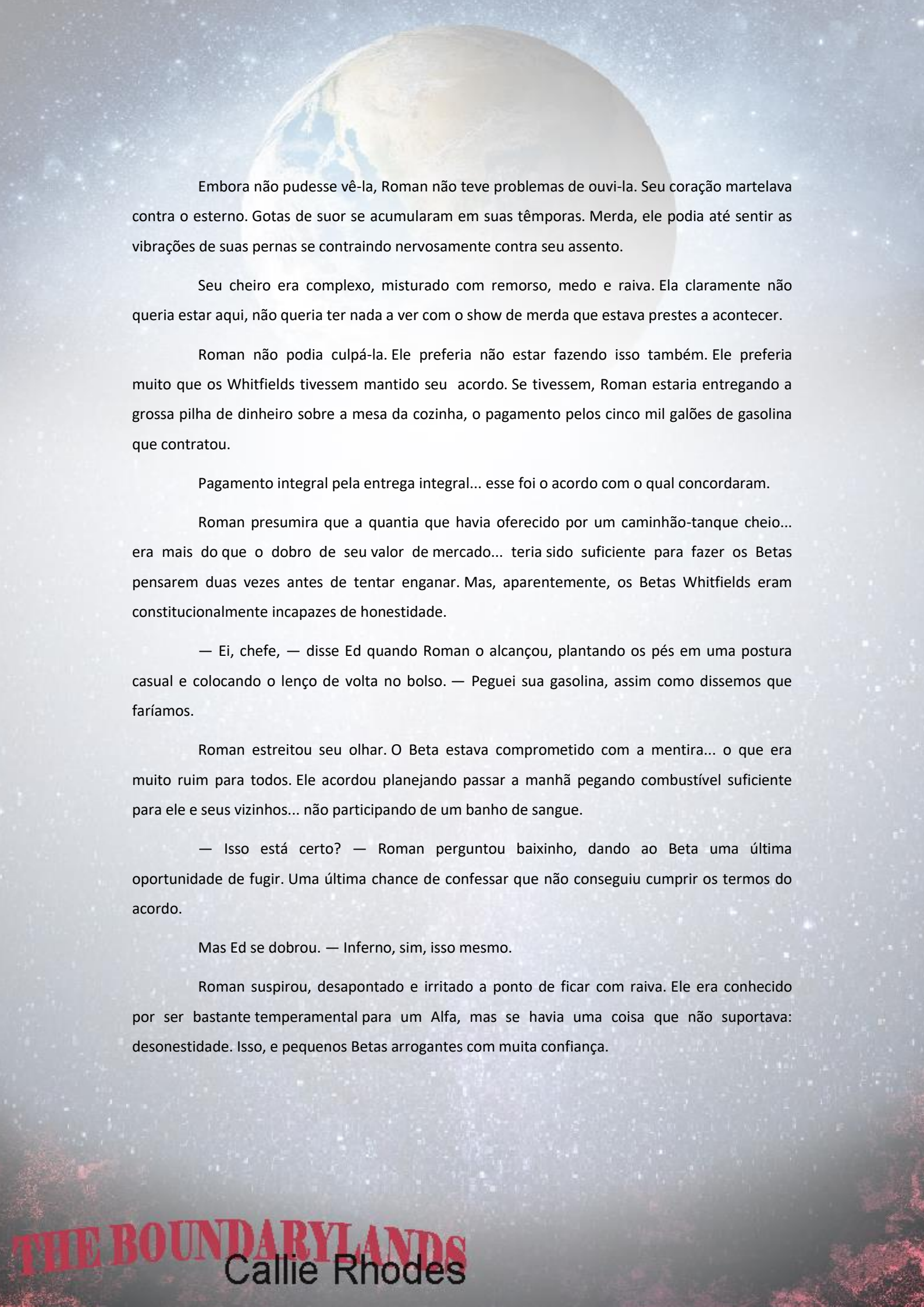
Parecia que os Whitfields trouxeram algo mais na cabine do caminhão, algo que cheirava a madressilva e orvalho.

Já fazia muito tempo que Roman sentia o cheiro de uma mulher, especialmente uma cujo cheiro era tão tentador... mas isso não significava que a garota fosse bem-vinda.

Não havia muitas leis aqui em Boundarylands, mas aquelas que existiam eram invioláveis, e a punição por quebrá-las rápida e segura. Não havia apelações, nem segundas chances. Todos sabiam o que acontecia com os pobres tolos que cruzavam as terras de um Alfa sem permissão, ou pegaram algo que pertencia a outra pessoa, ou enganaram outro homem.

Todos, exceto os Whitfields.

Roman não se incomodou em cumprimentá-lo ao se aproximar de Ed Whitfield, que estava parado ao lado do caminhão, enxugando o rosto com um lenço encardido. Ele não viu ninguém sentado no caminhão, o que significava que quem quer que fosse a garota, estava se escondendo. Isso a tornava a única maldita Beta do grupo com uma pitada de bom senso.



Embora não pudesse vê-la, Roman não teve problemas de ouvi-la. Seu coração martelava contra o esterno. Gotas de suor se acumularam em suas têmporas. Merda, ele podia até sentir as vibrações de suas pernas se contraindo nervosamente contra seu assento.

Seu cheiro era complexo, misturado com remorso, medo e raiva. Ela claramente não queria estar aqui, não queria ter nada a ver com o show de merda que estava prestes a acontecer.

Roman não podia culpá-la. Ele preferia não estar fazendo isso também. Ele preferia muito que os Whitfields tivessem mantido seu acordo. Se tivessem, Roman estaria entregando a grossa pilha de dinheiro sobre a mesa da cozinha, o pagamento pelos cinco mil galões de gasolina que contratou.

Pagamento integral pela entrega integral... esse foi o acordo com o qual concordaram.

Roman presumira que a quantia que havia oferecido por um caminhão-tanque cheio... era mais do que o dobro de seu valor de mercado... teria sido suficiente para fazer os Betas pensarem duas vezes antes de tentar enganar. Mas, aparentemente, os Betas Whitfields eram constitucionalmente incapazes de honestidade.

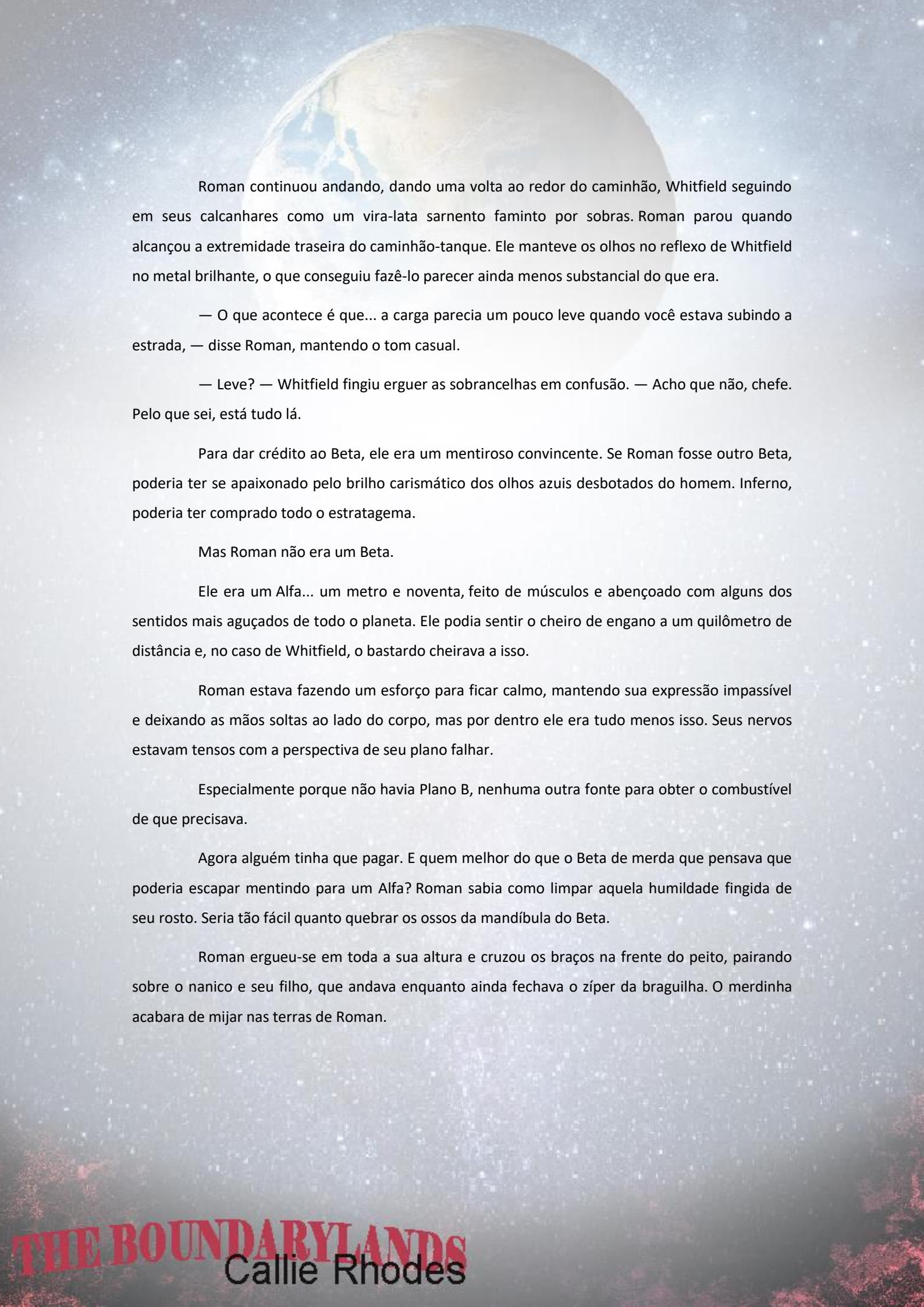
— Ei, chefe, — disse Ed quando Roman o alcançou, plantando os pés em uma postura casual e colocando o lenço de volta no bolso. — Peguei sua gasolina, assim como dissemos que faríamos.

Roman estreitou seu olhar. O Beta estava comprometido com a mentira... o que era muito ruim para todos. Ele acordou planejando passar a manhã pegando combustível suficiente para ele e seus vizinhos... não participando de um banho de sangue.

— Isso está certo? — Roman perguntou baixinho, dando ao Beta uma última oportunidade de fugir. Uma última chance de confessar que não conseguiu cumprir os termos do acordo.

Mas Ed se dobrou. — Inferno, sim, isso mesmo.

Roman suspirou, desapontado e irritado a ponto de ficar com raiva. Ele era conhecido por ser bastante temperamental para um Alfa, mas se havia uma coisa que não suportava: desonestidade. Isso, e pequenos Betas arrogantes com muita confiança.



Roman continuou andando, dando uma volta ao redor do caminhão, Whitfield seguindo em seus calcanhares como um vira-lata sarnento faminto por sobras. Roman parou quando alcançou a extremidade traseira do caminhão-tanque. Ele manteve os olhos no reflexo de Whitfield no metal brilhante, o que conseguiu fazê-lo parecer ainda menos substancial do que era.

— O que acontece é que... a carga parecia um pouco leve quando você estava subindo a estrada, — disse Roman, mantendo o tom casual.

— Leve? — Whitfield fingiu erguer as sobrancelhas em confusão. — Acho que não, chefe. Pelo que sei, está tudo lá.

Para dar crédito ao Beta, ele era um mentiroso convincente. Se Roman fosse outro Beta, poderia ter se apaixonado pelo brilho carismático dos olhos azuis desbotados do homem. Inferno, poderia ter comprado todo o esquema.

Mas Roman não era um Beta.

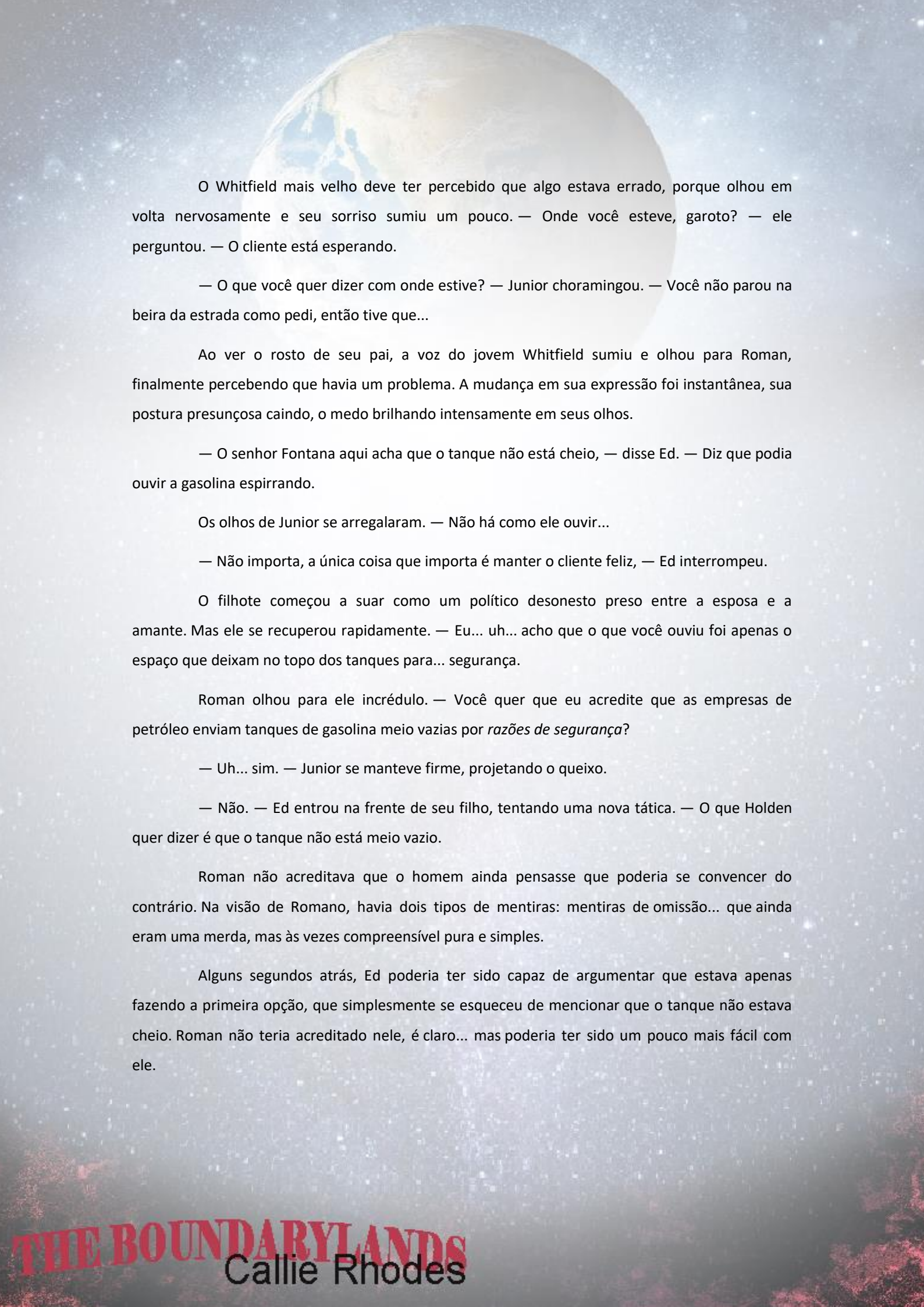
Ele era um Alfa... um metro e noventa, feito de músculos e abençoado com alguns dos sentidos mais aguçados de todo o planeta. Ele podia sentir o cheiro de engano a um quilômetro de distância e, no caso de Whitfield, o bastardo cheirava a isso.

Roman estava fazendo um esforço para ficar calmo, mantendo sua expressão impassível e deixando as mãos soltas ao lado do corpo, mas por dentro ele era tudo menos isso. Seus nervos estavam tensos com a perspectiva de seu plano falhar.

Especialmente porque não havia Plano B, nenhuma outra fonte para obter o combustível de que precisava.

Agora alguém tinha que pagar. E quem melhor do que o Beta de merda que pensava que poderia escapar mentindo para um Alfa? Roman sabia como limpar aquela humildade fingida de seu rosto. Seria tão fácil quanto quebrar os ossos da mandíbula do Beta.

Roman ergueu-se em toda a sua altura e cruzou os braços na frente do peito, pairando sobre o nanico e seu filho, que andava enquanto ainda fechava o zíper da braguilha. O merdinha acabara de mijar nas terras de Roman.



O Whitfield mais velho deve ter percebido que algo estava errado, porque olhou em volta nervosamente e seu sorriso sumiu um pouco. — Onde você esteve, garoto? — ele perguntou. — O cliente está esperando.

— O que você quer dizer com onde estive? — Junior choramingou. — Você não parou na beira da estrada como pedi, então tive que...

Ao ver o rosto de seu pai, a voz do jovem Whitfield sumiu e olhou para Roman, finalmente percebendo que havia um problema. A mudança em sua expressão foi instantânea, sua postura presunçosa caindo, o medo brilhando intensamente em seus olhos.

— O senhor Fontana aqui acha que o tanque não está cheio, — disse Ed. — Diz que podia ouvir a gasolina espirrando.

Os olhos de Junior se arregalaram. — Não há como ele ouvir...

— Não importa, a única coisa que importa é manter o cliente feliz, — Ed interrompeu.

O filhote começou a suar como um político desonesto preso entre a esposa e a amante. Mas ele se recuperou rapidamente. — Eu... uh... acho que o que você ouviu foi apenas o espaço que deixam no topo dos tanques para... segurança.

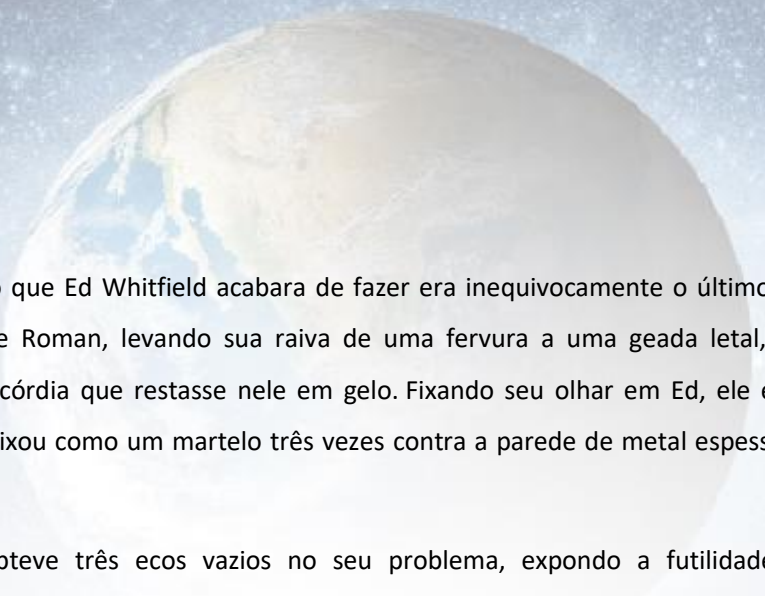
Roman olhou para ele incrédulo. — Você quer que eu acredite que as empresas de petróleo enviam tanques de gasolina meio vazias por *razões de segurança*?

— Uh... sim. — Junior se manteve firme, projetando o queixo.

— Não. — Ed entrou na frente de seu filho, tentando uma nova tática. — O que Holden quer dizer é que o tanque não está meio vazio.

Roman não acreditava que o homem ainda pensasse que poderia se convencer do contrário. Na visão de Romano, havia dois tipos de mentiras: mentiras de omissão... que ainda eram uma merda, mas às vezes compreensível pura e simples.

Alguns segundos atrás, Ed poderia ter sido capaz de argumentar que estava apenas fazendo a primeira opção, que simplesmente se esqueceu de mencionar que o tanque não estava cheio. Roman não teria acreditado nele, é claro... mas poderia ter sido um pouco mais fácil com ele.



Mas o que Ed Whitfield acabara de fazer era inequivocamente o último. Uma raiva fria tomou conta de Roman, levando sua raiva de uma fervura a uma geada letal, transformando qualquer misericórdia que restasse nele em gelo. Fixando seu olhar em Ed, ele ergueu o punho cerrado e o abaixou como um martelo três vezes contra a parede de metal espessa do caminhão-tanque.

Ele obteve três ecos vazios no seu problema, expondo a futilidade de manter o fingimento.

A cor desapareceu do rosto do Beta mais velho, mas ainda assim, seu sorriso reptiliano não desapareceu completamente, apenas tremeu antes de se esticar ainda mais. O efeito foi grotesco. O olhar de Holden chicoteou entre seu pai e Roman.

— Obviamente, o que Holden quis dizer é que está meio cheio, — disse Ed com uma risada frágil.

As narinas de Roman dilataram-se. A floresta ao redor deles estava de repente mortalmente silenciosa, até mesmo a brisa desaparecendo do ar.

Ele teve o suficiente.

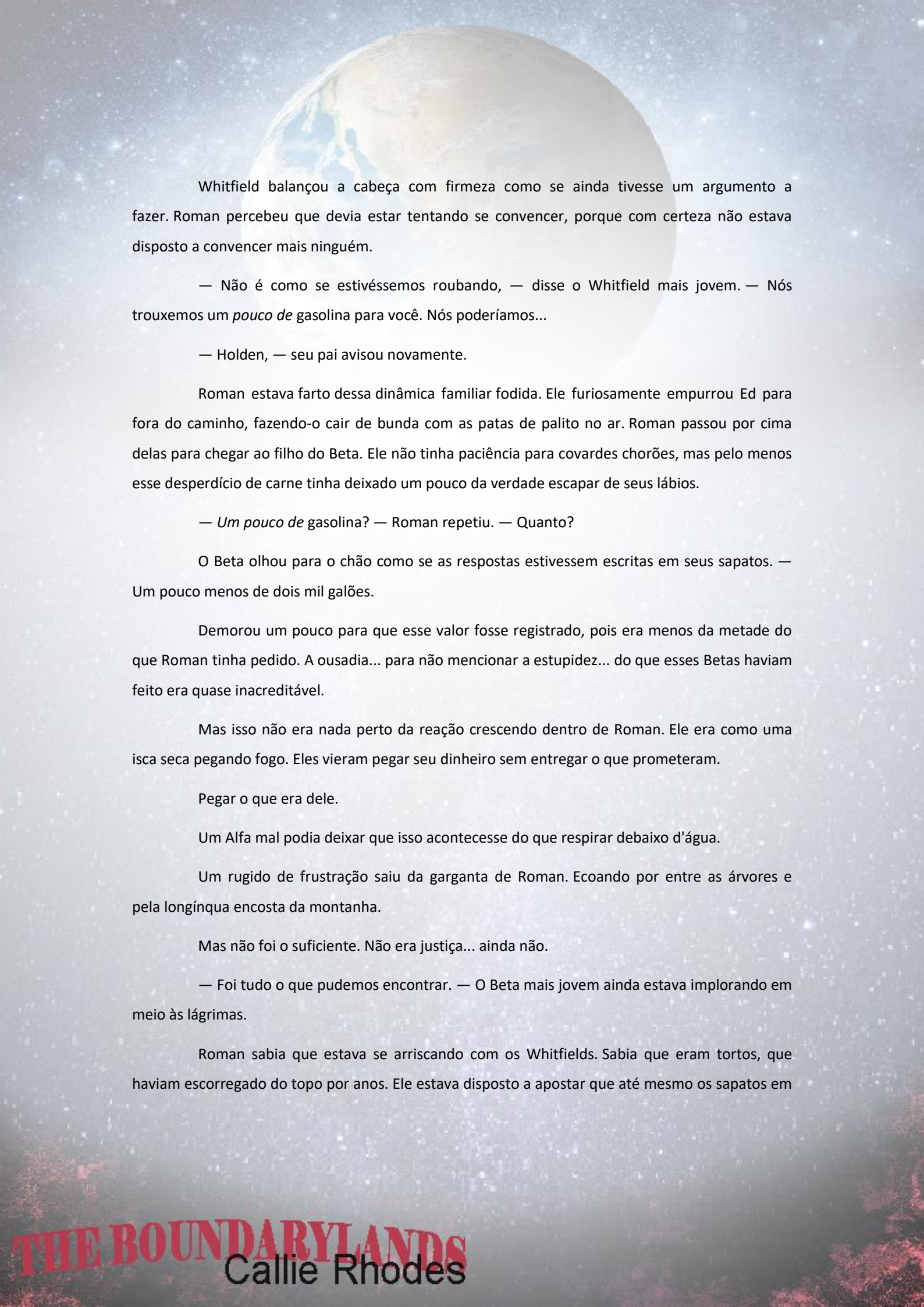
Desta vez, quando bateu com o punho na lateral do tanque, ele deixou uma cratera do tamanho de um punho para trás.

Para seu crédito, o Whitfield mais velho mal se assustou, olhando desafiadoramente para Roman. Mas o filhote havia atingido o limite de sua coragem. Seu queixo tremia e parecia estar pensando em fugir, mas não havia para onde ir que Roman não pudesse chegar até ele em um piscar de olhos. Uma lágrima escorreu por sua bochecha, e a empurrou com raiva antes de desistir e soluçar como uma criança.

— D... desculpe, — ele fungou.

— Holden, — seu pai retrucou. — Cala a sua boca.

— Você pensou que poderia me enganar na minha terra, — Roman vociferou, sua raiva além de dominar neste ponto, — Mentir para mim, roubar de mim e se safar?



Whitfield balançou a cabeça com firmeza como se ainda tivesse um argumento a fazer. Roman percebeu que devia estar tentando se convencer, porque com certeza não estava disposto a convencer mais ninguém.

— Não é como se estivéssemos roubando, — disse o Whitfield mais jovem. — Nós trouxemos um *pouco de gasolina* para você. Nós poderíamos...

— Holden, — seu pai avisou novamente.

Roman estava farto dessa dinâmica familiar fodida. Ele furiosamente empurrou Ed para fora do caminho, fazendo-o cair de bunda com as patas de palito no ar. Roman passou por cima delas para chegar ao filho do Beta. Ele não tinha paciência para covardes chorões, mas pelo menos esse desperdício de carne tinha deixado um pouco da verdade escapar de seus lábios.

— *Um pouco de gasolina?* — Roman repetiu. — Quanto?

O Beta olhou para o chão como se as respostas estivessem escritas em seus sapatos. — Um pouco menos de dois mil galões.

Demorou um pouco para que esse valor fosse registrado, pois era menos da metade do que Roman tinha pedido. A ousadia... para não mencionar a estupidez... do que esses Betas haviam feito era quase inacreditável.

Mas isso não era nada perto da reação crescendo dentro de Roman. Ele era como uma isca seca pegando fogo. Eles vieram pegar seu dinheiro sem entregar o que prometeram.

Pegar o que era dele.

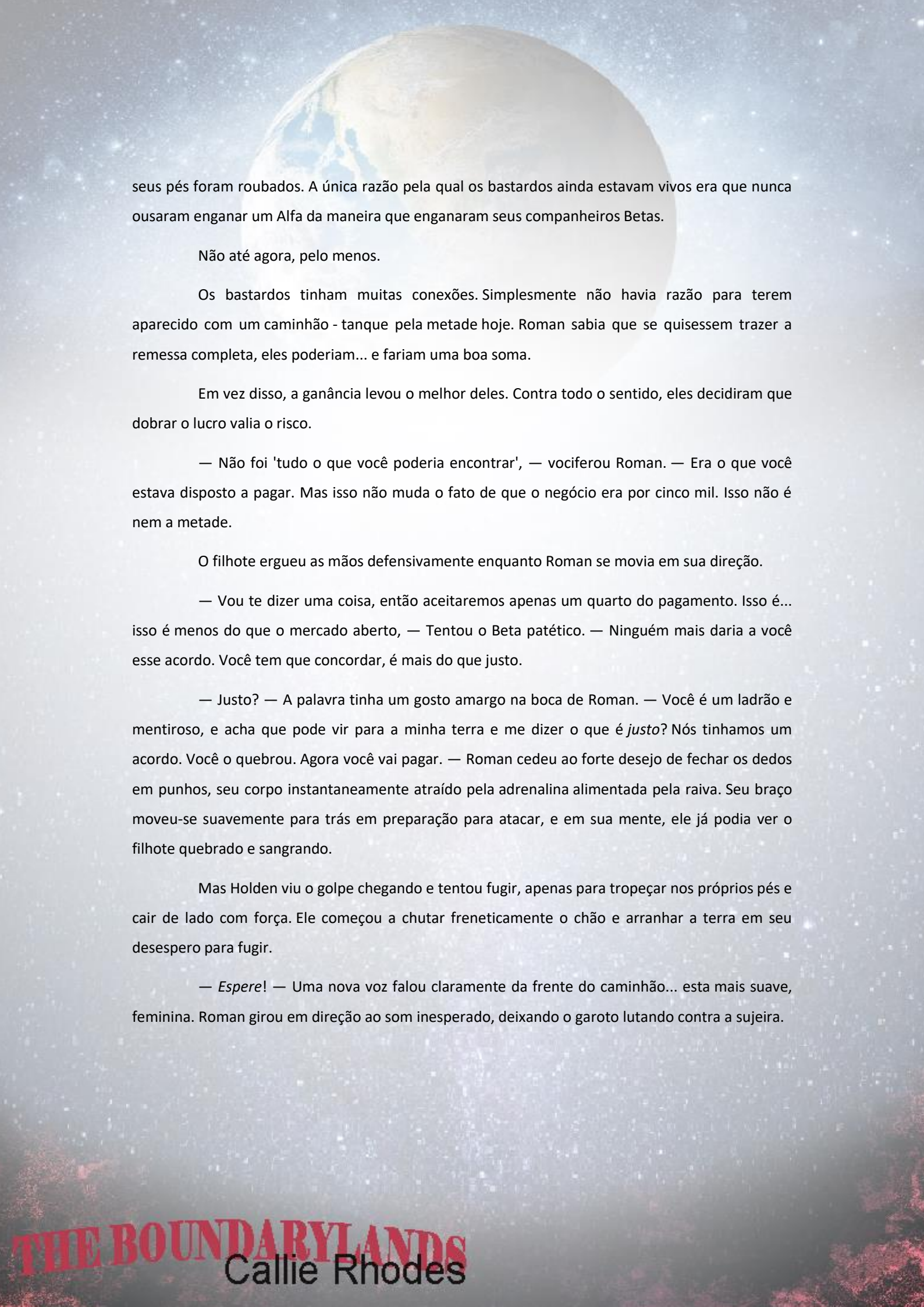
Um Alfa mal podia deixar que isso acontecesse do que respirar debaixo d'água.

Um rugido de frustração saiu da garganta de Roman. Ecoando por entre as árvores e pela longínqua encosta da montanha.

Mas não foi o suficiente. Não era justiça... ainda não.

— Foi tudo o que pudemos encontrar. — O Beta mais jovem ainda estava implorando em meio às lágrimas.

Roman sabia que estava se arriscando com os Whitfields. Sabia que eram tortos, que haviam escorregado do topo por anos. Ele estava disposto a apostar que até mesmo os sapatos em



seus pés foram roubados. A única razão pela qual os bastardos ainda estavam vivos era que nunca ousaram enganar um Alfa da maneira que enganaram seus companheiros Betas.

Não até agora, pelo menos.

Os bastardos tinham muitas conexões. Simplesmente não havia razão para terem aparecido com um caminhão - tanque pela metade hoje. Roman sabia que se quisessem trazer a remessa completa, eles poderiam... e fariam uma boa soma.

Em vez disso, a ganância levou o melhor deles. Contra todo o sentido, eles decidiram que dobrar o lucro valia o risco.

— Não foi 'tudo o que você poderia encontrar', — vociferou Roman. — Era o que você estava disposto a pagar. Mas isso não muda o fato de que o negócio era por cinco mil. Isso não é nem a metade.

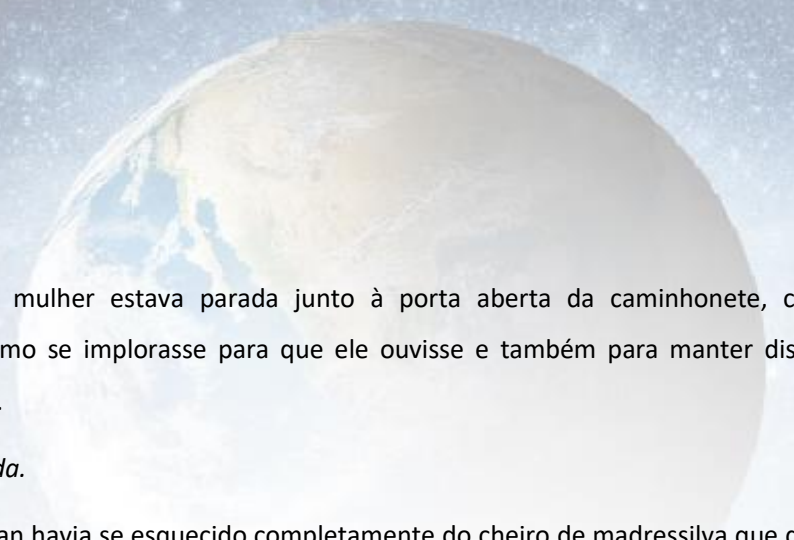
O filhote ergueu as mãos defensivamente enquanto Roman se movia em sua direção.

— Vou te dizer uma coisa, então aceitaremos apenas um quarto do pagamento. Isso é... isso é menos do que o mercado aberto, — Tentou o Beta patético. — Ninguém mais daria a você esse acordo. Você tem que concordar, é mais do que justo.

— Justo? — A palavra tinha um gosto amargo na boca de Roman. — Você é um ladrão e mentiroso, e acha que pode vir para a minha terra e me dizer o que é *justo*? Nós tínhamos um acordo. Você o quebrou. Agora você vai pagar. — Roman cedeu ao forte desejo de fechar os dedos em punhos, seu corpo instantaneamente atraído pela adrenalina alimentada pela raiva. Seu braço moveu-se suavemente para trás em preparação para atacar, e em sua mente, ele já podia ver o filhote quebrado e sangrando.

Mas Holden viu o golpe chegando e tentou fugir, apenas para tropeçar nos próprios pés e cair de lado com força. Ele começou a chutar freneticamente o chão e arranhar a terra em seu desespero para fugir.

— *Espere!* — Uma nova voz falou claramente da frente do caminhão... esta mais suave, feminina. Roman girou em direção ao som inesperado, deixando o garoto lutando contra a sujeira.



Uma mulher estava parada junto à porta aberta da caminhonete, com os braços estendidos, como se implorasse para que ele ouvisse e também para manter distância dela ao mesmo tempo.

Merda.

Roman havia se esquecido completamente do cheiro de madressilva que detectara antes na cabine. Agora aquele perfume floral estava dominado pelo cheiro forte de medo... e uma nota inexplicável de nojo.

Ele a avaliou o mais completamente que pôde através da névoa de sua raiva, notando os cachos ruivos em forma de saca-rolhas que saltavam ao redor de seu rosto, seus lábios carnudos e sua pele bronzeada lisa desprovida de qualquer traço de maquiagem, seus olhos da cor do vidro do mar. Ela estava usando um vestido simples com uma estampa floral antiquada que pendia frouxamente em seu corpo esguio e angular. Ela usava um medalhão de prata filigranado em volta do pescoço. Sob sua inspeção, ela se mexeu nervosamente nas pernas longas.

Roman deixou seu olhar viajar até seus tornozelos e pés bem torneados que estavam vestidos, por algum motivo, com tênis de cano alto rosa. Ele não queria notar que ela era tão bonita de se olhar quanto seu cheiro era atraente, mas era impossível não notar.

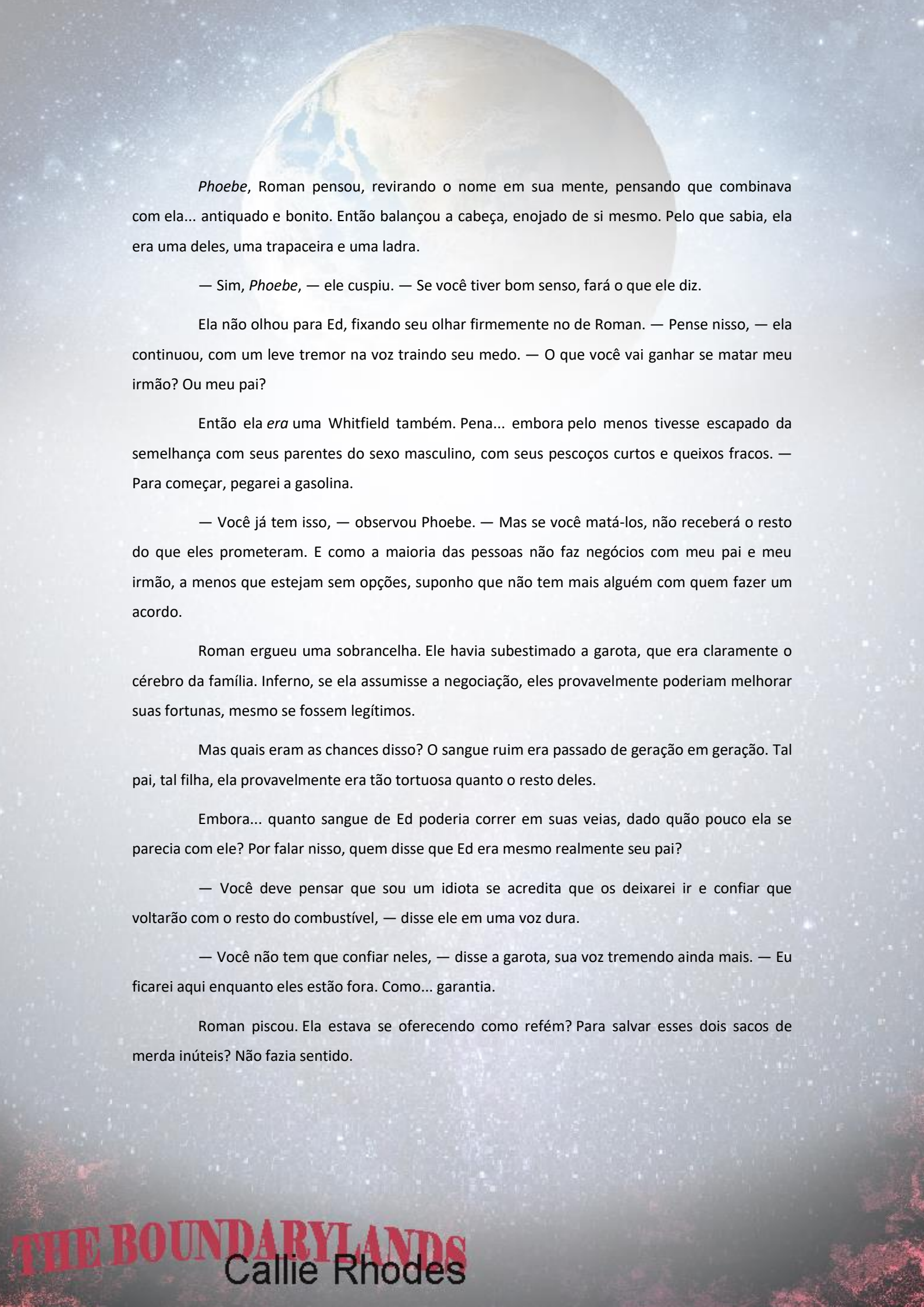
Sua raiva mudou para acomodar esse novo desenvolvimento. Os Whitfields foram ainda mais imprudentes do que ele pensava em arrastar uma inocente como ela para um lugar como este.

— Você não quer fazer isso, — disse ela com uma voz trêmula que era muito mais esperançosa do que confiante.

— Sim, eu quero, — Roman vociferou. Ele voltou sua atenção para Holden Whitfield, que se encolheu em posição fetal, chorando baixinho. Ele pretendia dar ao filhote uma surra que nunca esqueceria, uma que o impediria de seguir seu pai em uma vida de sujeira e crime.

Em vez disso, abaixou lentamente o braço, já lamentando sua fraqueza. Porque apenas um Alfa fraco seria influenciado por uma Beta bonita.

— Phoebe, volte para o maldito caminhão, garota — gritou o Whitfield mais velho.



Phoebe, Roman pensou, revirando o nome em sua mente, pensando que combinava com ela... antiquado e bonito. Então balançou a cabeça, enojado de si mesmo. Pelo que sabia, ela era uma deles, uma trapaceira e uma ladra.

— Sim, *Phoebe*, — ele cuspiu. — Se você tiver bom senso, fará o que ele diz.

Ela não olhou para Ed, fixando seu olhar firmemente no de Roman. — Pense nisso, — ela continuou, com um leve tremor na voz traindo seu medo. — O que você vai ganhar se matar meu irmão? Ou meu pai?

Então ela *era* uma Whitfield também. Pena... embora pelo menos tivesse escapado da semelhança com seus parentes do sexo masculino, com seus pescoços curtos e queixos fracos. — Para começar, pegarei a gasolina.

— Você já tem isso, — observou *Phoebe*. — Mas se você matá-los, não receberá o resto do que eles prometeram. E como a maioria das pessoas não faz negócios com meu pai e meu irmão, a menos que estejam sem opções, suponho que não tem mais alguém com quem fazer um acordo.

Roman ergueu uma sobrancelha. Ele havia subestimado a garota, que era claramente o cérebro da família. Inferno, se ela assumisse a negociação, eles provavelmente poderiam melhorar suas fortunas, mesmo se fossem legítimos.

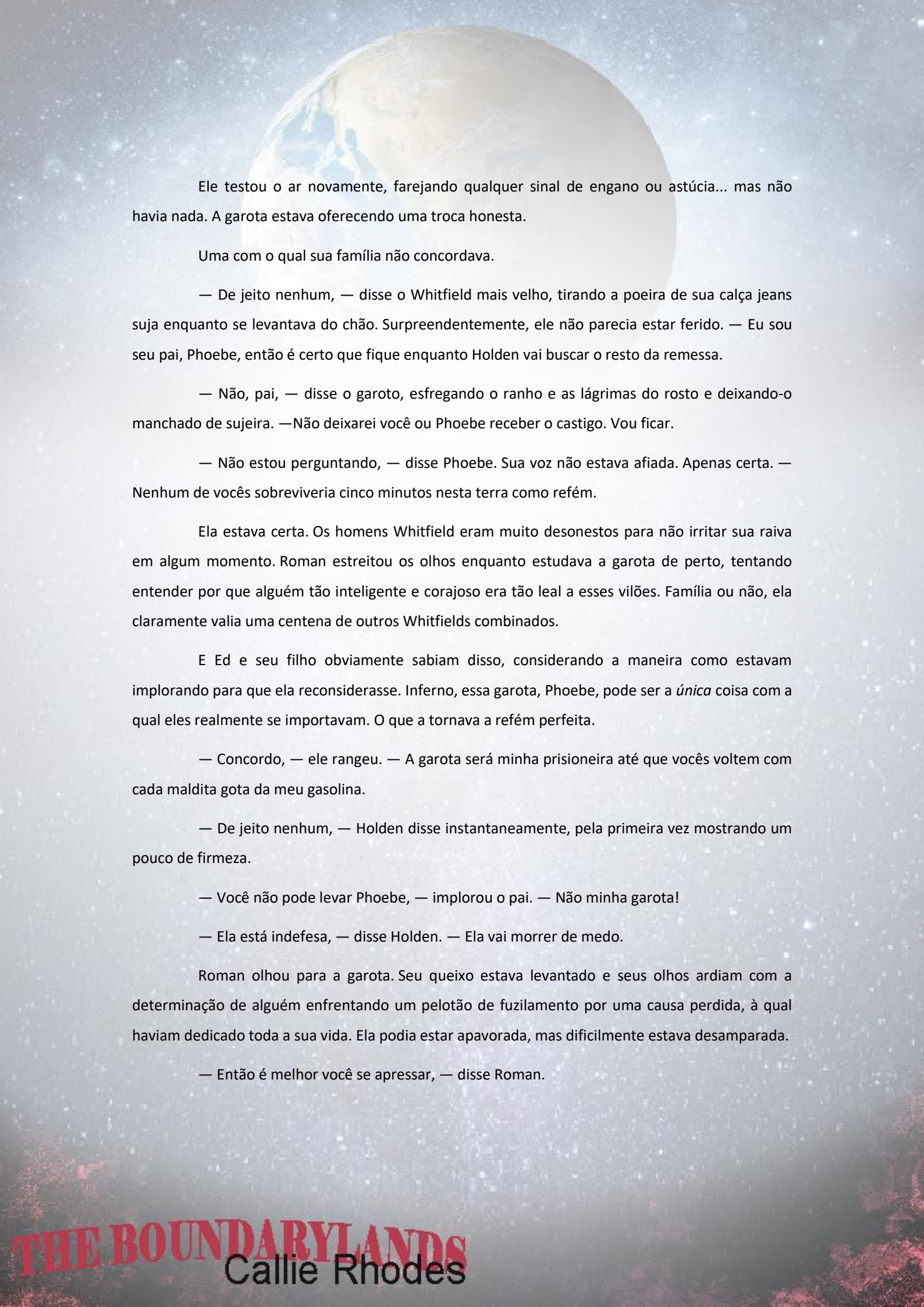
Mas quais eram as chances disso? O sangue ruim era passado de geração em geração. Tal pai, tal filha, ela provavelmente era tão tortuosa quanto o resto deles.

Embora... quanto sangue de Ed poderia correr em suas veias, dado quão pouco ela se parecia com ele? Por falar nisso, quem disse que Ed era mesmo realmente seu pai?

— Você deve pensar que sou um idiota se acredita que os deixarei ir e confiar que voltarão com o resto do combustível, — disse ele em uma voz dura.

— Você não tem que confiar neles, — disse a garota, sua voz tremendo ainda mais. — Eu ficarei aqui enquanto eles estão fora. Como... garantia.

Roman piscou. Ela estava se oferecendo como refém? Para salvar esses dois sacos de merda inúteis? Não fazia sentido.



Ele testou o ar novamente, farejando qualquer sinal de engano ou astúcia... mas não havia nada. A garota estava oferecendo uma troca honesta.

Uma com o qual sua família não concordava.

— De jeito nenhum, — disse o Whitfield mais velho, tirando a poeira de sua calça jeans suja enquanto se levantava do chão. Surpreendentemente, ele não parecia estar ferido. — Eu sou seu pai, Phoebe, então é certo que fique enquanto Holden vai buscar o resto da remessa.

— Não, pai, — disse o garoto, esfregando o ranho e as lágrimas do rosto e deixando-o manchado de sujeira. — Não deixarei você ou Phoebe receber o castigo. Vou ficar.

— Não estou perguntando, — disse Phoebe. Sua voz não estava afiada. Apenas certa. — Nenhum de vocês sobreviveria cinco minutos nesta terra como refém.

Ela estava certa. Os homens Whitfield eram muito desonestos para não irritar sua raiva em algum momento. Roman estreitou os olhos enquanto estudava a garota de perto, tentando entender por que alguém tão inteligente e corajoso era tão leal a esses vilões. Família ou não, ela claramente valia uma centena de outros Whitfields combinados.

E Ed e seu filho obviamente sabiam disso, considerando a maneira como estavam implorando para que ela reconsiderasse. Inferno, essa garota, Phoebe, pode ser a *única* coisa com a qual eles realmente se importavam. O que a tornava a refém perfeita.

— Concordo, — ele rangeu. — A garota será minha prisioneira até que vocês voltem com cada maldita gota da meu gasolina.

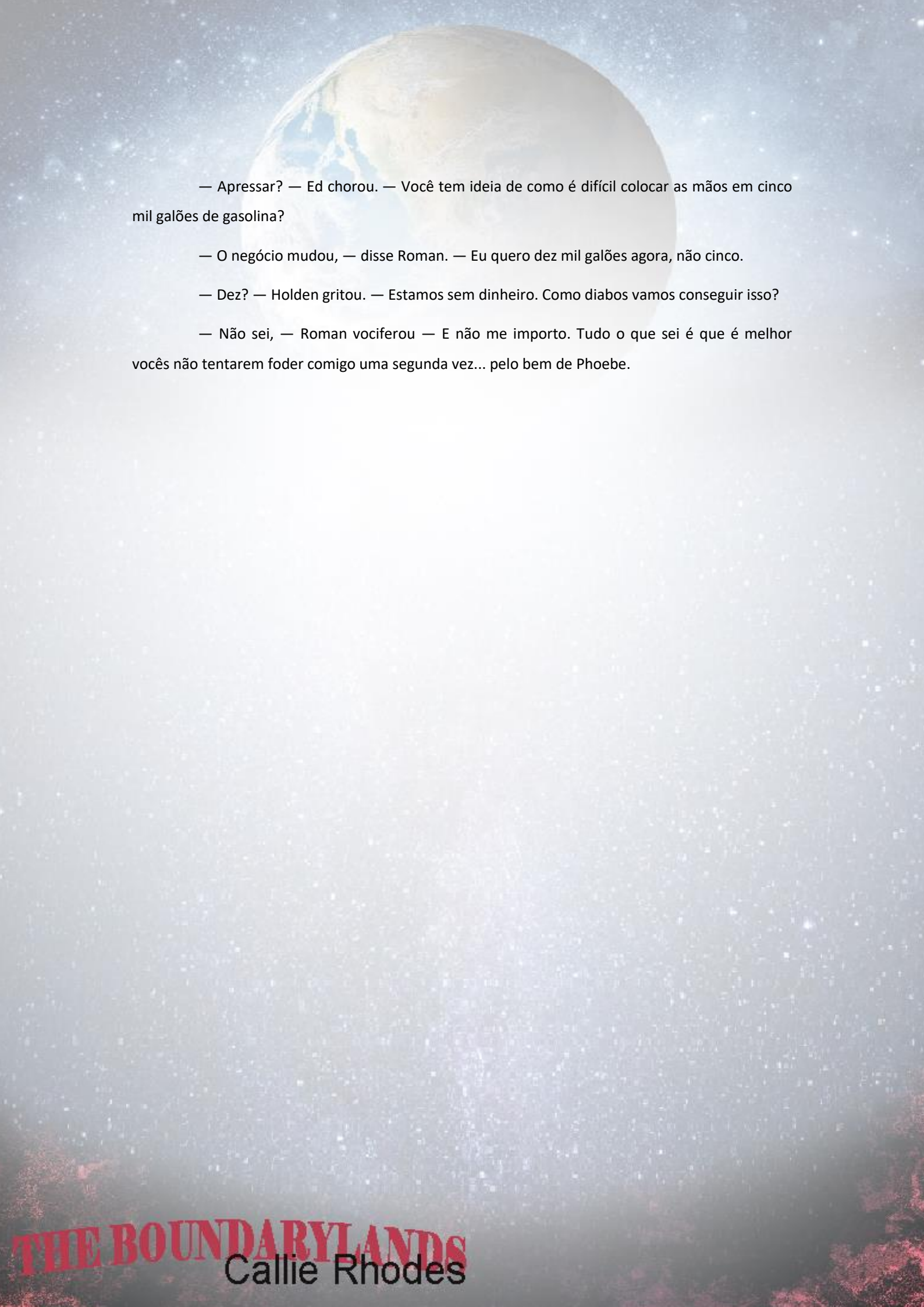
— De jeito nenhum, — Holden disse instantaneamente, pela primeira vez mostrando um pouco de firmeza.

— Você não pode levar Phoebe, — implorou o pai. — Não minha garota!

— Ela está indefesa, — disse Holden. — Ela vai morrer de medo.

Roman olhou para a garota. Seu queixo estava levantado e seus olhos ardiam com a determinação de alguém enfrentando um pelotão de fuzilamento por uma causa perdida, à qual haviam dedicado toda a sua vida. Ela podia estar apavorada, mas dificilmente estava desamparada.

— Então é melhor você se apressar, — disse Roman.



— Apressar? — Ed chorou. — Você tem ideia de como é difícil colocar as mãos em cinco mil galões de gasolina?

— O negócio mudou, — disse Roman. — Eu quero dez mil galões agora, não cinco.

— Dez? — Holden gritou. — Estamos sem dinheiro. Como diabos vamos conseguir isso?

— Não sei, — Roman vociferou — E não me importo. Tudo o que sei é que é melhor vocês não tentarem foder comigo uma segunda vez... pelo bem de Phoebe.



CAPÍTULO TRÊS

Phoebe

Phoebe torceu suas mãos sobre a alça de sua mochila... Aquela que arrumou ontem à noite na casa por insistência do pai, enquanto assistia o caminhão lentamente se dirigir para trás abaixo na movimentação da sujeira que os tinha trazido aqui. Parecendo quase cômico sem uma carga anexada, como uma barata que tinha sido cortada ao meio.

Mas não havia nada de cômico em sua situação. Deus, no que se meteu? Ela manteve as costas retas e observou as luzes acesas ficarem menores e mais fracas antes de finalmente ser engolida pela densa cobertura de árvores e desaparecer completamente.

Ela não poderia ficar aqui o dia todo... sabia disso. Eventualmente, teria que se virar... mas não queria.

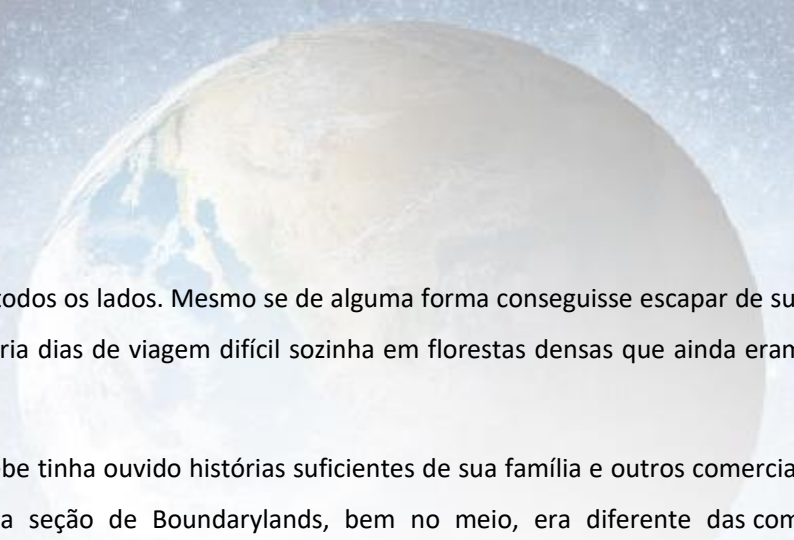
Mesmo agora, Phoebe podia sentir o Alfa monstruoso olhando para ela, seu olhar queimando em suas costas, mas não tinha forças para enfrentá-lo ainda. Ela precisava de mais alguns segundos para se recompor e se ajustar à realidade dessa nova situação, então manteve o olhar focado para frente, sem ter certeza de que direção estava olhando.

A floresta aqui não era muito diferente da que cercava sua pequena cidade, mas poderia muito bem ser em outro planeta. As árvores eram um pouco mais densas, um pouco mais altas, talvez até um pouco mais escuras... embora Phoebe estivesse disposta a admitir que talvez fosse sua imaginação.

Afinal, ficar sozinha na floresta sempre pregou peças em sua mente. E Phoebe nunca se sentiu tão isolada como nesse momento... sozinha com um Alfa violento.

Ela ficaria presa aqui até que, por algum milagre, Holden e seu pai descobrissem uma maneira de trazer a gasolina do Alfa.

Não havia como fingir que havia uma fuga. Phoebe sabia quão fundo nas Fronteiras eles dirigiram para chegar às terras do Alfa. Centenas de quilômetros de selva brutal e implacável a



cercavam por todos os lados. Mesmo se de alguma forma conseguisse escapar de sua propriedade, ainda enfrentaria dias de viagem difícil sozinha em florestas densas que ainda eram o lar de mais Alfas.

Phoebe tinha ouvido histórias suficientes de sua família e outros comerciantes Beta para saber que esta seção de Boundarylands, bem no meio, era diferente das comunidades mais unidas agrupadas perto das fronteiras norte e sul.

Essas regiões centrais eram mais remotas, menos densamente povoadas. Os Alfas eram poucos e distantes entre si, e sem nenhum centro comunitário central como os bares que os habitantes das montanhas e planícies pareciam amar, esses Alfas tendiam a ser ainda mais isolados do que a maioria.

Mas isso não significava que fossem mais fáceis de evitar.

Phoebe sabia que a terra ao seu redor era entrecruzada por limites que eram invisíveis para Betas como ela. Um passo em falso poderia marcá-la para uma morte rápida e impiedosa.

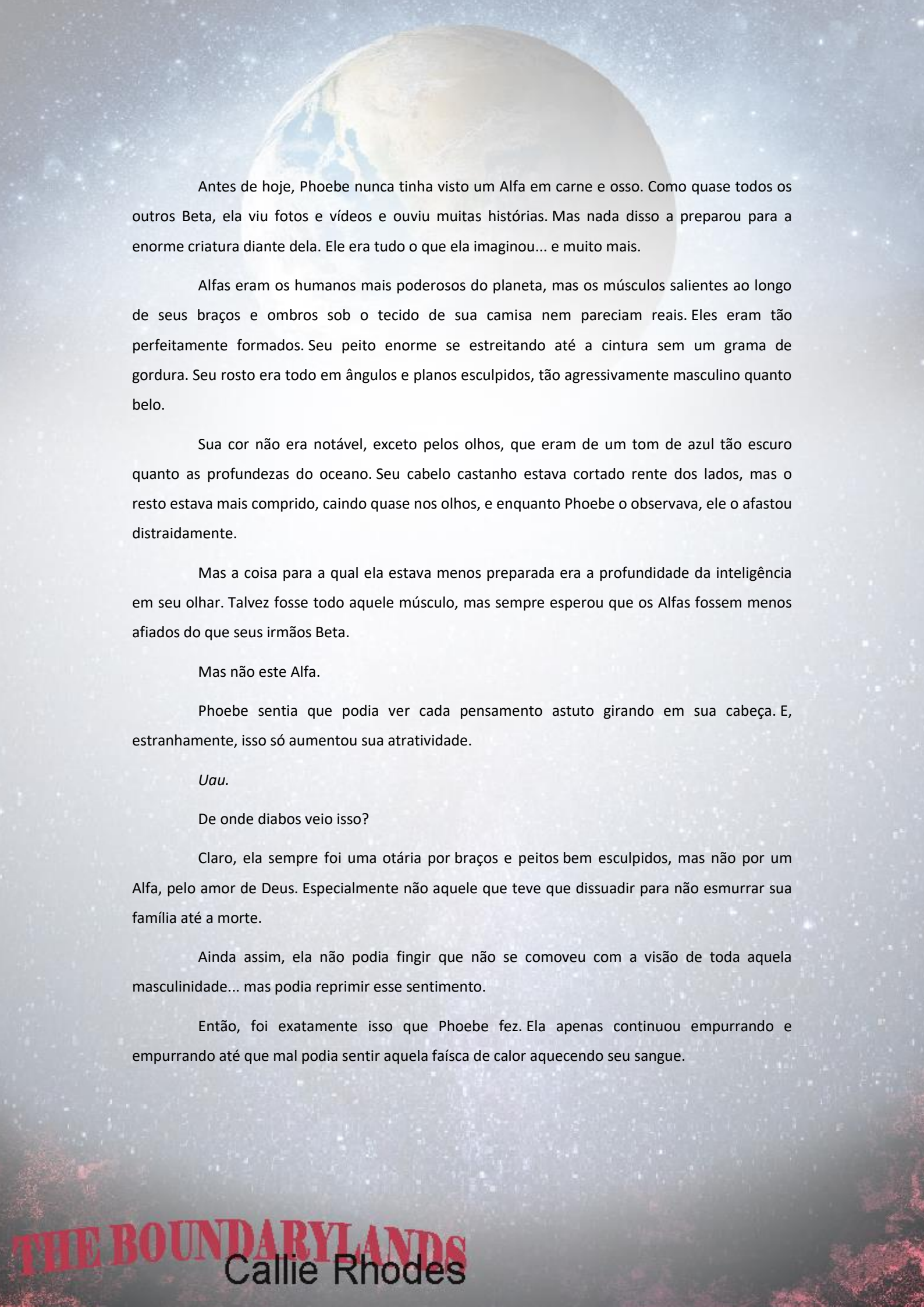
Não havia maneira de contornar isso... Phoebe estava presa até que seu pai e seu irmão voltassem para pagar o resgate... a menos que algo horrível acontecesse com ela antes disso. O que parecia cada vez mais provável a cada segundo que passava.

Não desista, uma pequena voz disse dentro de sua cabeça uma voz tão familiar e querida para Phoebe que trouxe lágrimas aos seus olhos.

Quantas vezes sua mãe disse essas mesmas palavras para ela? Não importava se Phoebe estava lutando para aprender a tabuada ou estudando para o diploma, sua mãe nunca tinha parado de acreditar nela. Mesmo quando sua morte estava a apenas alguns dias, ela apertou a mão de Phoebe com uma força surpreendente e disse que nunca deveria desistir.

Phoebe enxugou os olhos, respirou fundo e finalmente se virou. Ela não ficou surpresa ao encontrar o Alfa imóvel a poucos metros de distância, observando-a com aquela escuridão intensa. Ela tentou se lembrar do nome dele, mas seu pai e irmão só se referiram a ele como 'chefe' ou 'aquele Alfa sem cérebro'.

Ela não estava prestes a chamá-lo de qualquer um desses.



Antes de hoje, Phoebe nunca tinha visto um Alfa em carne e osso. Como quase todos os outros Beta, ela viu fotos e vídeos e ouviu muitas histórias. Mas nada disso a preparou para a enorme criatura diante dela. Ele era tudo o que ela imaginou... e muito mais.

Alfas eram os humanos mais poderosos do planeta, mas os músculos salientes ao longo de seus braços e ombros sob o tecido de sua camisa nem pareciam reais. Eles eram tão perfeitamente formados. Seu peito enorme se estreitando até a cintura sem um grama de gordura. Seu rosto era todo em ângulos e planos esculpidos, tão agressivamente masculino quanto belo.

Sua cor não era notável, exceto pelos olhos, que eram de um tom de azul tão escuro quanto as profundezas do oceano. Seu cabelo castanho estava cortado rente dos lados, mas o resto estava mais comprido, caindo quase nos olhos, e enquanto Phoebe o observava, ele o afastou distraidamente.

Mas a coisa para a qual ela estava menos preparada era a profundidade da inteligência em seu olhar. Talvez fosse todo aquele músculo, mas sempre esperou que os Alfas fossem menos afiados do que seus irmãos Beta.

Mas não este Alfa.

Phoebe sentia que podia ver cada pensamento astuto girando em sua cabeça. E, estranhamente, isso só aumentou sua atratividade.

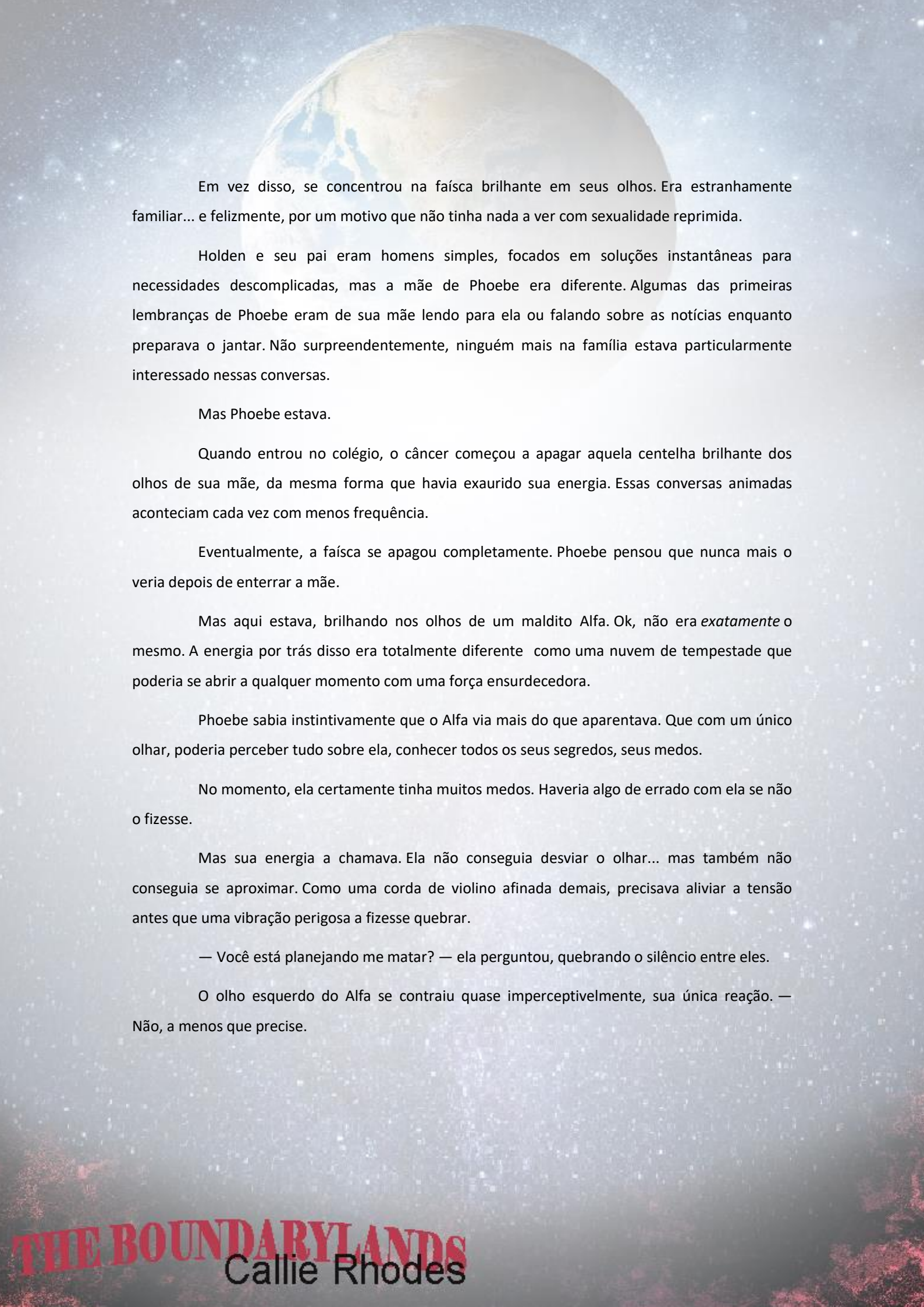
Uau.

De onde diabos veio isso?

Claro, ela sempre foi uma otária por braços e peitos bem esculpidos, mas não por um Alfa, pelo amor de Deus. Especialmente não aquele que teve que dissuadir para não esmurrar sua família até a morte.

Ainda assim, ela não podia fingir que não se comoveu com a visão de toda aquela masculinidade... mas podia reprimir esse sentimento.

Então, foi exatamente isso que Phoebe fez. Ela apenas continuou empurrando e empurrando até que mal podia sentir aquela faísca de calor aquecendo seu sangue.



Em vez disso, se concentrou na faísca brilhante em seus olhos. Era estranhamente familiar... e felizmente, por um motivo que não tinha nada a ver com sexualidade reprimida.

Holden e seu pai eram homens simples, focados em soluções instantâneas para necessidades descomplicadas, mas a mãe de Phoebe era diferente. Algumas das primeiras lembranças de Phoebe eram de sua mãe lendo para ela ou falando sobre as notícias enquanto preparava o jantar. Não surpreendentemente, ninguém mais na família estava particularmente interessado nessas conversas.

Mas Phoebe estava.

Quando entrou no colégio, o câncer começou a apagar aquela centelha brilhante dos olhos de sua mãe, da mesma forma que havia exaurido sua energia. Essas conversas animadas aconteciam cada vez com menos frequência.

Eventualmente, a faísca se apagou completamente. Phoebe pensou que nunca mais o veria depois de enterrar a mãe.

Mas aqui estava, brilhando nos olhos de um maldito Alfa. Ok, não era *exatamente* o mesmo. A energia por trás disso era totalmente diferente como uma nuvem de tempestade que poderia se abrir a qualquer momento com uma força ensurdecadora.

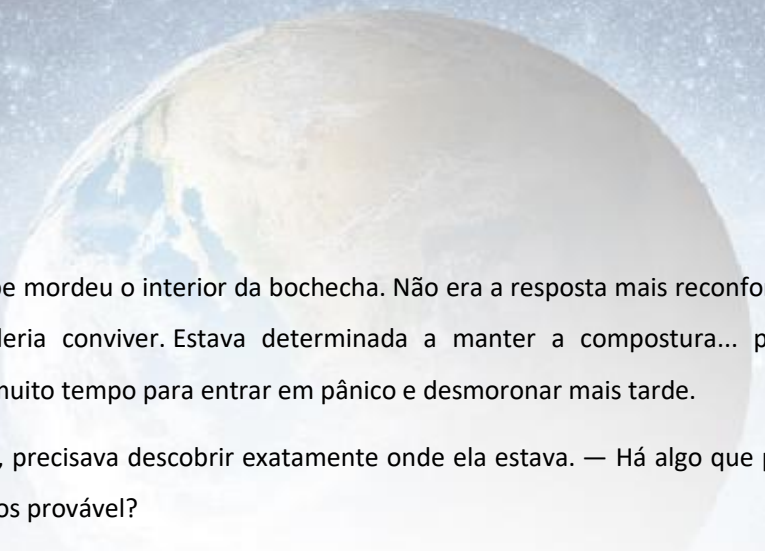
Phoebe sabia instintivamente que o Alfa via mais do que aparentava. Que com um único olhar, poderia perceber tudo sobre ela, conhecer todos os seus segredos, seus medos.

No momento, ela certamente tinha muitos medos. Haveria algo de errado com ela se não o fizesse.

Mas sua energia a chamava. Ela não conseguia desviar o olhar... mas também não conseguia se aproximar. Como uma corda de violino afinada demais, precisava aliviar a tensão antes que uma vibração perigosa a fizesse quebrar.

— Você está planejando me matar? — ela perguntou, quebrando o silêncio entre eles.

O olho esquerdo do Alfa se contraiu quase imperceptivelmente, sua única reação. — Não, a menos que precise.



Phoebe mordeu o interior da bochecha. Não era a resposta mais reconfortante, mas com a qual ela poderia conviver. Estava determinada a manter a compostura... pelo menos por agora. Haveria muito tempo para entrar em pânico e desmoronar mais tarde.

Agora, precisava descobrir exatamente onde ela estava. — Há algo que possa fazer para tornar isso menos provável?

Ela esperava outra resposta concisa, igualmente brutal em sua honestidade. Algo no sentido de *ficar fora do meu caminho e manter a boca fechada*.

Em vez disso, o Alfa pareceu levar a questão a sério, pensando antes de responder.

— Não minta, — disse ele. — Mantenha sua palavra. Não tente fugir. Não roube. Basicamente, se for algo que seu pai ou irmão possam tentar, não faça isso.

— Isso... parece justo. — Aparentemente, ele havia lidado com a família dela antes. Parecia que os conhecia quase tão bem quanto ela. — Alguma outra regra?

— Você quer regras? — ele deu uma risada sem humor. — Não é como se eu tivesse uma lista. Moro sozinho e definitivamente não esperava ter que abrigar uma prisioneira quando acordei esta manhã. Que tal isso, Phoebe, não faça nada que você ache que possa me irritar.

Phoebe se assustou ao ouvi-lo dizer o nome dela. Claro, ele ouviu seu pai e Holden dizerem, mas ainda parecia íntimo, quase como se ele a tivesse tocado.

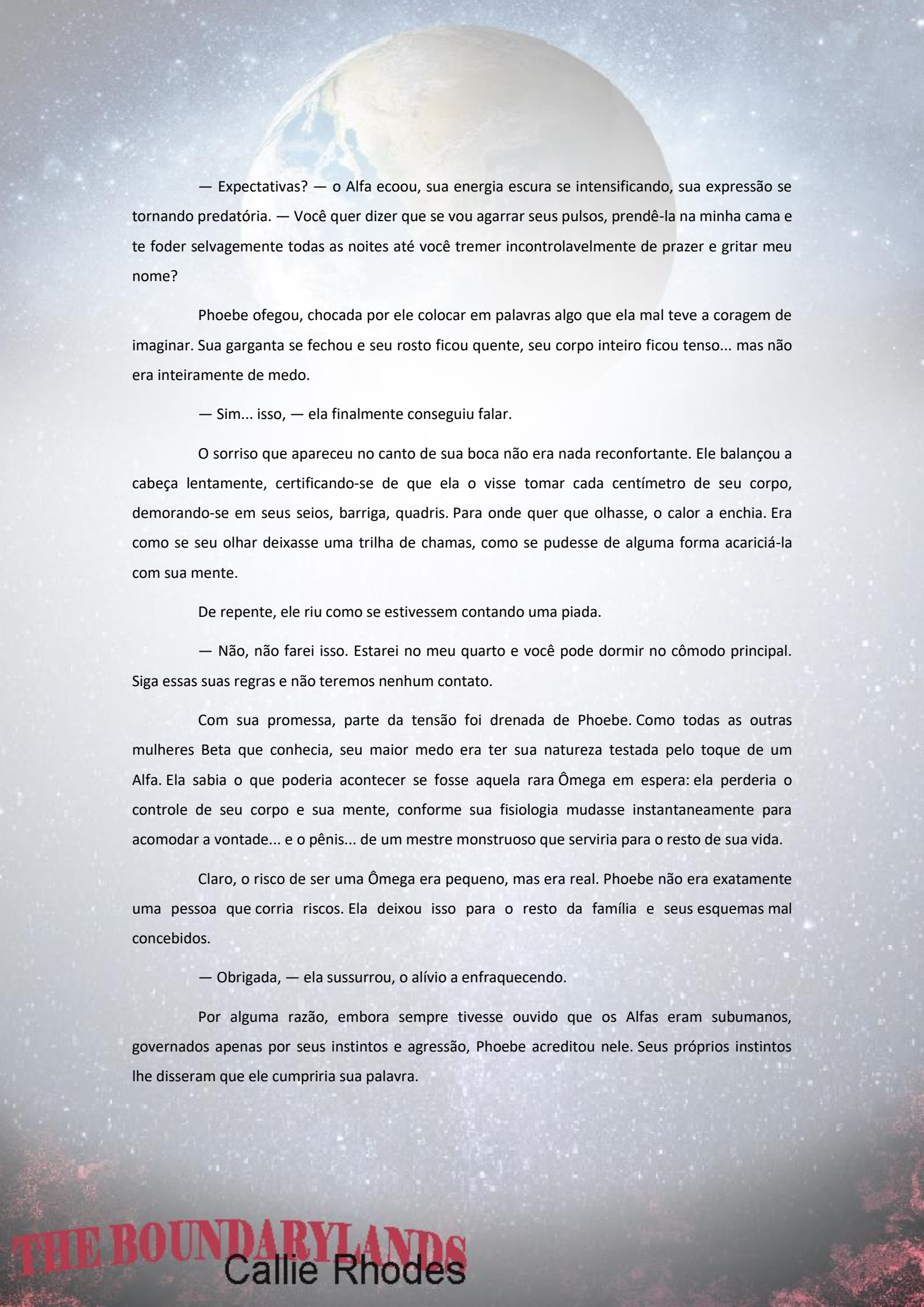
Não havia como ela permitir que ele a tocasse.

Ela engoliu em seco, o que restava de sua compostura se dissolvendo. — Hum... que tipo de coisas geralmente te irritam?

O Alfa estreitou seu olhar. — Fazendo muitas perguntas, para começar.

Phoebe assentiu com a cabeça, seu coração batendo em um ritmo acelerado. Ela precisava parar, para ter tempo para se recompor e descobrir seu próximo movimento. Exceto que havia mais uma coisa que precisava saber, mesmo que isso significasse arriscar sua ira.

— Você tem alguma outra... expectativa? — ela perguntou, aludindo aos seus piores medos tão delicadamente quanto pôde.



— Expectativas? — o Alfa ecoou, sua energia escura se intensificando, sua expressão se tornando predatória. — Você quer dizer que se vou agarrar seus pulsos, prendê-la na minha cama e te foder selvagemmente todas as noites até você tremer incontrolavelmente de prazer e gritar meu nome?

Phoebe ofegou, chocada por ele colocar em palavras algo que ela mal teve a coragem de imaginar. Sua garganta se fechou e seu rosto ficou quente, seu corpo inteiro ficou tenso... mas não era inteiramente de medo.

— Sim... isso, — ela finalmente conseguiu falar.

O sorriso que apareceu no canto de sua boca não era nada reconfortante. Ele balançou a cabeça lentamente, certificando-se de que ela o visse tomar cada centímetro de seu corpo, demorando-se em seus seios, barriga, quadris. Para onde quer que olhasse, o calor a enchia. Era como se seu olhar deixasse uma trilha de chamas, como se pudesse de alguma forma acariciá-la com sua mente.

De repente, ele riu como se estivessem contando uma piada.

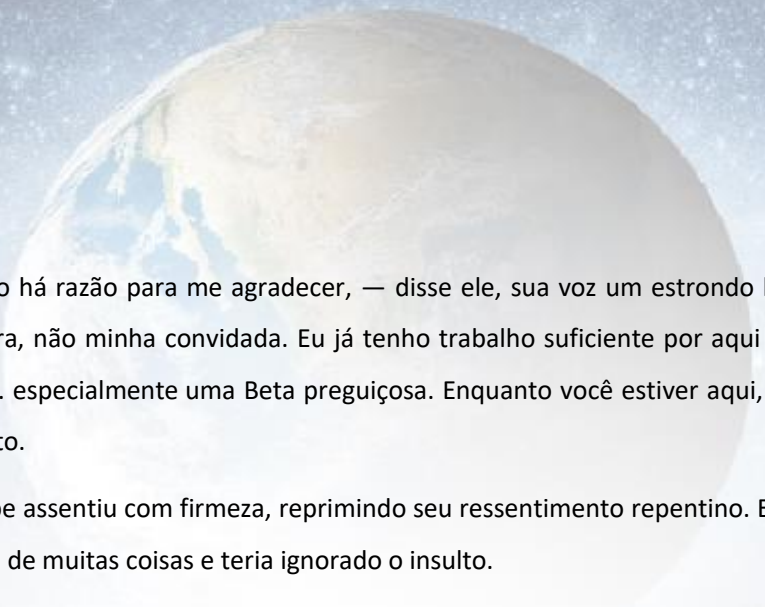
— Não, não farei isso. Estarei no meu quarto e você pode dormir no cômodo principal. Siga essas suas regras e não teremos nenhum contato.

Com sua promessa, parte da tensão foi drenada de Phoebe. Como todas as outras mulheres Beta que conhecia, seu maior medo era ter sua natureza testada pelo toque de um Alfa. Ela sabia o que poderia acontecer se fosse aquela rara Ômega em espera: ela perderia o controle de seu corpo e sua mente, conforme sua fisiologia mudasse instantaneamente para acomodar a vontade... e o pênis... de um mestre monstruoso que serviria para o resto de sua vida.

Claro, o risco de ser uma Ômega era pequeno, mas era real. Phoebe não era exatamente uma pessoa que corria riscos. Ela deixou isso para o resto da família e seus esquemas mal concebidos.

— Obrigada, — ela sussurrou, o alívio a enfraquecendo.

Por alguma razão, embora sempre tivesse ouvido que os Alfas eram subumanos, governados apenas por seus instintos e agressão, Phoebe acreditou nele. Seus próprios instintos lhe disseram que ele cumpriria sua palavra.



— Não há razão para me agradecer, — disse ele, sua voz um estrondo baixo. — Você é minha prisioneira, não minha convidada. Eu já tenho trabalho suficiente por aqui sem outra boca para alimentar... especialmente uma Beta preguiçosa. Enquanto você estiver aqui, você trabalhará para seu sustento.

Phoebe assentiu com firmeza, reprimindo seu ressentimento repentino. Este Alfa poderia ter chamado ela de muitas coisas e teria ignorado o insulto.

Mas preguiçosa?... inferno, não.

Ela começou a trabalhar anos atrás para ajudar a família. Sua mãe adoecera pela primeira vez quando Phoebe tinha apenas quinze anos, e ela havia saído e conseguido um emprego no dia em que o diagnóstico foi feito. A partir de então, Phoebe trouxe para casa um cheque de pagamento também como comprado, cozinhado, limpo e lavado a roupa... e tem feito isso desde então.

Por ser uma Whitfield, estava acostumada a receber insultos. Ela tinha sido chamada de vilã, trapaceira, lixo.

Ela não deixou nenhum desses entrar em sua pele.

Mas preguiçosa? A palavra foi como um interruptor elétrico, ligando sua raiva.

Ela se recusou a deixar o Alfa ver isso, no entanto. Inferno, não... ela apenas o faria engolir suas palavras em vez disso.

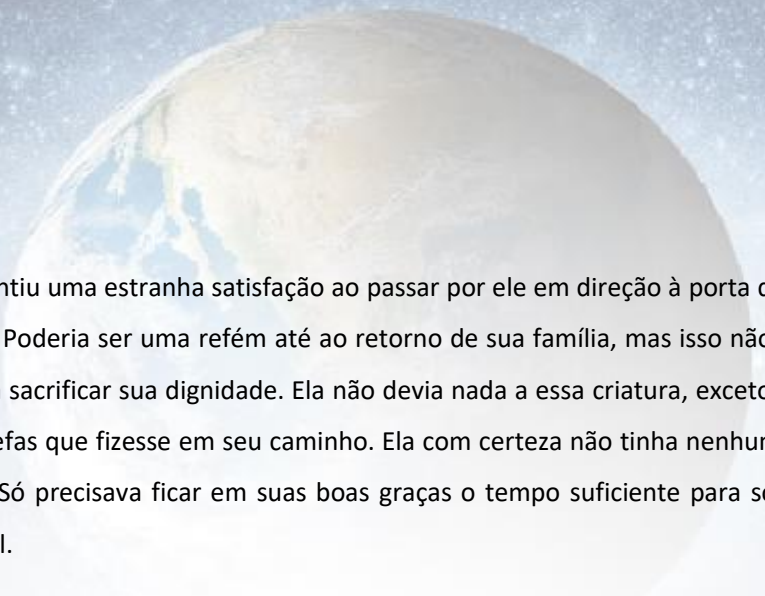
— Claro, — ela disse com uma calma que não sentia. — Eu não faria de outra maneira.

— Ótimo. Então você pode começar a lavar os pratos.

A conversa estava claramente encerrada... mas ele não se afastou. O que diabos estava esperando? Ele achou que ela discutiria? Achou que iria hesitar?

Com toda a probabilidade, o Alfa assumiu que ela era exatamente como seu pai e irmão. Ele provavelmente pensou que ela estava apenas esperando que ele virasse as costas para que pudesse acertá-lo.

Mas Phoebe não era nada parecida com eles. Ela era dona de si mesma, e já era há muito tempo.



Ela sentiu uma estranha satisfação ao passar por ele em direção à porta da cabana com a cabeça erguida. Poderia ser uma refém até ao retorno de sua família, mas isso não significava que estava prestes a sacrificar sua dignidade. Ela não devia nada a essa criatura, exceto sua obediência e quaisquer tarefas que fizesse em seu caminho. Ela com certeza não tinha nenhuma obrigação de impressioná-lo. Só precisava ficar em suas boas graças o tempo suficiente para sobreviver a esta situação horrível.

Phoebe parou quando alcançou o último degrau. Virando-se, o encontrou ainda de pé no mesmo lugar... ainda olhando através dela.

Seu desejo traiçoeiro apareceu de novo, e antes que Phoebe pudesse empurrá-lo de volta, as palavras voaram de sua boca. — Como eu deveria te chamar?

O Alfa balançou a cabeça, embora seu olhar nunca se desviasse. — Não se preocupe com isso, garota. Contanto que você siga as regras, não teremos que dizer mais uma palavra um ao outro.



CAPÍTULO QUATRO

Phoebe

O nome do Alfa era Roman.

Roman Fontana.

Phoebe o descobriu escrito em um envelope enfiado em uma gaveta enquanto guardava os pratos. Ela estava procurando onde guardar os poucos talheres que secou com um pano de prato, mas em vez disso, encontrou uma coleção organizada de selos, cliques de papel, elásticos e correspondência... muito longe dos lixos na gaveta da cozinha que compartilhou com seu pai e irmão.

Ela podia ver o canto de uma carta saindo do envelope, mas não se atreveu a dar uma espiada. O que quer que estivesse escrito naquele papel não era da conta dela. Mas não pôde deixar de ler o nome impresso em letras em negrito na frente. Assim como não pôde deixar de notar que o remetente compartilhava o nome Fontana e que o endereço do remetente era de Atherton, Califórnia.

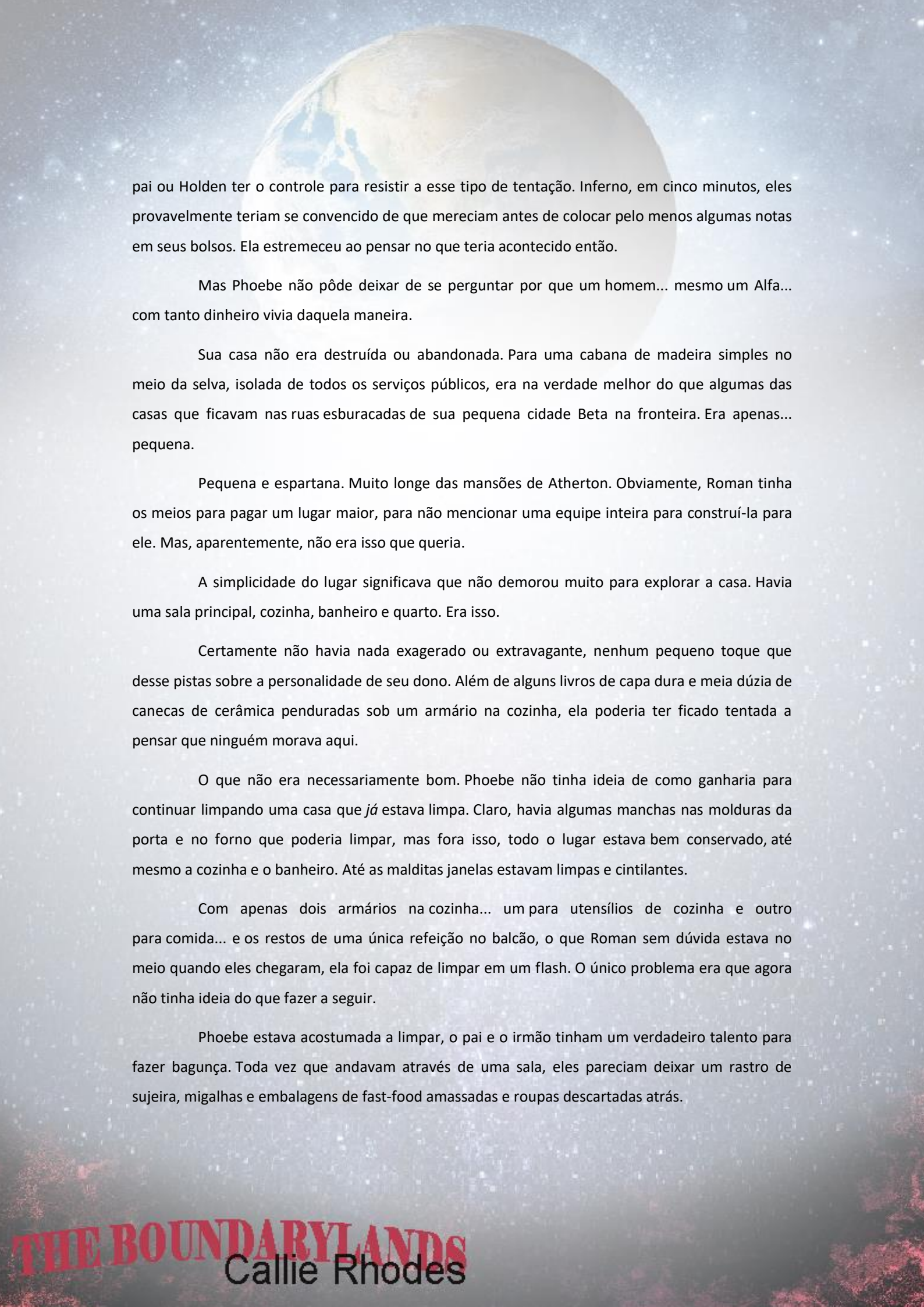
Que simplesmente era a cidade mais rica de todo o maldito país.

Phoebe assobiou baixinho ao fechar a gaveta com cuidado. Ela não deveria ter ficado surpresa que o Alfa viesse do dinheiro. Afinal, ele claramente não pensava sobre manter um maço gigante de dinheiro na mesa da cozinha.

Como qualquer pessoa com olhos ativos, ela notaria o dinheiro no momento em que entrasse em casa. Mesmo sabendo que era o pagamento para sua família, ela fez o possível para evitá-lo, apenas no caso de ser algum tipo de armadilha. Ela não colocaria isso além dele.

Deus sabia que, tão rápido quanto aquele Alfa... Roman... acusou seu pai e irmão por o enganarem, ele provavelmente memorizou a orientação exata de cada nota na pilha.

Ao contrário do resto da família, Phoebe dava muito mais valor à vida do que a qualquer quantia em dinheiro. Graças a Deus foi quem ficou para trás. Não havia nenhuma maneira de seu



pai ou Holden ter o controle para resistir a esse tipo de tentação. Inferno, em cinco minutos, eles provavelmente teriam se convencido de que mereciam antes de colocar pelo menos algumas notas em seus bolsos. Ela estremeceu ao pensar no que teria acontecido então.

Mas Phoebe não pôde deixar de se perguntar por que um homem... mesmo um Alfa... com tanto dinheiro vivia daquela maneira.

Sua casa não era destruída ou abandonada. Para uma cabana de madeira simples no meio da selva, isolada de todos os serviços públicos, era na verdade melhor do que algumas das casas que ficavam nas ruas esburacadas de sua pequena cidade Beta na fronteira. Era apenas... pequena.

Pequena e espartana. Muito longe das mansões de Atherton. Obviamente, Roman tinha os meios para pagar um lugar maior, para não mencionar uma equipe inteira para construí-la para ele. Mas, aparentemente, não era isso que queria.

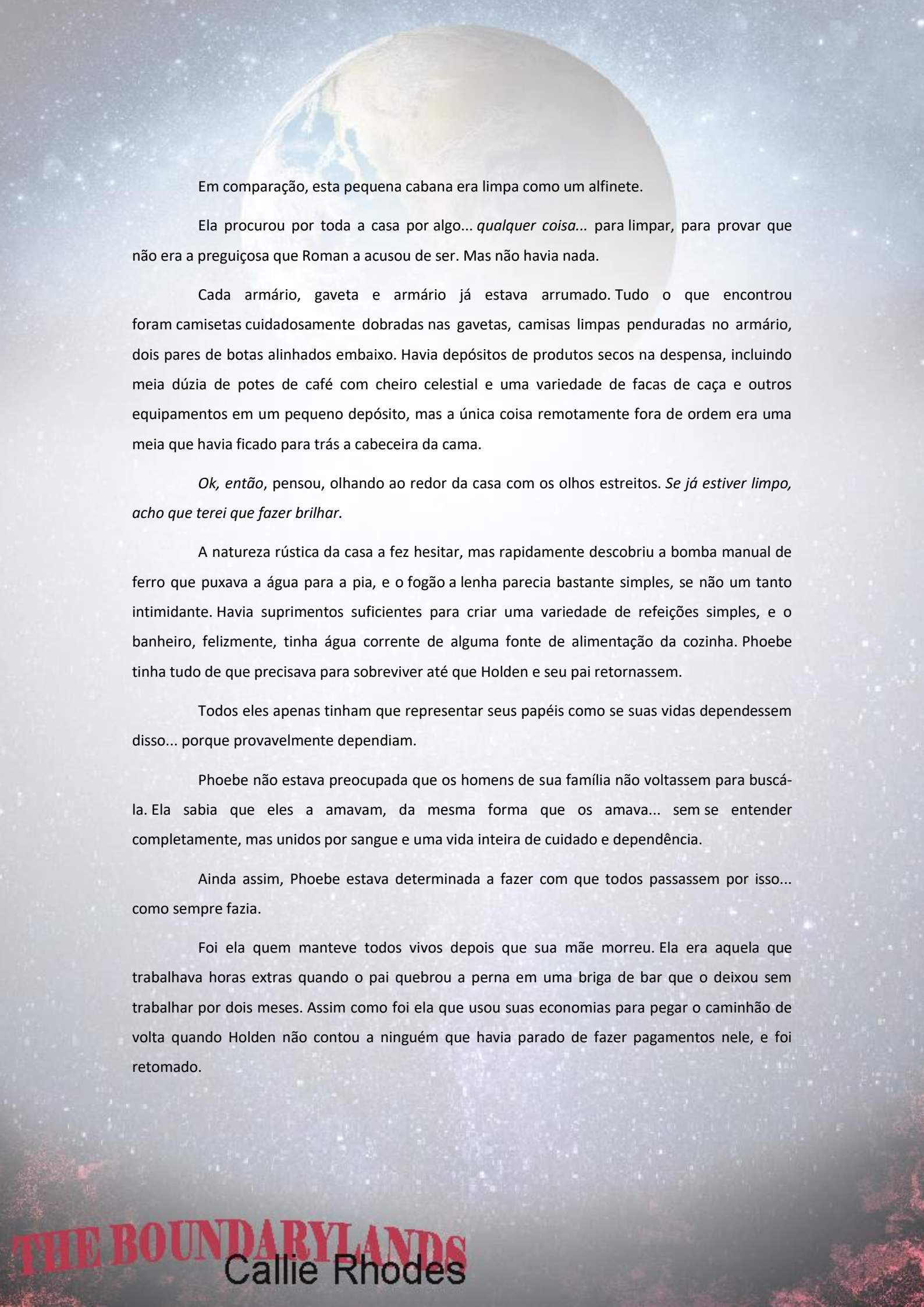
A simplicidade do lugar significava que não demorou muito para explorar a casa. Havia uma sala principal, cozinha, banheiro e quarto. Era isso.

Certamente não havia nada exagerado ou extravagante, nenhum pequeno toque que desse pistas sobre a personalidade de seu dono. Além de alguns livros de capa dura e meia dúzia de canecas de cerâmica penduradas sob um armário na cozinha, ela poderia ter ficado tentada a pensar que ninguém morava aqui.

O que não era necessariamente bom. Phoebe não tinha ideia de como ganharia para continuar limpando uma casa que *já* estava limpa. Claro, havia algumas manchas nas molduras da porta e no forno que poderia limpar, mas fora isso, todo o lugar estava bem conservado, até mesmo a cozinha e o banheiro. Até as malditas janelas estavam limpas e cintilantes.

Com apenas dois armários na cozinha... um para utensílios de cozinha e outro para comida... e os restos de uma única refeição no balcão, o que Roman sem dúvida estava no meio quando eles chegaram, ela foi capaz de limpar em um flash. O único problema era que agora não tinha ideia do que fazer a seguir.

Phoebe estava acostumada a limpar, o pai e o irmão tinham um verdadeiro talento para fazer bagunça. Toda vez que andavam através de uma sala, eles pareciam deixar um rastro de sujeira, migalhas e embalagens de fast-food amassadas e roupas descartadas atrás.



Em comparação, esta pequena cabana era limpa como um alfinete.

Ela procurou por toda a casa por algo... *qualquer coisa...* para limpar, para provar que não era a preguiçosa que Roman a acusou de ser. Mas não havia nada.

Cada armário, gaveta e armário já estava arrumado. Tudo o que encontrou foram camisetas cuidadosamente dobradas nas gavetas, camisas limpas penduradas no armário, dois pares de botas alinhados embaixo. Havia depósitos de produtos secos na despensa, incluindo meia dúzia de potes de café com cheiro celestial e uma variedade de facas de caça e outros equipamentos em um pequeno depósito, mas a única coisa remotamente fora de ordem era uma meia que havia ficado para trás a cabeceira da cama.

Ok, então, pensou, olhando ao redor da casa com os olhos estreitos. Se já estiver limpo, acho que terei que fazer brilhar.

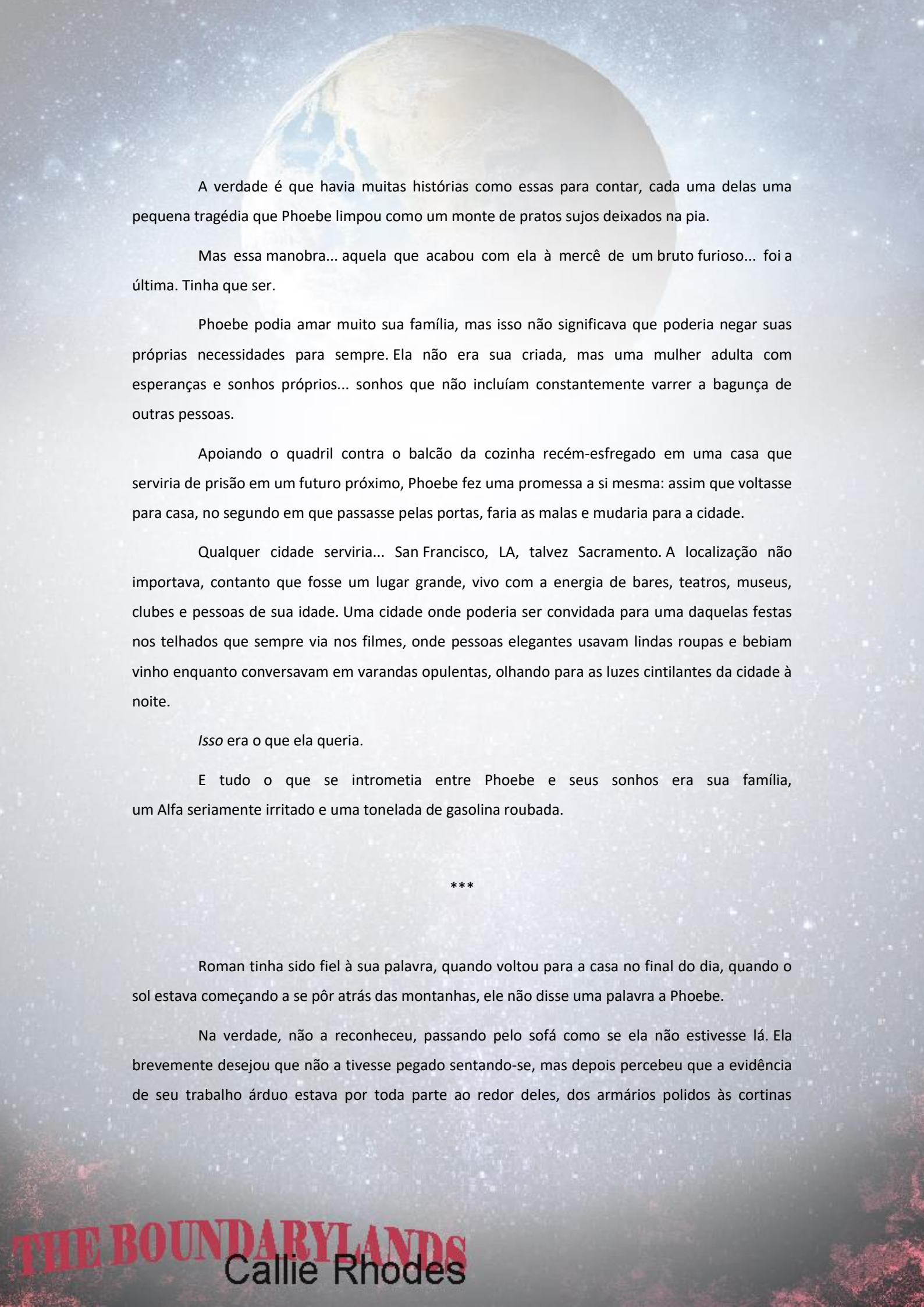
A natureza rústica da casa a fez hesitar, mas rapidamente descobriu a bomba manual de ferro que puxava a água para a pia, e o fogão a lenha parecia bastante simples, se não um tanto intimidante. Havia suprimentos suficientes para criar uma variedade de refeições simples, e o banheiro, felizmente, tinha água corrente de alguma fonte de alimentação da cozinha. Phoebe tinha tudo de que precisava para sobreviver até que Holden e seu pai retornassem.

Todos eles apenas tinham que representar seus papéis como se suas vidas dependessem disso... porque provavelmente dependiam.

Phoebe não estava preocupada que os homens de sua família não voltassem para buscá-la. Ela sabia que eles a amavam, da mesma forma que os amava... sem se entender completamente, mas unidos por sangue e uma vida inteira de cuidado e dependência.

Ainda assim, Phoebe estava determinada a fazer com que todos passassem por isso... como sempre fazia.

Foi ela quem manteve todos vivos depois que sua mãe morreu. Ela era aquela que trabalhava horas extras quando o pai quebrou a perna em uma briga de bar que o deixou sem trabalhar por dois meses. Assim como foi ela que usou suas economias para pegar o caminhão de volta quando Holden não contou a ninguém que havia parado de fazer pagamentos nele, e foi retomado.



A verdade é que havia muitas histórias como essas para contar, cada uma delas uma pequena tragédia que Phoebe limpou como um monte de pratos sujos deixados na pia.

Mas essa manobra... aquela que acabou com ela à mercê de um bruto furioso... foi a última. Tinha que ser.

Phoebe podia amar muito sua família, mas isso não significava que poderia negar suas próprias necessidades para sempre. Ela não era sua criada, mas uma mulher adulta com esperanças e sonhos próprios... sonhos que não incluíam constantemente varrer a bagunça de outras pessoas.

Apoiando o quadril contra o balcão da cozinha recém-esfregado em uma casa que serviria de prisão em um futuro próximo, Phoebe fez uma promessa a si mesma: assim que voltasse para casa, no segundo em que passasse pelas portas, faria as malas e mudaria para a cidade.

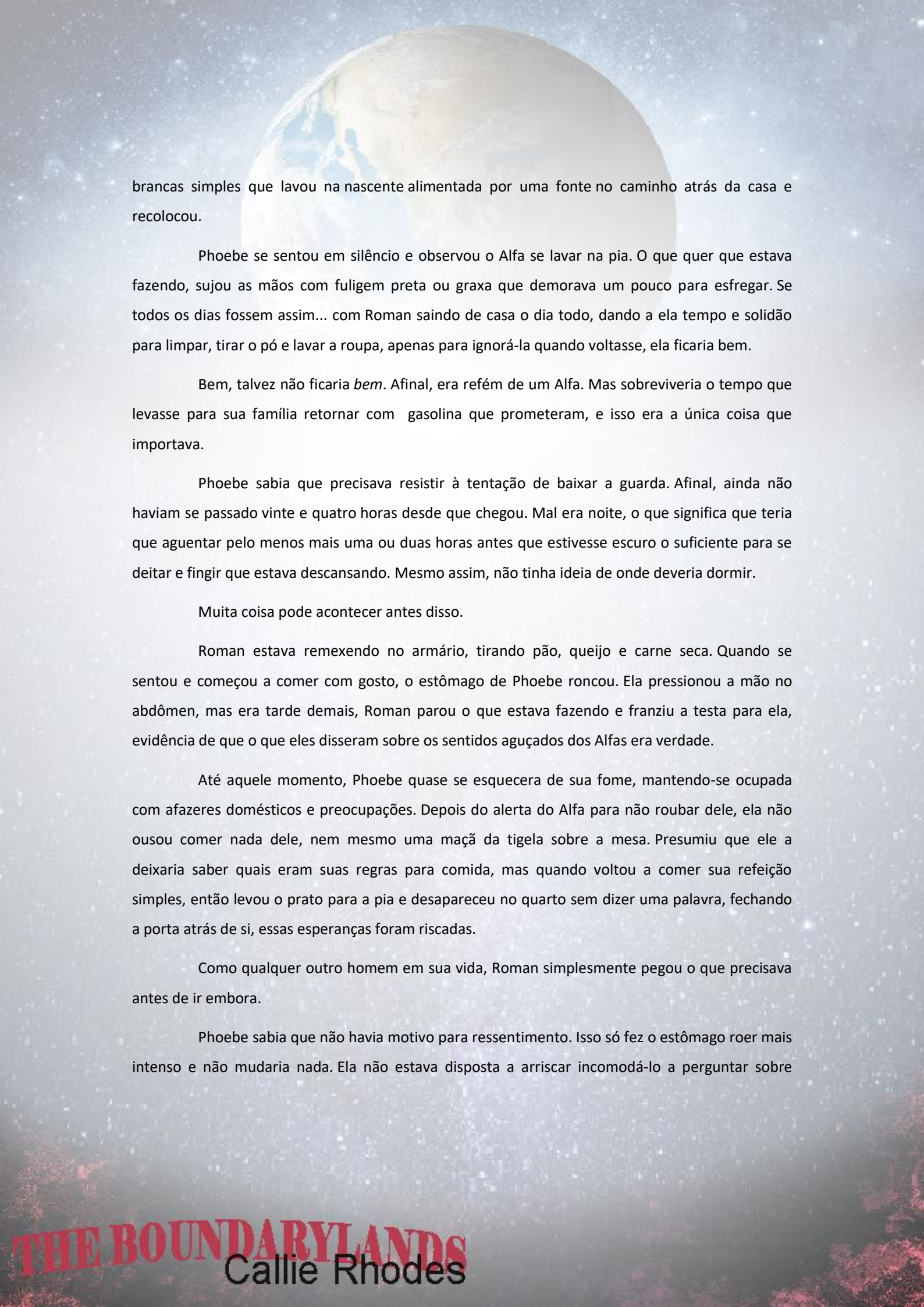
Qualquer cidade serviria... San Francisco, LA, talvez Sacramento. A localização não importava, contanto que fosse um lugar grande, vivo com a energia de bares, teatros, museus, clubes e pessoas de sua idade. Uma cidade onde poderia ser convidada para uma daquelas festas nos telhados que sempre via nos filmes, onde pessoas elegantes usavam lindas roupas e bebiam vinho enquanto conversavam em varandas opulentas, olhando para as luzes cintilantes da cidade à noite.

Isso era o que ela queria.

E tudo o que se intrometia entre Phoebe e seus sonhos era sua família, um Alfa seriamente irritado e uma tonelada de gasolina roubada.

Roman tinha sido fiel à sua palavra, quando voltou para a casa no final do dia, quando o sol estava começando a se pôr atrás das montanhas, ele não disse uma palavra a Phoebe.

Na verdade, não a reconheceu, passando pelo sofá como se ela não estivesse lá. Ela brevemente desejou que não a tivesse pegado sentando-se, mas depois percebeu que a evidência de seu trabalho árduo estava por toda parte ao redor deles, dos armários polidos às cortinas



brancas simples que lavou na nascente alimentada por uma fonte no caminho atrás da casa e recolocou.

Phoebe se sentou em silêncio e observou o Alfa se lavar na pia. O que quer que estava fazendo, sujou as mãos com fuligem preta ou graxa que demorava um pouco para esfregar. Se todos os dias fossem assim... com Roman saindo de casa o dia todo, dando a ela tempo e solidão para limpar, tirar o pó e lavar a roupa, apenas para ignorá-la quando voltasse, ela ficaria bem.

Bem, talvez não ficaria *bem*. Afinal, era refém de um Alfa. Mas sobreviveria o tempo que levasse para sua família retornar com gasolina que prometeram, e isso era a única coisa que importava.

Phoebe sabia que precisava resistir à tentação de baixar a guarda. Afinal, ainda não haviam se passado vinte e quatro horas desde que chegou. Mal era noite, o que significa que teria que aguentar pelo menos mais uma ou duas horas antes que estivesse escuro o suficiente para se deitar e fingir que estava descansando. Mesmo assim, não tinha ideia de onde deveria dormir.

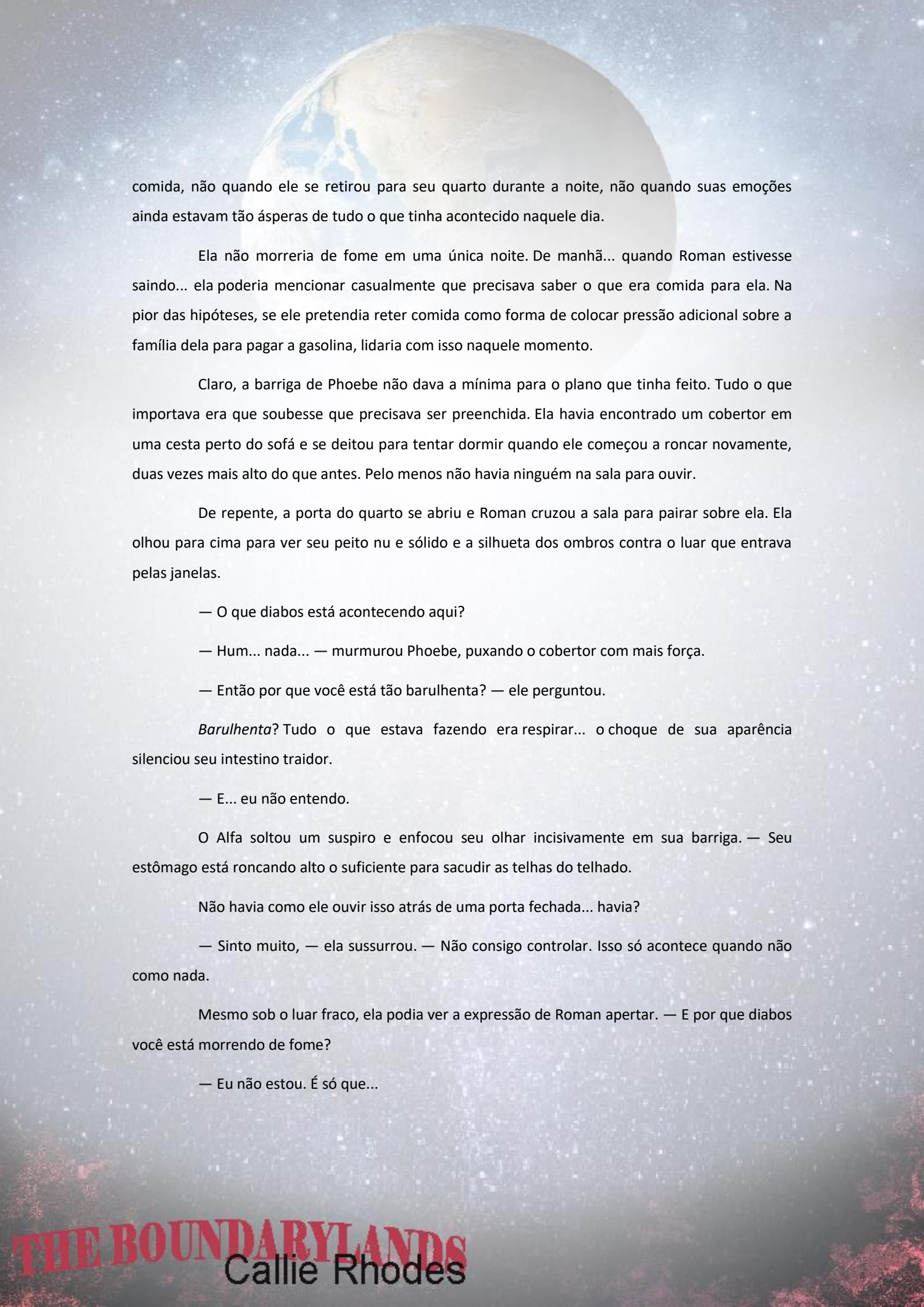
Muita coisa pode acontecer antes disso.

Roman estava remexendo no armário, tirando pão, queijo e carne seca. Quando se sentou e começou a comer com gosto, o estômago de Phoebe roncou. Ela pressionou a mão no abdômen, mas era tarde demais, Roman parou o que estava fazendo e franziu a testa para ela, evidência de que o que eles disseram sobre os sentidos aguçados dos Alfas era verdade.

Até aquele momento, Phoebe quase se esquecera de sua fome, mantendo-se ocupada com afazeres domésticos e preocupações. Depois do alerta do Alfa para não roubar dele, ela não ousou comer nada dele, nem mesmo uma maçã da tigela sobre a mesa. Presumiu que ele a deixaria saber quais eram suas regras para comida, mas quando voltou a comer sua refeição simples, então levou o prato para a pia e desapareceu no quarto sem dizer uma palavra, fechando a porta atrás de si, essas esperanças foram riscadas.

Como qualquer outro homem em sua vida, Roman simplesmente pegou o que precisava antes de ir embora.

Phoebe sabia que não havia motivo para ressentimento. Isso só fez o estômago roer mais intenso e não mudaria nada. Ela não estava disposta a arriscar incomodá-lo a perguntar sobre



comida, não quando ele se retirou para seu quarto durante a noite, não quando suas emoções ainda estavam tão ásperas de tudo o que tinha acontecido naquele dia.

Ela não morreria de fome em uma única noite. De manhã... quando Roman estivesse saindo... ela poderia mencionar casualmente que precisava saber o que era comida para ela. Na pior das hipóteses, se ele pretendia reter comida como forma de colocar pressão adicional sobre a família dela para pagar a gasolina, lidaria com isso naquele momento.

Claro, a barriga de Phoebe não dava a mínima para o plano que tinha feito. Tudo o que importava era que soubesse que precisava ser preenchida. Ela havia encontrado um cobertor em uma cesta perto do sofá e se deitou para tentar dormir quando ele começou a roncar novamente, duas vezes mais alto do que antes. Pelo menos não havia ninguém na sala para ouvir.

De repente, a porta do quarto se abriu e Roman cruzou a sala para pairar sobre ela. Ela olhou para cima para ver seu peito nu e sólido e a silhueta dos ombros contra o luar que entrava pelas janelas.

— O que diabos está acontecendo aqui?

— Hum... nada... — murmurou Phoebe, puxando o cobertor com mais força.

— Então por que você está tão barulhenta? — ele perguntou.

Barulhenta? Tudo o que estava fazendo era respirar... o choque de sua aparência silenciou seu intestino traidor.

— E... eu não entendo.

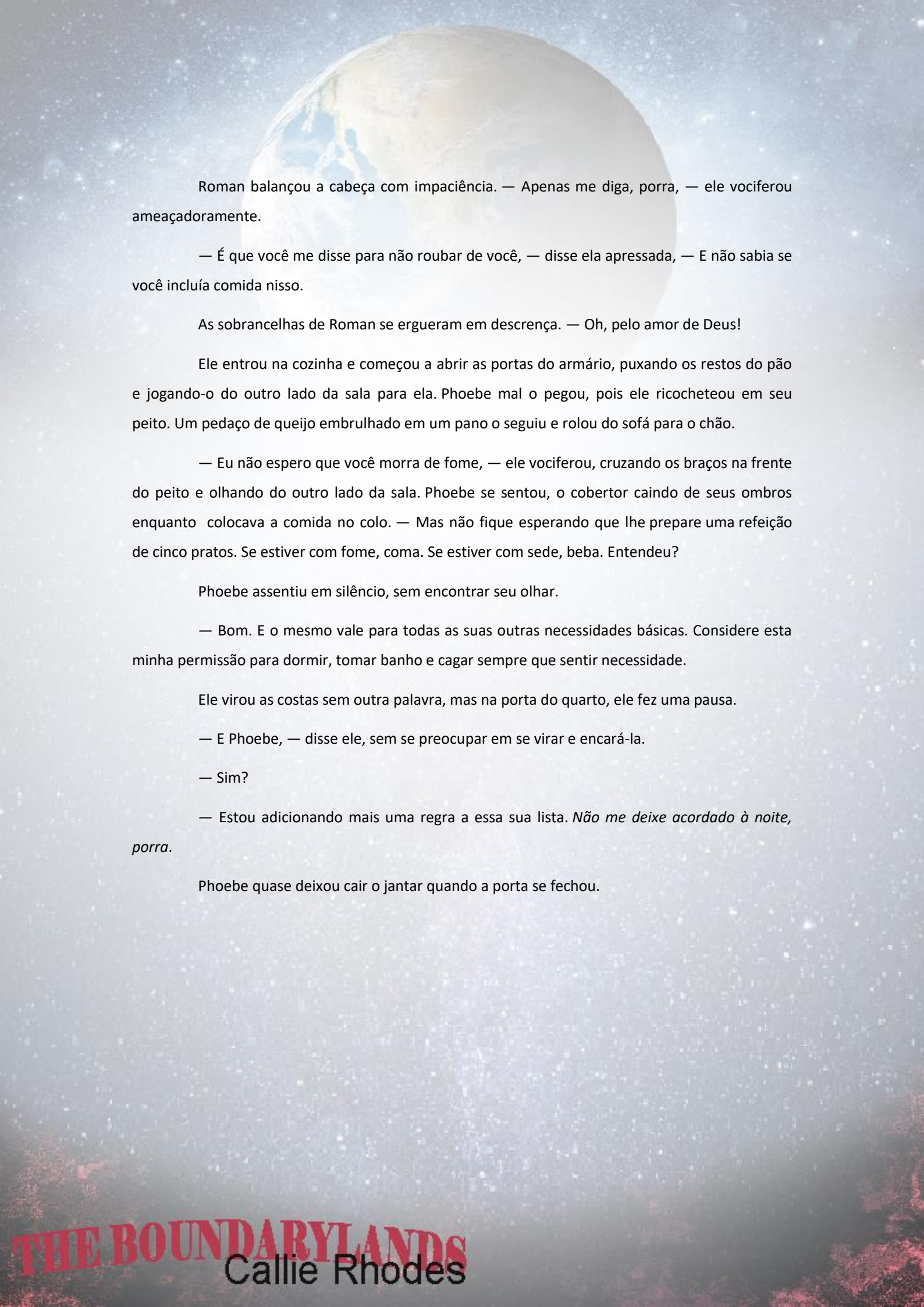
O Alfa soltou um suspiro e enfocou seu olhar incisivamente em sua barriga. — Seu estômago está roncando alto o suficiente para sacudir as telhas do telhado.

Não havia como ele ouvir isso atrás de uma porta fechada... havia?

— Sinto muito, — ela sussurrou. — Não consigo controlar. Isso só acontece quando não como nada.

Mesmo sob o luar fraco, ela podia ver a expressão de Roman apertar. — E por que diabos você está morrendo de fome?

— Eu não estou. É só que...



Roman balançou a cabeça com impaciência. — Apenas me diga, porra, — ele vociferou ameaçadoramente.

— É que você me disse para não roubar de você, — disse ela apressada, — E não sabia se você incluía comida nisso.

As sobancelhas de Roman se ergueram em descrença. — Oh, pelo amor de Deus!

Ele entrou na cozinha e começou a abrir as portas do armário, puxando os restos do pão e jogando-o do outro lado da sala para ela. Phoebe mal o pegou, pois ele ricocheteou em seu peito. Um pedaço de queijo embrulhado em um pano o seguiu e rolou do sofá para o chão.

— Eu não espero que você morra de fome, — ele vociferou, cruzando os braços na frente do peito e olhando do outro lado da sala. Phoebe se sentou, o cobertor caindo de seus ombros enquanto colocava a comida no colo. — Mas não fique esperando que lhe prepare uma refeição de cinco pratos. Se estiver com fome, coma. Se estiver com sede, beba. Entendeu?

Phoebe assentiu em silêncio, sem encontrar seu olhar.

— Bom. E o mesmo vale para todas as suas outras necessidades básicas. Considere esta minha permissão para dormir, tomar banho e cagar sempre que sentir necessidade.

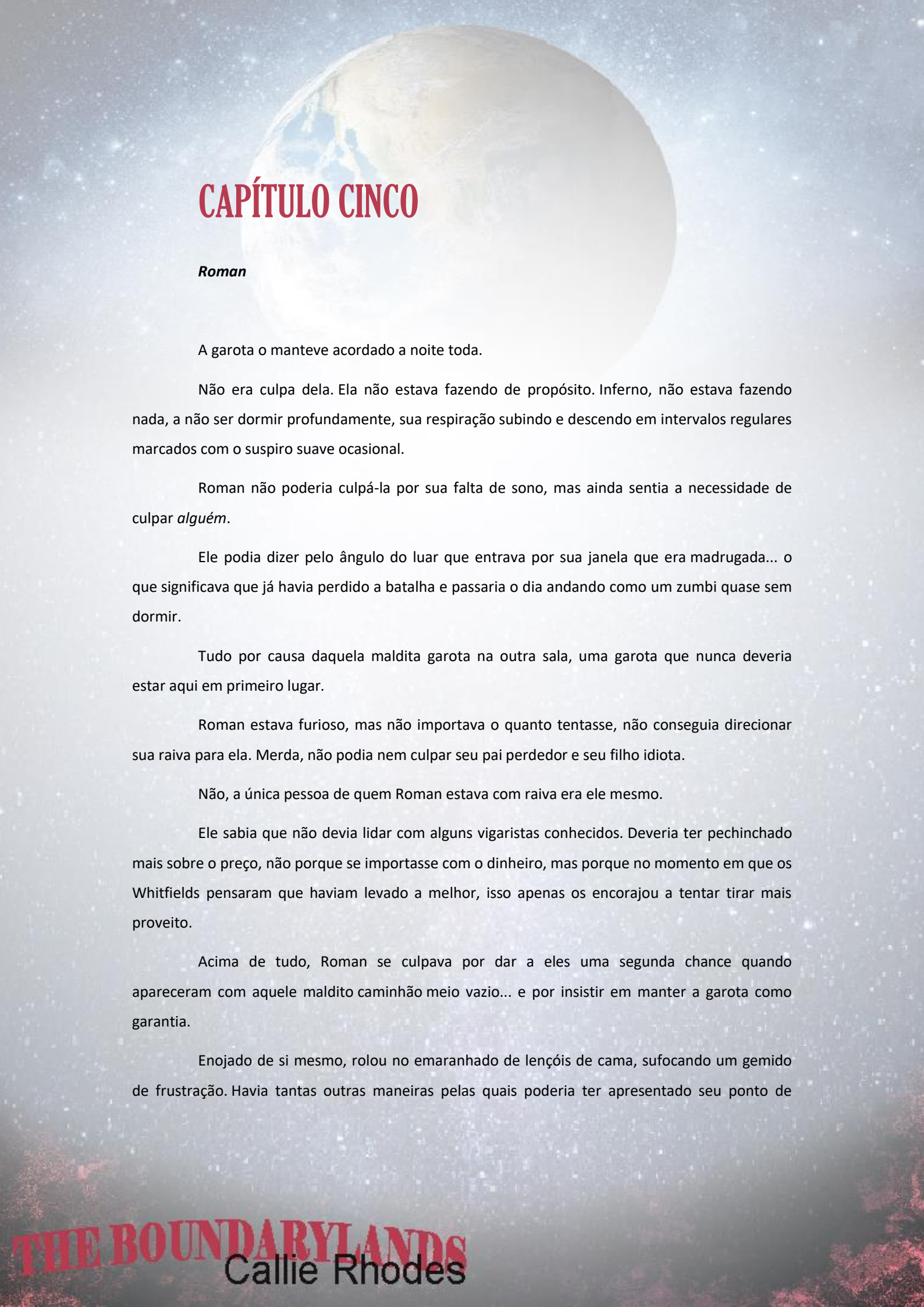
Ele virou as costas sem outra palavra, mas na porta do quarto, ele fez uma pausa.

— E Phoebe, — disse ele, sem se preocupar em se virar e encará-la.

— Sim?

— Estou adicionando mais uma regra a essa sua lista. *Não me deixe acordado à noite, porra.*

Phoebe quase deixou cair o jantar quando a porta se fechou.



CAPÍTULO CINCO

Roman

A garota o manteve acordado a noite toda.

Não era culpa dela. Ela não estava fazendo de propósito. Inferno, não estava fazendo nada, a não ser dormir profundamente, sua respiração subindo e descendo em intervalos regulares marcados com o suspiro suave ocasional.

Roman não poderia culpá-la por sua falta de sono, mas ainda sentia a necessidade de culpar *alguém*.

Ele podia dizer pelo ângulo do luar que entrava por sua janela que era madrugada... o que significava que já havia perdido a batalha e passaria o dia andando como um zumbi quase sem dormir.

Tudo por causa daquela maldita garota na outra sala, uma garota que nunca deveria estar aqui em primeiro lugar.

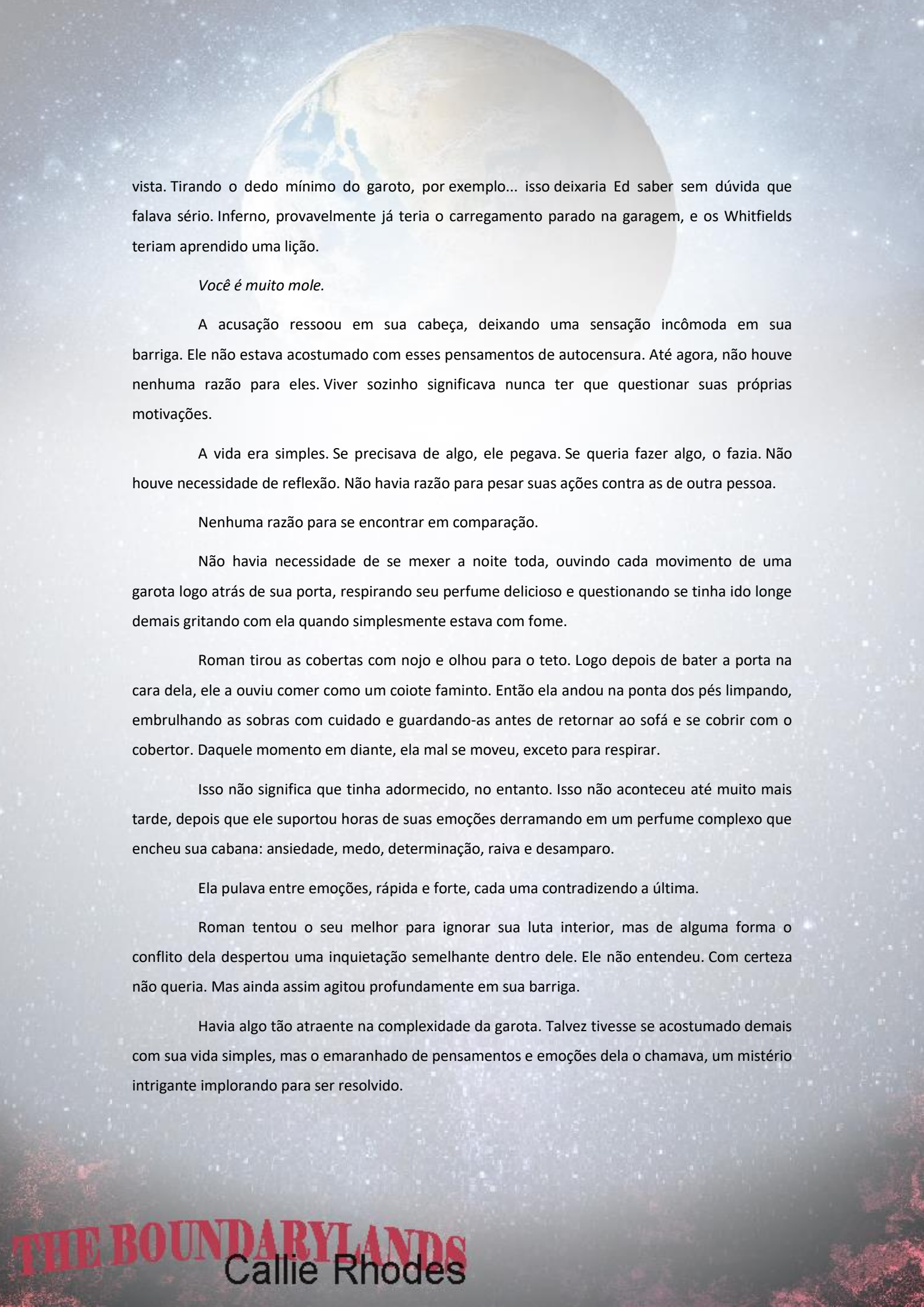
Roman estava furioso, mas não importava o quanto tentasse, não conseguia direcionar sua raiva para ela. Merda, não podia nem culpar seu pai perdedor e seu filho idiota.

Não, a única pessoa de quem Roman estava com raiva era ele mesmo.

Ele sabia que não devia lidar com alguns vigaristas conhecidos. Deveria ter pechinchado mais sobre o preço, não porque se importasse com o dinheiro, mas porque no momento em que os Whitfields pensaram que haviam levado a melhor, isso apenas os encorajou a tentar tirar mais proveito.

Acima de tudo, Roman se culpava por dar a eles uma segunda chance quando apareceram com aquele maldito caminhão meio vazio... e por insistir em manter a garota como garantia.

Enojado de si mesmo, rolou no emaranhado de lençóis de cama, sufocando um gemido de frustração. Havia tantas outras maneiras pelas quais poderia ter apresentado seu ponto de



vista. Tirando o dedo mínimo do garoto, por exemplo... isso deixaria Ed saber sem dúvida que falava sério. Inferno, provavelmente já teria o carregamento parado na garagem, e os Whitfields teriam aprendido uma lição.

Você é muito mole.

A acusação ressoou em sua cabeça, deixando uma sensação incômoda em sua barriga. Ele não estava acostumado com esses pensamentos de autocensura. Até agora, não houve nenhuma razão para eles. Viver sozinho significava nunca ter que questionar suas próprias motivações.

A vida era simples. Se precisava de algo, ele pegava. Se queria fazer algo, o fazia. Não houve necessidade de reflexão. Não havia razão para pesar suas ações contra as de outra pessoa.

Nenhuma razão para se encontrar em comparação.

Não havia necessidade de se mexer a noite toda, ouvindo cada movimento de uma garota logo atrás de sua porta, respirando seu perfume delicioso e questionando se tinha ido longe demais gritando com ela quando simplesmente estava com fome.

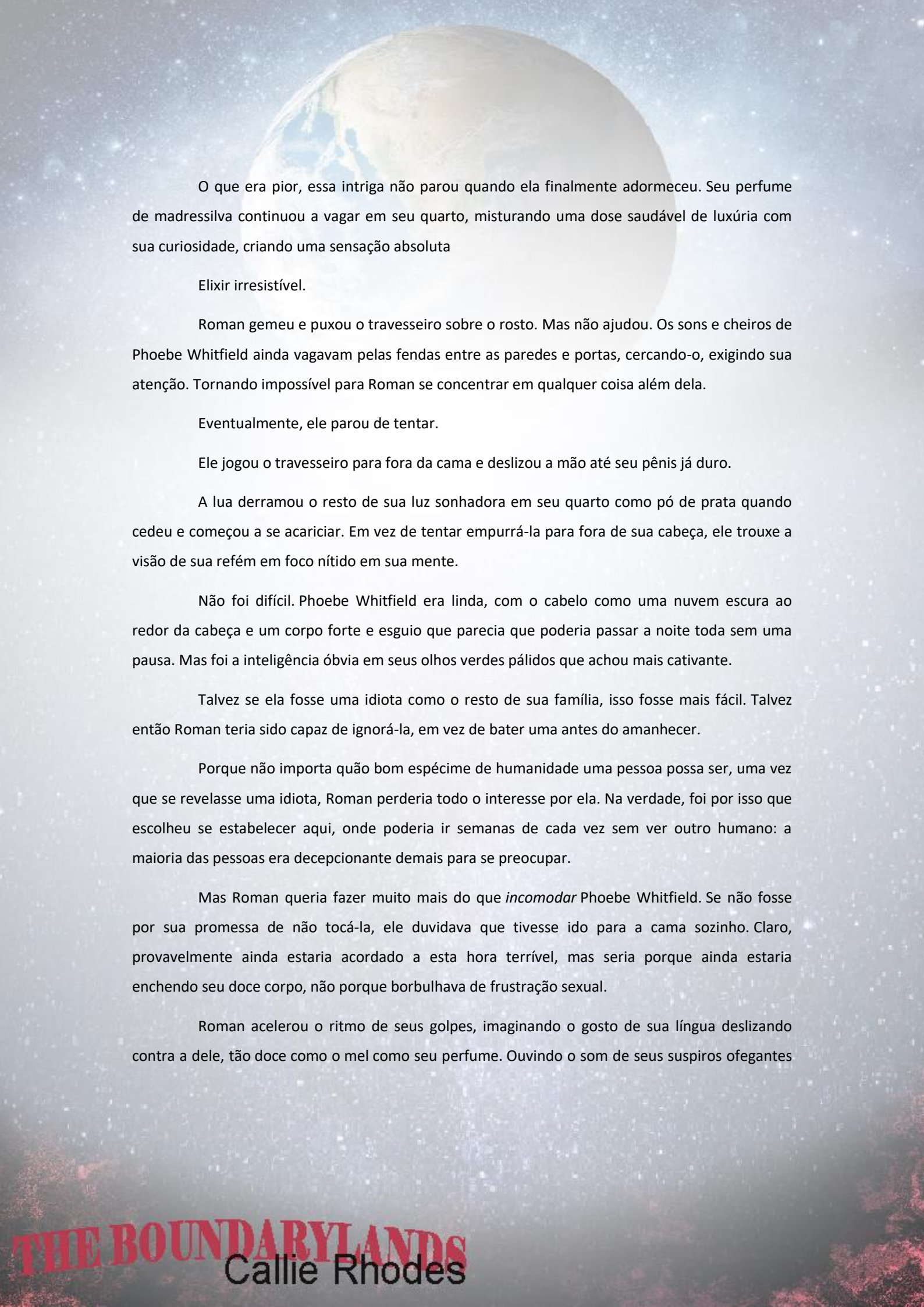
Roman tirou as cobertas com nojo e olhou para o teto. Logo depois de bater a porta na cara dela, ele a ouviu comer como um coitado faminto. Então ela andou na ponta dos pés limpando, embrulhando as sobras com cuidado e guardando-as antes de retornar ao sofá e se cobrir com o cobertor. Daquele momento em diante, ela mal se moveu, exceto para respirar.

Isso não significa que tinha adormecido, no entanto. Isso não aconteceu até muito mais tarde, depois que ele suportou horas de suas emoções derramando em um perfume complexo que encheu sua cabana: ansiedade, medo, determinação, raiva e desamparo.

Ela pulava entre emoções, rápida e forte, cada uma contradizendo a última.

Roman tentou o seu melhor para ignorar sua luta interior, mas de alguma forma o conflito dela despertou uma inquietação semelhante dentro dele. Ele não entendeu. Com certeza não queria. Mas ainda assim agitou profundamente em sua barriga.

Havia algo tão atraente na complexidade da garota. Talvez tivesse se acostumado demais com sua vida simples, mas o emaranhado de pensamentos e emoções dela o chamava, um mistério intrigante implorando para ser resolvido.



O que era pior, essa intriga não parou quando ela finalmente adormeceu. Seu perfume de madressilva continuou a vagar em seu quarto, misturando uma dose saudável de luxúria com sua curiosidade, criando uma sensação absoluta

Elixir irresistível.

Roman gemeu e puxou o travesseiro sobre o rosto. Mas não ajudou. Os sons e cheiros de Phoebe Whitfield ainda vagavam pelas fendas entre as paredes e portas, cercando-o, exigindo sua atenção. Tornando impossível para Roman se concentrar em qualquer coisa além dela.

Eventualmente, ele parou de tentar.

Ele jogou o travesseiro para fora da cama e deslizou a mão até seu pênis já duro.

A lua derramou o resto de sua luz sonhadora em seu quarto como pó de prata quando cedeu e começou a se acariciar. Em vez de tentar empurrá-la para fora de sua cabeça, ele trouxe a visão de sua refém em foco nítido em sua mente.

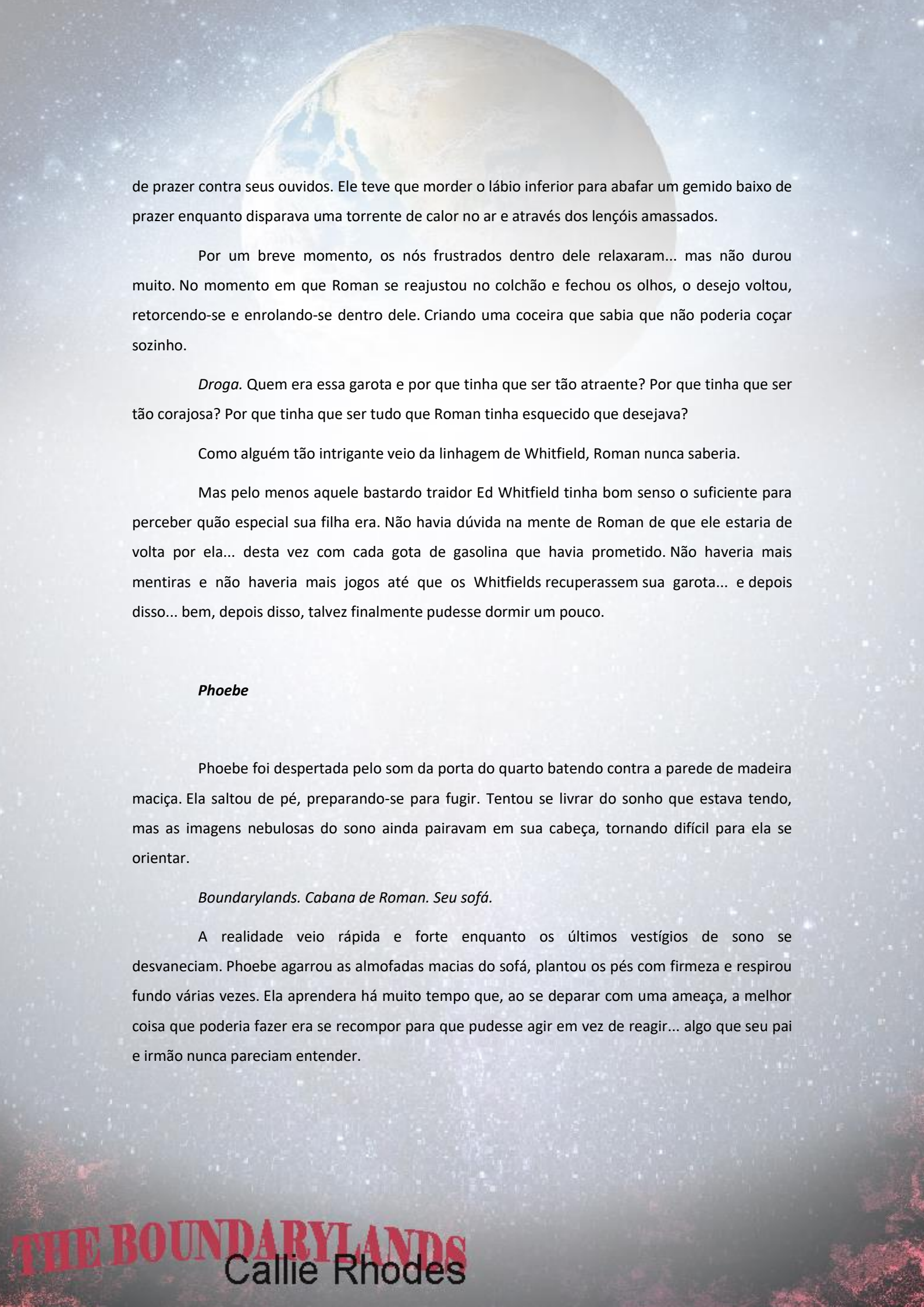
Não foi difícil. Phoebe Whitfield era linda, com o cabelo como uma nuvem escura ao redor da cabeça e um corpo forte e esguio que parecia que poderia passar a noite toda sem uma pausa. Mas foi a inteligência óbvia em seus olhos verdes pálidos que achou mais cativante.

Talvez se ela fosse uma idiota como o resto de sua família, isso fosse mais fácil. Talvez então Roman teria sido capaz de ignorá-la, em vez de bater uma antes do amanhecer.

Porque não importa quão bom espécime de humanidade uma pessoa possa ser, uma vez que se revelasse uma idiota, Roman perderia todo o interesse por ela. Na verdade, foi por isso que escolheu se estabelecer aqui, onde poderia ir semanas de cada vez sem ver outro humano: a maioria das pessoas era decepcionante demais para se preocupar.

Mas Roman queria fazer muito mais do que *incomodar* Phoebe Whitfield. Se não fosse por sua promessa de não tocá-la, ele duvidava que tivesse ido para a cama sozinho. Claro, provavelmente ainda estaria acordado a esta hora terrível, mas seria porque ainda estaria enchendo seu doce corpo, não porque borbilhava de frustração sexual.

Roman acelerou o ritmo de seus golpes, imaginando o gosto de sua língua deslizando contra a dele, tão doce como o mel como seu perfume. Ouvindo o som de seus suspiros ofegantes



de prazer contra seus ouvidos. Ele teve que morder o lábio inferior para abafar um gemido baixo de prazer enquanto disparava uma torrente de calor no ar e através dos lençóis amassados.

Por um breve momento, os nós frustrados dentro dele relaxaram... mas não durou muito. No momento em que Roman se reajustou no colchão e fechou os olhos, o desejo voltou, retorcendo-se e enrolando-se dentro dele. Criando uma coceira que sabia que não poderia coçar sozinho.

Droga. Quem era essa garota e por que tinha que ser tão atraente? Por que tinha que ser tão corajosa? Por que tinha que ser tudo que Roman tinha esquecido que desejava?

Como alguém tão intrigante veio da linhagem de Whitfield, Roman nunca saberia.

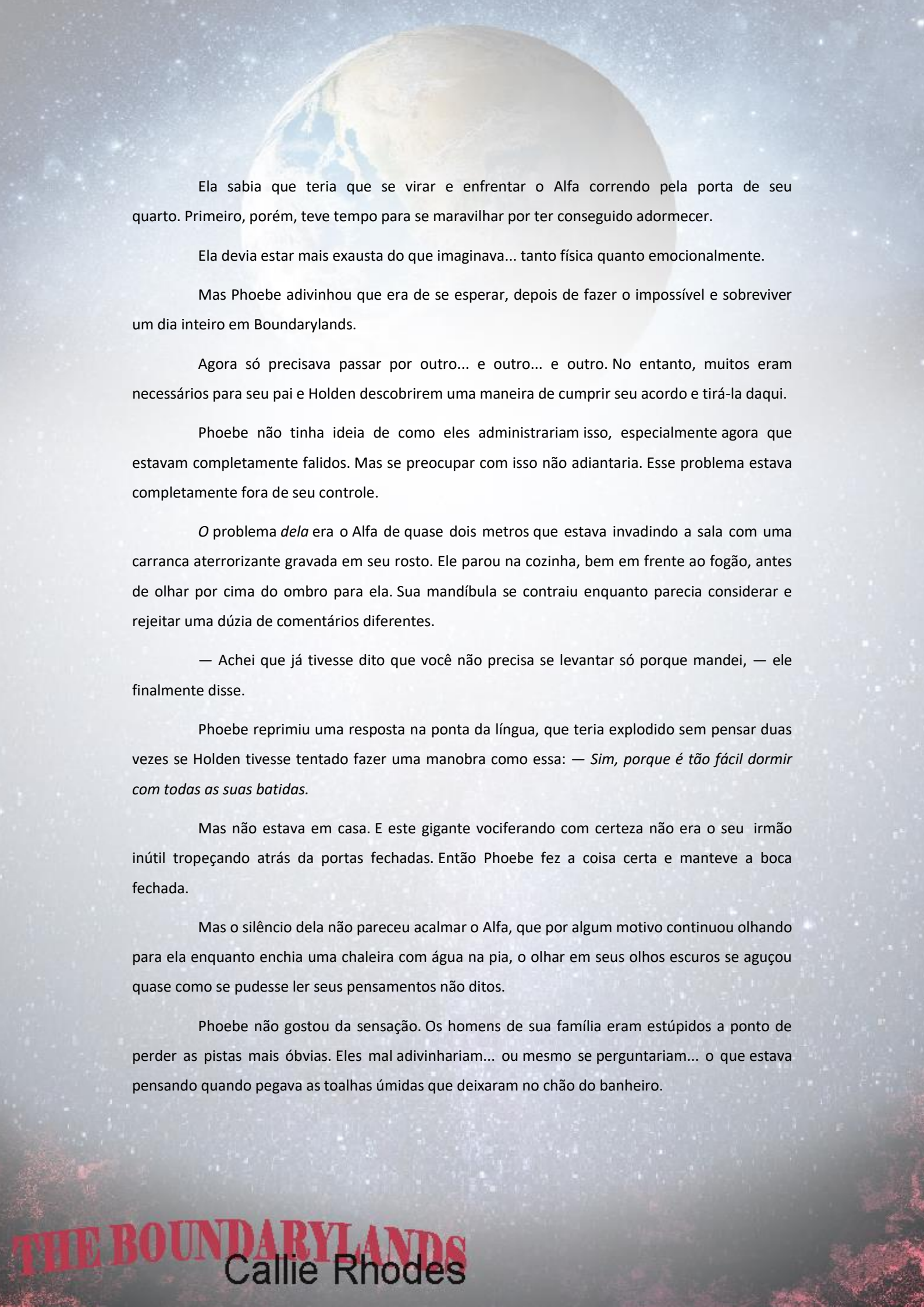
Mas pelo menos aquele bastardo traidor Ed Whitfield tinha bom senso o suficiente para perceber quão especial sua filha era. Não havia dúvida na mente de Roman de que ele estaria de volta por ela... desta vez com cada gota de gasolina que havia prometido. Não haveria mais mentiras e não haveria mais jogos até que os Whitfields recuperassem sua garota... e depois disso... bem, depois disso, talvez finalmente pudesse dormir um pouco.

Phoebe

Phoebe foi despertada pelo som da porta do quarto batendo contra a parede de madeira maciça. Ela saltou de pé, preparando-se para fugir. Tentou se livrar do sonho que estava tendo, mas as imagens nebulosas do sono ainda pairavam em sua cabeça, tornando difícil para ela se orientar.

Boundarylands. Cabana de Roman. Seu sofá.

A realidade veio rápida e forte enquanto os últimos vestígios de sono se desvaneciam. Phoebe agarrou as almofadas macias do sofá, plantou os pés com firmeza e respirou fundo várias vezes. Ela aprendera há muito tempo que, ao se deparar com uma ameaça, a melhor coisa que poderia fazer era se recompor para que pudesse agir em vez de reagir... algo que seu pai e irmão nunca pareciam entender.



Ela sabia que teria que se virar e enfrentar o Alfa correndo pela porta de seu quarto. Primeiro, porém, teve tempo para se maravilhar por ter conseguido adormecer.

Ela devia estar mais exausta do que imaginava... tanto física quanto emocionalmente.

Mas Phoebe adivinhou que era de se esperar, depois de fazer o impossível e sobreviver um dia inteiro em Boundarylands.

Agora só precisava passar por outro... e outro... e outro. No entanto, muitos eram necessários para seu pai e Holden descobrirem uma maneira de cumprir seu acordo e tirá-la daqui.

Phoebe não tinha ideia de como eles administrariam isso, especialmente agora que estavam completamente falidos. Mas se preocupar com isso não adiantaria. Esse problema estava completamente fora de seu controle.

O problema *dela* era o Alfa de quase dois metros que estava invadindo a sala com uma carranca aterrorizante gravada em seu rosto. Ele parou na cozinha, bem em frente ao fogão, antes de olhar por cima do ombro para ela. Sua mandíbula se contraiu enquanto parecia considerar e rejeitar uma dúzia de comentários diferentes.

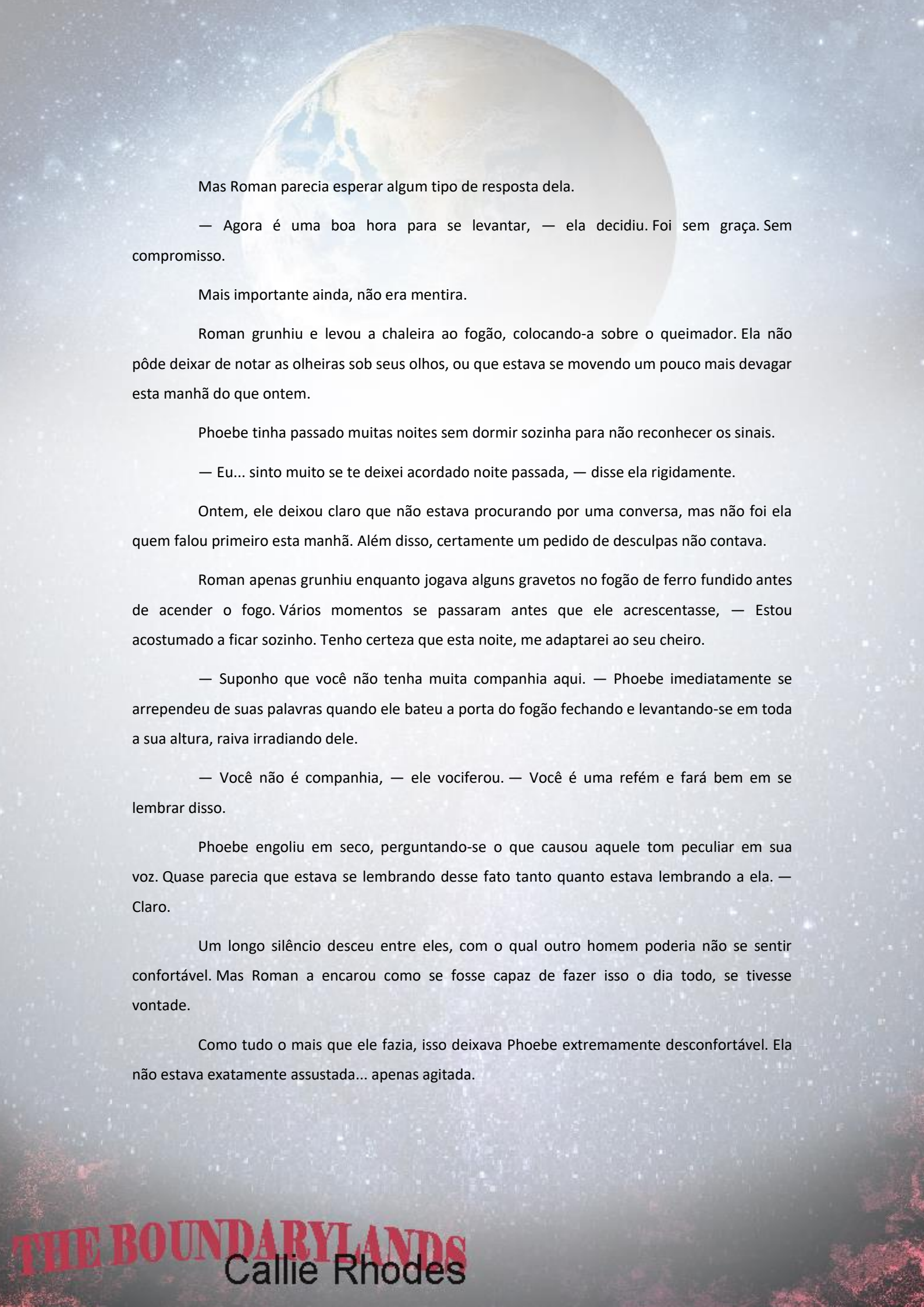
— Achei que já tivesse dito que você não precisa se levantar só porque mandei, — ele finalmente disse.

Phoebe reprimiu uma resposta na ponta da língua, que teria explodido sem pensar duas vezes se Holden tivesse tentado fazer uma manobra como essa: — *Sim, porque é tão fácil dormir com todas as suas batidas.*

Mas não estava em casa. E este gigante vociferando com certeza não era o seu irmão inútil tropeçando atrás das portas fechadas. Então Phoebe fez a coisa certa e manteve a boca fechada.

Mas o silêncio dela não pareceu acalmar o Alfa, que por algum motivo continuou olhando para ela enquanto enchia uma chaleira com água na pia, o olhar em seus olhos escuros se aguçou quase como se pudesse ler seus pensamentos não ditos.

Phoebe não gostou da sensação. Os homens de sua família eram estúpidos a ponto de perder as pistas mais óbvias. Eles mal adivinhariam... ou mesmo se perguntariam... o que estava pensando quando pegava as toalhas úmidas que deixaram no chão do banheiro.



Mas Roman parecia esperar algum tipo de resposta dela.

— Agora é uma boa hora para se levantar, — ela decidiu. Foi sem graça. Sem compromisso.

Mais importante ainda, não era mentira.

Roman grunhiu e levou a chaleira ao fogão, colocando-a sobre o queimador. Ela não pôde deixar de notar as olheiras sob seus olhos, ou que estava se movendo um pouco mais devagar esta manhã do que ontem.

Phoebe tinha passado muitas noites sem dormir sozinha para não reconhecer os sinais.

— Eu... sinto muito se te deixei acordado noite passada, — disse ela rigidamente.

Ontem, ele deixou claro que não estava procurando por uma conversa, mas não foi ela quem falou primeiro esta manhã. Além disso, certamente um pedido de desculpas não contava.

Roman apenas grunhiu enquanto jogava alguns gravetos no fogão de ferro fundido antes de acender o fogo. Vários momentos se passaram antes que ele acrescentasse, — Estou acostumado a ficar sozinho. Tenho certeza que esta noite, me adaptarei ao seu cheiro.

— Suponho que você não tenha muita companhia aqui. — Phoebe imediatamente se arrependeu de suas palavras quando ele bateu a porta do fogão fechando e levantando-se em toda a sua altura, raiva irradiando dele.

— Você não é companhia, — ele vociferou. — Você é uma refém e fará bem em se lembrar disso.

Phoebe engoliu em seco, perguntando-se o que causou aquele tom peculiar em sua voz. Quase parecia que estava se lembrando desse fato tanto quanto estava lembrando a ela. — Claro.

Um longo silêncio desceu entre eles, com o qual outro homem poderia não se sentir confortável. Mas Roman a encarou como se fosse capaz de fazer isso o dia todo, se tivesse vontade.

Como tudo o mais que ele fazia, isso deixava Phoebe extremamente desconfortável. Ela não estava exatamente assustada... apenas agitada.

Despertada, como um gato com sua pele esfregada do lado errado. Quando ele ainda não moveu um músculo, ela se ocupou em dobrar o cobertor e colocá-lo no braço do sofá.

Quando terminou, arriscou mais uma olhada para o Alfa e descobriu que seu olhar tinha adquirido uma qualidade pensativa, como se estivesse tentando trabalhar em algo em sua mente. Apesar de toda a sua ameaça, Roman não estava emitindo uma energia especialmente agressiva. Ele parecia mais cansado do que qualquer coisa enquanto esperava a água ferver.

Phoebe percebeu que sentia empatia. Ela estava muito familiarizada com aquela mistura de grogue e rabugento que vinha das noites agitadas. Ela passou muitas delas andando por toda a extensão de sua pequena casa alugada, se perguntando se seu pai e irmão voltariam para casa de sua última corrida de mercadorias ilegais em Boundarylands, ou se esta seria a hora em que os policiais iriam informá-la sobre algumas *más notícias*.

— Roman, — ela se aventurou cuidadosamente, alisando a frente do vestido, — Eu posso terminar de fazer o café se você quiser voltar para a cama por alguns minutos.

Ele ergueu a cabeça o suficiente para que seus olhos encontrassem os dela e, sem pensar, os dedos de Phoebe se apertaram nas costas do sofá. Algo se agitou dentro dela, algo escuro e desconhecido.

— Então, você descobriu como me chamar, afinal. — A expressão de Roman era ilegível. — Como?

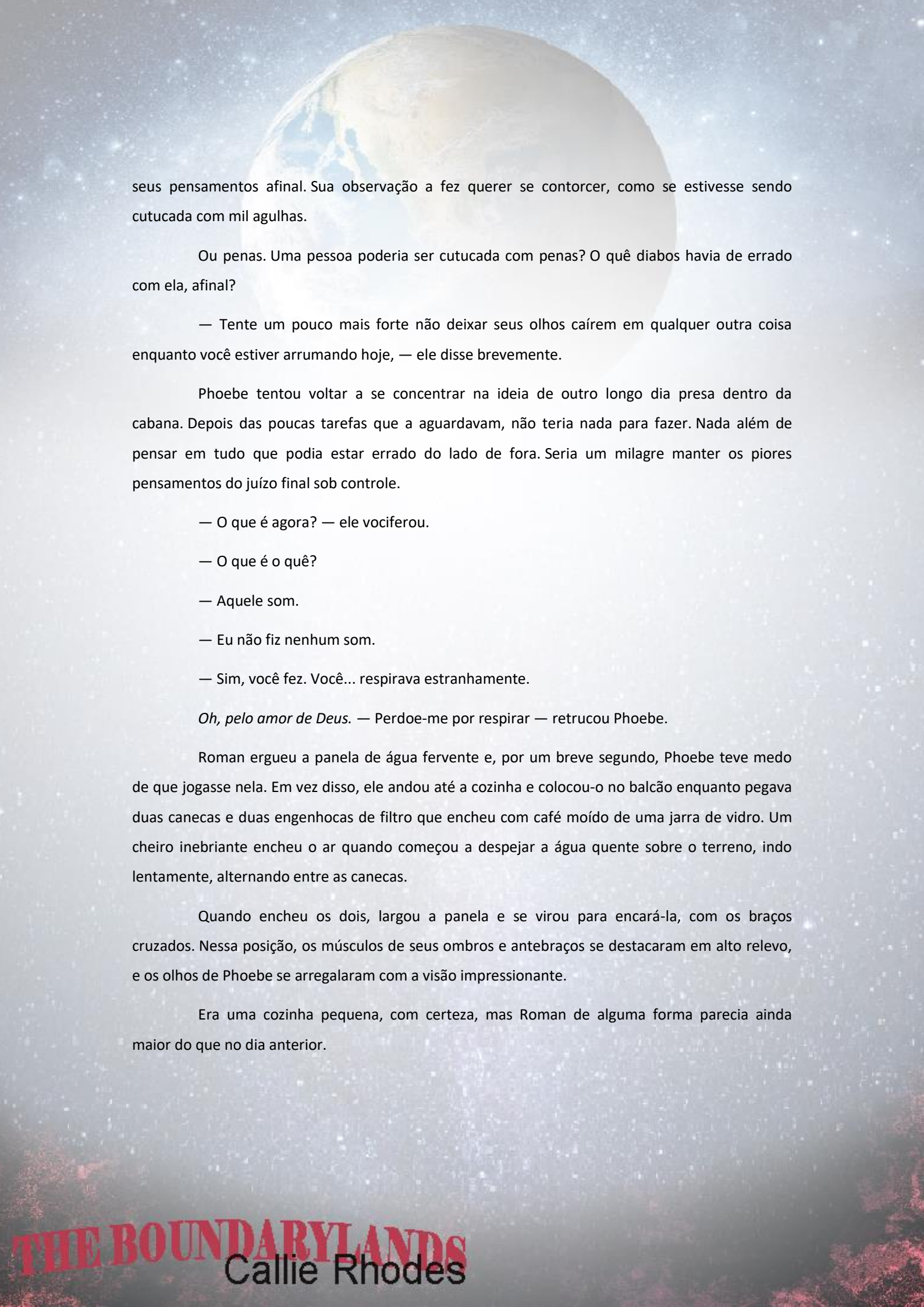
Phoebe amaldiçoou seu descuido, mas sabia que era melhor nem pensar em mentir. — Encontrei uma carta com o seu nome em uma gaveta.

Seus olhos se estreitaram ainda mais, sua tonalidade escurecendo para um profundo azul cobalto. — Você estava bisbilhotando? — ele perguntou sem inflexão.

Phoebe fez o possível para responder com a mesma calma. — Não. Só arrumando.

Roman a encarou por mais um segundo antes de se virar, deixando Phoebe se perguntando se acabara de se esquivar de uma bala.

Havia algo na maneira como olhava para ela... como se estivesse descascando camadas de pele até alcançar seu núcleo... que a estava fazendo começar a se perguntar se ele poderia ler



seus pensamentos afinal. Sua observação a fez querer se contorcer, como se estivesse sendo cutucada com mil agulhas.

Ou penas. Uma pessoa poderia ser cutucada com penas? O quê diabos havia de errado com ela, afinal?

— Tente um pouco mais forte não deixar seus olhos caírem em qualquer outra coisa enquanto você estiver arrumando hoje, — ele disse brevemente.

Phoebe tentou voltar a se concentrar na ideia de outro longo dia presa dentro da cabana. Depois das poucas tarefas que a aguardavam, não teria nada para fazer. Nada além de pensar em tudo que podia estar errado do lado de fora. Seria um milagre manter os piores pensamentos do juízo final sob controle.

— O que é agora? — ele vociferou.

— O que é o quê?

— Aquele som.

— Eu não fiz nenhum som.

— Sim, você fez. Você... respirava estranhamente.

Oh, pelo amor de Deus. — Perdoe-me por respirar — retrucou Phoebe.

Roman ergueu a panela de água fervente e, por um breve segundo, Phoebe teve medo de que jogasse nela. Em vez disso, ele andou até a cozinha e colocou-o no balcão enquanto pegava duas canecas e duas engenhocas de filtro que encheu com café moído de uma jarra de vidro. Um cheiro inebriante encheu o ar quando começou a despejar a água quente sobre o terreno, indo lentamente, alternando entre as canecas.

Quando encheu os dois, largou a panela e se virou para encará-la, com os braços cruzados. Nessa posição, os músculos de seus ombros e antebraços se destacaram em alto relevo, e os olhos de Phoebe se arregalaram com a visão impressionante.

Era uma cozinha pequena, com certeza, mas Roman de alguma forma parecia ainda maior do que no dia anterior.

— Aparentemente, precisamos adicionar outra regra à sua lista, — disse ele. — Quando te faço uma pergunta, apenas responda.

O peito de Phoebe estremeceu um pouco enquanto lutava para expirar pela garganta apertada. Ele não tinha realmente feito uma pergunta a ela, mas não estava disposta a apontar isso.

— Ok. Hum... sua casa está... bem limpa já. — Roman ergueu uma sobrancelha ligeiramente.

— E...

— E... realmente não precisa de alguém para limpar o dia todo, todos os dias.

Sua expressão mudou, endurecendo em uma decepção sombria. — Fodidos Whitfields, — ele murmurou, mais para si mesmo do que para ela. — Eu deveria saber. Sempre tentando sair do trabalho.

— Não. — Phoebe se apressou em se explicar, afastando-se da proteção do sofá e parando de repente na beirada da cozinha com o clarão de advertência dele. — Não é isso. Não me importo de trabalhar para meu sustento. Não me importo de trabalhar, ponto final. Só não há o suficiente para fazer nesta cabana... apenas um punhado de pratos e prateleiras que já limpei duas vezes ontem.

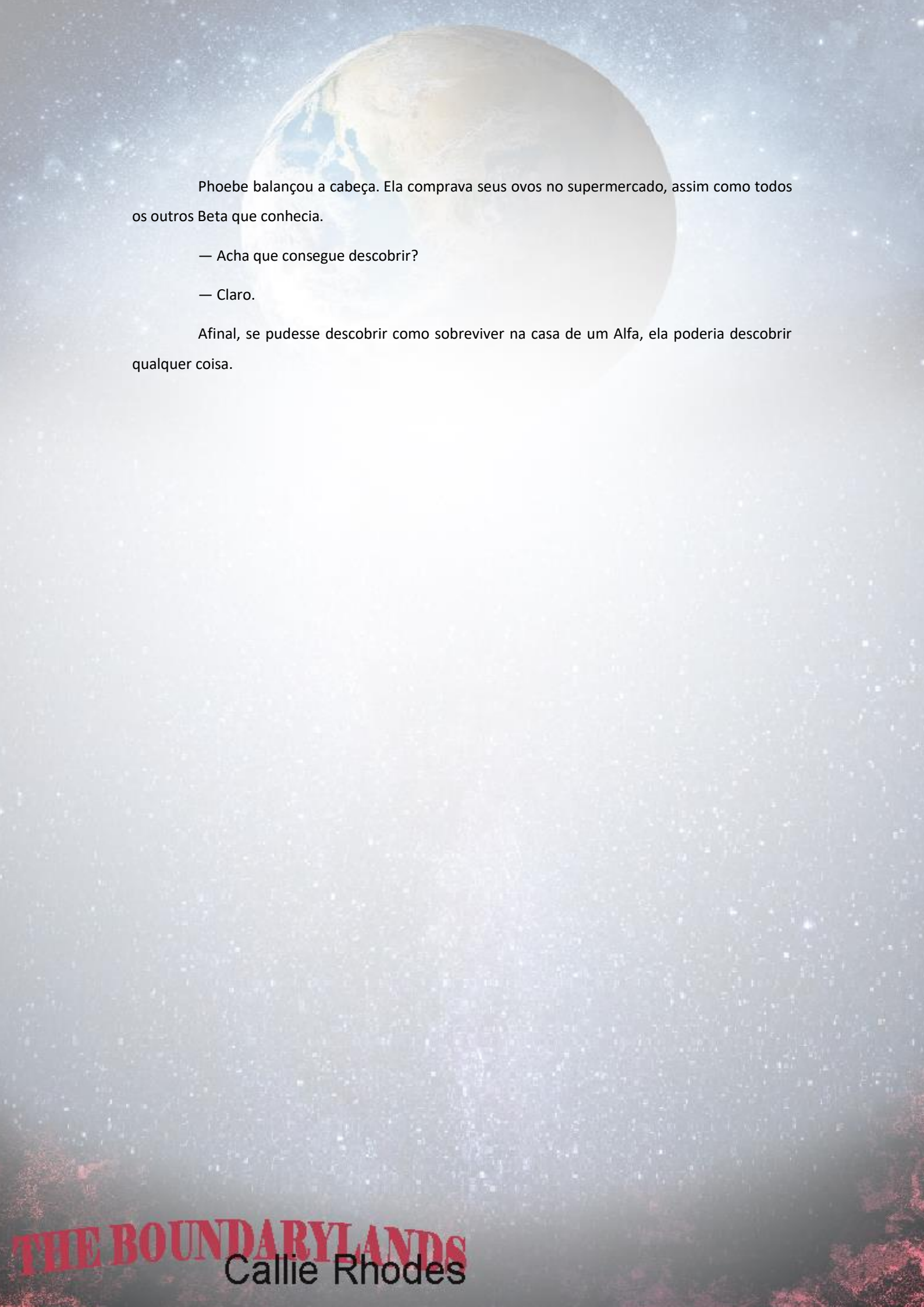
— Deixe-me ver se entendi. Você está pedindo *mais* tarefas? — Phoebe não o culpava por seu ceticismo. Ele estava certo... todos outros membros de sua família escolheram o caminho mais fácil. Mas ela não era eles.

— É isso ou olhar para o relógio, — disse ela. Embora não tivesse visto um relógio em qualquer lugar da casa. Ou uma televisão ou laptop ou até mesmo um rádio, por falar nisso. — Se não mantiver minhas mãos ocupadas, ficarei com meus pensamentos e... bem, prefiro trabalhar.

Roman estudou seu rosto por um longo momento antes de assentir. — Compreendo.

Ele verificou as canecas, removeu os filtros e entregou a ela uma delas. O rico aroma era inebriante.

— Hoje, depois de terminar o café, você pode varrer a varanda, tirar as teias de aranha de baixo dos degraus e... você já coletou ovos de um galinheiro antes?

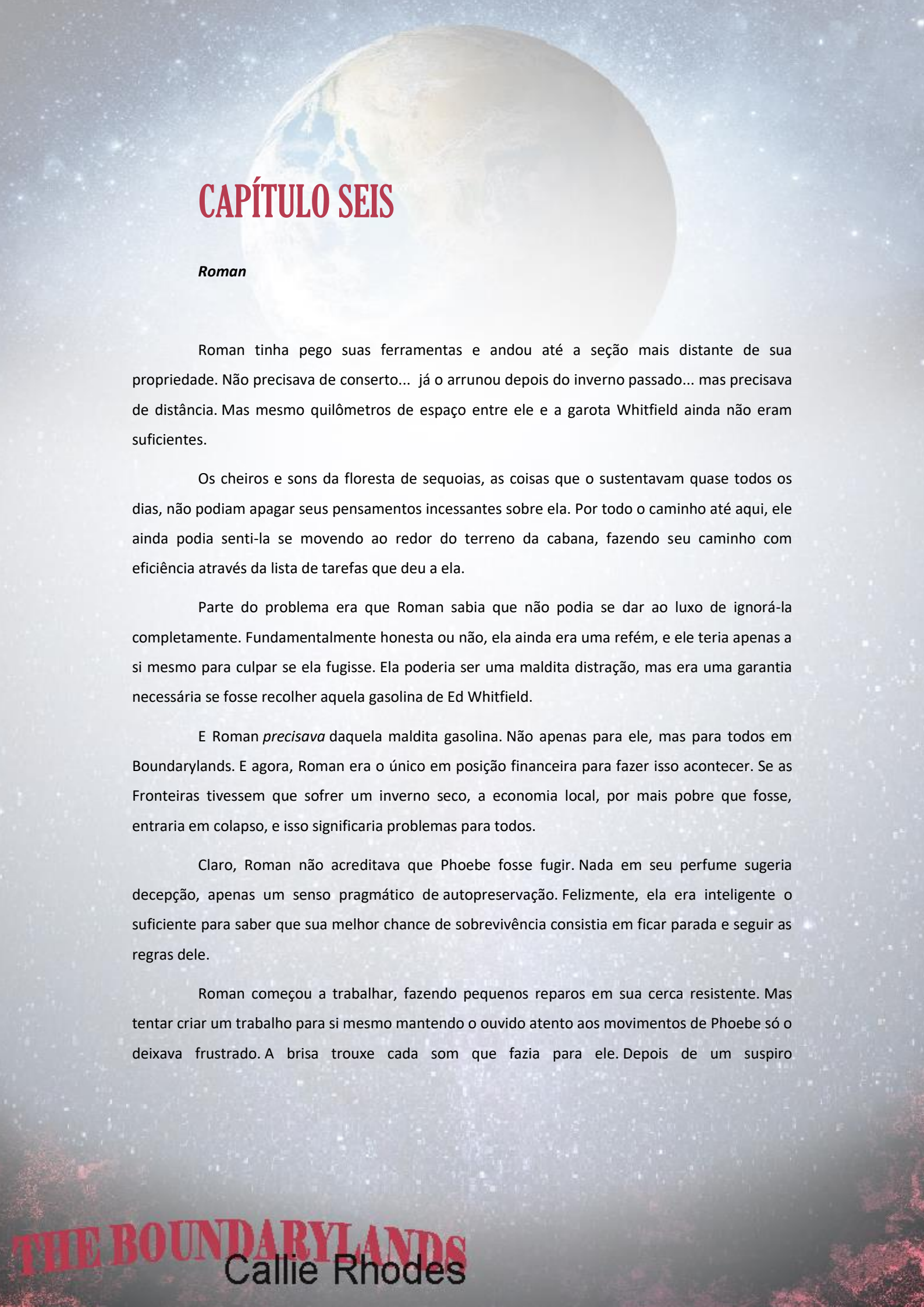


Phoebe balançou a cabeça. Ela comprava seus ovos no supermercado, assim como todos os outros Beta que conhecia.

— Acha que consegue descobrir?

— Claro.

Afinal, se pudesse descobrir como sobreviver na casa de um Alfa, ela poderia descobrir qualquer coisa.



CAPÍTULO SEIS

Roman

Roman tinha pego suas ferramentas e andou até a seção mais distante de sua propriedade. Não precisava de conserto... já o arrunou depois do inverno passado... mas precisava de distância. Mas mesmo quilômetros de espaço entre ele e a garota Whitfield ainda não eram suficientes.

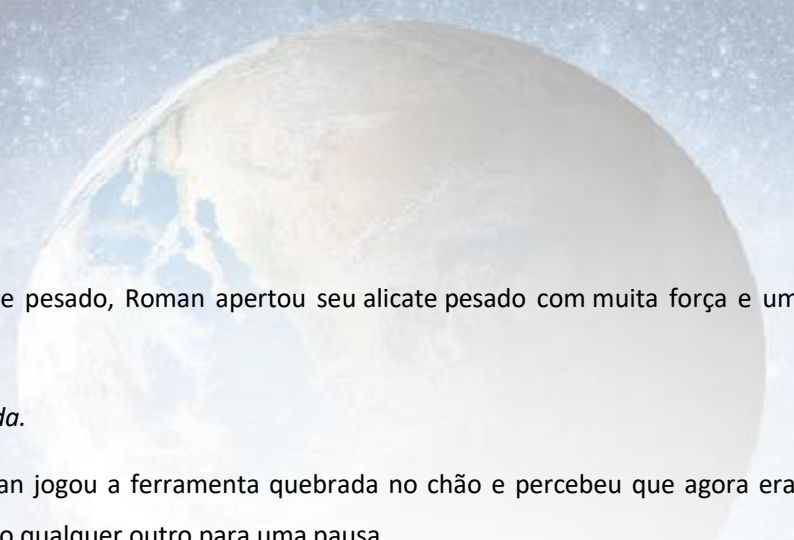
Os cheiros e sons da floresta de sequoias, as coisas que o sustentavam quase todos os dias, não podiam apagar seus pensamentos incessantes sobre ela. Por todo o caminho até aqui, ele ainda podia senti-la se movendo ao redor do terreno da cabana, fazendo seu caminho com eficiência através da lista de tarefas que deu a ela.

Parte do problema era que Roman sabia que não podia se dar ao luxo de ignorá-la completamente. Fundamentalmente honesta ou não, ela ainda era uma refém, e ele teria apenas a si mesmo para culpar se ela fugisse. Ela poderia ser uma maldita distração, mas era uma garantia necessária se fosse recolher aquela gasolina de Ed Whitfield.

E Roman *precisava* daquela maldita gasolina. Não apenas para ele, mas para todos em Boundarylands. E agora, Roman era o único em posição financeira para fazer isso acontecer. Se as Fronteiras tivessem que sofrer um inverno seco, a economia local, por mais pobre que fosse, entraria em colapso, e isso significaria problemas para todos.

Claro, Roman não acreditava que Phoebe fosse fugir. Nada em seu perfume sugeria decepção, apenas um senso pragmático de autopreservação. Felizmente, ela era inteligente o suficiente para saber que sua melhor chance de sobrevivência consistia em ficar parada e seguir as regras dele.

Roman começou a trabalhar, fazendo pequenos reparos em sua cerca resistente. Mas tentar criar um trabalho para si mesmo mantendo o ouvido atento aos movimentos de Phoebe só o deixava frustrado. A brisa trouxe cada som que fazia para ele. Depois de um suspiro



particularmente pesado, Roman apertou seu alicate pesado com muita força e uma das alças se soltou.

Merda.

Roman jogou a ferramenta quebrada no chão e percebeu que agora era um momento tão bom quanto qualquer outro para uma pausa.

Ele encontrou um tronco caído com uma bela seção esponjosa de musgo para servir de assento e abriu sua mochila. Dentro havia uma garrafa térmica com café e um sanduíche de pão grosso e carne de veado. Normalmente, seu primeiro gole de café fora era um de seus momentos favoritos do dia, mas hoje mal o provou.

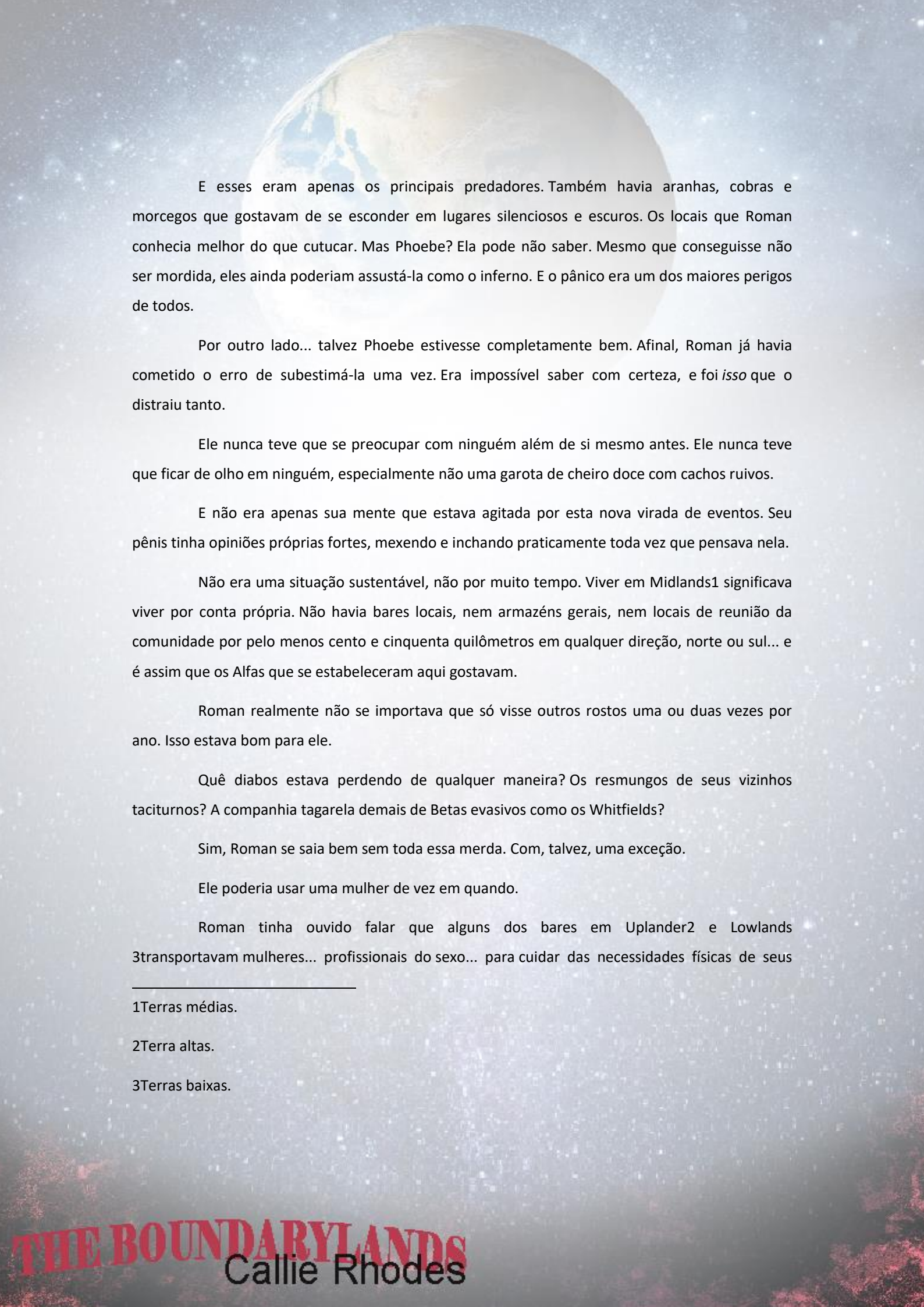
Ele não conseguia parar de se perguntar se havia cometido um erro ao permitir que Phoebe trabalhasse fora da segurança das paredes da cabana. Ao contrário da maioria dos Betas, ela parecia confortável o suficiente com a ideia do deserto. Ele não deveria ter ficado surpreso. As cidades Beta que pontilhavam a seção intermediária entre as Fronteiras Norte-sul eram pouco mais do que aglomerados de casas modestas com um ou outro posto de gasolina ou pousada rodeada pela mesma floresta densa que estava ao seu redor.

Mas não era a mesma coisa.

Mesmo uma cidade empoeirada com uma encruzilhada além da Fronteira ainda era civilização. Havia estradas pavimentadas, luzes elétricas e clamor humano suficiente para manter os animais selvagens afastados.

Quanto mais longe se viajava da Fronteira para Boundarylands, mais selvagem o terreno se tornava. A estrada que ia da rodovia Beta à Estrada Central rapidamente se transformava em cascalho áspero que apenas uma caminhonete como o dele poderia navegar. Havia um motivo para Ed ter demorado tanto para dirigir o maldito caminhão-tanque, uma suspensão típica de automóvel nunca daria certo.

Mas não era a estrada que preocupava Roman. Todos os tipos de animais entraram em sua propriedade, e alguns eram francamente perigosos. Ursos, lobos e leões da montanha, todos compartilharam suas terras em um ponto ou outro. Coiotes também, embora nunca ameaçassem nada maior do que um coelho.



E esses eram apenas os principais predadores. Também havia aranhas, cobras e morcegos que gostavam de se esconder em lugares silenciosos e escuros. Os locais que Roman conhecia melhor do que cutucar. Mas Phoebe? Ela pode não saber. Mesmo que conseguisse não ser mordida, eles ainda poderiam assustá-la como o inferno. E o pânico era um dos maiores perigos de todos.

Por outro lado... talvez Phoebe estivesse completamente bem. Afinal, Roman já havia cometido o erro de subestimá-la uma vez. Era impossível saber com certeza, e foi *isso* que o distraiu tanto.

Ele nunca teve que se preocupar com ninguém além de si mesmo antes. Ele nunca teve que ficar de olho em ninguém, especialmente não uma garota de cheiro doce com cachos ruivos.

E não era apenas sua mente que estava agitada por esta nova virada de eventos. Seu pênis tinha opiniões próprias fortes, mexendo e inchando praticamente toda vez que pensava nela.

Não era uma situação sustentável, não por muito tempo. Viver em Midlands¹ significava viver por conta própria. Não havia bares locais, nem armazéns gerais, nem locais de reunião da comunidade por pelo menos cento e cinquenta quilômetros em qualquer direção, norte ou sul... e é assim que os Alfas que se estabeleceram aqui gostavam.

Roman realmente não se importava que só visse outros rostos uma ou duas vezes por ano. Isso estava bom para ele.

Quê diabos estava perdendo de qualquer maneira? Os resmungos de seus vizinhos taciturnos? A companhia tagarela demais de Betas evasivos como os Whitfields?

Sim, Roman se saía bem sem toda essa merda. Com, talvez, uma exceção.

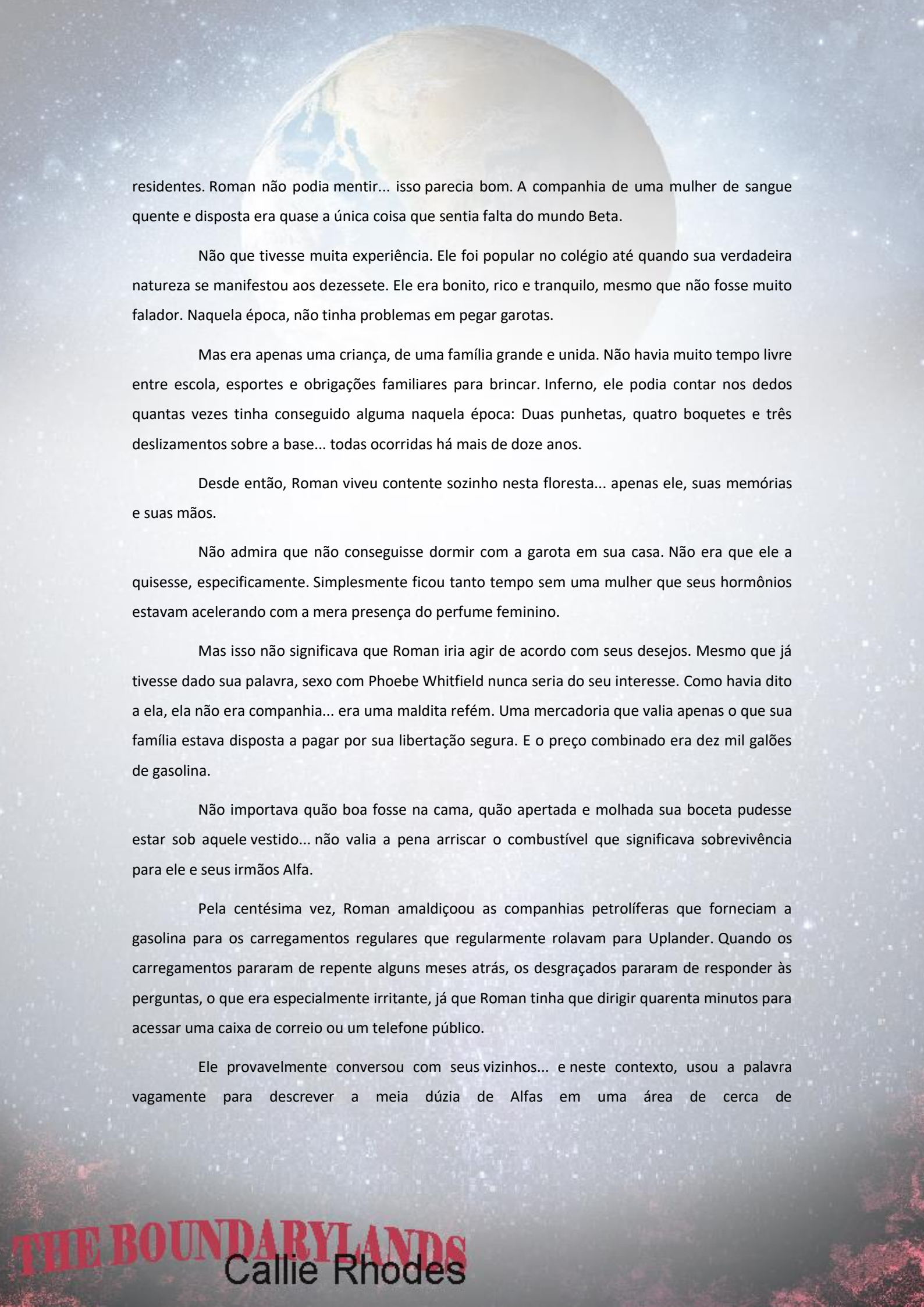
Ele poderia usar uma mulher de vez em quando.

Roman tinha ouvido falar que alguns dos bares em Uplander² e Lowlands³ transportavam mulheres... profissionais do sexo... para cuidar das necessidades físicas de seus

¹Terras médias.

²Terra altas.

³Terras baixas.



residentes. Roman não podia mentir... isso parecia bom. A companhia de uma mulher de sangue quente e disposta era quase a única coisa que sentia falta do mundo Beta.

Não que tivesse muita experiência. Ele foi popular no colégio até quando sua verdadeira natureza se manifestou aos dezessete. Ele era bonito, rico e tranquilo, mesmo que não fosse muito falador. Naquela época, não tinha problemas em pegar garotas.

Mas era apenas uma criança, de uma família grande e unida. Não havia muito tempo livre entre escola, esportes e obrigações familiares para brincar. Inferno, ele podia contar nos dedos quantas vezes tinha conseguido alguma naquela época: Duas punhetas, quatro boquetes e três deslizamentos sobre a base... todas ocorridas há mais de doze anos.

Desde então, Roman viveu contente sozinho nesta floresta... apenas ele, suas memórias e suas mãos.

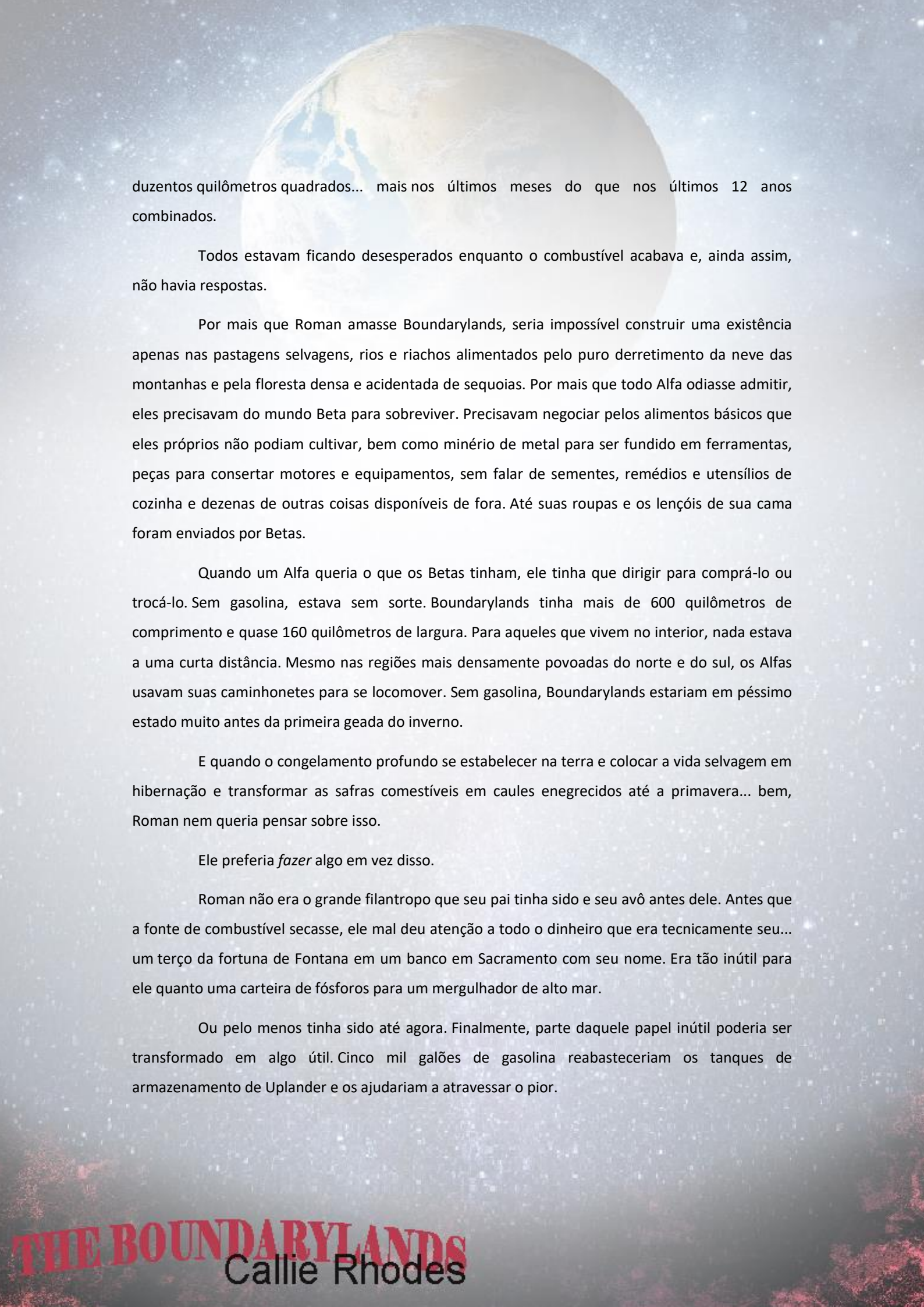
Não admira que não conseguisse dormir com a garota em sua casa. Não era que ele a quisesse, especificamente. Simplesmente ficou tanto tempo sem uma mulher que seus hormônios estavam acelerando com a mera presença do perfume feminino.

Mas isso não significava que Roman iria agir de acordo com seus desejos. Mesmo que já tivesse dado sua palavra, sexo com Phoebe Whitfield nunca seria do seu interesse. Como havia dito a ela, ela não era companhia... era uma maldita refém. Uma mercadoria que valia apenas o que sua família estava disposta a pagar por sua libertação segura. E o preço combinado era dez mil galões de gasolina.

Não importava quão boa fosse na cama, quão apertada e molhada sua boceta pudesse estar sob aquele vestido... não valia a pena arriscar o combustível que significava sobrevivência para ele e seus irmãos Alfa.

Pela centésima vez, Roman amaldiçoou as companhias petrolíferas que forneciam a gasolina para os carregamentos regulares que regularmente rolavam para Uplander. Quando os carregamentos pararam de repente alguns meses atrás, os desgraçados pararam de responder às perguntas, o que era especialmente irritante, já que Roman tinha que dirigir quarenta minutos para acessar uma caixa de correio ou um telefone público.

Ele provavelmente conversou com seus vizinhos... e neste contexto, usou a palavra vagamente para descrever a meia dúzia de Alfas em uma área de cerca de



duzentos quilômetros quadrados... mais nos últimos meses do que nos últimos 12 anos combinados.

Todos estavam ficando desesperados enquanto o combustível acabava e, ainda assim, não havia respostas.

Por mais que Roman amasse Boundarylands, seria impossível construir uma existência apenas nas pastagens selvagens, rios e riachos alimentados pelo puro derretimento da neve das montanhas e pela floresta densa e acidentada de sequoias. Por mais que todo Alfa odiasse admitir, eles precisavam do mundo Beta para sobreviver. Precisavam negociar pelos alimentos básicos que eles próprios não podiam cultivar, bem como minério de metal para ser fundido em ferramentas, peças para consertar motores e equipamentos, sem falar de sementes, remédios e utensílios de cozinha e dezenas de outras coisas disponíveis de fora. Até suas roupas e os lençóis de sua cama foram enviados por Betas.

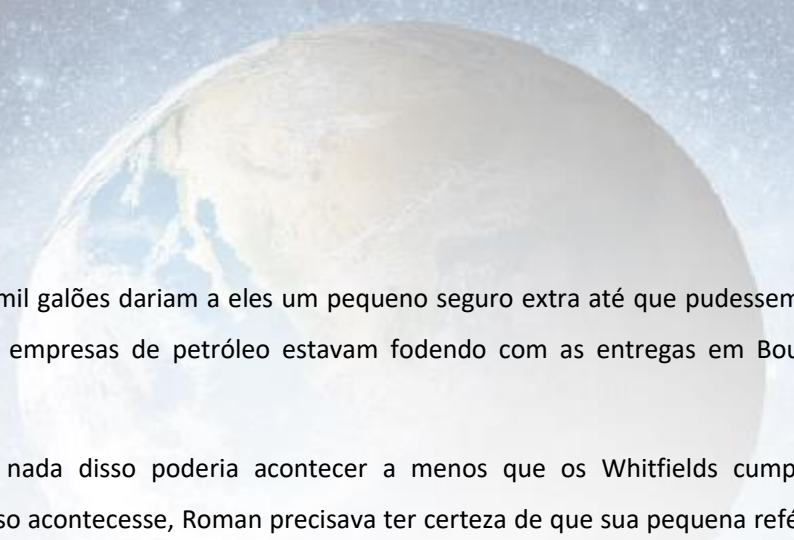
Quando um Alfa queria o que os Betas tinham, ele tinha que dirigir para comprá-lo ou trocá-lo. Sem gasolina, estava sem sorte. Boundarylands tinha mais de 600 quilômetros de comprimento e quase 160 quilômetros de largura. Para aqueles que vivem no interior, nada estava a uma curta distância. Mesmo nas regiões mais densamente povoadas do norte e do sul, os Alfas usavam suas caminhonetes para se locomover. Sem gasolina, Boundarylands estariam em péssimo estado muito antes da primeira geada do inverno.

E quando o congelamento profundo se estabelecer na terra e colocar a vida selvagem em hibernação e transformar as safras comestíveis em caules enegrecidos até a primavera... bem, Roman nem queria pensar sobre isso.

Ele preferia *fazer* algo em vez disso.

Roman não era o grande filantropo que seu pai tinha sido e seu avô antes dele. Antes que a fonte de combustível secasse, ele mal deu atenção a todo o dinheiro que era tecnicamente seu... um terço da fortuna de Fontana em um banco em Sacramento com seu nome. Era tão inútil para ele quanto uma carteira de fósforos para um mergulhador de alto mar.

Ou pelo menos tinha sido até agora. Finalmente, parte daquele papel inútil poderia ser transformado em algo útil. Cinco mil galões de gasolina reabasteceriam os tanques de armazenamento de Uplander e os ajudariam a atravessar o pior.



Dez mil galões dariam a eles um pequeno seguro extra até que pudessem descobrir por que diabos as empresas de petróleo estavam fodendo com as entregas em Boundaryland em primeiro lugar.

Mas nada disso poderia acontecer a menos que os Whitfields cumprissem. E para garantir que isso acontecesse, Roman precisava ter certeza de que sua pequena refém permanecia sã e salva... e tão inocente e pura quanto no momento em que saiu do caminhão roubado.

Se ao menos ela fosse tão feia quanto o irmão. Em vez disso, o destino estava dando boas risadas às custas de Roman, entregando-lhe uma beleza com olhos grandes, pernas longas e um desafio sensual em seu olhar.

Um estrondo baixo e frustrado vibrou no peito de Roman. Talvez... sim, ele provavelmente deveria voltar para a casa e verificar como ela estava. Só para ter certeza de que tudo estava bem. Era a coisa responsável a fazer e, além disso, havia muito trabalho a ser feito perto de casa.

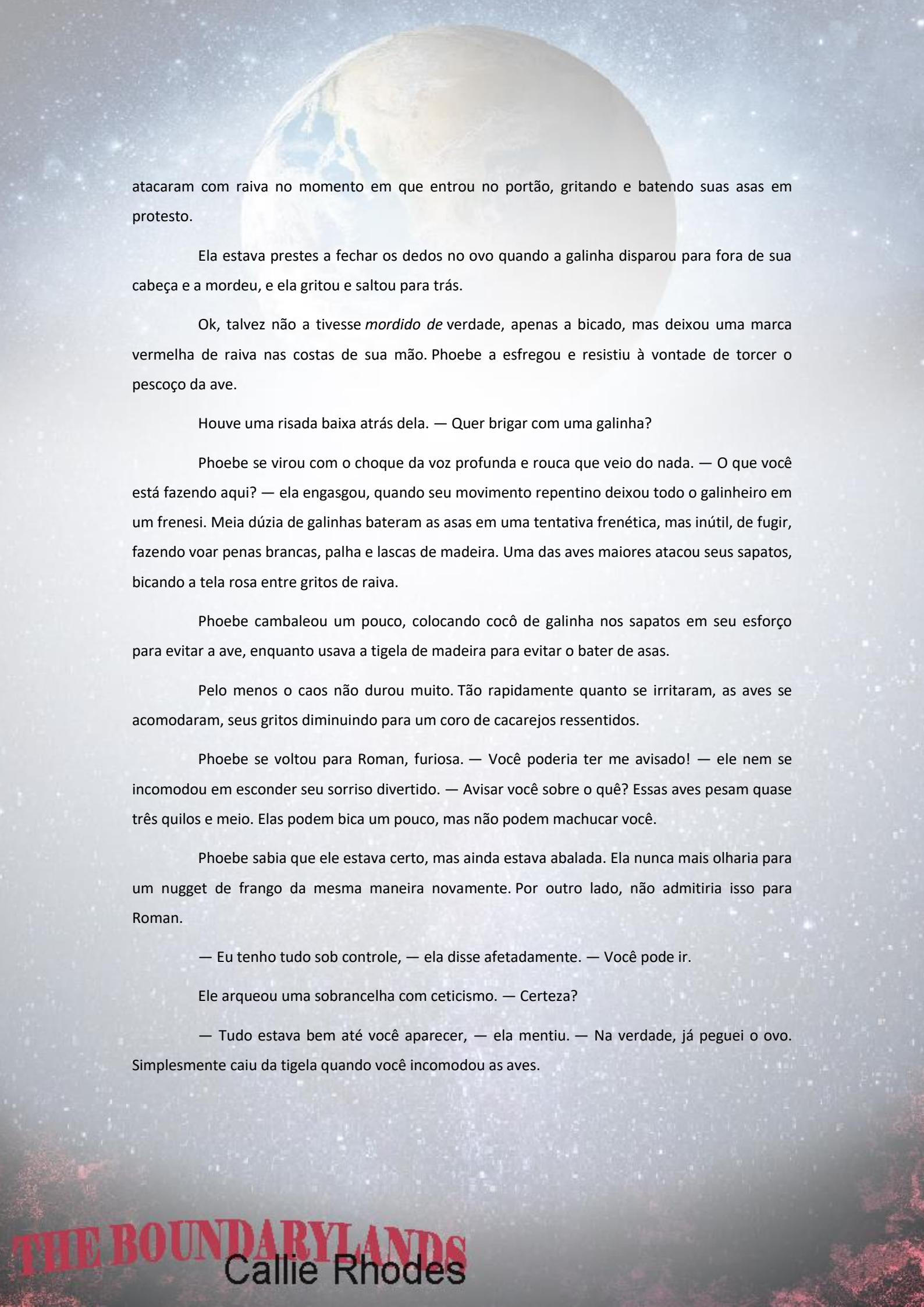
Tendo tomado sua decisão, Roman juntou seu equipamento, colocou sua mochila no ombro e começou a descer a colina, movendo-se rapidamente. Quanto mais cedo voltasse, mais cedo poderia se assegurar de que seu investimento estava protegido... enquanto respirava seu irresistível aroma de madressilva.

Phoebe

Phoebe se fortaleceu, agarrando a grande tigela de madeira que pegara da cozinha com força antes de estender a mão para pegar o ovo aninhado na palha ao lado de uma galinha. Penas pretas e brancas pareciam uma estampa de Escher⁴.

Ela esperava que as galinhas fossem amigáveis... versões maiores do filhote amarelo felpudo que segurou uma vez em uma feira do condado... mas as do galinheiro de Roman a

⁴Escher (1898-1972) artista gráfico holandês.



atacaram com raiva no momento em que entrou no portão, gritando e batendo suas asas em protesto.

Ela estava prestes a fechar os dedos no ovo quando a galinha disparou para fora de sua cabeça e a mordeu, e ela gritou e saltou para trás.

Ok, talvez não a tivesse *mordido* de verdade, apenas a bicado, mas deixou uma marca vermelha de raiva nas costas de sua mão. Phoebe a esfregou e resistiu à vontade de torcer o pescoço da ave.

Houve uma risada baixa atrás dela. — Quer brigar com uma galinha?

Phoebe se virou com o choque da voz profunda e rouca que veio do nada. — O que você está fazendo aqui? — ela engasgou, quando seu movimento repentino deixou todo o galinheiro em um frenesi. Meia dúzia de galinhas bateram as asas em uma tentativa frenética, mas inútil, de fugir, fazendo voar penas brancas, palha e lascas de madeira. Uma das aves maiores atacou seus sapatos, bicando a tela rosa entre gritos de raiva.

Phoebe cambaleou um pouco, colocando cocô de galinha nos sapatos em seu esforço para evitar a ave, enquanto usava a tigela de madeira para evitar o bater de asas.

Pelo menos o caos não durou muito. Tão rapidamente quanto se irritaram, as aves se acomodaram, seus gritos diminuindo para um coro de cacarejos ressentidos.

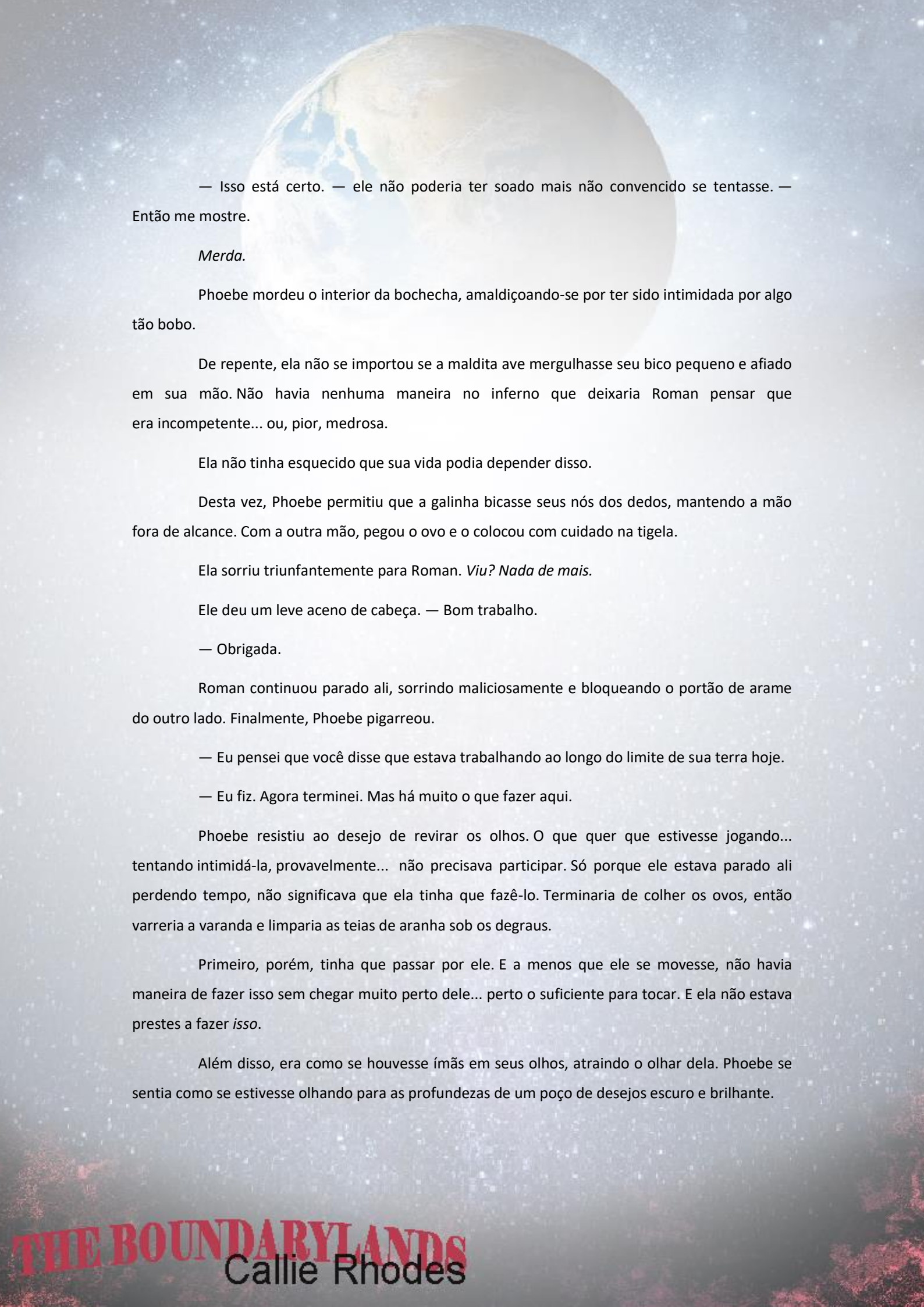
Phoebe se voltou para Roman, furiosa. — Você poderia ter me avisado! — ele nem se incomodou em esconder seu sorriso divertido. — Avisar você sobre o quê? Essas aves pesam quase três quilos e meio. Elas podem bica um pouco, mas não podem machucar você.

Phoebe sabia que ele estava certo, mas ainda estava abalada. Ela nunca mais olharia para um nugget de frango da mesma maneira novamente. Por outro lado, não admitiria isso para Roman.

— Eu tenho tudo sob controle, — ela disse afetadamente. — Você pode ir.

Ele arqueou uma sobrancelha com ceticismo. — Certeza?

— Tudo estava bem até você aparecer, — ela mentiu. — Na verdade, já peguei o ovo. Simplesmente caiu da tigela quando você incomodou as aves.



— Isso está certo. — ele não poderia ter soado mais não convencido se tentasse. — Então me mostre.

Merda.

Phoebe mordeu o interior da bochecha, amaldiçoando-se por ter sido intimidada por algo tão bobo.

De repente, ela não se importou se a maldita ave mergulhasse seu bico pequeno e afiado em sua mão. Não havia nenhuma maneira no inferno que deixaria Roman pensar que era incompetente... ou, pior, medrosa.

Ela não tinha esquecido que sua vida podia depender disso.

Desta vez, Phoebe permitiu que a galinha bicasse seus nós dos dedos, mantendo a mão fora de alcance. Com a outra mão, pegou o ovo e o colocou com cuidado na tigela.

Ela sorriu triunfantemente para Roman. *Viu? Nada de mais.*

Ele deu um leve aceno de cabeça. — Bom trabalho.

— Obrigada.

Roman continuou parado ali, sorrindo maliciosamente e bloqueando o portão de arame do outro lado. Finalmente, Phoebe pigarreou.

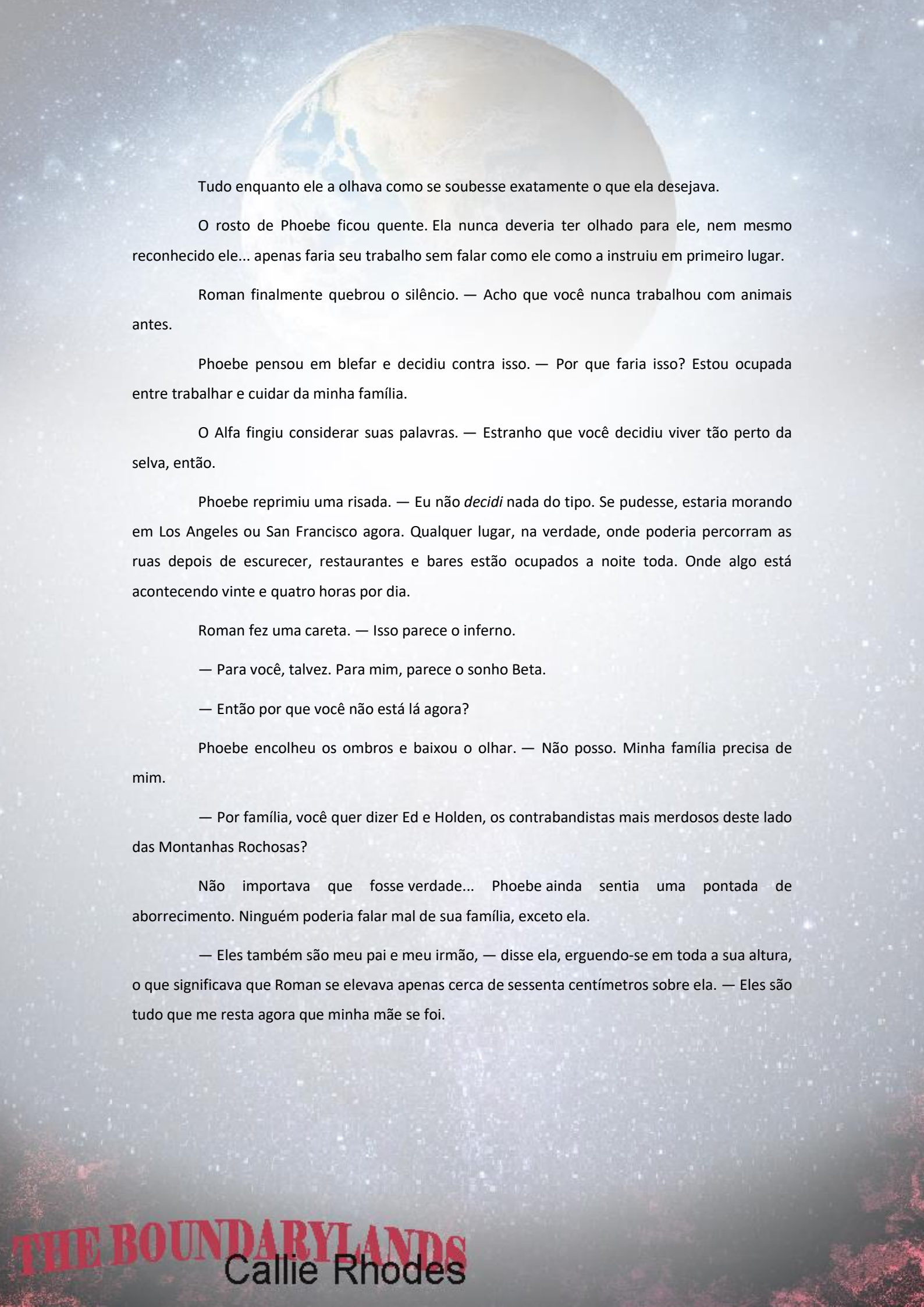
— Eu pensei que você disse que estava trabalhando ao longo do limite de sua terra hoje.

— Eu fiz. Agora terminei. Mas há muito o que fazer aqui.

Phoebe resistiu ao desejo de revirar os olhos. O que quer que estivesse jogando... tentando intimidá-la, provavelmente... não precisava participar. Só porque ele estava parado ali perdendo tempo, não significava que ela tinha que fazê-lo. Terminaria de colher os ovos, então varreria a varanda e limparia as teias de aranha sob os degraus.

Primeiro, porém, tinha que passar por ele. E a menos que ele se movesse, não havia maneira de fazer isso sem chegar muito perto dele... perto o suficiente para tocar. E ela não estava prestes a fazer *isso*.

Além disso, era como se houvesse ímãs em seus olhos, atraindo o olhar dela. Phoebe se sentia como se estivesse olhando para as profundezas de um poço de desejos escuro e brilhante.



Tudo enquanto ele a olhava como se soubesse exatamente o que ela desejava.

O rosto de Phoebe ficou quente. Ela nunca deveria ter olhado para ele, nem mesmo reconhecido ele... apenas faria seu trabalho sem falar como ele como a instruiu em primeiro lugar.

Roman finalmente quebrou o silêncio. — Acho que você nunca trabalhou com animais antes.

Phoebe pensou em blefar e decidiu contra isso. — Por que faria isso? Estou ocupada entre trabalhar e cuidar da minha família.

O Alfa fingiu considerar suas palavras. — Estranho que você decidiu viver tão perto da selva, então.

Phoebe reprimiu uma risada. — Eu não *decidi* nada do tipo. Se pudesse, estaria morando em Los Angeles ou San Francisco agora. Qualquer lugar, na verdade, onde poderia percorram as ruas depois de escurecer, restaurantes e bares estão ocupados a noite toda. Onde algo está acontecendo vinte e quatro horas por dia.

Roman fez uma careta. — Isso parece o inferno.

— Para você, talvez. Para mim, parece o sonho Beta.

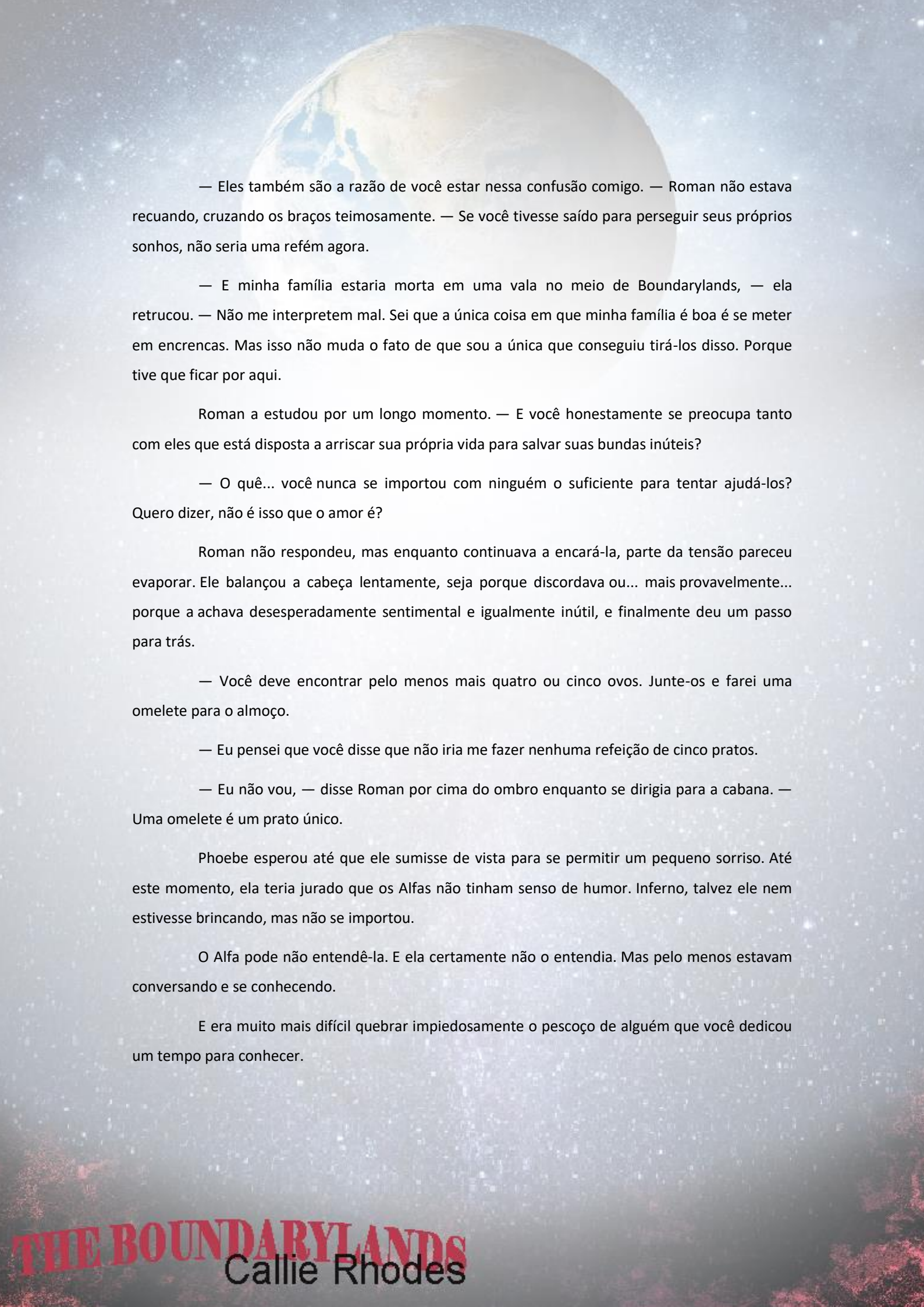
— Então por que você não está lá agora?

Phoebe encolheu os ombros e baixou o olhar. — Não posso. Minha família precisa de mim.

— Por família, você quer dizer Ed e Holden, os contrabandistas mais merdosos deste lado das Montanhas Rochosas?

Não importava que fosse verdade... Phoebe ainda sentia uma pontada de aborrecimento. Ninguém poderia falar mal de sua família, exceto ela.

— Eles também são meu pai e meu irmão, — disse ela, erguendo-se em toda a sua altura, o que significava que Roman se elevava apenas cerca de sessenta centímetros sobre ela. — Eles são tudo que me resta agora que minha mãe se foi.



— Eles também são a razão de você estar nessa confusão comigo. — Roman não estava recuando, cruzando os braços teimosamente. — Se você tivesse saído para perseguir seus próprios sonhos, não seria uma refém agora.

— E minha família estaria morta em uma vala no meio de Boundarylands, — ela retrucou. — Não me interpretem mal. Sei que a única coisa em que minha família é boa é se meter em encrencas. Mas isso não muda o fato de que sou a única que conseguiu tirá-los disso. Porque tive que ficar por aqui.

Roman a estudou por um longo momento. — E você honestamente se preocupa tanto com eles que está disposta a arriscar sua própria vida para salvar suas bundas inúteis?

— O quê... você nunca se importou com ninguém o suficiente para tentar ajudá-los? Quero dizer, não é isso que o amor é?

Roman não respondeu, mas enquanto continuava a encará-la, parte da tensão pareceu evaporar. Ele balançou a cabeça lentamente, seja porque discordava ou... mais provavelmente... porque a achava desesperadamente sentimental e igualmente inútil, e finalmente deu um passo para trás.

— Você deve encontrar pelo menos mais quatro ou cinco ovos. Junte-os e farei uma omelete para o almoço.

— Eu pensei que você disse que não iria me fazer nenhuma refeição de cinco pratos.

— Eu não vou, — disse Roman por cima do ombro enquanto se dirigia para a cabana. — Uma omelete é um prato único.

Phoebe esperou até que ele sumisse de vista para se permitir um pequeno sorriso. Até este momento, ela teria jurado que os Alfas não tinham senso de humor. Inferno, talvez ele nem estivesse brincando, mas não se importou.

O Alfa pode não entendê-la. E ela certamente não o entendia. Mas pelo menos estavam conversando e se conhecendo.

E era muito mais difícil quebrar impiedosamente o pescoço de alguém que você dedicou um tempo para conhecer.



CAPÍTULO SETE

Phoebe

Os problemas passaram, um após o outro, e Phoebe estabeleceu uma rotina. Ela nunca conseguia relaxar de verdade porque não tinha ideia de quando seu pai e irmão voltariam para resgatá-la. Às vezes... quando uma tempestade de verão deixava tudo encharcado e fumegante, ou quando Roman era especialmente rude com ela, ou quando não conseguia dormir... ela se permitia se perguntar se eles voltariam.

Ainda assim, na maioria das vezes, conseguia acreditar que eles encontrariam um jeito. Phoebe não tinha ideia de como seria difícil colocar as mãos em dez mil galões de gasolina roubada, ou como alguém tentaria. O que sabia era que esta seria a luta mais desafiadora de sua família. Eles estavam falidos e não tinham nada além do nome para negociar.

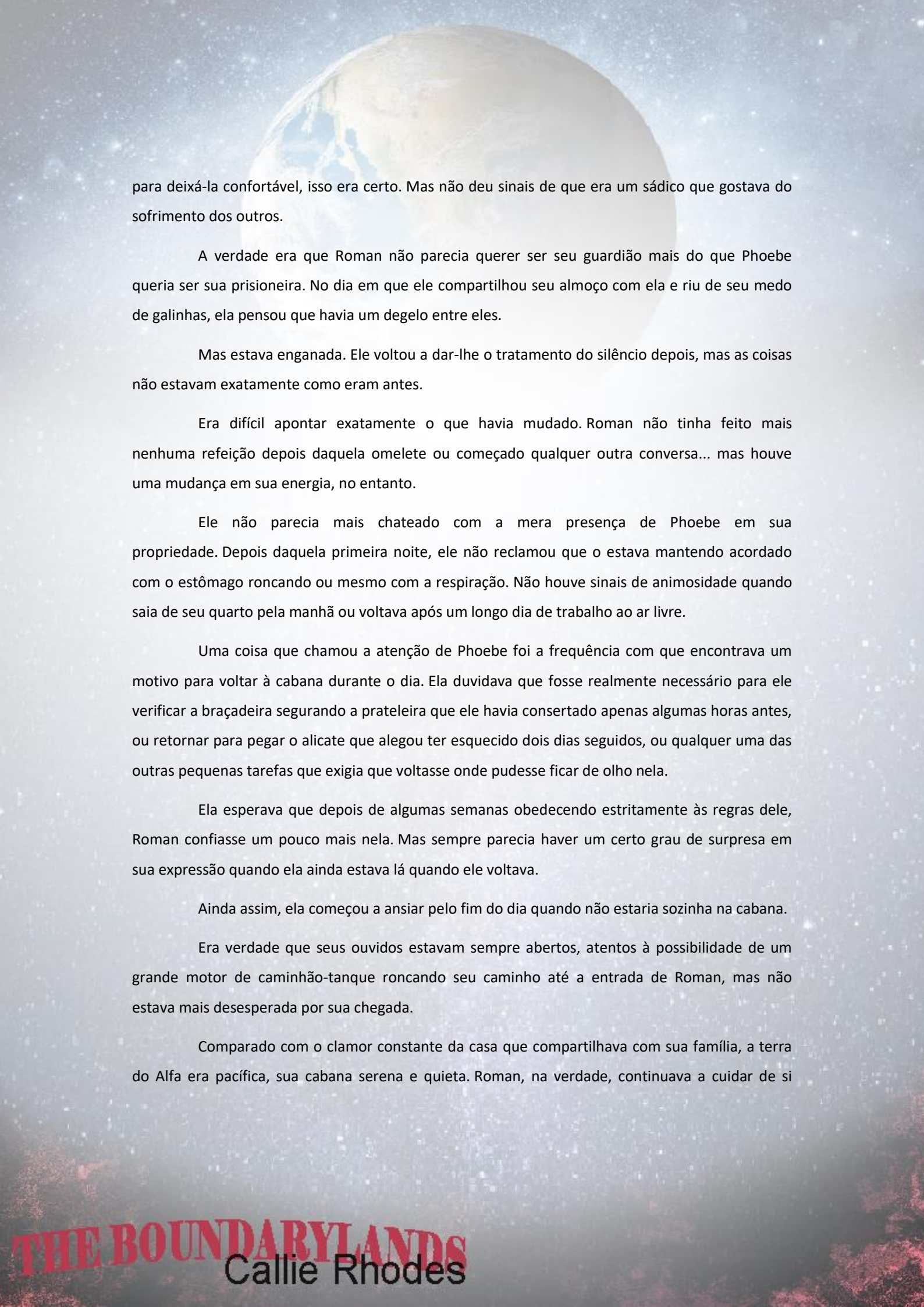
E o nome Whitfield não valia muito, não depois de toda a merda que Holden e seu pai fizeram ao longo dos anos. Era possível que a tarefa que Roman havia dado a eles se mostrasse impossível.

Mas por alguma razão, esse medo não a encheu de pavor, pelo menos não do jeito que tinha no início. Obviamente, quando a primeira impressão que se tem de uma pessoa é a de que ela está tentando exterminar sua família imediata, o terror e a angústia são uma reação natural. Mas com o passar do tempo... quatro longos dias e noites até agora... a opinião de Phoebe sobre Roman começou a mudar.

E concluiu que ele não era realmente tão ruim.

No início, temeu estar apenas sendo vítima de um caso distorcido de síndrome de Estocolmo. Afinal, seu instinto de sobrevivência sempre foi forte. Não tinha nenhuma razão para acreditar que isso não mudaria seus sentidos para acomodar sua nova realidade.

Mas quanto mais pensava sobre isso, mais descartava a ideia. Mesmo olhando para Roman objetivamente, não conseguiu encontrar nenhuma evidência de crueldade ou indelicadeza. Sim, ele poderia ser distante... até mesmo frio às vezes. Ele não saía de seu caminho



para deixá-la confortável, isso era certo. Mas não deu sinais de que era um sádico que gostava do sofrimento dos outros.

A verdade era que Roman não parecia querer ser seu guardião mais do que Phoebe queria ser sua prisioneira. No dia em que ele compartilhou seu almoço com ela e riu de seu medo de galinhas, ela pensou que havia um degelo entre eles.

Mas estava enganada. Ele voltou a dar-lhe o tratamento do silêncio depois, mas as coisas não estavam exatamente como eram antes.

Era difícil apontar exatamente o que havia mudado. Roman não tinha feito mais nenhuma refeição depois daquela omelete ou começado qualquer outra conversa... mas houve uma mudança em sua energia, no entanto.

Ele não parecia mais chateado com a mera presença de Phoebe em sua propriedade. Depois daquela primeira noite, ele não reclamou que o estava mantendo acordado com o estômago roncando ou mesmo com a respiração. Não houve sinais de animosidade quando saía de seu quarto pela manhã ou voltava após um longo dia de trabalho ao ar livre.

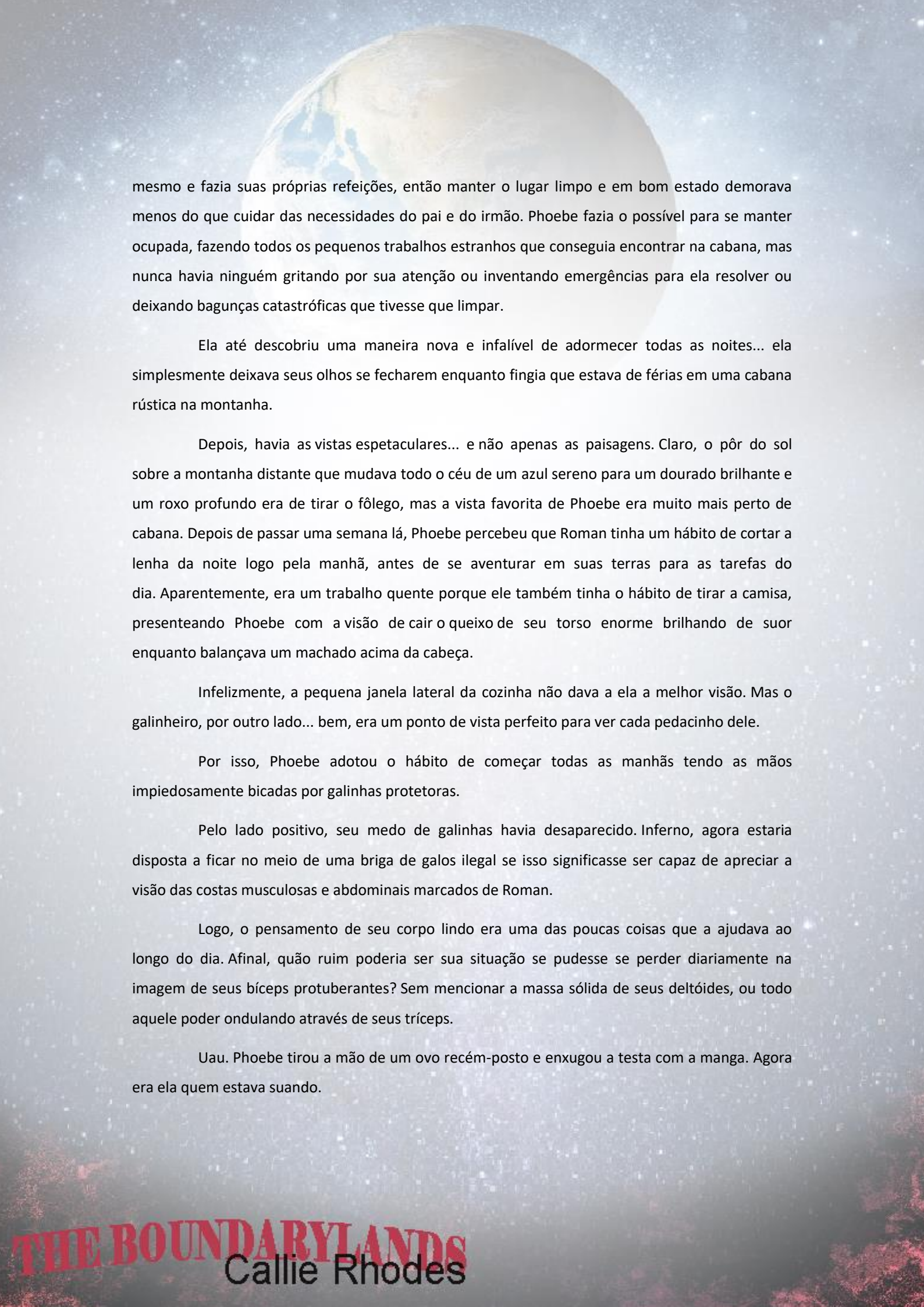
Uma coisa que chamou a atenção de Phoebe foi a frequência com que encontrava um motivo para voltar à cabana durante o dia. Ela duvidava que fosse realmente necessário para ele verificar a braçadeira segurando a prateleira que ele havia consertado apenas algumas horas antes, ou retornar para pegar o alicate que alegou ter esquecido dois dias seguidos, ou qualquer uma das outras pequenas tarefas que exigia que voltasse onde pudesse ficar de olho nela.

Ela esperava que depois de algumas semanas obedecendo estritamente às regras dele, Roman confiasse um pouco mais nela. Mas sempre parecia haver um certo grau de surpresa em sua expressão quando ela ainda estava lá quando ele voltava.

Ainda assim, ela começou a ansiar pelo fim do dia quando não estaria sozinha na cabana.

Era verdade que seus ouvidos estavam sempre abertos, atentos à possibilidade de um grande motor de caminhão-tanque roncando seu caminho até a entrada de Roman, mas não estava mais desesperada por sua chegada.

Comparado com o clamor constante da casa que compartilhava com sua família, a terra do Alfa era pacífica, sua cabana serena e quieta. Roman, na verdade, continuava a cuidar de si



mesmo e fazia suas próprias refeições, então manter o lugar limpo e em bom estado demorava menos do que cuidar das necessidades do pai e do irmão. Phoebe fazia o possível para se manter ocupada, fazendo todos os pequenos trabalhos estranhos que conseguia encontrar na cabana, mas nunca havia ninguém gritando por sua atenção ou inventando emergências para ela resolver ou deixando bagunças catastróficas que tivesse que limpar.

Ela até descobriu uma maneira nova e infalível de adormecer todas as noites... ela simplesmente deixava seus olhos se fecharem enquanto fingia que estava de férias em uma cabana rústica na montanha.

Depois, havia as vistas espetaculares... e não apenas as paisagens. Claro, o pôr do sol sobre a montanha distante que mudava todo o céu de um azul sereno para um dourado brilhante e um roxo profundo era de tirar o fôlego, mas a vista favorita de Phoebe era muito mais perto de cabana. Depois de passar uma semana lá, Phoebe percebeu que Roman tinha um hábito de cortar a lenha da noite logo pela manhã, antes de se aventurar em suas terras para as tarefas do dia. Aparentemente, era um trabalho quente porque ele também tinha o hábito de tirar a camisa, apresentando Phoebe com a visão de cair o queixo de seu torso enorme brilhando de suor enquanto balançava um machado acima da cabeça.

Infelizmente, a pequena janela lateral da cozinha não dava a ela a melhor visão. Mas o galinheiro, por outro lado... bem, era um ponto de vista perfeito para ver cada pedacinho dele.

Por isso, Phoebe adotou o hábito de começar todas as manhãs tendo as mãos impiedosamente bicadas por galinhas protetoras.

Pelo lado positivo, seu medo de galinhas havia desaparecido. Inferno, agora estaria disposta a ficar no meio de uma briga de galos ilegal se isso significasse ser capaz de apreciar a visão das costas musculosas e abdominais marcados de Roman.

Logo, o pensamento de seu corpo lindo era uma das poucas coisas que a ajudava ao longo do dia. Afinal, quão ruim poderia ser sua situação se pudesse se perder diariamente na imagem de seus bíceps protuberantes? Sem mencionar a massa sólida de seus deltóides, ou todo aquele poder ondulando através de seus tríceps.

Uau. Phoebe tirou a mão de um ovo recém-posto e enxugou a testa com a manga. Agora era ela quem estava suando.

Sua boca ficou seca novamente, então lambeu os lábios antes de pegar o ovo. A pior parte era que não sentia nem um pinga de vergonha por sua atração. Afinal, quem estava por perto para culpá-la? E não era como se *quisesse* olhar. Ela simplesmente não conseguia evitar. Roman era um espécime muito masculino. Tão grande... tão forte... tão sexy.

Phoebe sabia que não era sensato cobiçar o Alfa que a mantinha cativa. Mas uma vez que havia absolutamente nenhuma chance dela agir sobre isso, apreciar a vista parecia bastante inofensivo.

Seria uma história totalmente diferente se *tentasse* cumprir suas fantasias.

Roman era uns bons trinta centímetros mais alto do que a maioria dos homens que conhecia e duas vezes mais largo. Ela não queria nem pensar em quão maior seria seu pênis.

Ok... talvez *quisesse* pensar sobre isso, pelo menos um pouco. Embora dada a facilidade com que o homem poderia estilhaçar um tronco de árvore tão grande quanto os pneus de uma grande plataforma, Phoebe tinha certeza de que um único golpe de seus quadris a partiria em duas.

Mas que jeito de morrer... — Ai!

Phoebe não imaginou a morte mais feliz do mundo quando a galinha bicou sua mão novamente. Mais forte dessa vez.

Merda... Roman virou a cabeça para ver o que estava errado. Phoebe corou furiosamente, sabendo quão perto esteve de ser pega olhando.

— Só uma picadinha! — ela disse sem pensar. — Estou bem!

Roman lançou-lhe uma carranca desconfiada antes de retornar à sua tarefa. — Você vai manter meu segredo, não é, Sra. Featherbottom? — Phoebe sussurrou para a galinha que desceu voando e agora estava ocupada bicando seus pés.

O som rítmico do machado parou instantaneamente. — Você está nomeando as galinhas agora?

Merda. Merda. Merda.

Como Roman ouviu isso? Ela mal tinha respirado as palavras, mas de alguma forma, como mágica, ele ouviu cada uma.

— Hum... sim, — disse Phoebe, tentando soar casual e falhando. Quando ele começou a andar até a cerca de arame, seu pânico mortificado fez seu coração disparar.

— Então, como você está chamando elas?

Phoebe engoliu em seco, procurando por pistas no olhar inescrutável de Roman e, como sempre, não encontrando nenhuma. — Há Eggy Pop e Clucky Brewster e Gregory Peck e...

— E que segredos elas estão guardando para você?

Phoebe suspirou, fechando os olhos com força. Maldição... ela esperava que ele não tivesse ouvido essa parte.

— Por favor, não me pergunte isso, — ela murmurou.

Roman não respondeu imediatamente, mas houve uma mudança em sua energia, aguçando seu olhar. Se Phoebe acreditasse em auras, ela diria que as dele se tornaram mais brilhantes e intensas. De alguma forma, sabia antes que ele abrisse a boca que não haveria nenhuma maneira de contornar isso.

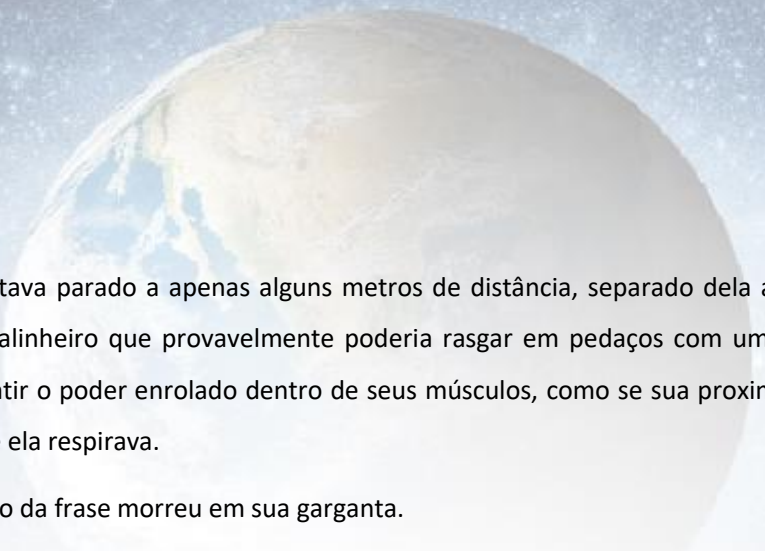
— Por quê?

— Porque... olhe, a resposta é realmente embaraçosa, e prometi como parte do nosso acordo que não mentiria.

Phoebe esperava que o Alfa tivesse tão pouco entusiasmo em ouvir seus segredos quanto ela em compartilhá-los, mas ele balançou a cabeça severamente, carrancudo.

— Mentiras por omissão ainda são mentiras, Phoebe. Agora preciso saber a verdade. O que você está escondendo de mim?

— Eu não estou escondendo nada, — ela insistiu, sua voz quebrando com o esforço de manter suas emoções em ordem. Seria uma coisa se estivesse apenas com medo e enojada de si mesma. Infelizmente, quanto mais irritado Roman ficava, mais Phoebe também ficava... de maneiras que não estava ansiosa para compartilhar. — É que eu, hum...



Ele estava parado a apenas alguns metros de distância, separado dela apenas por uma frágil rede de galinheiro que provavelmente poderia rasgar em pedaços com uma das mãos. Ela quase podia sentir o poder enrolado dentro de seus músculos, como se sua proximidade mudasse o próprio ar que ela respirava.

O resto da frase morreu em sua garganta.

— Última chance, Phoebe, — Roman avisou, em uma voz tão baixa e ameaçadora que não deixou dúvidas em sua mente que ele mesmo arrancaria a verdade dela se não a contasse.

Por um momento, ela foi tomada por uma visão dele envolvendo as mãos em volta dos ombros dela e prendendo-a contra o tronco da sequoia ao lado do galinheiro, a boca a centímetros da dela enquanto lhe contava em detalhes o que acontecia com prisioneiras não cooperativas em sua misericórdia.

Então essa imagem mudou para as pernas dela em volta dele e sua cabeça jogada para trás enquanto mergulhava dentro dela.

— *Não!* — Phoebe se deu um tapa mental no rosto. Este não era um RPG de fantasia sexy... era um maldito Alfa da vida real do outro lado da cerca, o mesmo que ameaçou matar sua família. Que se recusou a dizer que não iria matá-la, apenas que o faria, a menos que... *precisasse*.

— Quer dizer, sim, — ela se corrigiu. — Mas você não vai gostar e deixará tudo estranho entre nós. Meu segredo é que venho aqui todas as manhãs porque gosto de ver você cortar lenha, especialmente quando você tira a camisa. Intenção absolutamente zero de atuar nesta atração. Isso apenas torna o meu dia um pouco mais agradável.

Pronto... estava fora, para melhor ou pior. Phoebe se sentiu um pouco melhor por ter dito isso. Ela se levantou e encontrou desafio suficiente para olhá-lo diretamente nos olhos.

— Essa é a verdade. Feliz agora?



CAPÍTULO OITO

Roman

Não, Roman *não estava* feliz... e não ajudava que fosse pelo menos parcialmente culpado por sua própria miséria.

Roman não era burro, longe disso. Sua mãe sempre disse que ele podia ler as pessoas melhor do que qualquer outra pessoa na família, e isso antes mesmo de adquirir os sentidos Alfa intensamente agudos que podiam detectar coisas que nenhum Beta poderia esperar.

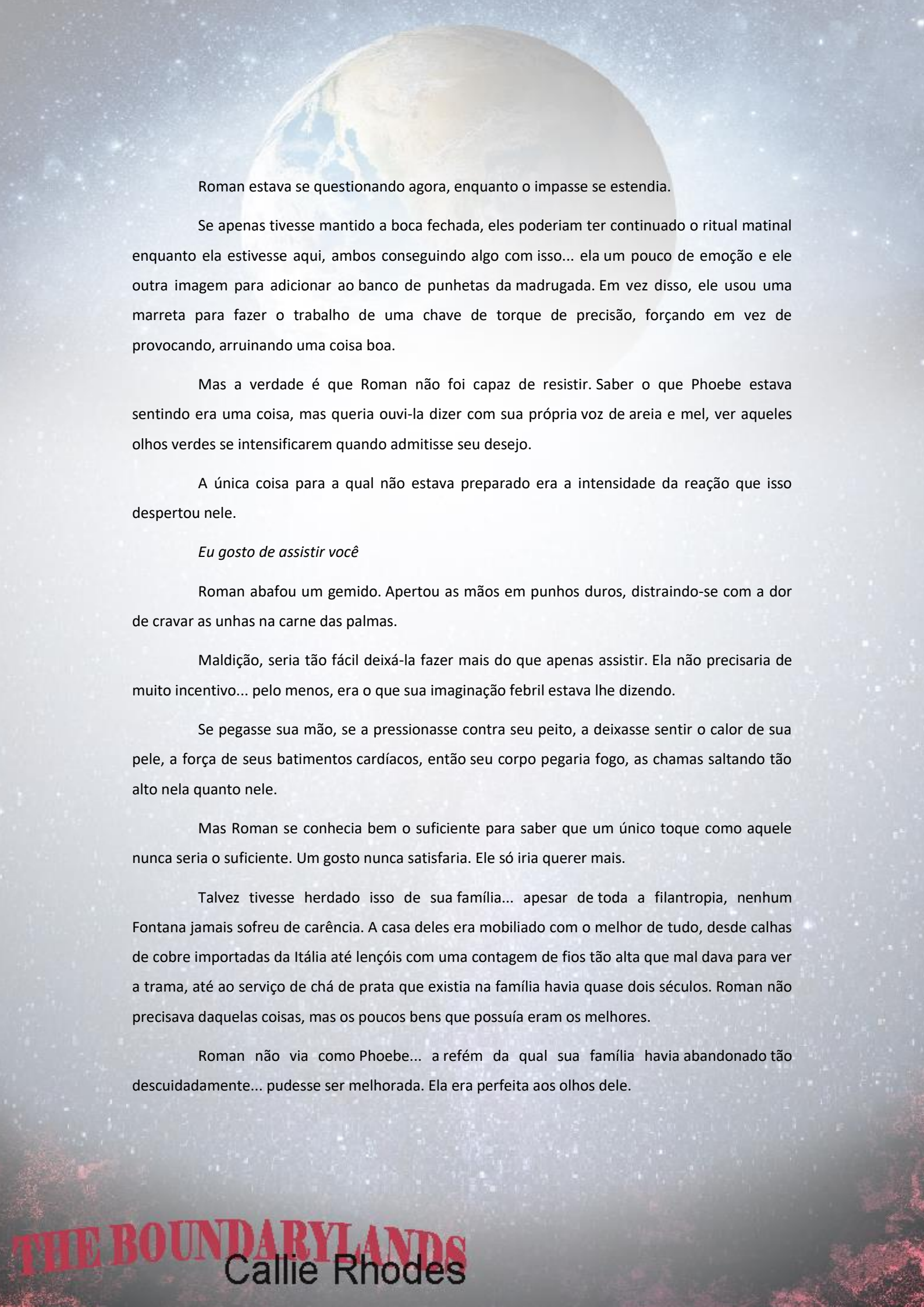
Desde a primeira centelha de curiosidade na avaliação de Phoebe sobre ele, soube que havia uma agitação mais profunda por baixo, uma atração erótica se formando antes mesmo de tomar forma em desejo ou fantasia. Ele a sentiu se esforçando para observá-lo da janela da cozinha, seu interesse floresceu em uma luxúria que se multiplicava rapidamente, dourando seu perfume com um desejo verdejante e brilhante. E ele com certeza não ficou surpreso quando ela começou a cronometrar suas visitas ao galinheiro para coincidir com seu corte de lenha.

Ele sabia que Phoebe queria um lugar na primeira fila do show o tempo todo. Se Roman estava sendo honesto consigo mesmo, ele deliberadamente alimentou aquelas chamadas... tirando sua camisa quando o ar ainda estava frio, flexionando um pouco mais forte do que precisava, posicionando-se para que ela pudesse observá-lo do canto do galinheiro.

Eu gosto de assistir você

É por isso que fez isso... para a satisfação de saber o efeito que tinha sobre ela. O que Roman não esperava era o efeito que ela tinha sobre ele.

Uma coisa era fazer um pequeno show inofensivo, especialmente porque ela fazia exatamente o que disse e manteve sua atração bem contida. Além de dar uma olhada furtiva de vez em quando, não tinha feito nada para violar os termos do acordo, nunca se esquecendo de que era uma refém, não uma convidada e certamente não uma amante. Se ele não a tivesse forçado a admitir seu segredo, ela nunca o teria reconhecido, nem para ele nem para qualquer outra pessoa.



Roman estava se questionando agora, enquanto o impasse se estendia.

Se apenas tivesse mantido a boca fechada, eles poderiam ter continuado o ritual matinal enquanto ela estivesse aqui, ambos conseguindo algo com isso... ela um pouco de emoção e ele outra imagem para adicionar ao banco de punhetas da madrugada. Em vez disso, ele usou uma marreta para fazer o trabalho de uma chave de torque de precisão, forçando em vez de provocando, arruinando uma coisa boa.

Mas a verdade é que Roman não foi capaz de resistir. Saber o que Phoebe estava sentindo era uma coisa, mas queria ouvi-la dizer com sua própria voz de areia e mel, ver aqueles olhos verdes se intensificarem quando admitisse seu desejo.

A única coisa para a qual não estava preparado era a intensidade da reação que isso despertou nele.

Eu gosto de assistir você

Roman abafou um gemido. Apertou as mãos em punhos duros, distraíndo-se com a dor de cravar as unhas na carne das palmas.

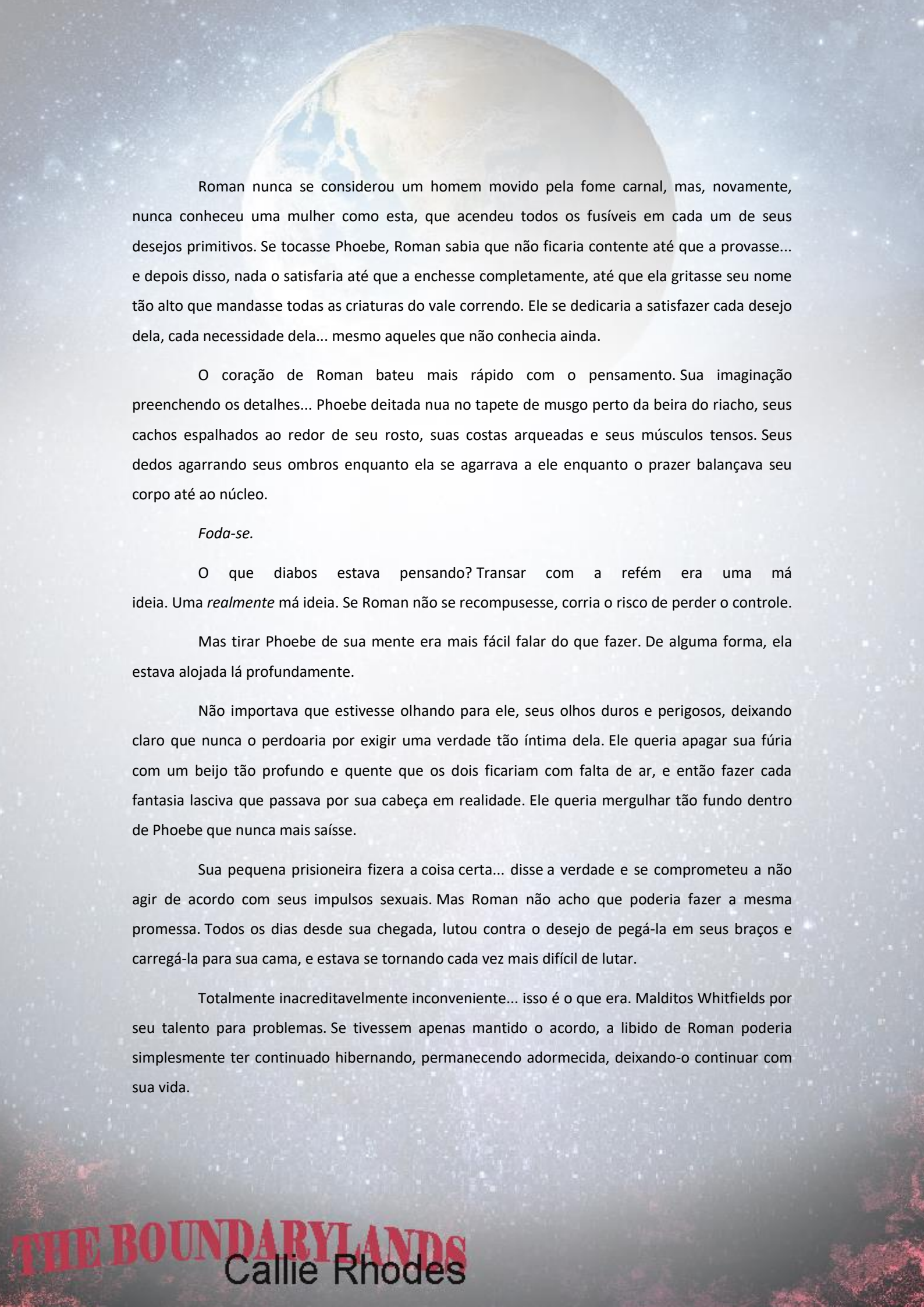
Maldição, seria tão fácil deixá-la fazer mais do que apenas assistir. Ela não precisaria de muito incentivo... pelo menos, era o que sua imaginação febril estava lhe dizendo.

Se pegasse sua mão, se a pressionasse contra seu peito, a deixasse sentir o calor de sua pele, a força de seus batimentos cardíacos, então seu corpo pegaria fogo, as chamas saltando tão alto nela quanto nele.

Mas Roman se conhecia bem o suficiente para saber que um único toque como aquele nunca seria o suficiente. Um gosto nunca satisfaria. Ele só iria querer mais.

Talvez tivesse herdado isso de sua família... apesar de toda a filantropia, nenhum Fontana jamais sofreu de carência. A casa deles era mobiliado com o melhor de tudo, desde calhas de cobre importadas da Itália até lençóis com uma contagem de fios tão alta que mal dava para ver a trama, até ao serviço de chá de prata que existia na família havia quase dois séculos. Roman não precisava daquelas coisas, mas os poucos bens que possuía eram os melhores.

Roman não via como Phoebe... a refém da qual sua família havia abandonado tão descuidadamente... pudesse ser melhorada. Ela era perfeita aos olhos dele.



Roman nunca se considerou um homem movido pela fome carnal, mas, novamente, nunca conheceu uma mulher como esta, que acendeu todos os fusíveis em cada um de seus desejos primitivos. Se tocasse Phoebe, Roman sabia que não ficaria contente até que a provasse... e depois disso, nada o satisfaria até que a enchesse completamente, até que ela gritasse seu nome tão alto que mandasse todas as criaturas do vale correndo. Ele se dedicaria a satisfazer cada desejo dela, cada necessidade dela... mesmo aqueles que não conhecia ainda.

O coração de Roman bateu mais rápido com o pensamento. Sua imaginação preenchendo os detalhes... Phoebe deitada nua no tapete de musgo perto da beira do riacho, seus cachos espalhados ao redor de seu rosto, suas costas arqueadas e seus músculos tensos. Seus dedos agarrando seus ombros enquanto ela se agarrava a ele enquanto o prazer balançava seu corpo até ao núcleo.

Foda-se.

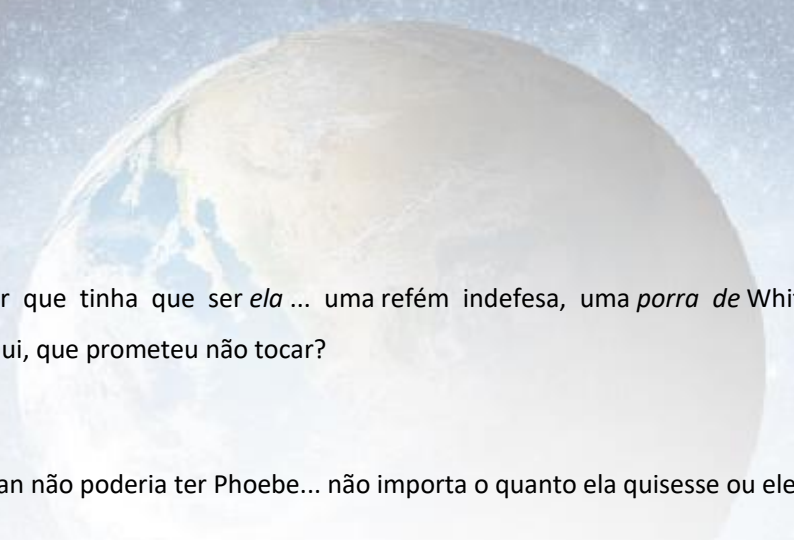
O que diabos estava pensando? Transar com a refém era uma má ideia. Uma *realmente* má ideia. Se Roman não se recompusesse, corria o risco de perder o controle.

Mas tirar Phoebe de sua mente era mais fácil falar do que fazer. De alguma forma, ela estava alojada lá profundamente.

Não importava que estivesse olhando para ele, seus olhos duros e perigosos, deixando claro que nunca o perdoaria por exigir uma verdade tão íntima dela. Ele queria apagar sua fúria com um beijo tão profundo e quente que os dois ficariam com falta de ar, e então fazer cada fantasia lasciva que passava por sua cabeça em realidade. Ele queria mergulhar tão fundo dentro de Phoebe que nunca mais saísse.

Sua pequena prisioneira fizera a coisa certa... disse a verdade e se comprometeu a não agir de acordo com seus impulsos sexuais. Mas Roman não acho que poderia fazer a mesma promessa. Todos os dias desde sua chegada, lutou contra o desejo de pegá-la em seus braços e carregá-la para sua cama, e estava se tornando cada vez mais difícil de lutar.

Totalmente incredivelmente inconveniente... isso é o que era. Malditos Whitfields por seu talento para problemas. Se tivessem apenas mantido o acordo, a libido de Roman poderia simplesmente ter continuado hibernando, permanecendo adormecida, deixando-o continuar com sua vida.



E por que tinha que ser *ela* ... uma refém indefesa, uma *porra de* Whitfield que não queria estar aqui, que prometeu não tocar?

Não.

Roman não poderia ter Phoebe... não importa o quanto ela quisesse ou ele desejasse.

Ainda assim, isso não significava que ambos precisavam sofrer. E ele estava no comando aqui, afinal.

Roman manteve seu olhar fixo no dela enquanto se afastava em direção à pilha de lenha.

— Se você gosta de assistir, — disse ele o mais casualmente que pôde, — Então observe.

Em seguida, arrancou o machado do toco com um golpe poderoso e voltou ao trabalho.

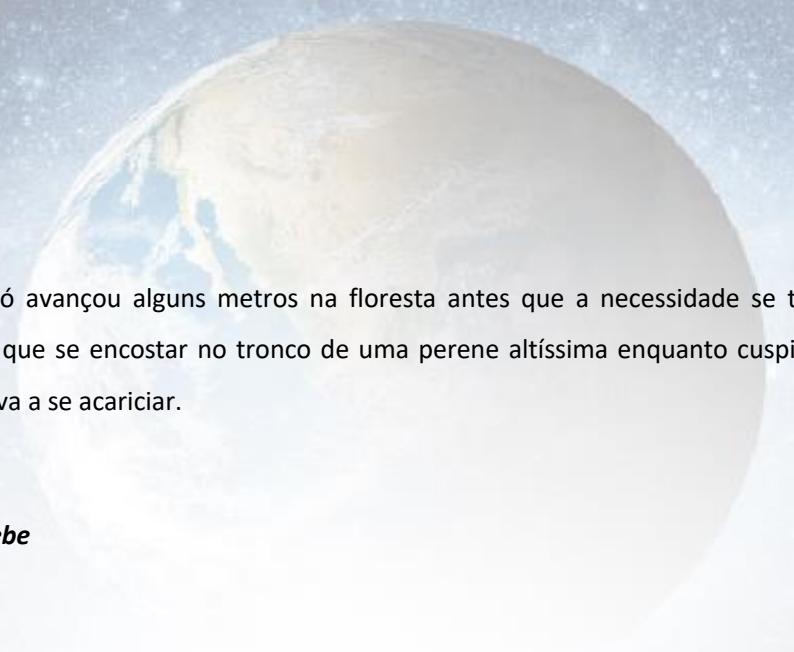
Lascas voaram e os golpes de machado ecoaram pela terra enquanto firmava um tronco após o outro no toco e os dividia em pedaços uniformes do tamanho do fogão. Ele tinha feito isso milhares de vezes antes, tão frequentemente que normalmente não pensava e simplesmente deixava sua mente vagar.

Hoje foi diferente. A princípio, pôde sentir sua hesitação e depois seu fascínio, entusiasmo e desejo crescentes enquanto ela o observava com mais audácia. Seu olhar parecia cera quente acumulando em suas costas, seus braços, seu peito... queimando e provocando. Ele a sentiu se aproximar, ouviu seus dedos se fecharem ao redor da barreira de arame entre eles, sua respiração ficando mais irregular.

E algo mais... a nota inconfundível de sua excitação misturada com seu perfume, picante e maduro em meio a sua madressilva, e o conhecimento de que a umidade estava começando a fluir para fora dela, deixando sua boceta inchada pronta para ele.

Era mais do que um Alfa que não conhecia o toque de uma mulher em uma dúzia de anos poderia suportar. Mais um minuto cercado pelo cheiro irresistível de seu desejo, e não seria capaz de se conter. Ele iria invadir lá, agarrá-la e...

Roman tinha que ir *agora*. Ele enterrou a ponta do machado no bloco de corte e girou nos calcanhares, deixando uma Phoebe de queixo caído para trás. Mas não foi longe.



Ele só avançou alguns metros na floresta antes que a necessidade se tornasse muito forte. Ele teve que se encostar no tronco de uma perene altíssima enquanto cuspia na palma da mão e começava a se acariciar.

Phoebe

O que diabos aconteceu?

Phoebe olhou para a fenda na floresta onde Roman tinha desaparecido. As filiais haviam fechado atrás dele, engolindo-o.

Apenas alguns segundos atrás, ele estava flexionando e ondulando seus músculos e exibindo cada centímetro de sua perfeição muscular, assim como havia prometido... ou ameaçado. Honestamente, Phoebe não tinha certeza de qual.

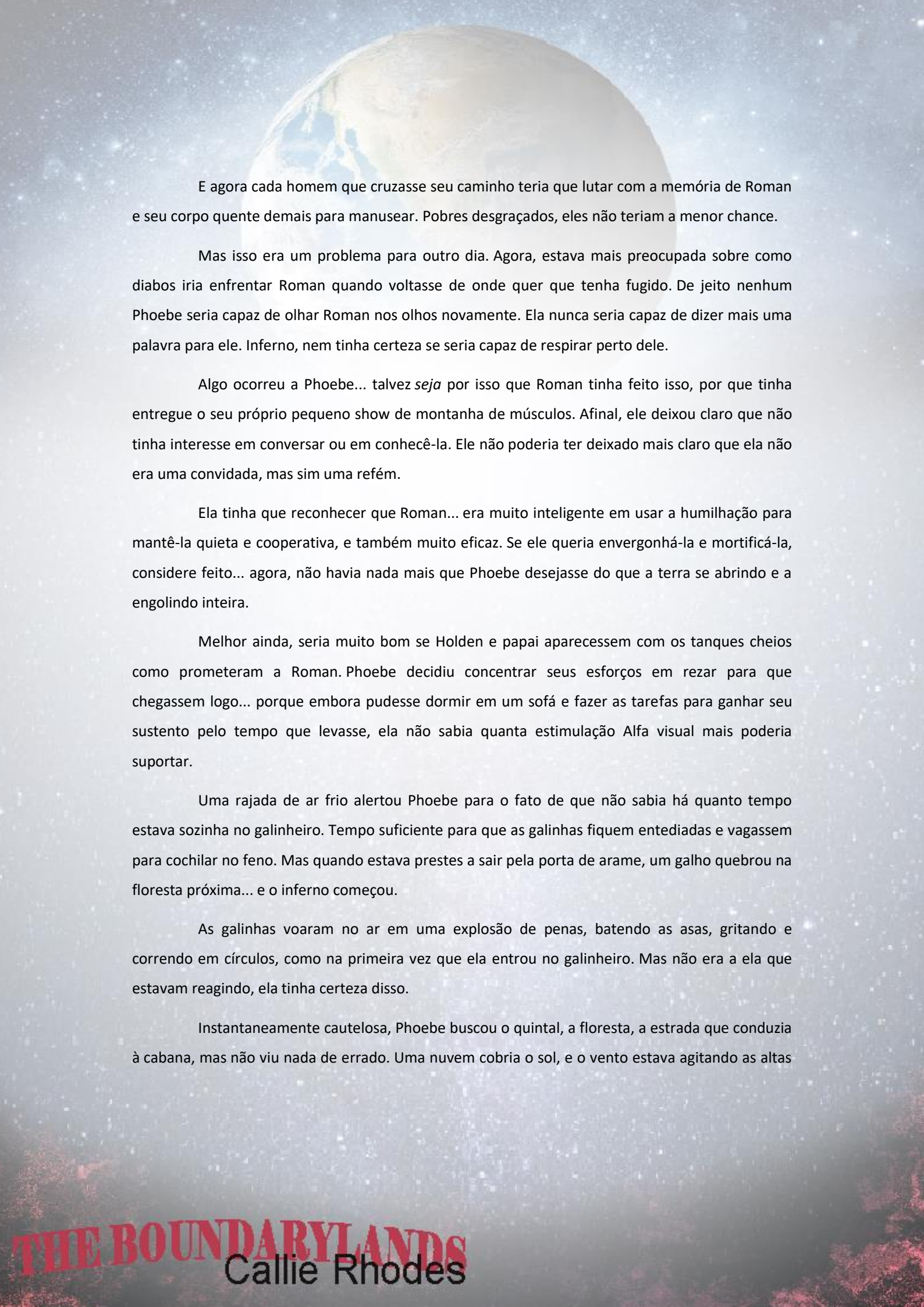
Frustração e confusão brotaram dentro dela, junto com a dor da necessidade física. O que Roman queria dela? Seria este apenas outro meio diabólico de tormento, enrolando-a até que mal pudesse ver direito, apenas para deixá-la pendurada?

Ou estava atuando para sua gratificação, sua excitação? Enchendo sua cabeça de sonhos para a longa noite que viria?

Phoebe não fazia ideia. Parada ali com o rosto quente e sua boceta doendo, a única coisa que tinha certeza era que a visão de seu corpo seminu e suado iria ficar com ela por um longo tempo.

E sim, para não colocar um ponto muito claro sobre isso, a imagem pode simplesmente ser colocada em rotação regular como uma fantasia masturbatória.

Mas o efeito que o Alfa teve sobre ela era muito mais longe do que isso. Ela já podia dizer isso apenas pela visão dele cortando lenha que provavelmente a arruinou para todos os outros homens. Phoebe já teve muita dificuldade em reunir entusiasmo para os homens solteiros de sua cidadezinha horrível. Ela não tinha um encontro em quase um ano, e fazia ainda mais tempo desde que transou.



E agora cada homem que cruzasse seu caminho teria que lutar com a memória de Roman e seu corpo quente demais para manusear. Pobres desgraçados, eles não teriam a menor chance.

Mas isso era um problema para outro dia. Agora, estava mais preocupada sobre como diabos iria enfrentar Roman quando voltasse de onde quer que tenha fugido. De jeito nenhum Phoebe seria capaz de olhar Roman nos olhos novamente. Ela nunca seria capaz de dizer mais uma palavra para ele. Inferno, nem tinha certeza se seria capaz de respirar perto dele.

Algo ocorreu a Phoebe... talvez *seja* por isso que Roman tinha feito isso, por que tinha entregue o seu próprio pequeno show de montanha de músculos. Afinal, ele deixou claro que não tinha interesse em conversar ou em conhecê-la. Ele não poderia ter deixado mais claro que ela não era uma convidada, mas sim uma refém.

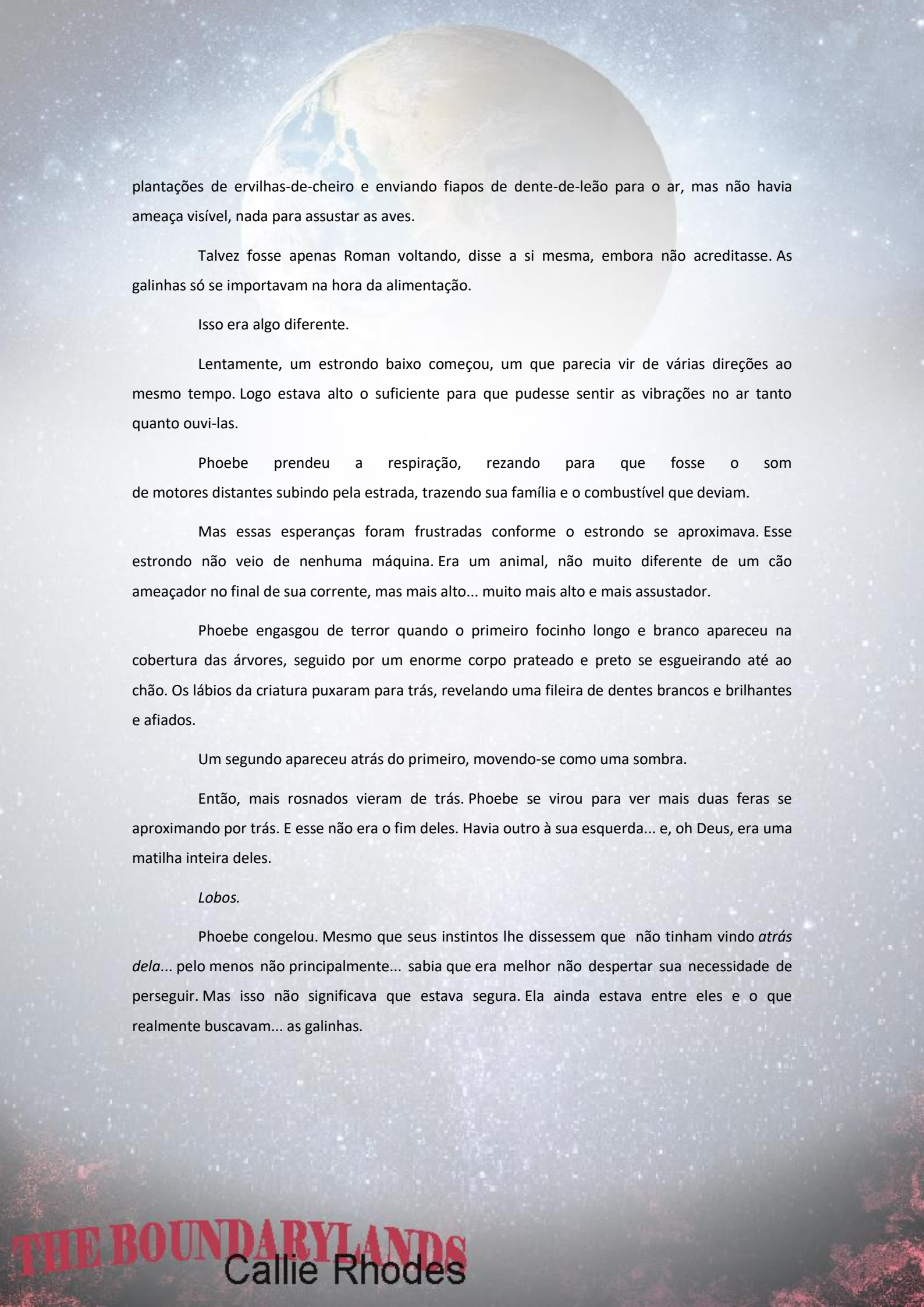
Ela tinha que reconhecer que Roman... era muito inteligente em usar a humilhação para mantê-la quieta e cooperativa, e também muito eficaz. Se ele queria envergonhá-la e mortificá-la, considere feito... agora, não havia nada mais que Phoebe desejasse do que a terra se abrindo e a engolindo inteira.

Melhor ainda, seria muito bom se Holden e papai aparecessem com os tanques cheios como prometeram a Roman. Phoebe decidiu concentrar seus esforços em rezar para que chegassem logo... porque embora pudesse dormir em um sofá e fazer as tarefas para ganhar seu sustento pelo tempo que levasse, ela não sabia quanta estimulação Alfa visual mais poderia suportar.

Uma rajada de ar frio alertou Phoebe para o fato de que não sabia há quanto tempo estava sozinha no galinheiro. Tempo suficiente para que as galinhas fiquem entediadas e vagassem para cochilar no feno. Mas quando estava prestes a sair pela porta de arame, um galho quebrou na floresta próxima... e o inferno começou.

As galinhas voaram no ar em uma explosão de penas, batendo as asas, gritando e correndo em círculos, como na primeira vez que ela entrou no galinheiro. Mas não era a ela que estavam reagindo, ela tinha certeza disso.

Instantaneamente cautelosa, Phoebe buscou o quintal, a floresta, a estrada que conduzia à cabana, mas não viu nada de errado. Uma nuvem cobria o sol, e o vento estava agitando as altas



plantações de ervilhas-de-cheiro e enviando fiapos de dente-de-leão para o ar, mas não havia ameaça visível, nada para assustar as aves.

Talvez fosse apenas Roman voltando, disse a si mesma, embora não acreditasse. As galinhas só se importavam na hora da alimentação.

Isso era algo diferente.

Lentamente, um estrondo baixo começou, um que parecia vir de várias direções ao mesmo tempo. Logo estava alto o suficiente para que pudesse sentir as vibrações no ar tanto quanto ouvi-las.

Phoebe prendeu a respiração, rezando para que fosse o som de motores distantes subindo pela estrada, trazendo sua família e o combustível que deviam.

Mas essas esperanças foram frustradas conforme o estrondo se aproximava. Esse estrondo não veio de nenhuma máquina. Era um animal, não muito diferente de um cão ameaçador no final de sua corrente, mas mais alto... muito mais alto e mais assustador.

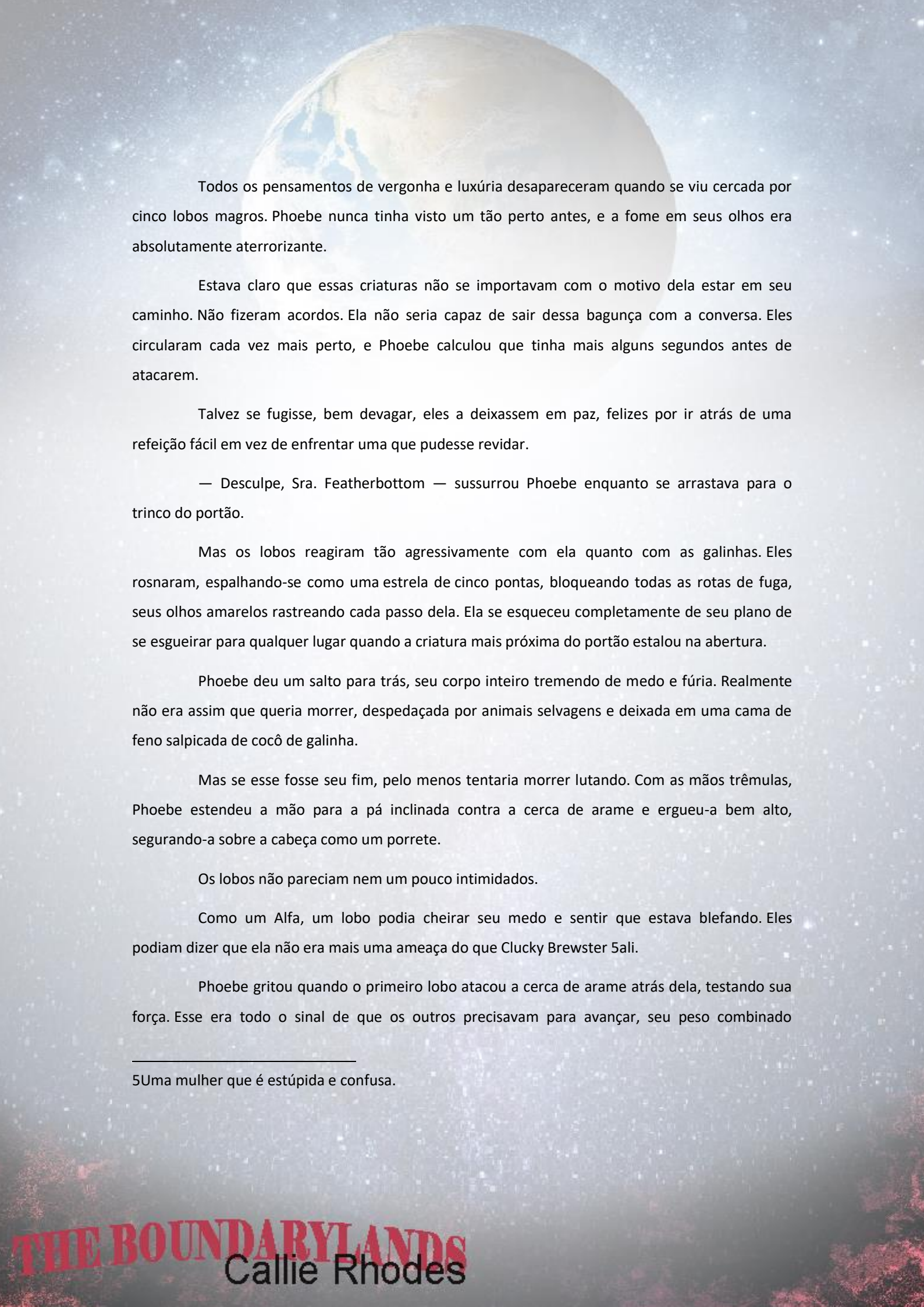
Phoebe engasgou de terror quando o primeiro focinho longo e branco apareceu na cobertura das árvores, seguido por um enorme corpo prateado e preto se esgueirando até ao chão. Os lábios da criatura puxaram para trás, revelando uma fileira de dentes brancos e brilhantes e afiados.

Um segundo apareceu atrás do primeiro, movendo-se como uma sombra.

Então, mais rosnados vieram de trás. Phoebe se virou para ver mais duas feras se aproximando por trás. E esse não era o fim deles. Havia outro à sua esquerda... e, oh Deus, era uma matilha inteira deles.

Lobos.

Phoebe congelou. Mesmo que seus instintos lhe dissessem que não tinham vindo *atrás dela...* pelo menos não principalmente... sabia que era melhor não despertar sua necessidade de perseguir. Mas isso não significava que estava segura. Ela ainda estava entre eles e o que realmente buscavam... as galinhas.



Todos os pensamentos de vergonha e luxúria desapareceram quando se viu cercada por cinco lobos magros. Phoebe nunca tinha visto um tão perto antes, e a fome em seus olhos era absolutamente aterrorizante.

Estava claro que essas criaturas não se importavam com o motivo dela estar em seu caminho. Não fizeram acordos. Ela não seria capaz de sair dessa bagunça com a conversa. Eles circularam cada vez mais perto, e Phoebe calculou que tinha mais alguns segundos antes de atacarem.

Talvez se fugisse, bem devagar, eles a deixassem em paz, felizes por ir atrás de uma refeição fácil em vez de enfrentar uma que pudesse revidar.

— Desculpe, Sra. Featherbottom — sussurrou Phoebe enquanto se arrastava para o trinco do portão.

Mas os lobos reagiram tão agressivamente com ela quanto com as galinhas. Eles rosnaram, espalhando-se como uma estrela de cinco pontas, bloqueando todas as rotas de fuga, seus olhos amarelos rastreando cada passo dela. Ela se esqueceu completamente de seu plano de se esgueirar para qualquer lugar quando a criatura mais próxima do portão estalou na abertura.

Phoebe deu um salto para trás, seu corpo inteiro tremendo de medo e fúria. Realmente não era assim que queria morrer, despedaçada por animais selvagens e deixada em uma cama de feno salpicada de cocô de galinha.

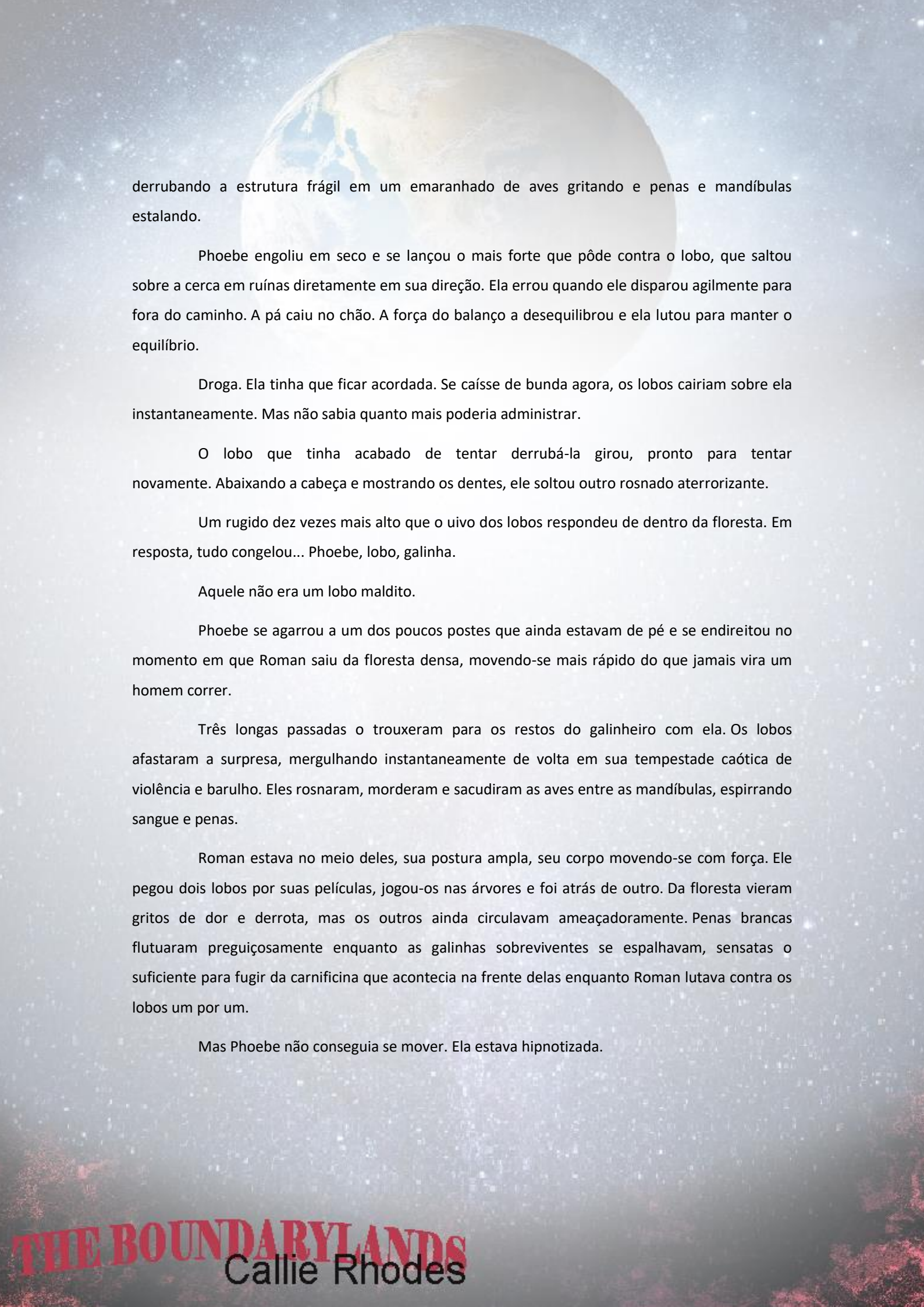
Mas se esse fosse seu fim, pelo menos tentaria morrer lutando. Com as mãos trêmulas, Phoebe estendeu a mão para a pá inclinada contra a cerca de arame e ergueu-a bem alto, segurando-a sobre a cabeça como um porrete.

Os lobos não pareciam nem um pouco intimidados.

Como um Alfa, um lobo podia cheirar seu medo e sentir que estava blefando. Eles podiam dizer que ela não era mais uma ameaça do que Clucky Brewster Sali.

Phoebe gritou quando o primeiro lobo atacou a cerca de arame atrás dela, testando sua força. Esse era todo o sinal de que os outros precisavam para avançar, seu peso combinado

⁵Uma mulher que é estúpida e confusa.



derrubando a estrutura frágil em um emaranhado de aves gritando e penas e mandíbulas estalando.

Phoebe engoliu em seco e se lançou o mais forte que pôde contra o lobo, que saltou sobre a cerca em ruínas diretamente em sua direção. Ela errou quando ele disparou agilmente para fora do caminho. A pá caiu no chão. A força do balanço a desequilibrou e ela lutou para manter o equilíbrio.

Droga. Ela tinha que ficar acordada. Se caísse de bunda agora, os lobos cairiam sobre ela instantaneamente. Mas não sabia quanto mais poderia administrar.

O lobo que tinha acabado de tentar derrubá-la girou, pronto para tentar novamente. Abaixando a cabeça e mostrando os dentes, ele soltou outro rosnado aterrorizante.

Um rugido dez vezes mais alto que o uivo dos lobos respondeu de dentro da floresta. Em resposta, tudo congelou... Phoebe, lobo, galinha.

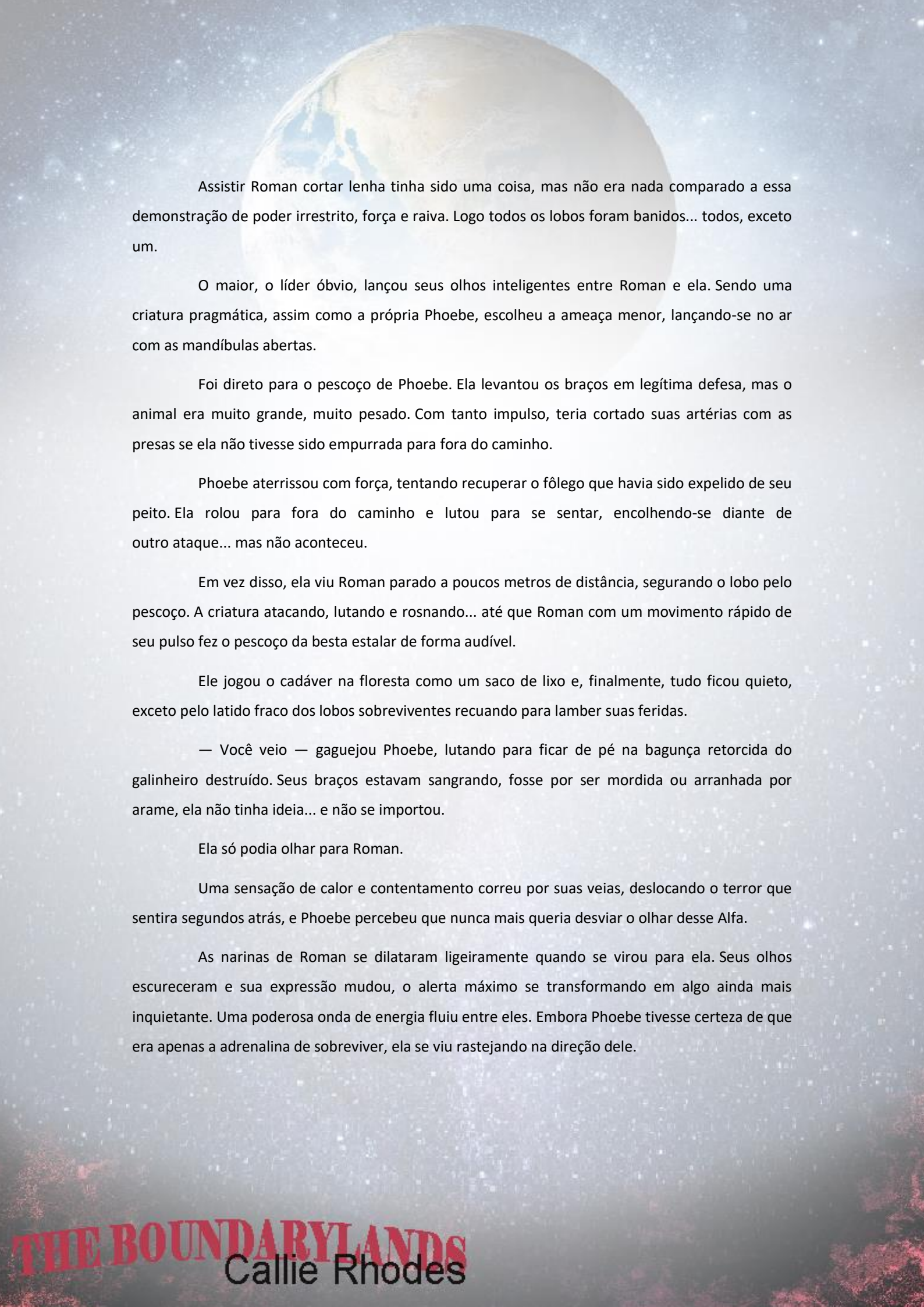
Aquele não era um lobo maldito.

Phoebe se agarrou a um dos poucos postes que ainda estavam de pé e se endireitou no momento em que Roman saiu da floresta densa, movendo-se mais rápido do que jamais vira um homem correr.

Três longas passadas o trouxeram para os restos do galinheiro com ela. Os lobos afastaram a surpresa, mergulhando instantaneamente de volta em sua tempestade caótica de violência e barulho. Eles rosnaram, morderam e sacudiram as aves entre as mandíbulas, espirrando sangue e penas.

Roman estava no meio deles, sua postura ampla, seu corpo movendo-se com força. Ele pegou dois lobos por suas películas, jogou-os nas árvores e foi atrás de outro. Da floresta vieram gritos de dor e derrota, mas os outros ainda circulavam ameaçadoramente. Penas brancas flutuaram preguiçosamente enquanto as galinhas sobreviventes se espalhavam, sensatas o suficiente para fugir da carnificina que acontecia na frente delas enquanto Roman lutava contra os lobos um por um.

Mas Phoebe não conseguia se mover. Ela estava hipnotizada.



Assistir Roman cortar lenha tinha sido uma coisa, mas não era nada comparado a essa demonstração de poder irrestrito, força e raiva. Logo todos os lobos foram banidos... todos, exceto um.

O maior, o líder óbvio, lançou seus olhos inteligentes entre Roman e ela. Sendo uma criatura pragmática, assim como a própria Phoebe, escolheu a ameaça menor, lançando-se no ar com as mandíbulas abertas.

Foi direto para o pescoço de Phoebe. Ela levantou os braços em legítima defesa, mas o animal era muito grande, muito pesado. Com tanto impulso, teria cortado suas artérias com as presas se ela não tivesse sido empurrada para fora do caminho.

Phoebe aterrissou com força, tentando recuperar o fôlego que havia sido expelido de seu peito. Ela rolou para fora do caminho e lutou para se sentar, encolhendo-se diante de outro ataque... mas não aconteceu.

Em vez disso, ela viu Roman parado a poucos metros de distância, segurando o lobo pelo pescoço. A criatura atacando, lutando e rosnando... até que Roman com um movimento rápido de seu pulso fez o pescoço da besta estalar de forma audível.

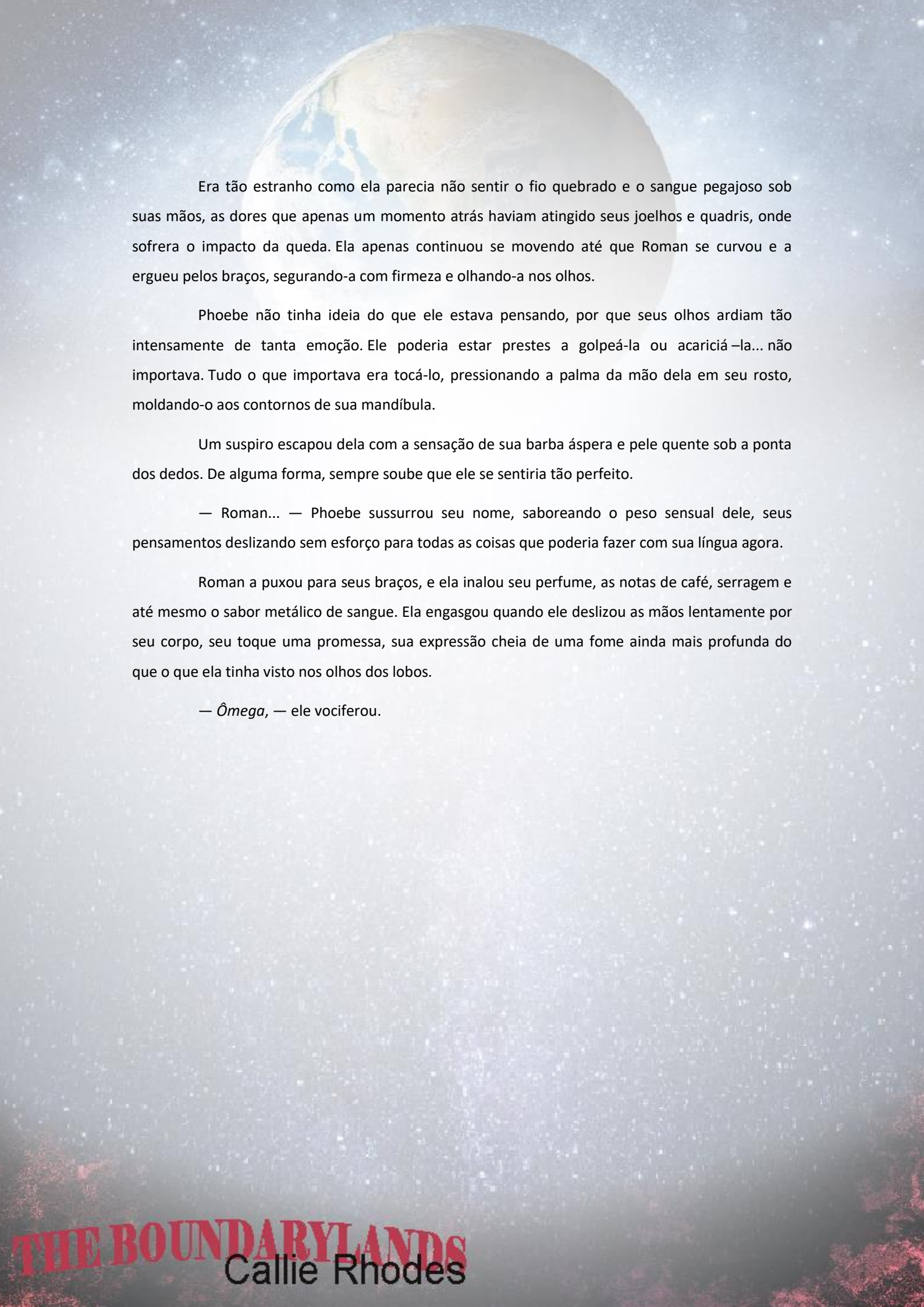
Ele jogou o cadáver na floresta como um saco de lixo e, finalmente, tudo ficou quieto, exceto pelo latido fraco dos lobos sobreviventes recuando para lamber suas feridas.

— Você veio — gaguejou Phoebe, lutando para ficar de pé na bagunça retorcida do galinheiro destruído. Seus braços estavam sangrando, fosse por ser mordida ou arranhada por arame, ela não tinha ideia... e não se importou.

Ela só podia olhar para Roman.

Uma sensação de calor e contentamento correu por suas veias, deslocando o terror que sentira segundos atrás, e Phoebe percebeu que nunca mais queria desviar o olhar desse Alfa.

As narinas de Roman se dilataram ligeiramente quando se virou para ela. Seus olhos escureceram e sua expressão mudou, o alerta máximo se transformando em algo ainda mais inquietante. Uma poderosa onda de energia fluiu entre eles. Embora Phoebe tivesse certeza de que era apenas a adrenalina de sobreviver, ela se viu rastejando na direção dele.



Era tão estranho como ela parecia não sentir o fio quebrado e o sangue pegajoso sob suas mãos, as dores que apenas um momento atrás haviam atingido seus joelhos e quadris, onde sofrera o impacto da queda. Ela apenas continuou se movendo até que Roman se curvou e a ergueu pelos braços, segurando-a com firmeza e olhando-a nos olhos.

Phoebe não tinha ideia do que ele estava pensando, por que seus olhos ardiam tão intensamente de tanta emoção. Ele poderia estar prestes a golpeá-la ou acariciá-la... não importava. Tudo o que importava era tocá-lo, pressionando a palma da mão dela em seu rosto, moldando-o aos contornos de sua mandíbula.

Um suspiro escapou dela com a sensação de sua barba áspera e pele quente sob a ponta dos dedos. De alguma forma, sempre soube que ele se sentiria tão perfeito.

— Roman... — Phoebe sussurrou seu nome, saboreando o peso sensual dele, seus pensamentos deslizando sem esforço para todas as coisas que poderia fazer com sua língua agora.

Roman a puxou para seus braços, e ela inalou seu perfume, as notas de café, serragem e até mesmo o sabor metálico de sangue. Ela engasgou quando ele deslizou as mãos lentamente por seu corpo, seu toque uma promessa, sua expressão cheia de uma fome ainda mais profunda do que o que ela tinha visto nos olhos dos lobos.

— *Ômega*, — ele vociferou.



CAPÍTULO NOVE

Roman

Choque encheu os grandes olhos verdes da Ômega como estilhaços de vidro, mas Roman não fez nenhum movimento para soltá-la. Haveria tempo para isso... mas não agora.

Neste momento, não havia nada que precisasse mais do que beber em outra respiração profunda, enchendo seus pulmões com o cheiro dela que mudava rapidamente. Era como respirar uma cachoeira ou um furacão... suas emoções incapazes de acompanhar as poderosas mudanças em seu corpo e alma.

Phoebe não fez nenhum movimento para se libertar de seus braços. Por que iria? Ela pode não saber ainda, mas estava presa no mesmo imperativo.

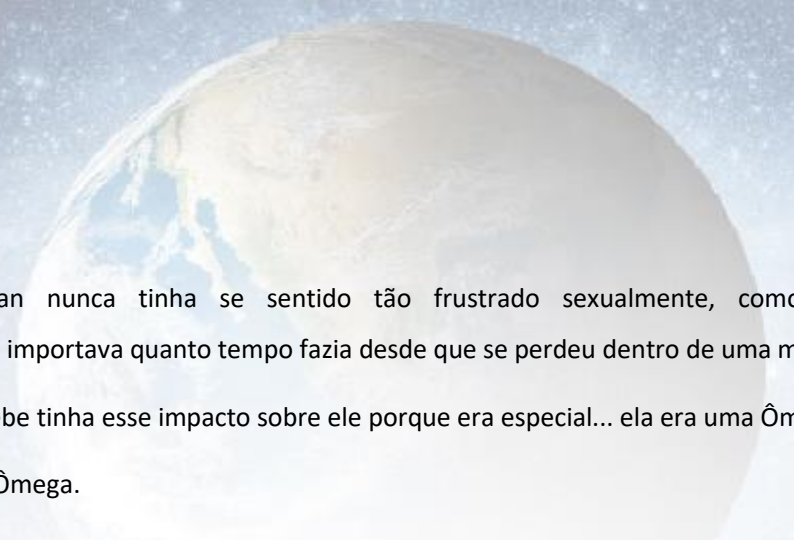
Diante de seus olhos, todo o medo e resistência dela desapareceram, e uma poderosa sensualidade se enraizou em seu lugar. Seu corpo estava vivo com os sinais de sua nova e verdadeira natureza... a energia em seus olhos, o zumbido sedutor irradiando de dentro dela, o calor subindo em sua pele... tudo isso prova o que realmente era, o que sempre foi.

Levou um único toque para despertar sua natureza.

Roman percebeu agora que em algum nível, ele sabia disso o tempo todo. Não conscientemente... Ômegas eram tão raras que beiravam a mito. As chances de que a filha de Ed Whitfield fosse uma era um pensamento que jamais passara por sua cabeça.

E ainda assim ele sabia do mesmo jeito. Por que outro motivo Roman teria se sentido tão inexplicavelmente atraído por ela desde o momento em que a sentiu se escondendo na parte de trás da cabine? Por muito tempo, ele não tinha sido capaz de tirá-la de sua mente. Era o rosto dela que imaginava enquanto se tocava todas as noites, e ela era a primeira coisa em que pensava todas as manhãs.

Agora, ele finalmente entendeu por quê.



Roman nunca tinha se sentido tão frustrado sexualmente, como inicialmente suspeitou. Não importava quanto tempo fazia desde que se perdeu dentro de uma mulher.

Phoebe tinha esse impacto sobre ele porque era especial... ela era uma Ômega.

Sua Ômega.

A compreensão cegante coincidiu com a aceleração de seu pulso sob suas mãos, seu coração bombeando o sangue que ficava mais rico a cada segundo que passava. Phoebe estava destinada a encontrá-lo, a se prender a seu lado. Para ficar com ele agora e para sempre.

O cacarejo de uma galinha voltando da floresta fez Roman olhar para baixo brevemente, apenas o tempo suficiente para ver a carnificina no chão e perceber quão perto esteve de perder Phoebe antes de ter a chance de realmente tê-la.. O pensamento enviou um arrepio pela espinha.

Os lobos podiam ser um incômodo, mas não eram capazes de maldade. Eles eram apenas animais, seguindo seus instintos sem compreensão de mentiras ou enganos. Eles só faziam o que era necessário para sobreviver. É por isso que Roman matou apenas um antes, quando ele ficou doente e foi deixado para trás por sua matilha.

Agora ele havia matado dois.

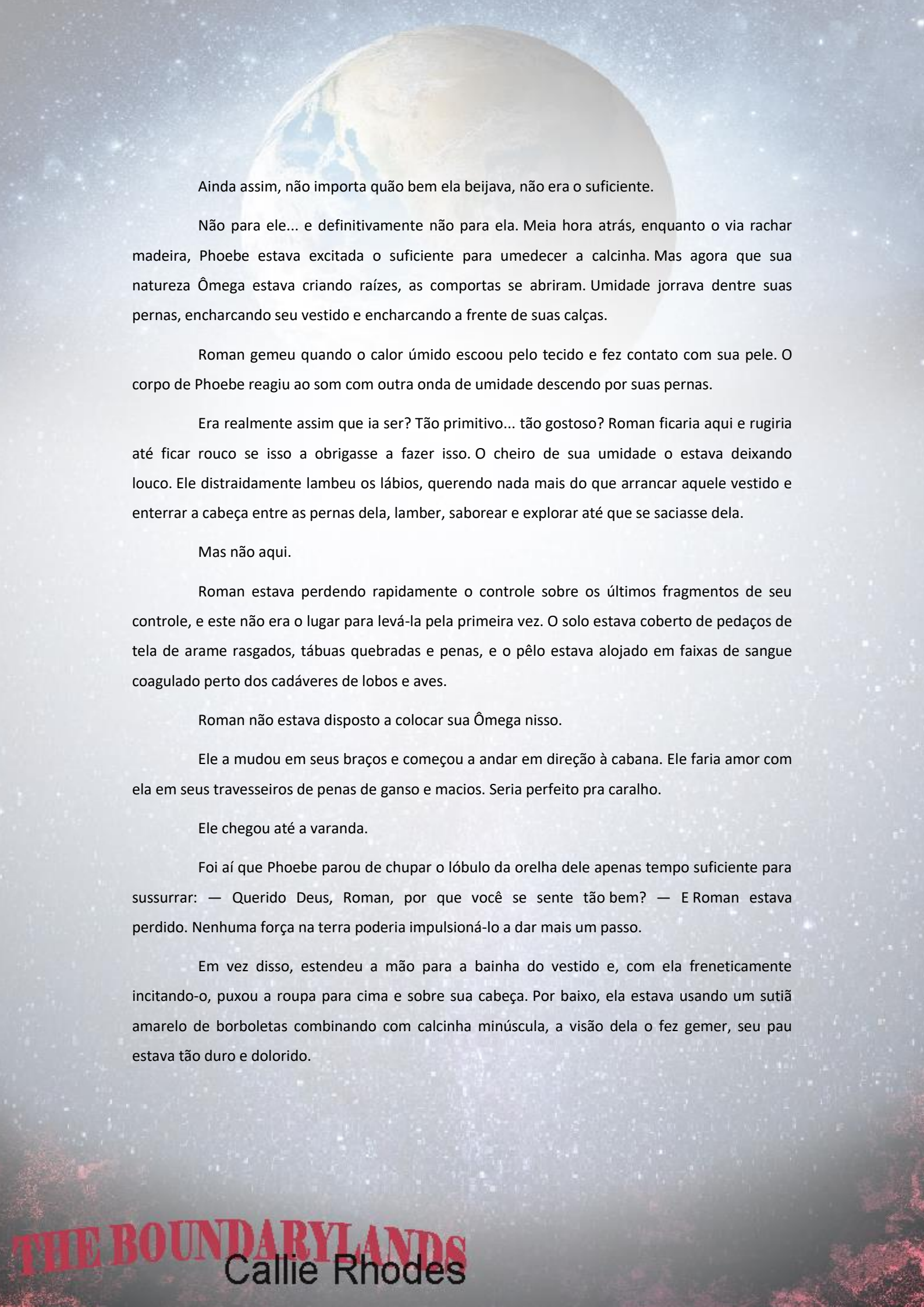
Ver a mandíbula estalada do lobo indo para a jugular de Phoebe tinha provocado uma fúria cega em Roman... uma emoção normalmente reservada apenas para Betas e para algum Alfa chato.

Mas Roman agiu sem pensar, rasgando aquele vira-lata ao meio pelo crime de ir atrás de Phoebe.

E isso foi antes de saber o quem ela realmente era.

Agora ele sabia. E não havia razão para se conter por mais tempo. Roman ergueu Phoebe em seus braços de forma que seus lábios estivessem a centímetros dos dele. Se ela se assustou quando seus pés saíram do chão, não demonstrou. Sua boca estava tão faminta quanto a dele. Ela jogou os braços em volta do pescoço dele, e eles se perderam no beijo. Puta merda, era bom.

Roman nunca gostou muito de beijos. Quando tinha dezessete anos, parecia uma perda de tempo inútil. Ele estava focado em transar. Mas isso não foi nada parecido com os momentos roubados na parte de trás de seu BMW no colégio.



Ainda assim, não importa quão bem ela beijava, não era o suficiente.

Não para ele... e definitivamente não para ela. Meia hora atrás, enquanto o via rachar madeira, Phoebe estava excitada o suficiente para umedecer a calcinha. Mas agora que sua natureza Ômega estava criando raízes, as comportas se abriram. Umidade jorrava dentre suas pernas, encharcando seu vestido e encharcando a frente de suas calças.

Roman gemeu quando o calor úmido escoou pelo tecido e fez contato com sua pele. O corpo de Phoebe reagiu ao som com outra onda de umidade descendo por suas pernas.

Era realmente assim que ia ser? Tão primitivo... tão gostoso? Roman ficaria aqui e rugiria até ficar rouco se isso a obrigasse a fazer isso. O cheiro de sua umidade o estava deixando louco. Ele distraidamente lambeu os lábios, querendo nada mais do que arrancar aquele vestido e enterrar a cabeça entre as pernas dela, lambe, saborear e explorar até que se saciasse dela.

Mas não aqui.

Roman estava perdendo rapidamente o controle sobre os últimos fragmentos de seu controle, e este não era o lugar para levá-la pela primeira vez. O solo estava coberto de pedaços de tela de arame rasgados, tábuas quebradas e penas, e o pêlo estava alojado em faixas de sangue coagulado perto dos cadáveres de lobos e aves.

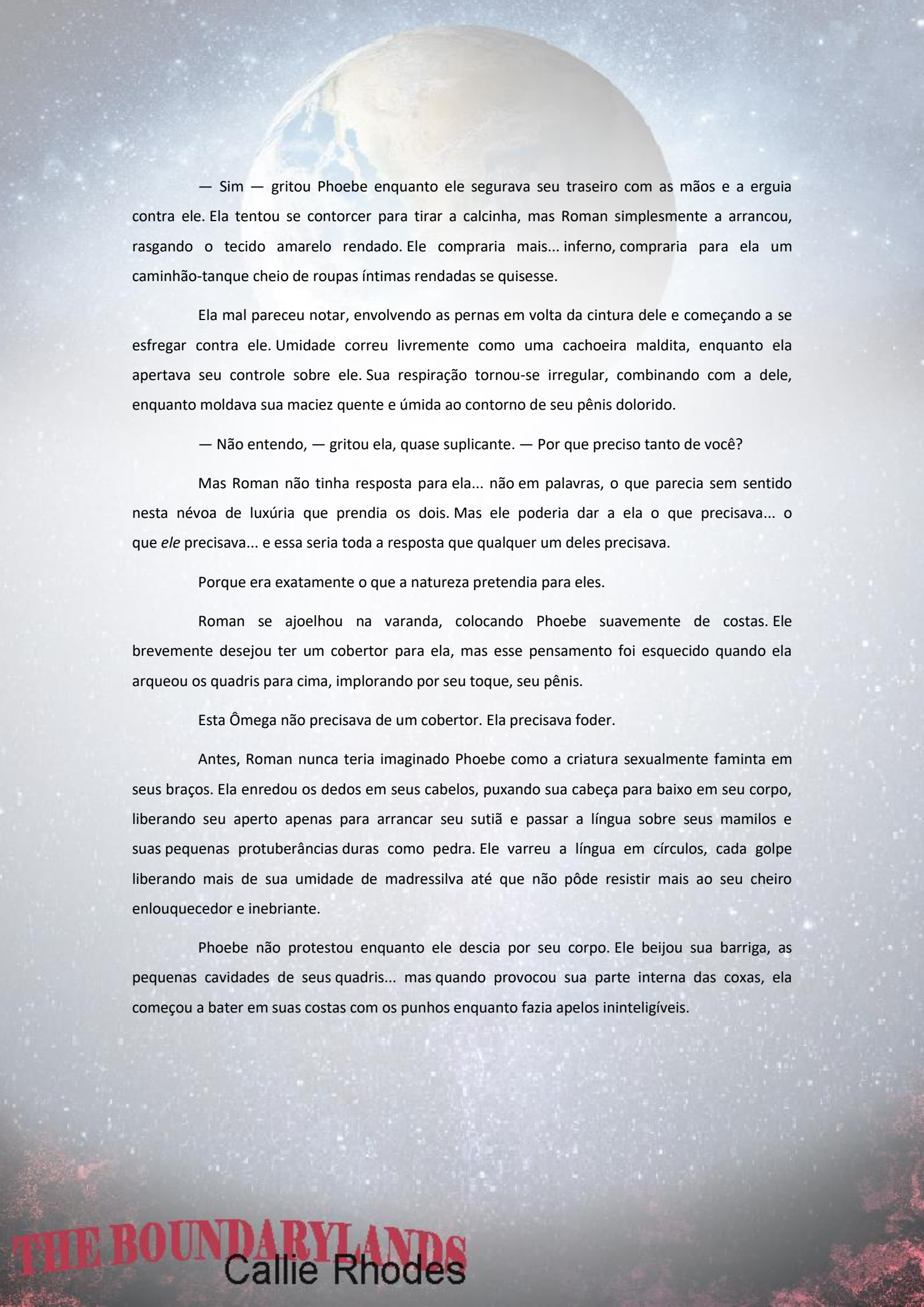
Roman não estava disposto a colocar sua Ômega nisso.

Ele a mudou em seus braços e começou a andar em direção à cabana. Ele faria amor com ela em seus travesseiros de penas de ganso e macios. Seria perfeito pra caralho.

Ele chegou até a varanda.

Foi aí que Phoebe parou de chupar o lóbulo da orelha dele apenas tempo suficiente para sussurrar: — Querido Deus, Roman, por que você se sente tão bem? — E Roman estava perdido. Nenhuma força na terra poderia impulsioná-lo a dar mais um passo.

Em vez disso, estendeu a mão para a bainha do vestido e, com ela freneticamente incitando-o, puxou a roupa para cima e sobre sua cabeça. Por baixo, ela estava usando um sutiã amarelo de borboletas combinando com calcinha minúscula, a visão dela o fez gemer, seu pau estava tão duro e dolorido.



— Sim — gritou Phoebe enquanto ele segurava seu traseiro com as mãos e a erguia contra ele. Ela tentou se contorcer para tirar a calcinha, mas Roman simplesmente a arrancou, rasgando o tecido amarelo rendado. Ele compraria mais... inferno, compraria para ela um caminhão-tanque cheio de roupas íntimas rendadas se quisesse.

Ela mal pareceu notar, envolvendo as pernas em volta da cintura dele e começando a se esfregar contra ele. Umidade correu livremente como uma cachoeira maldita, enquanto ela apertava seu controle sobre ele. Sua respiração tornou-se irregular, combinando com a dele, enquanto moldava sua maciez quente e úmida ao contorno de seu pênis dolorido.

— Não entendo, — gritou ela, quase suplicante. — Por que preciso tanto de você?

Mas Roman não tinha resposta para ela... não em palavras, o que parecia sem sentido nesta névoa de luxúria que prendia os dois. Mas ele poderia dar a ela o que precisava... o que *ele* precisava... e essa seria toda a resposta que qualquer um deles precisava.

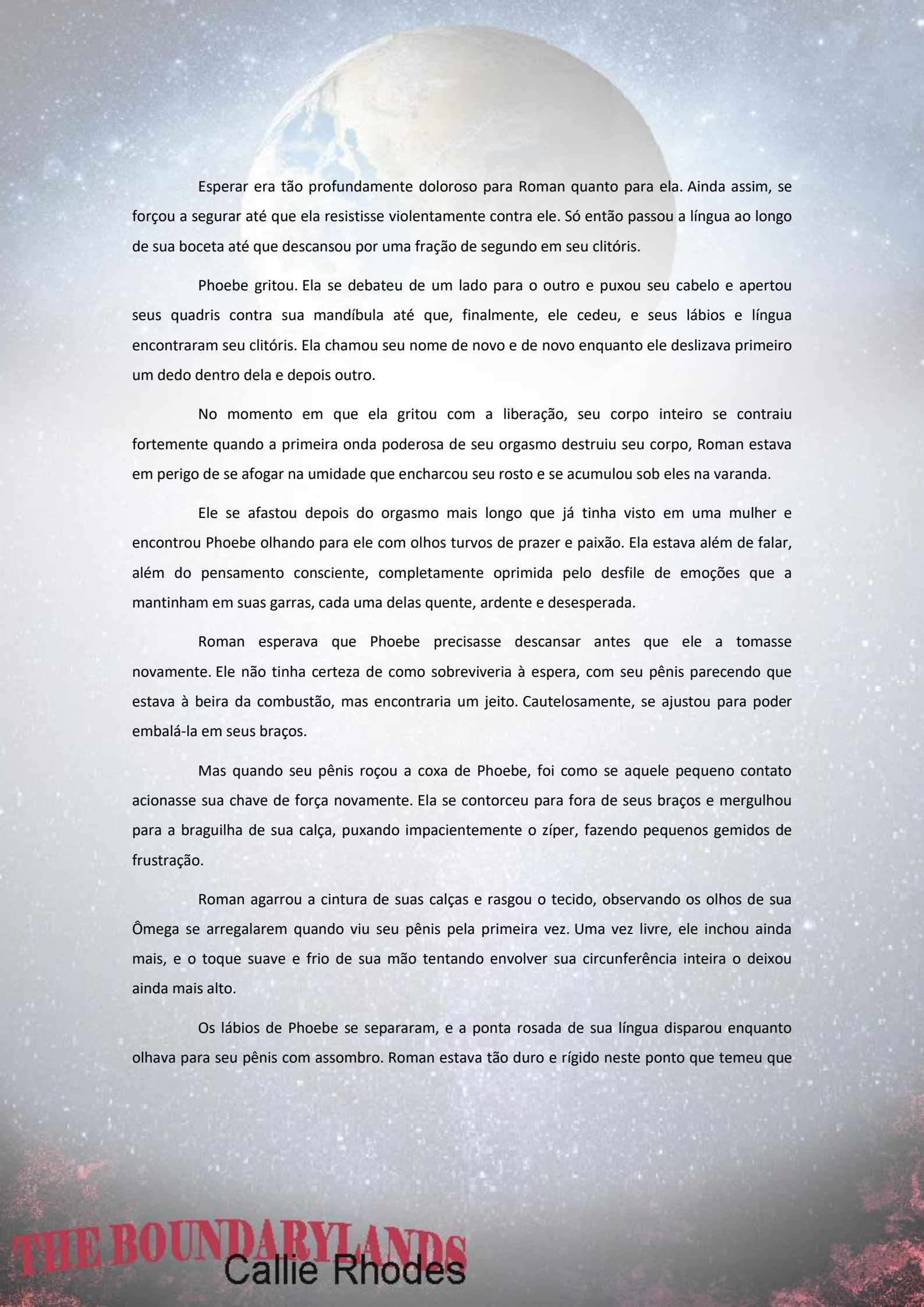
Porque era exatamente o que a natureza pretendia para eles.

Roman se ajoelhou na varanda, colocando Phoebe suavemente de costas. Ele brevemente desejou ter um cobertor para ela, mas esse pensamento foi esquecido quando ela arqueou os quadris para cima, implorando por seu toque, seu pênis.

Esta Ômega não precisava de um cobertor. Ela precisava foder.

Antes, Roman nunca teria imaginado Phoebe como a criatura sexualmente faminta em seus braços. Ela enredou os dedos em seus cabelos, puxando sua cabeça para baixo em seu corpo, liberando seu aperto apenas para arrancar seu sutiã e passar a língua sobre seus mamilos e suas pequenas protuberâncias duras como pedra. Ele varreu a língua em círculos, cada golpe liberando mais de sua umidade de madressilva até que não pôde resistir mais ao seu cheiro enlouquecedor e inebriante.

Phoebe não protestou enquanto ele descia por seu corpo. Ele beijou sua barriga, as pequenas cavidades de seus quadris... mas quando provocou sua parte interna das coxas, ela começou a bater em suas costas com os punhos enquanto fazia apelos ininteligíveis.



Esperar era tão profundamente doloroso para Roman quanto para ela. Ainda assim, se forçou a segurar até que ela resistisse violentamente contra ele. Só então passou a língua ao longo de sua boceta até que descansou por uma fração de segundo em seu clitóris.

Phoebe gritou. Ela se debateu de um lado para o outro e puxou seu cabelo e apertou seus quadris contra sua mandíbula até que, finalmente, ele cedeu, e seus lábios e língua encontraram seu clitóris. Ela chamou seu nome de novo e de novo enquanto ele deslizava primeiro um dedo dentro dela e depois outro.

No momento em que ela gritou com a liberação, seu corpo inteiro se contraiu fortemente quando a primeira onda poderosa de seu orgasmo destruiu seu corpo, Roman estava em perigo de se afogar na umidade que encharcou seu rosto e se acumulou sob eles na varanda.

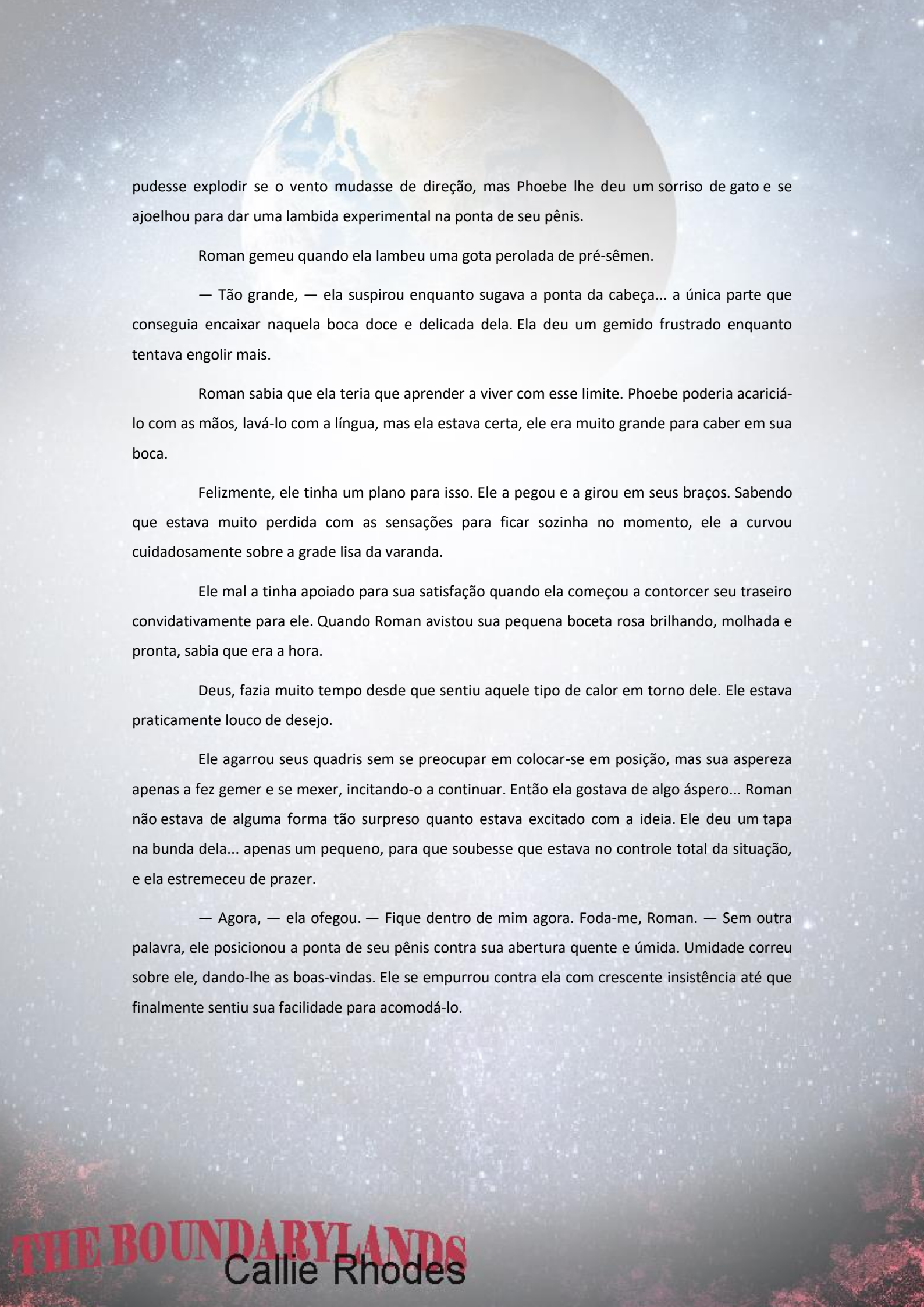
Ele se afastou depois do orgasmo mais longo que já tinha visto em uma mulher e encontrou Phoebe olhando para ele com olhos turvos de prazer e paixão. Ela estava além de falar, além do pensamento consciente, completamente oprimida pelo desfile de emoções que a mantinham em suas garras, cada uma delas quente, ardente e desesperada.

Roman esperava que Phoebe precisasse descansar antes que ele a tomasse novamente. Ele não tinha certeza de como sobreviveria à espera, com seu pênis parecendo que estava à beira da combustão, mas encontraria um jeito. Cautelosamente, se ajustou para poder embalá-la em seus braços.

Mas quando seu pênis roçou a coxa de Phoebe, foi como se aquele pequeno contato acionasse sua chave de força novamente. Ela se contorceu para fora de seus braços e mergulhou para a braguilha de sua calça, puxando impacientemente o zíper, fazendo pequenos gemidos de frustração.

Roman agarrou a cintura de suas calças e rasgou o tecido, observando os olhos de sua Ômega se arregalarem quando viu seu pênis pela primeira vez. Uma vez livre, ele inchou ainda mais, e o toque suave e frio de sua mão tentando envolver sua circunferência inteira o deixou ainda mais alto.

Os lábios de Phoebe se separaram, e a ponta rosada de sua língua disparou enquanto olhava para seu pênis com assombro. Roman estava tão duro e rígido neste ponto que temeu que



pudesse explodir se o vento mudasse de direção, mas Phoebe lhe deu um sorriso de gato e se ajoelhou para dar uma lambida experimental na ponta de seu pênis.

Roman gemeu quando ela lambeu uma gota perolada de pré-sêmen.

— Tão grande, — ela suspirou enquanto sugava a ponta da cabeça... a única parte que conseguia encaixar naquela boca doce e delicada dela. Ela deu um gemido frustrado enquanto tentava engolir mais.

Roman sabia que ela teria que aprender a viver com esse limite. Phoebe poderia acariciá-lo com as mãos, lavá-lo com a língua, mas ela estava certa, ele era muito grande para caber em sua boca.

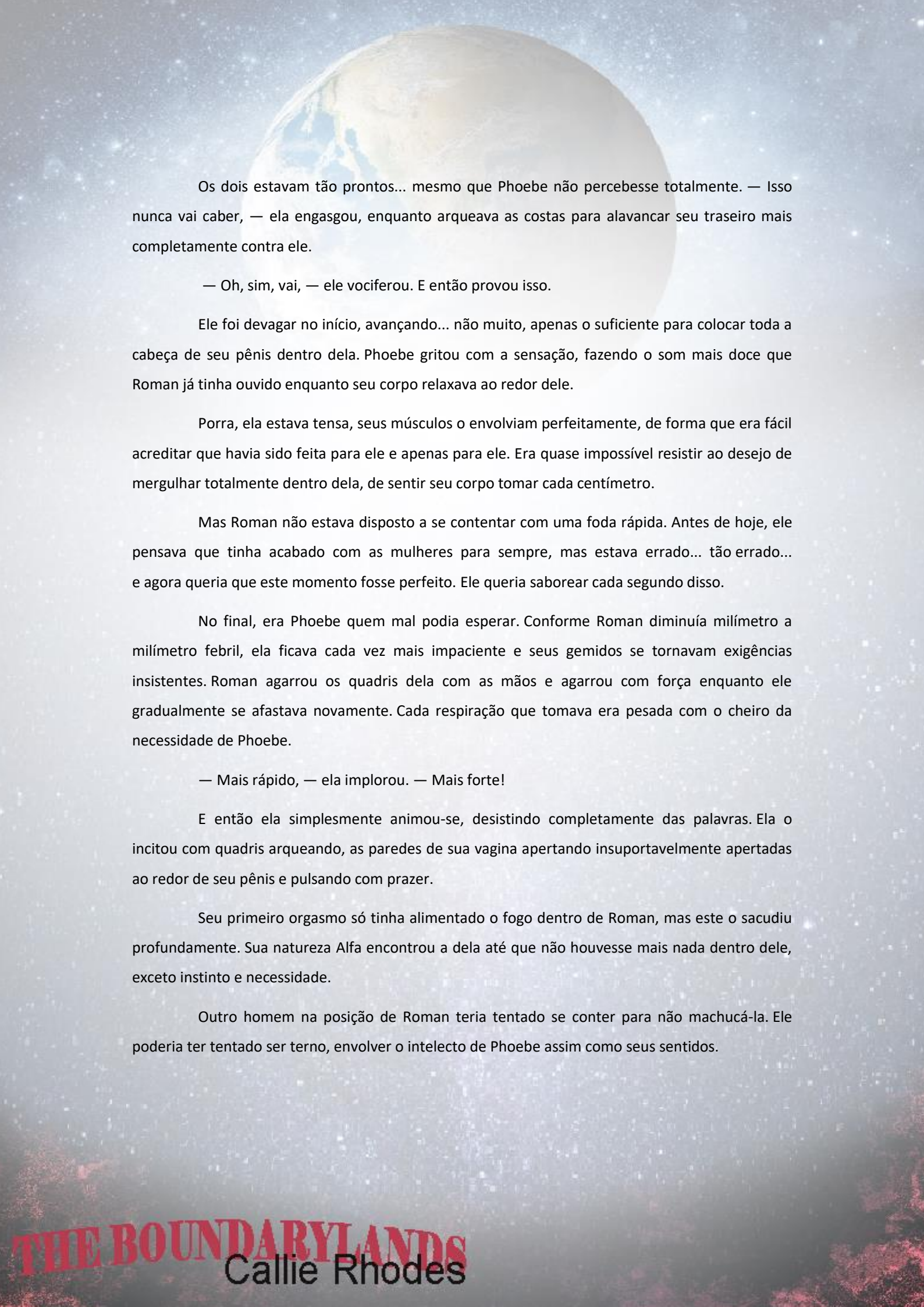
Felizmente, ele tinha um plano para isso. Ele a pegou e a girou em seus braços. Sabendo que estava muito perdida com as sensações para ficar sozinha no momento, ele a curvou cuidadosamente sobre a grade lisa da varanda.

Ele mal a tinha apoiado para sua satisfação quando ela começou a contorcer seu traseiro convidativamente para ele. Quando Roman avistou sua pequena boceta rosa brilhando, molhada e pronta, sabia que era a hora.

Deus, fazia muito tempo desde que sentiu aquele tipo de calor em torno dele. Ele estava praticamente louco de desejo.

Ele agarrou seus quadris sem se preocupar em colocar-se em posição, mas sua aspereza apenas a fez gemer e se mexer, incitando-o a continuar. Então ela gostava de algo áspero... Roman não estava de alguma forma tão surpreso quanto estava excitado com a ideia. Ele deu um tapa na bunda dela... apenas um pequeno, para que soubesse que estava no controle total da situação, e ela estremeceu de prazer.

— Agora, — ela ofegou. — Fique dentro de mim agora. Foda-me, Roman. — Sem outra palavra, ele posicionou a ponta de seu pênis contra sua abertura quente e úmida. Umidade correu sobre ele, dando-lhe as boas-vindas. Ele se empurrou contra ela com crescente insistência até que finalmente sentiu sua facilidade para acomodá-lo.



Os dois estavam tão prontos... mesmo que Phoebe não percebesse totalmente. — Isso nunca vai caber, — ela engasgou, enquanto arqueava as costas para alavancar seu traseiro mais completamente contra ele.

— Oh, sim, vai, — ele vociferou. E então provou isso.

Ele foi devagar no início, avançando... não muito, apenas o suficiente para colocar toda a cabeça de seu pênis dentro dela. Phoebe gritou com a sensação, fazendo o som mais doce que Roman já tinha ouvido enquanto seu corpo relaxava ao redor dele.

Porra, ela estava tensa, seus músculos o envolviam perfeitamente, de forma que era fácil acreditar que havia sido feita para ele e apenas para ele. Era quase impossível resistir ao desejo de mergulhar totalmente dentro dela, de sentir seu corpo tomar cada centímetro.

Mas Roman não estava disposto a se contentar com uma foda rápida. Antes de hoje, ele pensava que tinha acabado com as mulheres para sempre, mas estava errado... tão errado... e agora queria que este momento fosse perfeito. Ele queria saborear cada segundo disso.

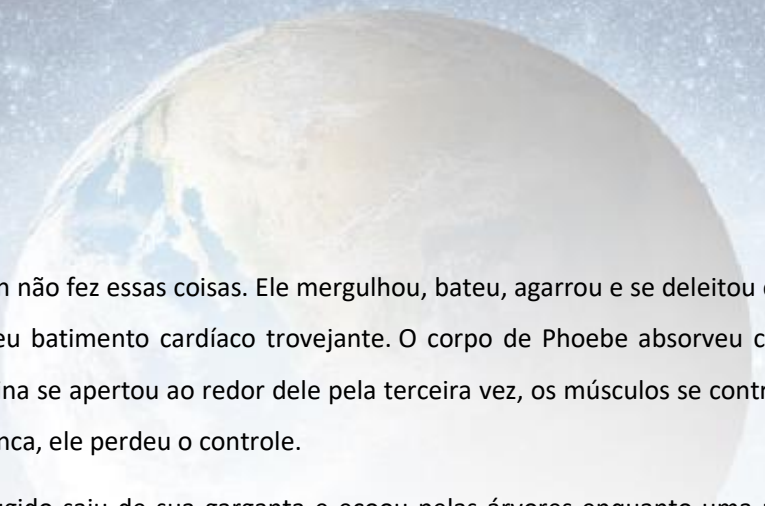
No final, era Phoebe quem mal podia esperar. Conforme Roman diminuía milímetro a milímetro febril, ela ficava cada vez mais impaciente e seus gemidos se tornavam exigências insistentes. Roman agarrou os quadris dela com as mãos e agarrou com força enquanto ele gradualmente se afastava novamente. Cada respiração que tomava era pesada com o cheiro da necessidade de Phoebe.

— Mais rápido, — ela implorou. — Mais forte!

E então ela simplesmente animou-se, desistindo completamente das palavras. Ela o incitou com quadris arqueando, as paredes de sua vagina apertando insuportavelmente apertadas ao redor de seu pênis e pulsando com prazer.

Seu primeiro orgasmo só tinha alimentado o fogo dentro de Roman, mas este o sacudiu profundamente. Sua natureza Alfa encontrou a dela até que não houvesse mais nada dentro dele, exceto instinto e necessidade.

Outro homem na posição de Roman teria tentado se conter para não machucá-la. Ele poderia ter tentado ser terno, envolver o intelecto de Phoebe assim como seus sentidos.



Roman não fez essas coisas. Ele mergulhou, bateu, agarrou e se deleitou com os gritos de sua Ômega e seu batimento cardíaco trovejante. O corpo de Phoebe absorveu cada estocada, e quando sua vagina se apertou ao redor dele pela terceira vez, os músculos se contraindo com mais força do que nunca, ele perdeu o controle.

Um rugido saiu de sua garganta e ecoou pelas árvores enquanto uma pressão sublime crescia na base de seu pênis. Ele se sentiu inchar, sentiu sua vagina se esforçar para aceitar sua protuberância crescente. Então, em um glorioso momento de êxtase, ele sentiu seus corpos travarem juntos antes de enchê-la com seu gozo. Onda após onda quente e violenta a encheu por todo o caminho.

Quando Phoebe estremeceu uma última vez e ficou mole, ainda deitada sobre o corrimão, Roman passou os braços ao redor dela para apoiá-la até que passou sua última gota dentro dela.

Então... ainda selados por seu nó... ele a embalou e a carregou para dentro.



CAPÍTULO DEZ

Phoebe

Refestelando.

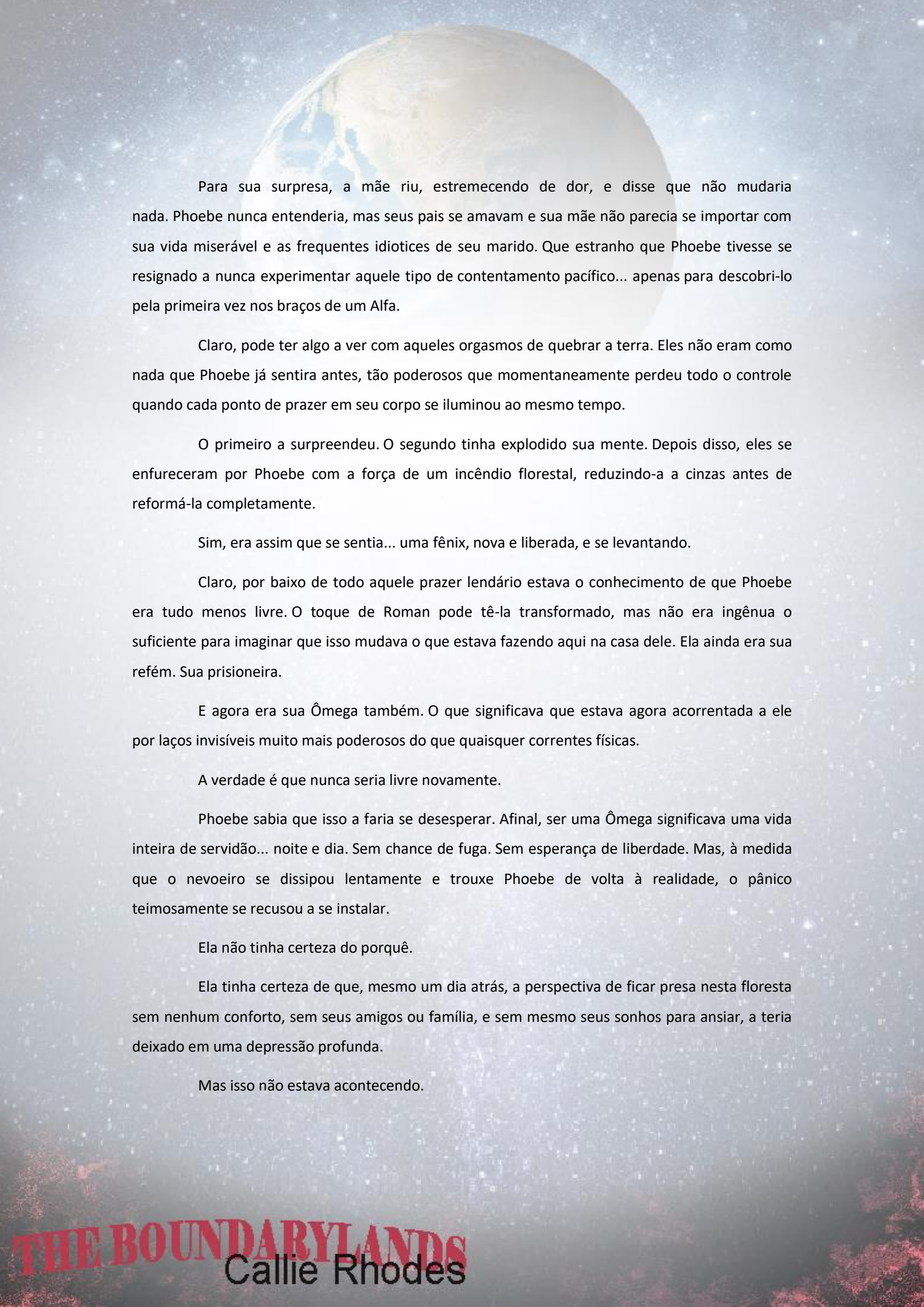
A palavra veio de algum lugar nas profundezas da memória de Phoebe, uma palavra soe-trada da quinta série que achou tão bonita que memorizou a definição ... sentar, sentir ou ficar de pé em um maneira preguiçosa e relaxada.

Ela não se importava com o que os outros pensavam... era bom saber exatamente a palavra certa para descrever o que estava sentindo. *Refestelando* era exatamente o que fazia desde que acordou de uma soneca pós-sexo. Não *descansando* ou *cochilando* ou *relaxante*, nenhum dos quais capturou o sentimento feliz em seu corpo, apesar da dor em lugares que não estavam acostumados a tanta fricção vigorosa, ou o preguiçoso prazer de saber que provavelmente havia tarefas que poderia estar fazendo e simplesmente não se importava, querendo flutuar no suave e sensual brilho pós-coito só um pouco mais.

Claro, nem todo mundo aprecia um grande vocabulário. Quando Phoebe experimentou sua nova palavra em casa, acusando Holden de se *refestelar no sofá*, ele jogou um travesseiro nela, e seu pai a acusou de passar muito tempo com o nariz enfiado nos livros.

Apenas sua mãe sorriu e disse que estava orgulhosa dela. A mãe de Phoebe salvou cada um de seus testes de ortografia. Mais tarde, se perdiam em um movimento ou outro, mas não importava. Como o medalhão que Phoebe nunca tirou, ela acalentou cada memória que trouxe sua mãe de volta, mesmo por um momento.

Sua mãe aproveitou todas as oportunidades para instar Phoebe a seguir seus sonhos. Mesmo quando estava em seu leito de morte, ela implorou a Phoebe para não jogar sua vida fora cuidando de outras pessoas. O desejo deixou Phoebe tão triste que não conseguiu resistir a perguntar à queima-roupa à mãe se ela se arrependia de ter se casado com Ed Whitefield e de ter seus filhos.



Para sua surpresa, a mãe riu, estremecendo de dor, e disse que não mudaria nada. Phoebe nunca entenderia, mas seus pais se amavam e sua mãe não parecia se importar com sua vida miserável e as frequentes idiotices de seu marido. Que estranho que Phoebe tivesse se resignado a nunca experimentar aquele tipo de contentamento pacífico... apenas para descobri-lo pela primeira vez nos braços de um Alfa.

Claro, pode ter algo a ver com aqueles orgasmos de quebrar a terra. Eles não eram como nada que Phoebe já sentira antes, tão poderosos que momentaneamente perdeu todo o controle quando cada ponto de prazer em seu corpo se iluminou ao mesmo tempo.

O primeiro a surpreendeu. O segundo tinha explodido sua mente. Depois disso, eles se enfureceram por Phoebe com a força de um incêndio florestal, reduzindo-a a cinzas antes de reformá-la completamente.

Sim, era assim que se sentia... uma fênix, nova e liberada, e se levantando.

Claro, por baixo de todo aquele prazer lendário estava o conhecimento de que Phoebe era tudo menos livre. O toque de Roman pode tê-la transformado, mas não era ingênua o suficiente para imaginar que isso mudava o que estava fazendo aqui na casa dele. Ela ainda era sua refém. Sua prisioneira.

E agora era sua Ômega também. O que significava que estava agora acorrentada a ele por laços invisíveis muito mais poderosos do que quaisquer correntes físicas.

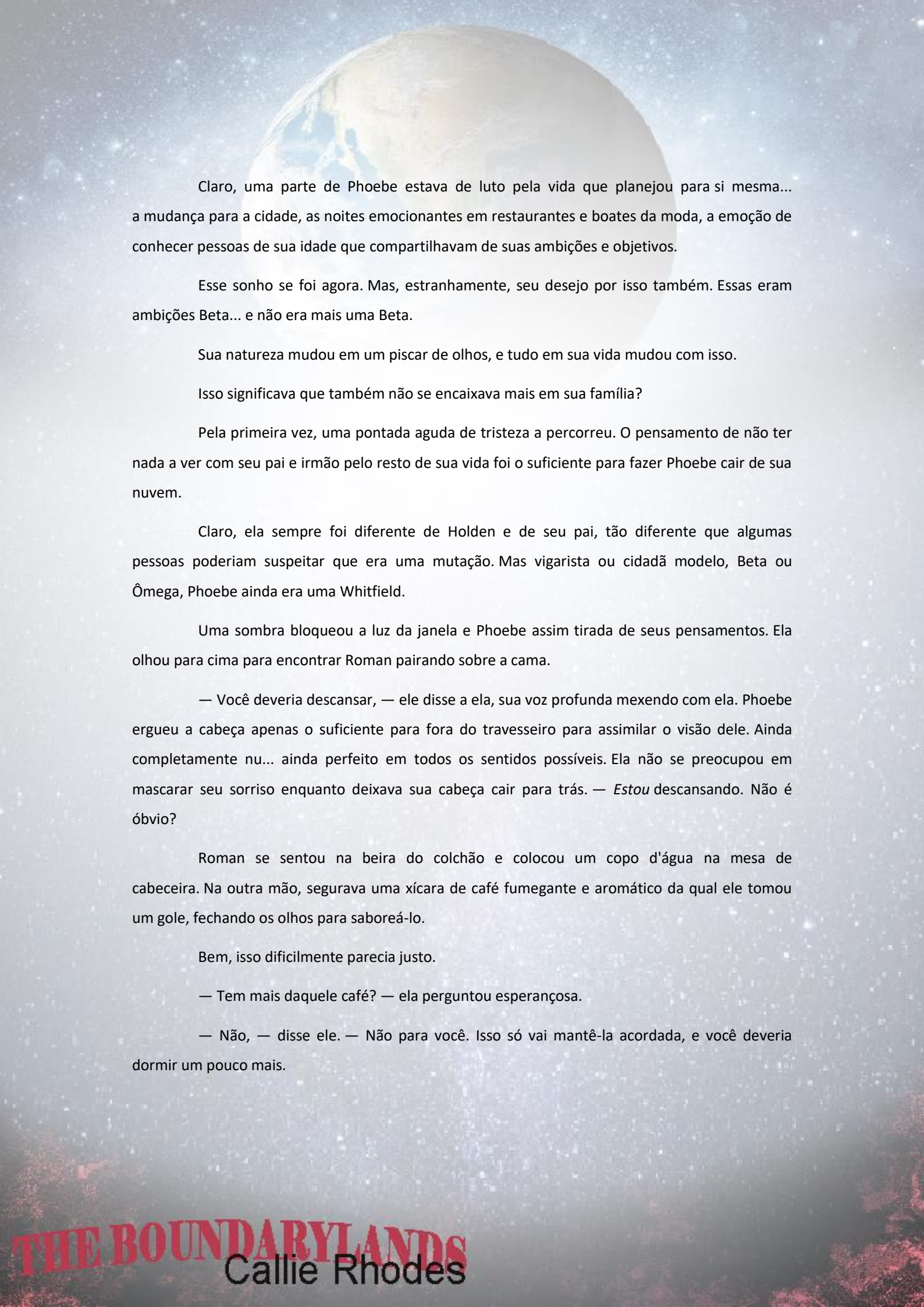
A verdade é que nunca seria livre novamente.

Phoebe sabia que isso a faria se desesperar. Afinal, ser uma Ômega significava uma vida inteira de servidão... noite e dia. Sem chance de fuga. Sem esperança de liberdade. Mas, à medida que o nevoeiro se dissipou lentamente e trouxe Phoebe de volta à realidade, o pânico teimosamente se recusou a se instalar.

Ela não tinha certeza do porquê.

Ela tinha certeza de que, mesmo um dia atrás, a perspectiva de ficar presa nesta floresta sem nenhum conforto, sem seus amigos ou família, e sem mesmo seus sonhos para ansiar, a teria deixado em uma depressão profunda.

Mas isso não estava acontecendo.



Claro, uma parte de Phoebe estava de luto pela vida que planejou para si mesma... a mudança para a cidade, as noites emocionantes em restaurantes e boates da moda, a emoção de conhecer pessoas de sua idade que compartilhavam de suas ambições e objetivos.

Esse sonho se foi agora. Mas, estranhamente, seu desejo por isso também. Essas eram ambições Beta... e não era mais uma Beta.

Sua natureza mudou em um piscar de olhos, e tudo em sua vida mudou com isso.

Isso significava que também não se encaixava mais em sua família?

Pela primeira vez, uma pontada aguda de tristeza a percorreu. O pensamento de não ter nada a ver com seu pai e irmão pelo resto de sua vida foi o suficiente para fazer Phoebe cair de sua nuvem.

Claro, ela sempre foi diferente de Holden e de seu pai, tão diferente que algumas pessoas poderiam suspeitar que era uma mutação. Mas vigarista ou cidadã modelo, Beta ou Ômega, Phoebe ainda era uma Whitfield.

Uma sombra bloqueou a luz da janela e Phoebe assim tirada de seus pensamentos. Ela olhou para cima para encontrar Roman pairando sobre a cama.

— Você deveria descansar, — ele disse a ela, sua voz profunda mexendo com ela. Phoebe ergueu a cabeça apenas o suficiente para fora do travesseiro para assimilar o visão dele. Ainda completamente nu... ainda perfeito em todos os sentidos possíveis. Ela não se preocupou em mascarar seu sorriso enquanto deixava sua cabeça cair para trás. — *Estou* descansando. Não é óbvio?

Roman se sentou na beira do colchão e colocou um copo d'água na mesa de cabeceira. Na outra mão, segurava uma xícara de café fumegante e aromático da qual ele tomou um gole, fechando os olhos para saboreá-lo.

Bem, isso dificilmente parecia justo.

— Tem mais daquele café? — ela perguntou esperançosa.

— Não, — disse ele. — Não para você. Isso só vai mantê-la acordada, e você deveria dormir um pouco mais.

As sobrancelhas de Phoebe se uniram. Por que diabos iria querer fazer isso?

— Mas não estou cansada, — protestou ela. — E dormi bastante. Estava realmente esperando que você pudesse vir se juntar a mim sob essas cobertas.

Pronto, ela disse, embora pudesse sentir um rubor tomar conta de seu rosto. Nunca em suas experiências sexuais insignificantes tinha sido uma agressora, e parecia um pouco estranho, como um suéter colocado ao contrário.

Mas no momento em que Roman entrou na sala, seu corpo respondeu, seu sangue esquentou ao pensar na segunda rodada. Era assim que ia ser de agora em diante? Será que a garota que sempre foi reservada, que as pessoas às vezes confundiam com arrogante, realmente se tornara uma... uma *tentadora*?

O estrondo que emanava do peito de Roman, fazendo a cama estremecer, sugeria que talvez sim. O medo de Phoebe de que o tivesse irritado com sua tentativa desajeitada de ser sensual desapareceu quando viu como seu pênis estava endurecendo rapidamente.

Ele a queria tanto quanto o queria. Mas ele ainda balançou a cabeça.

— Isso não é uma boa ideia. Você entrará no seu cio em breve, e será mais fácil para você se estiver bem descansada.

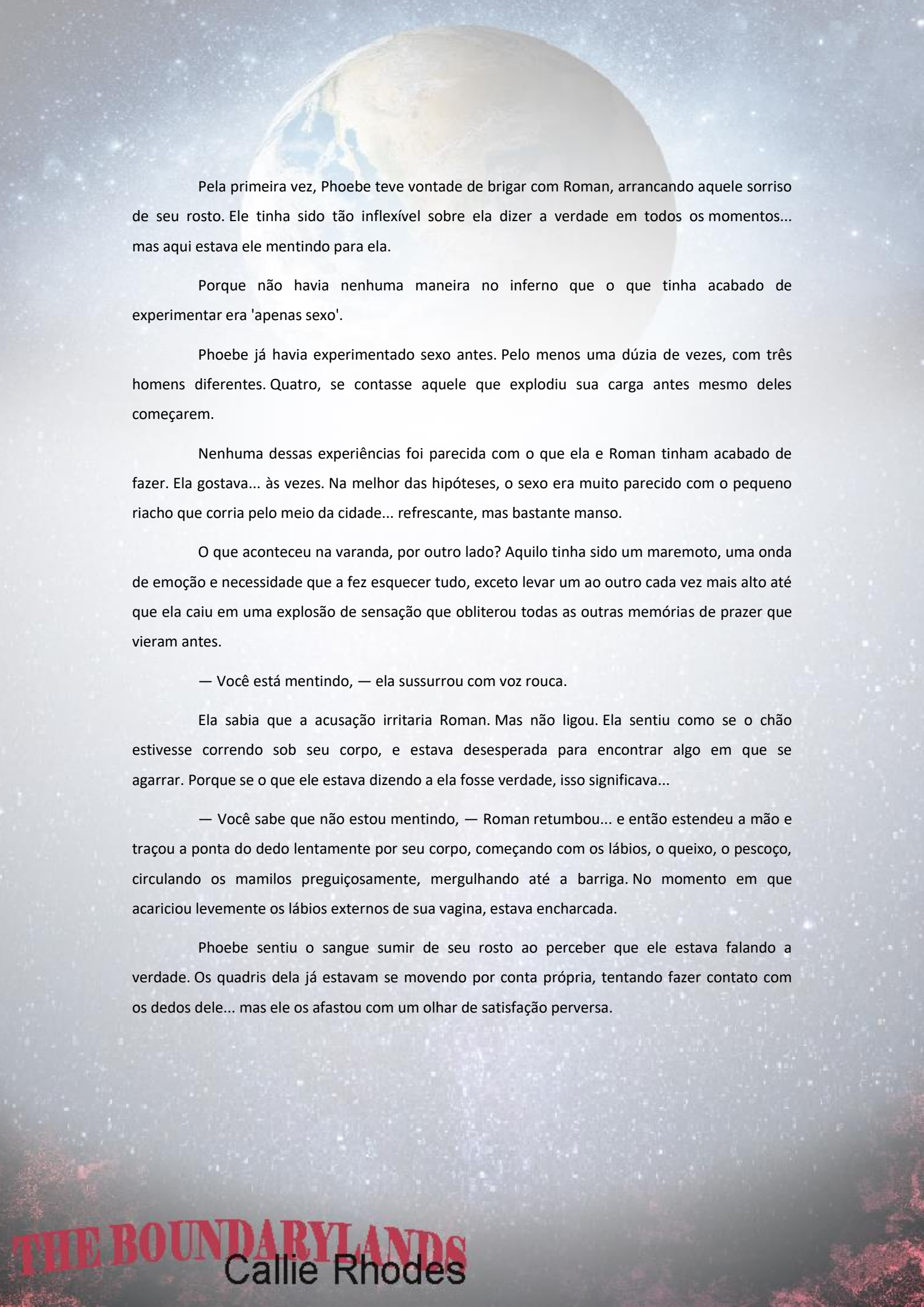
Espere... o quê?

— Eu 'vou' entrar no meu cio? — ela repetiu, lutando para se sentar ereta no ninho de colchas. Ela deve ter entendido mal. — Quer dizer que ainda não estou nele?

Roman reprimiu um sorriso. — Você pensou *que* era o seu calor? Algumas rodadas contra o parapeito da varanda?

— Bem, sim. Foram muitos orgasmos. — Phoebe engoliu em seco, não acostumada a falar sobre esse tipo de coisa. Não que já tivesse experimentado algo parecido com o que tinha acabado de acontecer. Ela perdeu o controle no momento em que se beijaram... não, mesmo antes disso, quando se sentiu compelida a tocá-lo, desesperada para senti-lo. — Bem, então... o que foi?

— Aquilo — disse ele, sem se preocupar mais em esconder sua diversão, — Era apenas sexo.



Pela primeira vez, Phoebe teve vontade de brigar com Roman, arrancando aquele sorriso de seu rosto. Ele tinha sido tão inflexível sobre ela dizer a verdade em todos os momentos... mas aqui estava ele mentindo para ela.

Porque não havia nenhuma maneira no inferno que o que tinha acabado de experimentar era 'apenas sexo'.

Phoebe já havia experimentado sexo antes. Pelo menos uma dúzia de vezes, com três homens diferentes. Quatro, se contasse aquele que explodiu sua carga antes mesmo deles começarem.

Nenhuma dessas experiências foi parecida com o que ela e Roman tinham acabado de fazer. Ela gostava... às vezes. Na melhor das hipóteses, o sexo era muito parecido com o pequeno riacho que corria pelo meio da cidade... refrescante, mas bastante manso.

O que aconteceu na varanda, por outro lado? Aquilo tinha sido um maremoto, uma onda de emoção e necessidade que a fez esquecer tudo, exceto levar um ao outro cada vez mais alto até que ela caiu em uma explosão de sensação que obliterou todas as outras memórias de prazer que vieram antes.

— Você está mentindo, — ela sussurrou com voz rouca.

Ela sabia que a acusação irritaria Roman. Mas não ligou. Ela sentiu como se o chão estivesse correndo sob seu corpo, e estava desesperada para encontrar algo em que se agarrar. Porque se o que ele estava dizendo a ela fosse verdade, isso significava...

— Você sabe que não estou mentindo, — Roman retumbou... e então estendeu a mão e traçou a ponta do dedo lentamente por seu corpo, começando com os lábios, o queixo, o pescoço, circulando os mamilos preguiçosamente, mergulhando até a barriga. No momento em que acariciou levemente os lábios externos de sua vagina, estava encharcada.

Phoebe sentiu o sangue sumir de seu rosto ao perceber que ele estava falando a verdade. Os quadris dela já estavam se movendo por conta própria, tentando fazer contato com os dedos dele... mas ele os afastou com um olhar de satisfação perversa.

— Oh, Deus, — ela engasgou. A necessidade nela não era como antes... era ainda mais forte, mais urgente. Ela sentiu como se seu sangue estivesse começando a ferver em suas veias. — Como diabos será o meu cio então?

Roman riu, mesmo quando seu pênis ficou mais duro diante de seus olhos.

— Estou falando sério — disse Phoebe, começando a entrar em pânico. Outra sessão como a última provavelmente levaria uma semana para se recuperar. Ela não conseguia nem imaginar ficar mais intenso... provavelmente a colocaria em coma. — Não sou como você. Só sou uma Ômega por algumas horas. Não posso... não posso fazer *isso*. Como sobreviverei?

Imediatamente, Roman ficou sério. Ele pegou a mão dela, o olhar em seus olhos escurecendo com a pergunta dela. — Não só você vai sobreviver, — ele resmungou, — Mas será o paraíso do caralho.

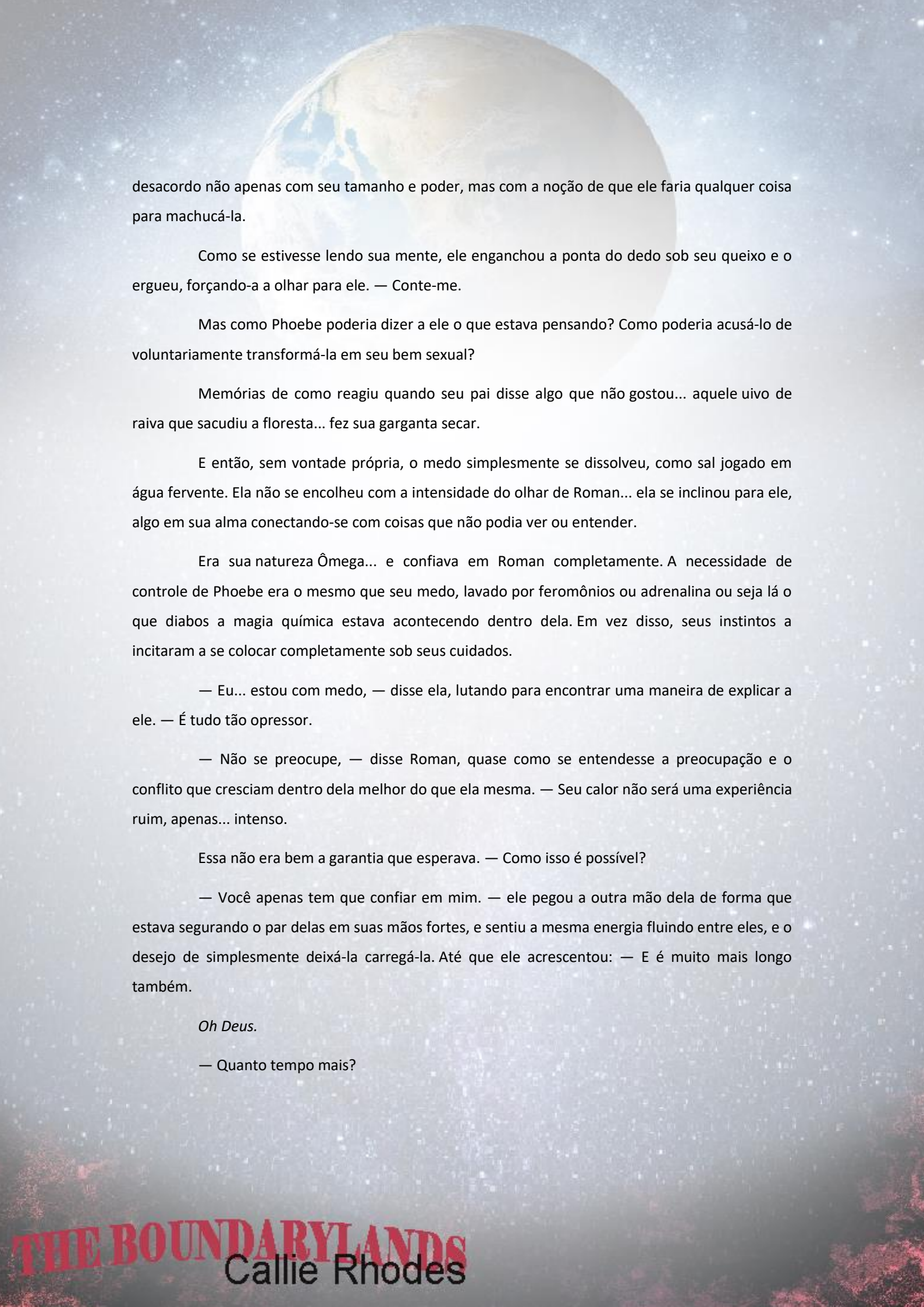
Talvez pra ele, Phoebe quis protestar. Mas e quanto a ela? Na escola, aprendera que sexo entre Alfas e Ômegas tinha mais em comum com cães no cio do que sexualidade Beta. Uma vez no cio, Ômegas atraíam a atenção de qualquer Alfa próximo, que respondia dominando e tendo o seu caminho com ela, forçando-se dentro dela e fodendo-a até gozar, mesmo que isso a dilacerasse. Os Alfas não conseguiam se conter e as Ômegas simplesmente tinham que suportar ser tomadas repetidamente até que, depois de alguns dias, o calor finalmente acabava.

Era por isso que seus corpos tinham poderes extraordinários de cura. Uma mulher Beta nunca sobreviveria à experiência.

Phoebe ouvira boatos entre os Betas que, como sua família, faziam negócios sombrios em Boundarylands... você nunca via suas mulheres porque as mantinham em gaiolas; eles as usavam até morrerem de exaustão; se tentassem escapar, teriam convulsões e morreriam.

Phoebe não acreditava nas histórias. Pelo menos não *todas*, mas o tema geral... Ômegas proporcionam prazer; Alfas pegam tudo o que querem... era consistente o suficiente para ser verdade. Foi por isso que ficou tão chocada por gozar tantas vezes durante seu cio e sem nenhum ferimento.

Mas agora sabia o motivo. E o pior ainda estava por vir. Phoebe olhou para sua mão, completamente envolvida na palma enorme de Roman. Seu toque era gentil e reconfortante, em



desacordo não apenas com seu tamanho e poder, mas com a noção de que ele faria qualquer coisa para machucá-la.

Como se estivesse lendo sua mente, ele enganchou a ponta do dedo sob seu queixo e o ergueu, forçando-a a olhar para ele. — Conte-me.

Mas como Phoebe poderia dizer a ele o que estava pensando? Como poderia acusá-lo de voluntariamente transformá-la em seu bem sexual?

Memórias de como reagiu quando seu pai disse algo que não gostou... aquele uivo de raiva que sacudiu a floresta... fez sua garganta secar.

E então, sem vontade própria, o medo simplesmente se dissolveu, como sal jogado em água fervente. Ela não se encolheu com a intensidade do olhar de Roman... ela se inclinou para ele, algo em sua alma conectando-se com coisas que não podia ver ou entender.

Era sua natureza Ômega... e confiava em Roman completamente. A necessidade de controle de Phoebe era o mesmo que seu medo, lavado por feromônios ou adrenalina ou seja lá o que diabos a magia química estava acontecendo dentro dela. Em vez disso, seus instintos a incitaram a se colocar completamente sob seus cuidados.

— Eu... estou com medo, — disse ela, lutando para encontrar uma maneira de explicar a ele. — É tudo tão opressor.

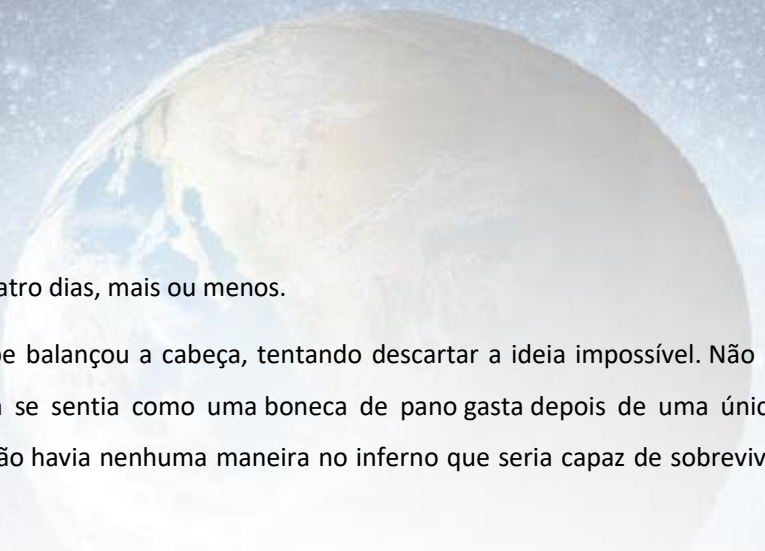
— Não se preocupe, — disse Roman, quase como se entendesse a preocupação e o conflito que cresciam dentro dela melhor do que ela mesma. — Seu calor não será uma experiência ruim, apenas... intenso.

Essa não era bem a garantia que esperava. — Como isso é possível?

— Você apenas tem que confiar em mim. — ele pegou a outra mão dela de forma que estava segurando o par delas em suas mãos fortes, e sentiu a mesma energia fluindo entre eles, e o desejo de simplesmente deixá-la carregá-la. Até que ele acrescentou: — E é muito mais longo também.

Oh Deus.

— Quanto tempo mais?



— Quatro dias, mais ou menos.

Phoebe balançou a cabeça, tentando descartar a ideia impossível. Não havia como isso ser verdade. Ela se sentia como uma boneca de pano gasta depois de uma única hora de sexo com Roman... não havia nenhuma maneira no inferno que seria capaz de sobreviver a quatro dias inteiros.

Ela nunca mais andaria. Provavelmente nem seria capaz de ficar de pé. Merda, teria sorte de ter células cerebrais suficientes para falar.

— Você ficará bem, — disse Roman. Ficou claro que havia dito tudo o que planejava sobre o assunto quando levou as mãos dela aos lábios para um beijo. — Basta lembrar, você é uma Ômega agora. Você foi feito para...

As palavras de Roman foram sumindo enquanto seus olhos perdiam o foco. Uma fração de segundo depois, ele soltou suas mãos e se levantou, inclinando a cabeça em direção à janela aberta.

— O que é isso? — Phoebe perguntou, alarmada.

Mas Roman não respondeu. Ele abriu uma gaveta da cômoda e pegou uma calça limpa, puxando-a com repentina urgência e deixando Phoebe encolhida na cama.

Os lobos voltaram? Eles estavam fora da casa, circulando, caçando?

— Roman! — ela chamou. — O que está acontecendo? O que está lá fora? — ele parou na porta tempo suficiente para encará-la, sua boca uma linha plana e firme.

— É seu pai e irmão. Eles estão de volta, e desta vez mantiveram sua promessa.



CAPÍTULO ONZE

Phoebe

— Fique aqui dentro, — Roman ordenou enquanto saía do quarto. Antes que tivesse a chance de responder, a porta da frente se fechou atrás dele.

Phoebe balançou a cabeça, tentando clarear sua mente. Um momento atrás, estava tentando aceitar o fato de que estava prestes a passar quatro dias inteiros fazendo sexo. Agora era confrontada com o retorno de sua família para cumprir o acordo que haviam feito com Roman.

Com seu *Alfa*.

Isso seria uma notícia para Holden e seu pai, Phoebe pensou sombriamente... e não uma notícia bem - vinda.

De repente, Phoebe percebeu a verdadeira urgência da situação. A poucos metros de distância, do lado de fora da cabana, uma explosão estava prestes a acontecer... não o conteúdo inflamável do caminhão-tanque, embora pudesse muito bem ser. Pegue dois Whitfields de cabeça quente, acrescente um Alfa teimoso e cabeça-dura à mistura... todos os quais a viam como propriedade de uma forma ou de outra... e isso seria um desastre.

Roman não podia esperar que ficasse fora disso... não depois do que aconteceu durante seu último encontro com sua família. Roman quase os matou quando tudo o que estava em jogo era meio tanque de gasolina. Se não fosse lá agora e fizesse algo, não havia como dizer o que aconteceria.

Phoebe estava a meio caminho da porta do quarto quando percebeu que ainda estava completamente nua. Porcaria. Não podia sair assim.

Ela correu até sua mochila que estava enfiada em um canto da sala principal e pegou as primeiras roupas que encontrou. Não teve tempo de ver se elas combinavam. Ela já podia ouvir o zumbido fraco de um grande motor, o que significava que eles não podiam estar muito longe.

Ainda assim, Phoebe se forçou a respirar fundo e rapidamente pesou os prós e os contras da situação enquanto tirava um vestido limpo.

Roman já havia percebido que sua família havia cumprido sua parte do trato... isso era bom. Mas ele ainda estava de mau humor quando saiu correndo... isso era ruim. Adicione isso a maneira como seu pai e Holden com certeza perderiam a cabeça quando percebessem o que aconteceu entre ela e Roman, e a situação estava fadada a ficar feia rapidamente.

O que significava que precisava sair e se certificar de que ninguém acabasse morto.

Ela puxou o vestido pela cabeça, mas só quando o alisou sobre as coxas é que percebeu que era aquele que sua mãe a levava para fazer compras antes de ser internada no hospital... uma camisola sem mangas pontilhada de pequenas margaridas.

— Você sabe que seu pai e seu irmão têm boas intenções, — disse sua mãe enquanto almoçavam juntas naquele dia. — Eles simplesmente perdem o rumo às vezes e precisam de um pequeno empurrão para voltar aos trilhos.

Engraçado que essas palavras surgissem em sua memória agora. Quase tão estranho quanto a mão de Phoebe por acaso pousar neste vestido em primeiro lugar.

— Vou tentar o meu melhor para empurrá-los de volta, mãe, — ela sussurrou para o teto.

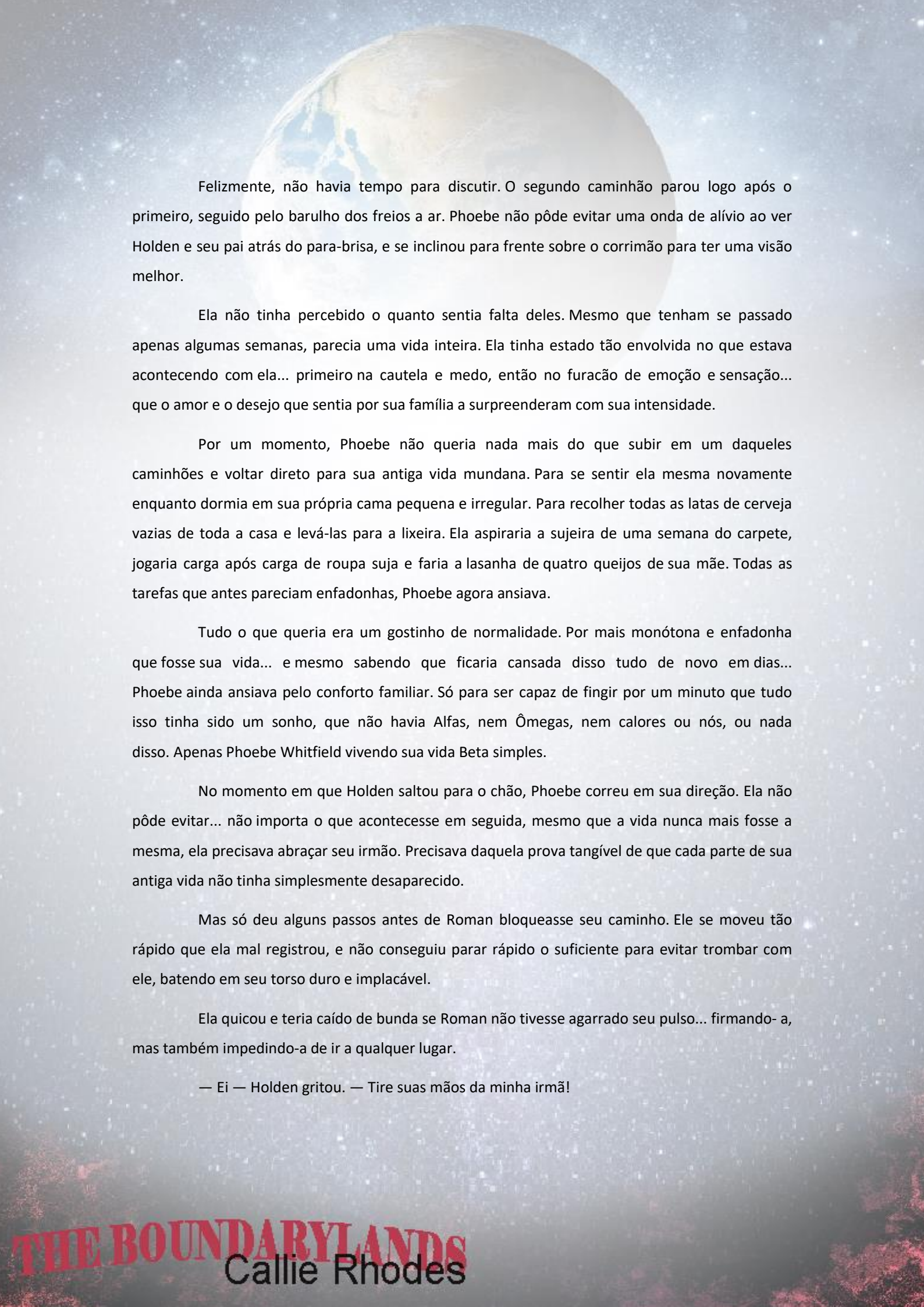
Phoebe não se preocupou com sapatos. Ela simplesmente saiu correndo pela porta descalça, e foi uma coisa boa também, porque no segundo em que irrompeu na varanda, o primeiro caminhão-tanque parou na frente da casa.

Não surpreendentemente, Roman não parecia satisfeito em vê-la. O olhar que lançou por cima do ombro era tão sombrio quanto desapontado.

— Eu disse para você ficar dentro de cabana, — ele vociferou.

Phoebe apenas balançou a cabeça. Se ele pensava que ela simplesmente se sentaria lá dentro e deixaria sua família lidar com ele sozinha, então não sabia nada sobre ela.

Além de como fazê-la tremer com orgasmos escaldantes, seu subconsciente traidor a lembrou depois que deu uma olhada em seu perfil, sua postura rígida e poderosa.



Felizmente, não havia tempo para discutir. O segundo caminhão parou logo após o primeiro, seguido pelo barulho dos freios a ar. Phoebe não pôde evitar uma onda de alívio ao ver Holden e seu pai atrás do para-brisa, e se inclinou para frente sobre o corrimão para ter uma visão melhor.

Ela não tinha percebido o quanto sentia falta deles. Mesmo que tenham se passado apenas algumas semanas, parecia uma vida inteira. Ela tinha estado tão envolvida no que estava acontecendo com ela... primeiro na cautela e medo, então no furacão de emoção e sensação... que o amor e o desejo que sentia por sua família a surpreenderam com sua intensidade.

Por um momento, Phoebe não queria nada mais do que subir em um daqueles caminhões e voltar direto para sua antiga vida mundana. Para se sentir ela mesma novamente enquanto dormia em sua própria cama pequena e irregular. Para recolher todas as latas de cerveja vazias de toda a casa e levá-las para a lixeira. Ela aspiraria a sujeira de uma semana do carpete, jogaria carga após carga de roupa suja e faria a lasanha de quatro queijos de sua mãe. Todas as tarefas que antes pareciam enfadonhas, Phoebe agora ansiava.

Tudo o que queria era um gostinho de normalidade. Por mais monótona e enfadonha que fosse sua vida... e mesmo sabendo que ficaria cansada disso tudo de novo em dias... Phoebe ainda ansiava pelo conforto familiar. Só para ser capaz de fingir por um minuto que tudo isso tinha sido um sonho, que não havia Alfas, nem Ômegas, nem calores ou nós, ou nada disso. Apenas Phoebe Whitfield vivendo sua vida Beta simples.

No momento em que Holden saltou para o chão, Phoebe correu em sua direção. Ela não pôde evitar... não importa o que acontecesse em seguida, mesmo que a vida nunca mais fosse a mesma, ela precisava abraçar seu irmão. Precisava daquela prova tangível de que cada parte de sua antiga vida não tinha simplesmente desaparecido.

Mas só deu alguns passos antes de Roman bloqueasse seu caminho. Ele se moveu tão rápido que ela mal registrou, e não conseguiu parar rápido o suficiente para evitar trombar com ele, batendo em seu torso duro e implacável.

Ela quicou e teria caído de bunda se Roman não tivesse agarrado seu pulso... firmando-a, mas também impedindo-a de ir a qualquer lugar.

— Ei — Holden gritou. — Tire suas mãos da minha irmã!

— Cai fora, Fontana! — Seu pai saiu do segundo caminhão. — Nós trouxemos a porra da sua gasolina. Cada galão, desta vez. Estamos quites.

Mas a carranca de Roman só aumentou, junto com o aperto no pulso de Phoebe. — Bom, — ele vociferou. — Agora, desencaixe-os e vá.

Phoebe tentou chamar sua atenção. Ele deveria ter ficado satisfeito. Afinal, era isso que queria... o dobro do que esperava no início.

Ela viu Holden e seu pai compartilharem um olhar, silenciosamente decidindo quem seria o único a falar, aquele que arriscaria seu pescoço enfrentando o Alfa que quase os matou da última vez. No final... como sempre... foi seu pai quem deu um passo à frente.

— Entregue minha filha e nós desatrelamos os caminhões, — disse ele, no que passava por calma quando você era um Whitfield puto. Os tendões de seu pescoço se destacaram, distorcendo a tatuagem de esqueleto pintada ali.

Roman não piscou. Não se mexeu. Mas de alguma forma, Phoebe podia sentir seu olhar ficar mais frio. — Houve uma mudança de planos.

— Que mudança? — Holden exigiu, estufando o peito. Phoebe nunca tinha visto seu irmão mostrar tanta coragem antes. Ela sabia que ele tinha que estar intimidado pelo Alfa que o superava em pelo menos trinta centímetros e vários quilos... mas ele não estava demonstrando.

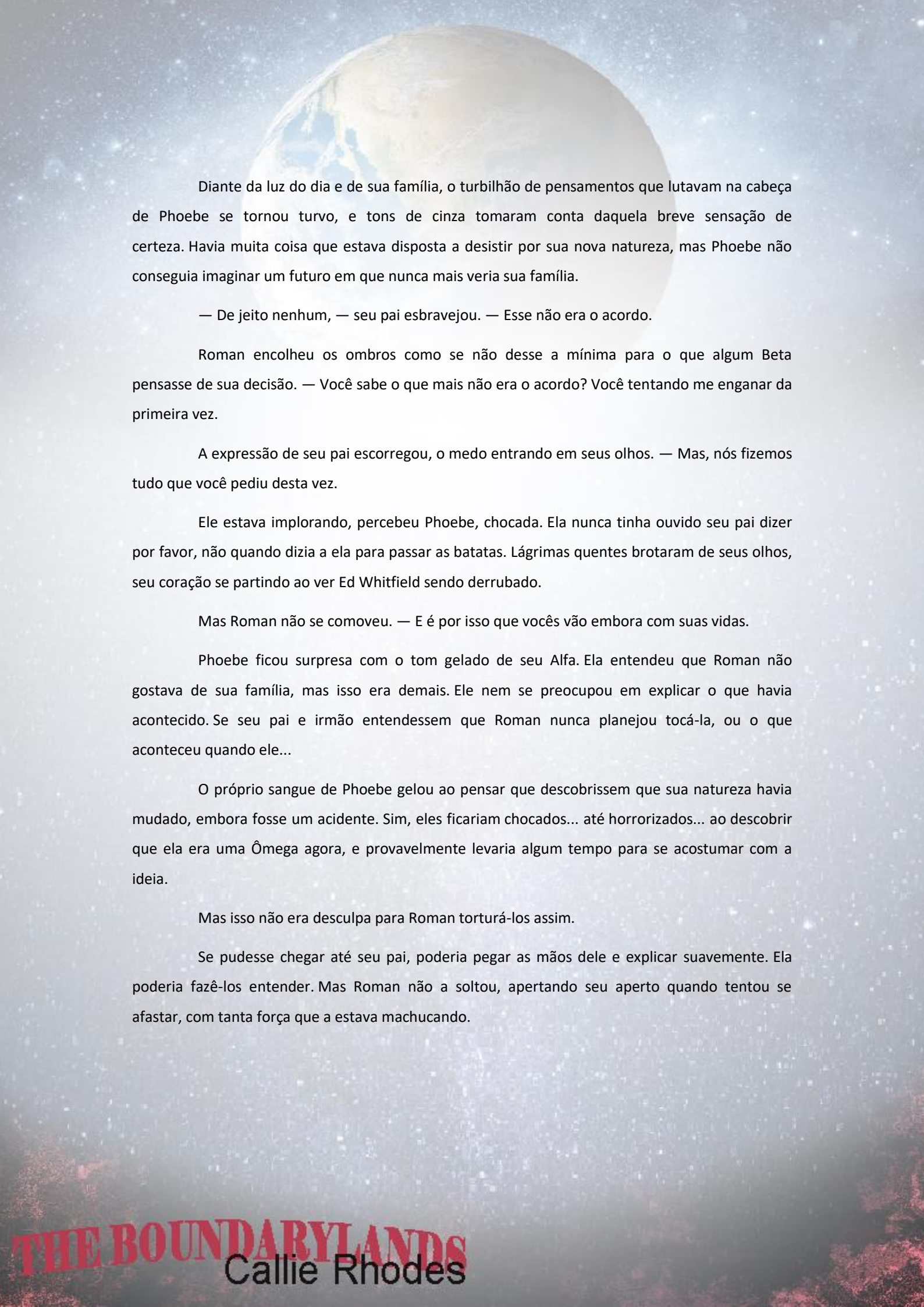
Se não fosse um momento tão terrível, Phoebe teria realmente se orgulhado de seu irmão. Mas depois da semana na propriedade de Roman, Phoebe sabia em primeira mão que enfrentar um Alfa era geralmente um plano terrível.

— A garota ficará comigo. — A voz de Roman era dura e monótona... quase irreconhecível como a mesma que usou momentos atrás, quando estavam compartilhando a cama em que fizeram amor.

Mas Phoebe era diferente aqui também. As circunstâncias mudaram.

Em sua névoa rosada pós-sexo, a ideia de voltar para casa com Holden e seu pai nem havia entrado em sua mente. Ela estava consumida em imaginar quão intensos os próximos quatro dias seriam... ela até começou a imaginar aqueles dias se estendendo por meses e anos.

Mas agora?



Diante da luz do dia e de sua família, o turbilhão de pensamentos que lutavam na cabeça de Phoebe se tornou turvo, e tons de cinza tomaram conta daquela breve sensação de certeza. Havia muita coisa que estava disposta a desistir por sua nova natureza, mas Phoebe não conseguia imaginar um futuro em que nunca mais veria sua família.

— De jeito nenhum, — seu pai esbravejou. — Esse não era o acordo.

Roman encolheu os ombros como se não desse a mínima para o que algum Beta pensasse de sua decisão. — Você sabe o que mais não era o acordo? Você tentando me enganar da primeira vez.

A expressão de seu pai escorregou, o medo entrando em seus olhos. — Mas, nós fizemos tudo que você pediu desta vez.

Ele estava implorando, percebeu Phoebe, chocada. Ela nunca tinha ouvido seu pai dizer por favor, não quando dizia a ela para passar as batatas. Lágrimas quentes brotaram de seus olhos, seu coração se partindo ao ver Ed Whitfield sendo derrubado.

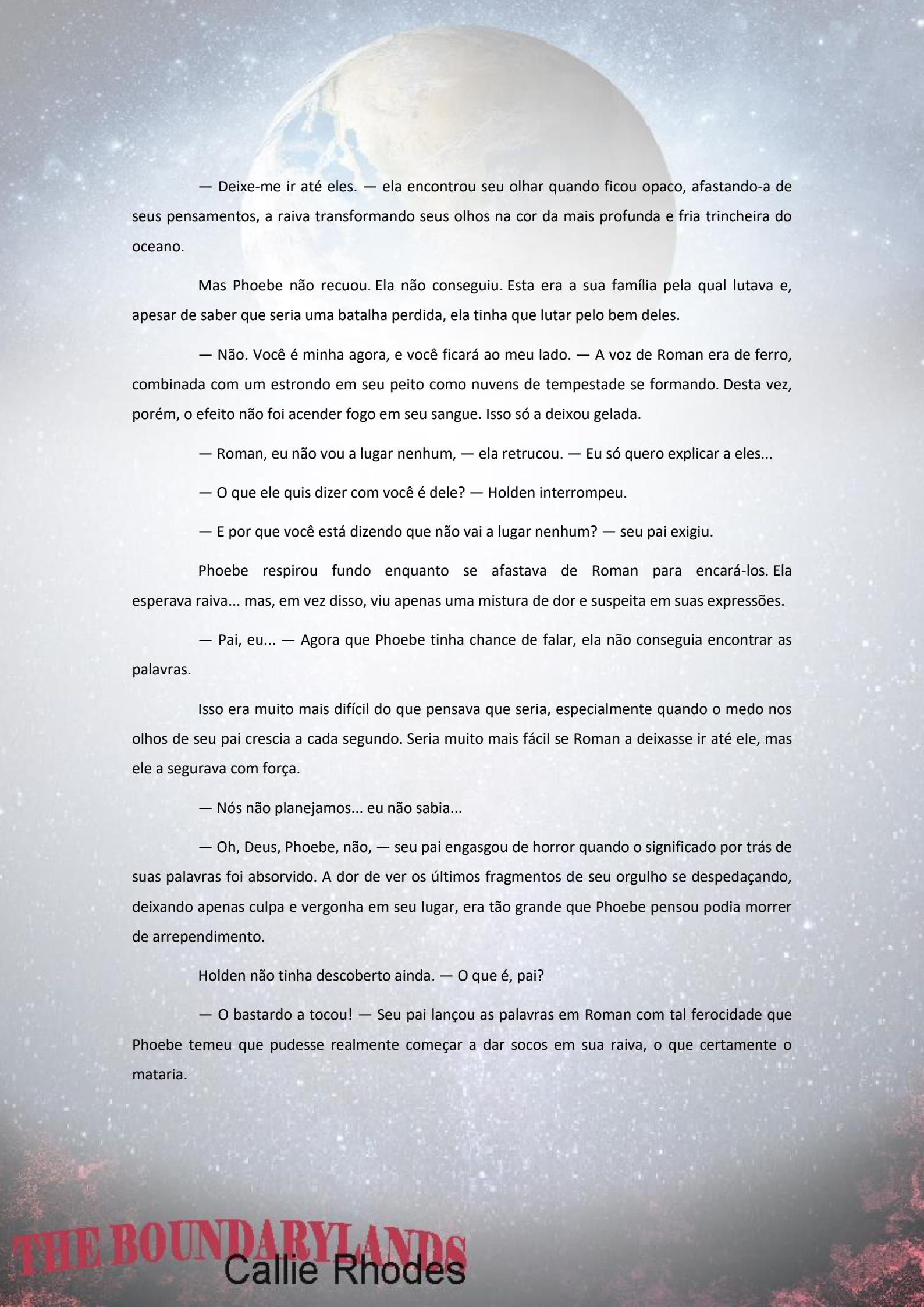
Mas Roman não se comoveu. — E é por isso que vocês vão embora com suas vidas.

Phoebe ficou surpresa com o tom gelado de seu Alfa. Ela entendeu que Roman não gostava de sua família, mas isso era demais. Ele nem se preocupou em explicar o que havia acontecido. Se seu pai e irmão entendessem que Roman nunca planejou tocá-la, ou o que aconteceu quando ele...

O próprio sangue de Phoebe gelou ao pensar que descobrissem que sua natureza havia mudado, embora fosse um acidente. Sim, eles ficariam chocados... até horrorizados... ao descobrir que ela era uma Ômega agora, e provavelmente levaria algum tempo para se acostumar com a ideia.

Mas isso não era desculpa para Roman torturá-los assim.

Se pudesse chegar até seu pai, poderia pegar as mãos dele e explicar suavemente. Ela poderia fazê-los entender. Mas Roman não a soltou, apertando seu aperto quando tentou se afastar, com tanta força que a estava machucando.



— Deixe-me ir até eles. — ela encontrou seu olhar quando ficou opaco, afastando-a de seus pensamentos, a raiva transformando seus olhos na cor da mais profunda e fria trincheira do oceano.

Mas Phoebe não recuou. Ela não conseguiu. Esta era a sua família pela qual lutava e, apesar de saber que seria uma batalha perdida, ela tinha que lutar pelo bem deles.

— Não. Você é minha agora, e você ficará ao meu lado. — A voz de Roman era de ferro, combinada com um estrondo em seu peito como nuvens de tempestade se formando. Desta vez, porém, o efeito não foi acender fogo em seu sangue. Isso só a deixou gelada.

— Roman, eu não vou a lugar nenhum, — ela retrucou. — Eu só quero explicar a eles...

— O que ele quis dizer com você é dele? — Holden interrompeu.

— E por que você está dizendo que não vai a lugar nenhum? — seu pai exigiu.

Phoebe respirou fundo enquanto se afastava de Roman para encará-los. Ela esperava raiva... mas, em vez disso, viu apenas uma mistura de dor e suspeita em suas expressões.

— Pai, eu... — Agora que Phoebe tinha chance de falar, ela não conseguia encontrar as palavras.

Isso era muito mais difícil do que pensava que seria, especialmente quando o medo nos olhos de seu pai crescia a cada segundo. Seria muito mais fácil se Roman a deixasse ir até ele, mas ele a segurava com força.

— Nós não planejamos... eu não sabia...

— Oh, Deus, Phoebe, não, — seu pai engasgou de horror quando o significado por trás de suas palavras foi absorvido. A dor de ver os últimos fragmentos de seu orgulho se despedaçando, deixando apenas culpa e vergonha em seu lugar, era tão grande que Phoebe pensou podia morrer de arrependimento.

Holden não tinha descoberto ainda. — O que é, pai?

— O bastardo a tocou! — Seu pai lançou as palavras em Roman com tal ferocidade que Phoebe temeu que pudesse realmente começar a dar socos em sua raiva, o que certamente o mataria.

Mas Holden ainda não entendeu. — Bem, sim, ele a está tocando agora.

— Não, filho. O que quero dizer é que ele a tocou e ela... mudou.

Phoebe gostaria de poder impedir o terrível entendimento que finalmente se apoderou de Holden. — Diga que não é verdade, Phoebe — implorou ele, o rosto branco como um lençol. — Diga que você não é uma Ômega.

Ela abriu a boca, mas não havia nada a dizer, nenhuma maneira de esconder o fato. Pela primeira vez na vida, sua família se deparou com um problema que Phoebe não conseguia nem fingir que consertava. Ela não podia dar a eles o que precisavam.

Roman, por outro lado, parecia despreocupado. — Não é apenas uma Ômega, — corrigiu ele, sua voz cheia de uma vitória cruel, — ela é *minha* Ômega.

— Seu filho da... — Seu pai correu para frente, os punhos cerrados. Sem pensar, Phoebe jogou seu corpo na frente de Roman. Seu pai colidiu com ela e cambaleou para trás antes de ter a chance de atacar Roman.

Phoebe saiu ilesa, a força da colisão a mandou de volta para os braços de Roman. Tudo o que importava era que seu pai não fosse morto pelo Alfa muito maior. Ela tentou se libertar para ir até ele, mas Roman não soltou seu pulso. Em vez disso, ele a manobrou para que ficasse diretamente entre ele e seu pai.

— Fique aí, — ele murmurou, — Para que o velho bastardo não cometa outro erro.

Phoebe nunca se sentiu tão impotente em sua vida. As lágrimas se juntaram em seus olhos quando colocou a mão sobre a camisa de seu pai, a flanela que lavou mil vezes, macia ao seu toque. Por baixo, ela podia sentir seu coração martelando de raiva e medo por sua filha.

O que diabos poderia dizer que poderia aliviar esse tipo de angústia? Nenhuma palavra poderia consertar isso, mas Phoebe sabia que ainda precisava tentar.

— Foi um acidente, pai, juro, — disse ela. — Nenhum de nós queria que isso acontecesse. Eu estava sozinha quando fui cercada por uma matilha de lobos... graças a Deus, Roman chegou a tempo. Ele realmente salvou minha vida quando me tocou. Depois disso... bem, não havia como parar a mudança em minha natureza. Não é culpa de ninguém. Eu apenas tive azar.

Atrás dela, Phoebe podia sentir Roman tenso, mas não se atreveu a se virar.

— Oh, minha garotinha, — disse o pai, com a voz embargada. — Eu já perdi sua mãe. Não posso perder você também.

— Vai ficar tudo bem, pai — murmurou Phoebe, mas os dois sabiam que não havia como ela fazer tal promessa.

Seu pai segurou sua bochecha suavemente com sua mão calejada. — Eu não sei o que farei. Holden e eu não podemos fazer isso sozinhos sem você.

Roman soltou um forte suspiro e puxou Phoebe para trás, puxando-a para seu lado. Seu corpo estava rígido, a raiva emanando dele em ondas.

— Tudo bem, Whitfield, — Roman vociferou. — Você obteve suas respostas. Agora desatrele os tanques e vá embora.

— Você não pode esperar que eu simplesmente me afaste da minha própria filha! — Seu pai cruzou as mãos na frente dele, implorando. — Nem mesmo um Alfa pode ser tão cruel.

— Por que não? — Roman vociferou. — Você já fez isso uma vez. Se alguma coisa, deve ser mais fácil desta vez.

Seu pai estreitou os olhos, sua raiva acendendo novamente como uma isca seca. — Seu bastardo...

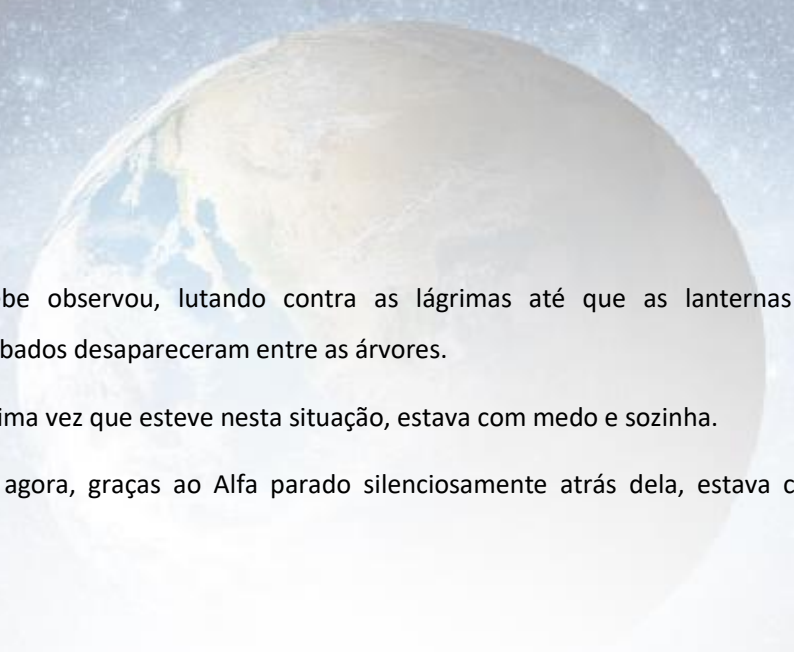
— Pai! — Phoebe o interrompeu, com medo de que ele fosse longe demais. — Está tudo bem. *Sério*.

Houve um longo silêncio enquanto Holden e seu pai olhavam para Roman. Se tivesse sido uma luta justa, eles teriam lutado. Provavelmente teriam feito isso de qualquer maneira, se Phoebe não estivesse fazendo o possível para diminuir a situação.

Finalmente, eles voltaram em direção aos tanques e desatrelaram as cargas, em seguida, andaram lentamente de volta para os dois caminhões.

Com a mão na maçaneta da porta, seu pai fez uma pausa e olhou diretamente nos olhos de Roman. — Isso ainda não acabou, chefe.

Então endireitou as costas, entrou no caminhão e partiu sem olhar para trás, Holden bem atrás dele.



Phoebe observou, lutando contra as lágrimas até que as lanternas traseiras dos caminhões roubados desapareceram entre as árvores.

A última vez que esteve nesta situação, estava com medo e sozinha.

Mas agora, graças ao Alfa parado silenciosamente atrás dela, estava completamente apavorada.



CAPÍTULO DOZE

Roman

Roman sabia que poderia facilmente impedir Phoebe de ir atrás de seu pai bom-para-nada e irmão burro-como-merda. Ele poderia dominá-la com as duas mãos amarradas nas costas, acorrentado ao fundo de um lago.

Ele tinha ouvido outros Alfas falarem sobre o vínculo Alfa-Ômega, como evitava que as Ômegas se afastassem do lado do Alfa, tornando fisicamente impossível para eles ficarem separados por muito tempo. Roman não tinha certeza se acreditava... definitivamente não o suficiente para apostar. Além disso, ele nem tinha certeza de que eles estavam ligados ainda, apesar do sexo incrível.

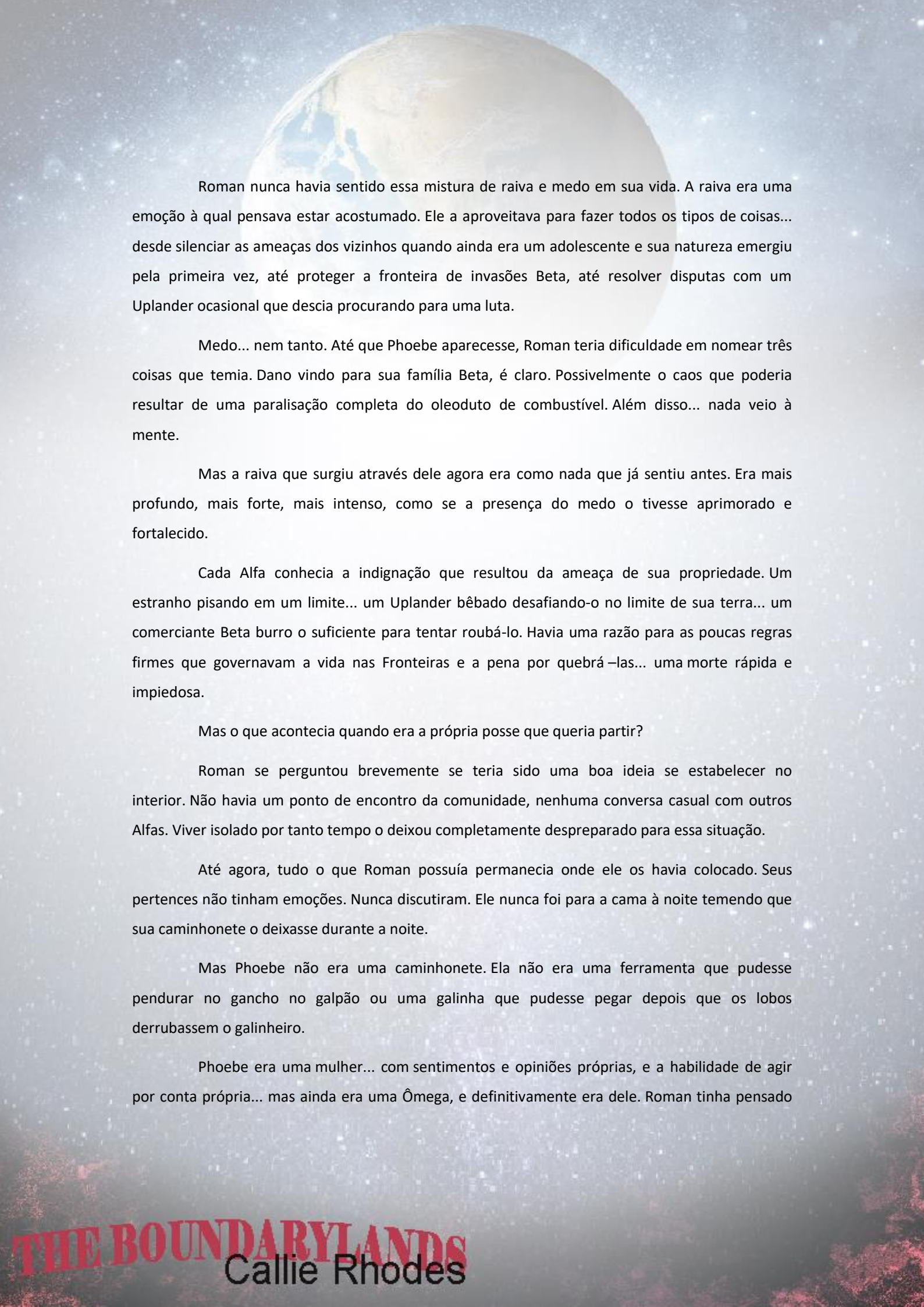
Pelo menos... não tinha certeza se Phoebe tinha. Quanto a si mesmo, temia estar perdido.

Roman não queria pensar sobre isso, então se concentrou na raiva que dominava todas as outras emoções de Phoebe, adicionando uma nota amarga e invasiva ao cheiro dela. Ele queria destruir essa emoção, junto com o cheiro forte de medo subindo de sua pele. E definitivamente poderia passar sem a distância física que ela estava mantendo entre eles enquanto estavam a vários metros de distância, olhando para a estrada atrás dos caminhões.

Uma parte dele queria tranquilizar Phoebe, lembrá-la de que nunca descontaria sua própria raiva nela. Não fisicamente e não com palavras cruéis.

Mas Roman manteve seus pensamentos para si mesmo. Por um lado, ela não acreditaria nele... não agora, logo depois que a conteve fisicamente devido a raiva de sua família. Ela precisaria de algumas horas para acalmar as tempestade de emoções conflitantes antes que pudesse considerar a situação racionalmente.

Mas havia algo mais que mantinha Roman em silêncio, roubando-lhe a capacidade de encontrar as palavras certas para falar com ela. Ele nunca admitiria, mas Roman estava com medo de que, se dissesse ou fizesse a coisa errada naquele momento, Phoebe iria embora.



Roman nunca havia sentido essa mistura de raiva e medo em sua vida. A raiva era uma emoção à qual pensava estar acostumado. Ele a aproveitava para fazer todos os tipos de coisas... desde silenciar as ameaças dos vizinhos quando ainda era um adolescente e sua natureza emergiu pela primeira vez, até proteger a fronteira de invasões Beta, até resolver disputas com um Uplander ocasional que descia procurando para uma luta.

Medo... nem tanto. Até que Phoebe aparecesse, Roman teria dificuldade em nomear três coisas que temia. Dano vindo para sua família Beta, é claro. Possivelmente o caos que poderia resultar de uma paralisação completa do oleoduto de combustível. Além disso... nada veio à mente.

Mas a raiva que surgiu através dele agora era como nada que já sentiu antes. Era mais profundo, mais forte, mais intenso, como se a presença do medo o tivesse aprimorado e fortalecido.

Cada Alfa conhecia a indignação que resultou da ameaça de sua propriedade. Um estranho pisando em um limite... um Uplander bêbado desafiando-o no limite de sua terra... um comerciante Beta burro o suficiente para tentar roubá-lo. Havia uma razão para as poucas regras firmes que governavam a vida nas Fronteiras e a pena por quebrá-las... uma morte rápida e impiedosa.

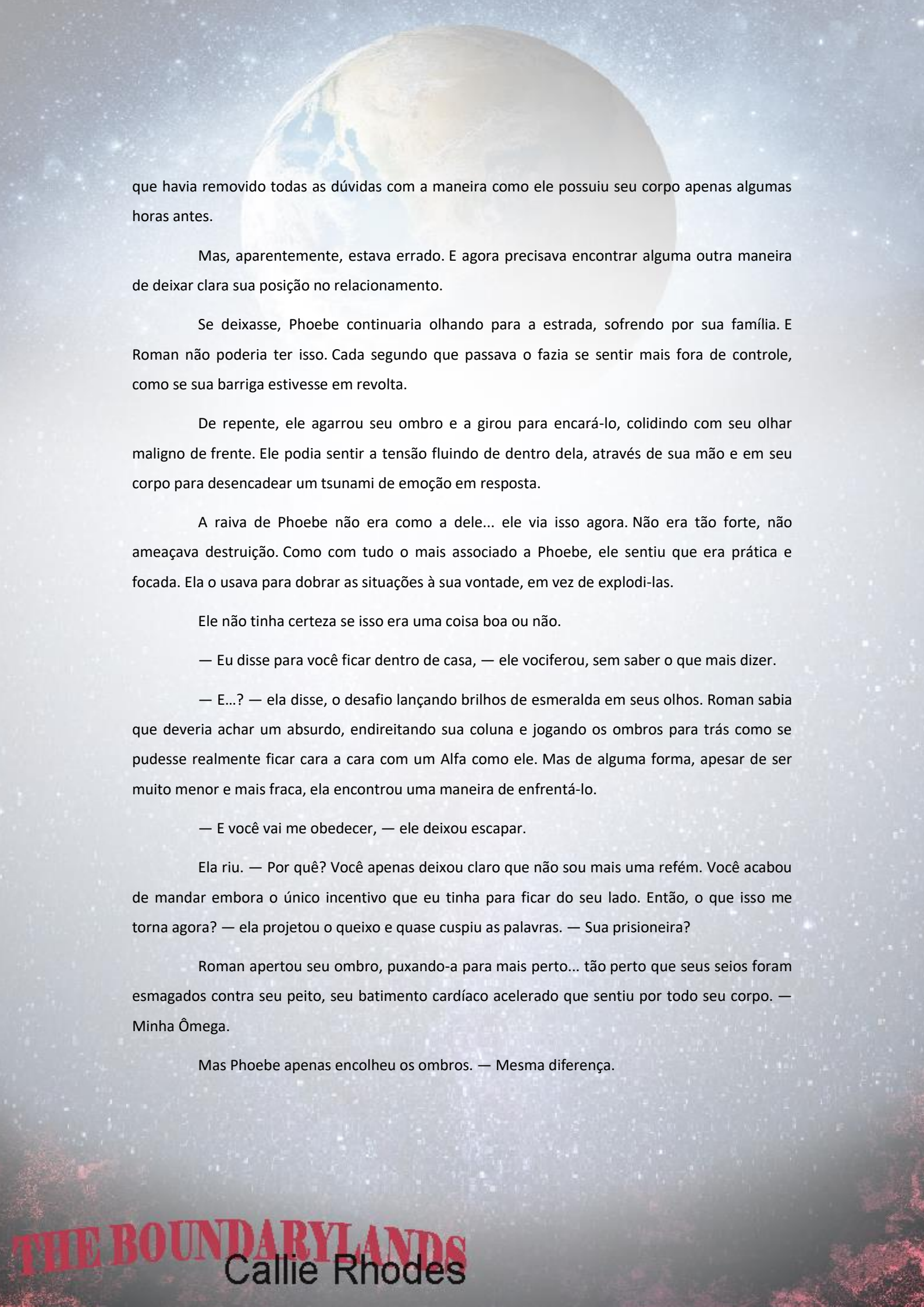
Mas o que acontecia quando era a própria posse que queria partir?

Roman se perguntou brevemente se teria sido uma boa ideia se estabelecer no interior. Não havia um ponto de encontro da comunidade, nenhuma conversa casual com outros Alfas. Viver isolado por tanto tempo o deixou completamente despreparado para essa situação.

Até agora, tudo o que Roman possuía permanecia onde ele os havia colocado. Seus pertences não tinham emoções. Nunca discutiram. Ele nunca foi para a cama à noite temendo que sua caminhonete o deixasse durante a noite.

Mas Phoebe não era uma caminhonete. Ela não era uma ferramenta que pudesse pendurar no gancho no galpão ou uma galinha que pudesse pegar depois que os lobos derrubassem o galinheiro.

Phoebe era uma mulher... com sentimentos e opiniões próprias, e a habilidade de agir por conta própria... mas ainda era uma Ômega, e definitivamente era dele. Roman tinha pensado



que havia removido todas as dúvidas com a maneira como ele possuiu seu corpo apenas algumas horas antes.

Mas, aparentemente, estava errado. E agora precisava encontrar alguma outra maneira de deixar clara sua posição no relacionamento.

Se deixasse, Phoebe continuaria olhando para a estrada, sofrendo por sua família. E Roman não poderia ter isso. Cada segundo que passava o fazia se sentir mais fora de controle, como se sua barriga estivesse em revolta.

De repente, ele agarrou seu ombro e a girou para encará-lo, colidindo com seu olhar maligno de frente. Ele podia sentir a tensão fluindo de dentro dela, através de sua mão e em seu corpo para desencadear um tsunami de emoção em resposta.

A raiva de Phoebe não era como a dele... ele via isso agora. Não era tão forte, não ameaçava destruição. Como com tudo o mais associado a Phoebe, ele sentiu que era prática e focada. Ela o usava para dobrar as situações à sua vontade, em vez de explodi-las.

Ele não tinha certeza se isso era uma coisa boa ou não.

— Eu disse para você ficar dentro de casa, — ele vociferou, sem saber o que mais dizer.

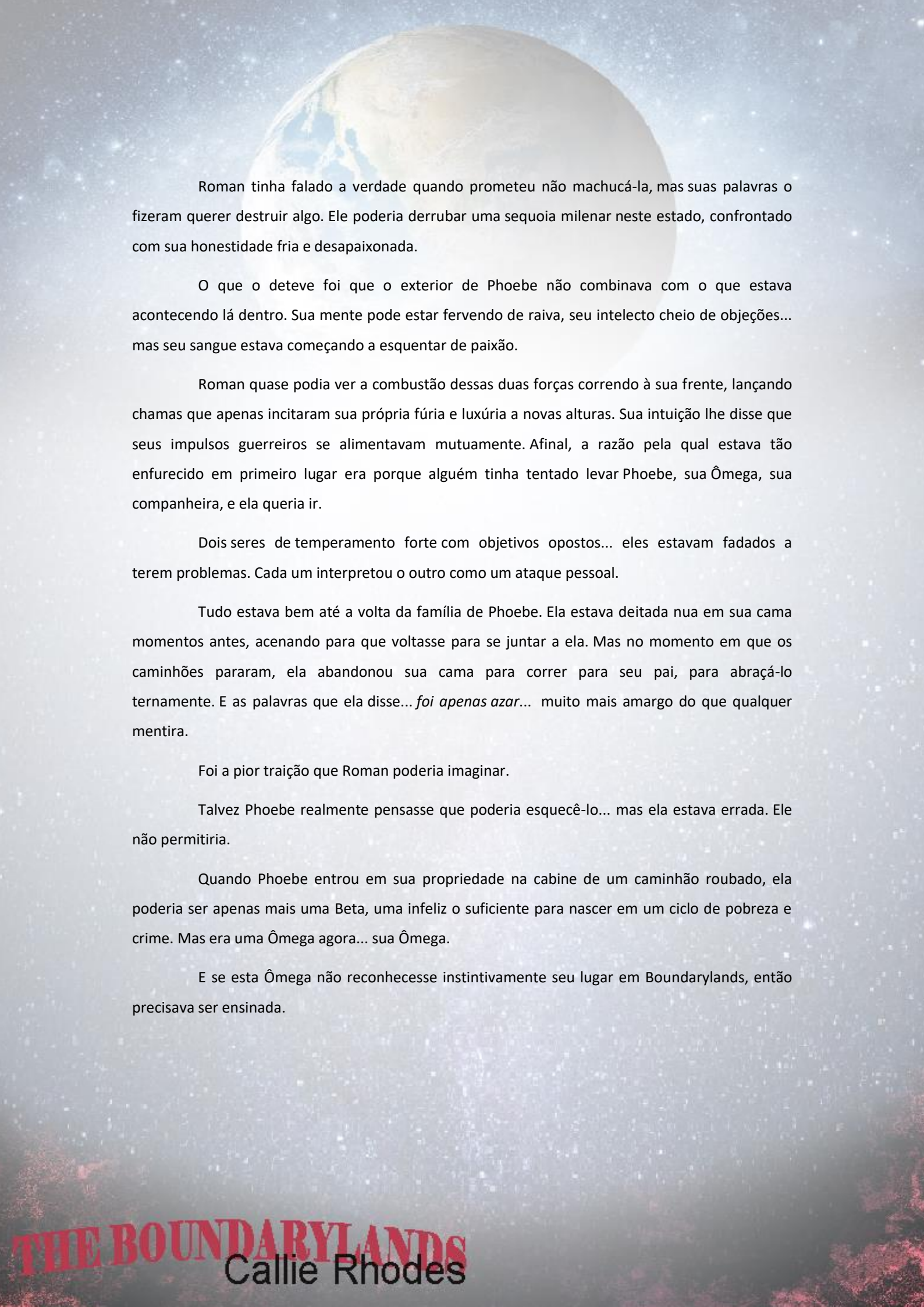
— E...? — ela disse, o desafio lançando brilhos de esmeralda em seus olhos. Roman sabia que deveria achar um absurdo, endireitando sua coluna e jogando os ombros para trás como se pudesse realmente ficar cara a cara com um Alfa como ele. Mas de alguma forma, apesar de ser muito menor e mais fraca, ela encontrou uma maneira de enfrentá-lo.

— E você vai me obedecer, — ele deixou escapar.

Ela riu. — Por quê? Você apenas deixou claro que não sou mais uma refém. Você acabou de mandar embora o único incentivo que eu tinha para ficar do seu lado. Então, o que isso me torna agora? — ela projetou o queixo e quase cuspiu as palavras. — Sua prisioneira?

Roman apertou seu ombro, puxando-a para mais perto... tão perto que seus seios foram esmagados contra seu peito, seu batimento cardíaco acelerado que sentiu por todo seu corpo. — Minha Ômega.

Mas Phoebe apenas encolheu os ombros. — Mesma diferença.



Roman tinha falado a verdade quando prometeu não machucá-la, mas suas palavras o fizeram querer destruir algo. Ele poderia derrubar uma sequoia milenar neste estado, confrontado com sua honestidade fria e desapaixonada.

O que o deteve foi que o exterior de Phoebe não combinava com o que estava acontecendo lá dentro. Sua mente pode estar fervendo de raiva, seu intelecto cheio de objeções... mas seu sangue estava começando a esquentar de paixão.

Roman quase podia ver a combustão dessas duas forças correndo à sua frente, lançando chamas que apenas incitaram sua própria fúria e luxúria a novas alturas. Sua intuição lhe disse que seus impulsos guerreiros se alimentavam mutuamente. Afinal, a razão pela qual estava tão enfurecido em primeiro lugar era porque alguém tinha tentado levar Phoebe, sua Ômega, sua companheira, e ela queria ir.

Dois seres de temperamento forte com objetivos opostos... eles estavam fadados a terem problemas. Cada um interpretou o outro como um ataque pessoal.

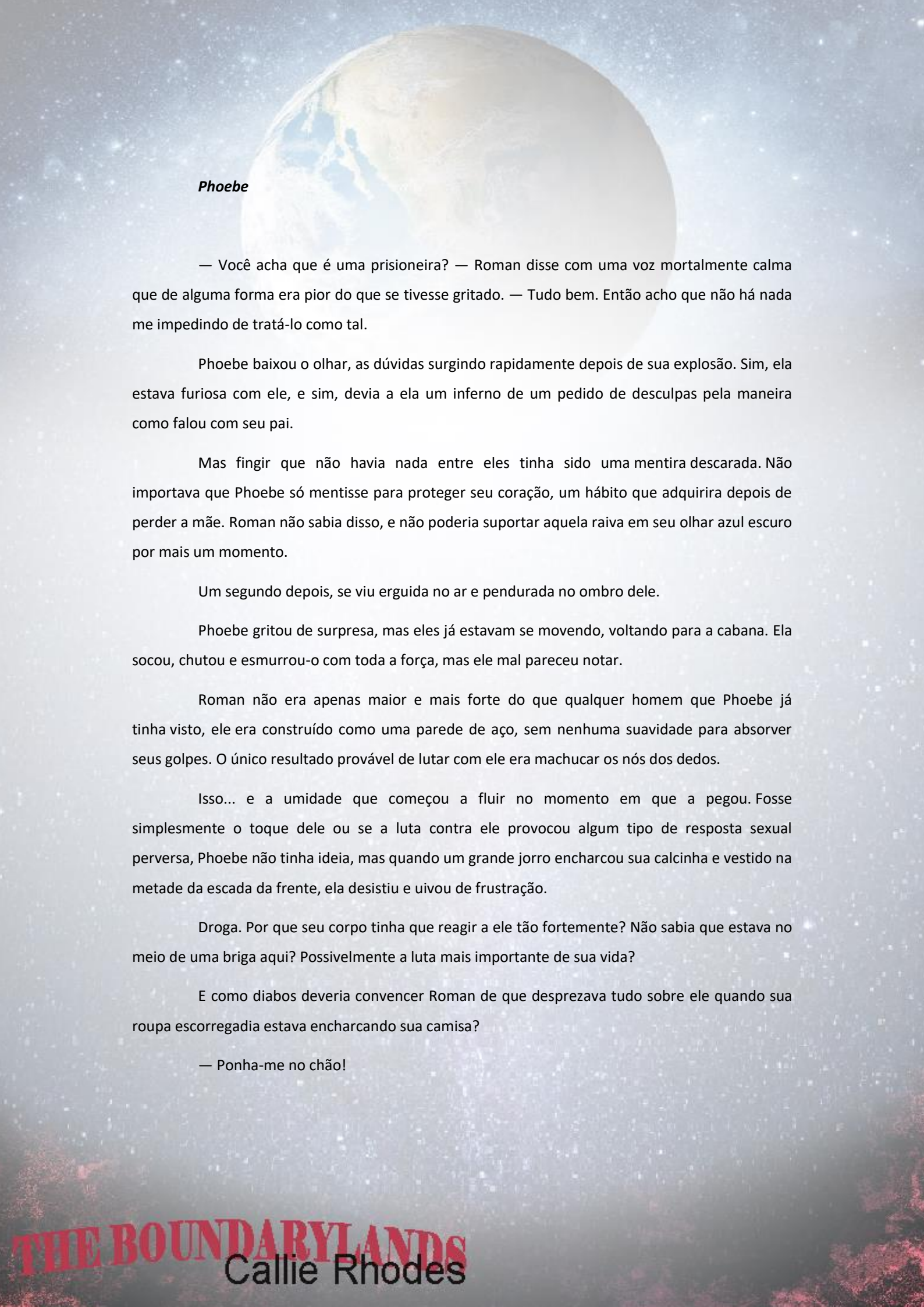
Tudo estava bem até a volta da família de Phoebe. Ela estava deitada nua em sua cama momentos antes, acenando para que voltasse para se juntar a ela. Mas no momento em que os caminhões pararam, ela abandonou sua cama para correr para seu pai, para abraçá-lo ternamente. E as palavras que ela disse... *foi apenas azar...* muito mais amargo do que qualquer mentira.

Foi a pior traição que Roman poderia imaginar.

Talvez Phoebe realmente pensasse que poderia esquecê-lo... mas ela estava errada. Ele não permitiria.

Quando Phoebe entrou em sua propriedade na cabine de um caminhão roubado, ela poderia ser apenas mais uma Beta, uma infeliz o suficiente para nascer em um ciclo de pobreza e crime. Mas era uma Ômega agora... sua Ômega.

E se esta Ômega não reconhecesse instintivamente seu lugar em Boundarylands, então precisava ser ensinada.



Phoebe

— Você acha que é uma prisioneira? — Roman disse com uma voz mortalmente calma que de alguma forma era pior do que se tivesse gritado. — Tudo bem. Então acho que não há nada me impedindo de tratá-lo como tal.

Phoebe baixou o olhar, as dúvidas surgindo rapidamente depois de sua explosão. Sim, ela estava furiosa com ele, e sim, devia a ela um inferno de um pedido de desculpas pela maneira como falou com seu pai.

Mas fingir que não havia nada entre eles tinha sido uma mentira descarada. Não importava que Phoebe só mentisse para proteger seu coração, um hábito que adquirira depois de perder a mãe. Roman não sabia disso, e não poderia suportar aquela raiva em seu olhar azul escuro por mais um momento.

Um segundo depois, se viu erguida no ar e pendurada no ombro dele.

Phoebe gritou de surpresa, mas eles já estavam se movendo, voltando para a cabana. Ela socou, chutou e esmurrou-o com toda a força, mas ele mal pareceu notar.

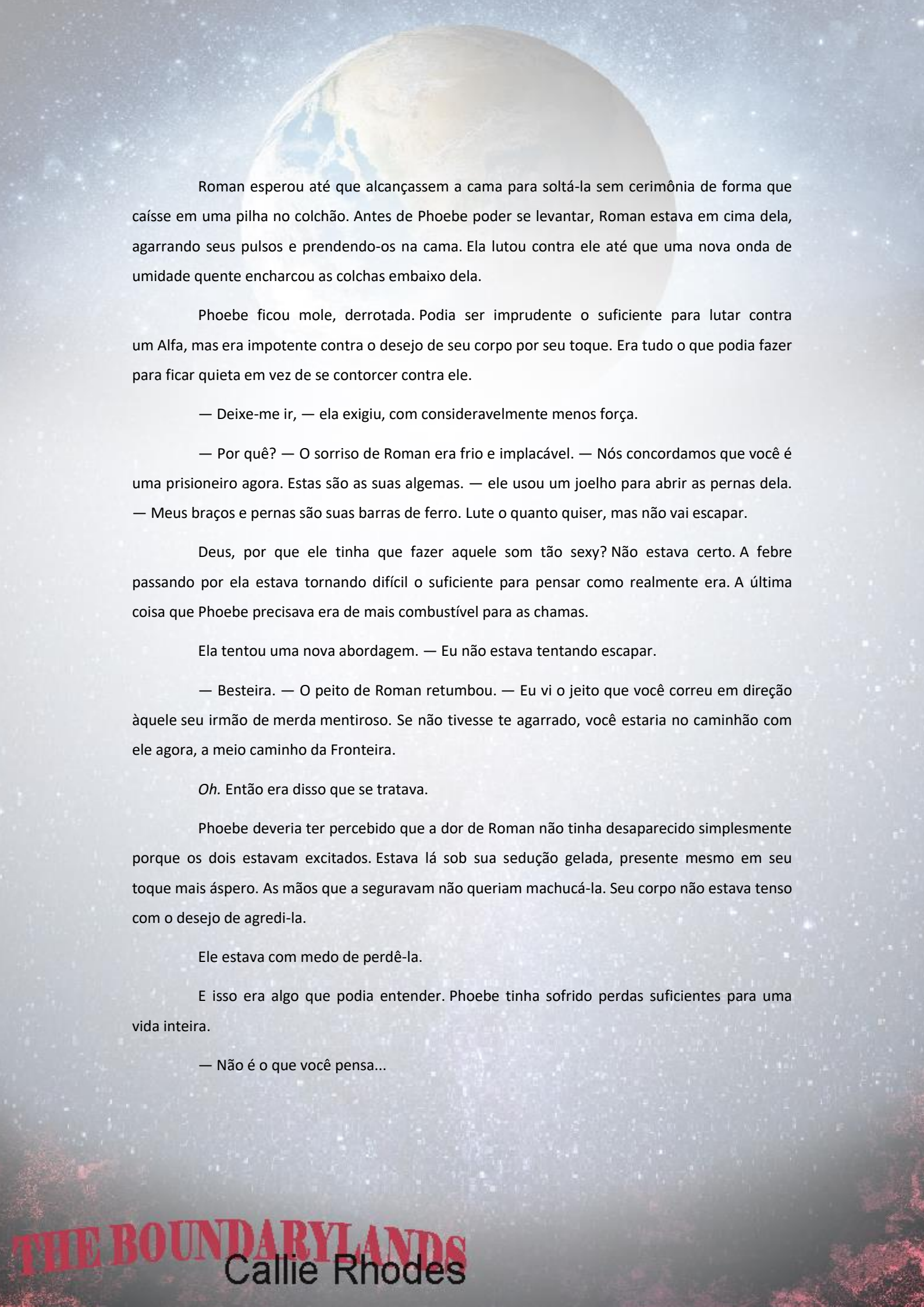
Roman não era apenas maior e mais forte do que qualquer homem que Phoebe já tinha visto, ele era construído como uma parede de aço, sem nenhuma suavidade para absorver seus golpes. O único resultado provável de lutar com ele era machucar os nós dos dedos.

Isso... e a umidade que começou a fluir no momento em que a pegou. Fosse simplesmente o toque dele ou se a luta contra ele provocou algum tipo de resposta sexual perversa, Phoebe não tinha ideia, mas quando um grande jorro encharcou sua calcinha e vestido na metade da escada da frente, ela desistiu e uivou de frustração.

Droga. Por que seu corpo tinha que reagir a ele tão fortemente? Não sabia que estava no meio de uma briga aqui? Possivelmente a luta mais importante de sua vida?

E como diabos deveria convencer Roman de que desprezava tudo sobre ele quando sua roupa escorregadia estava encharcando sua camisa?

— Ponha-me no chão!



Roman esperou até que alcançassem a cama para soltá-la sem cerimônia de forma que caísse em uma pilha no colchão. Antes de Phoebe poder se levantar, Roman estava em cima dela, agarrando seus pulsos e prendendo-os na cama. Ela lutou contra ele até que uma nova onda de umidade quente encharcou as colchas embaixo dela.

Phoebe ficou mole, derrotada. Podia ser imprudente o suficiente para lutar contra um Alfa, mas era impotente contra o desejo de seu corpo por seu toque. Era tudo o que podia fazer para ficar quieta em vez de se contorcer contra ele.

— Deixe-me ir, — ela exigiu, com consideravelmente menos força.

— Por quê? — O sorriso de Roman era frio e implacável. — Nós concordamos que você é uma prisioneira agora. Estas são as suas algemas. — ele usou um joelho para abrir as pernas dela. — Meus braços e pernas são suas barras de ferro. Lute o quanto quiser, mas não vai escapar.

Deus, por que ele tinha que fazer aquele som tão sexy? Não estava certo. A febre passando por ela estava tornando difícil o suficiente para pensar como realmente era. A última coisa que Phoebe precisava era de mais combustível para as chamas.

Ela tentou uma nova abordagem. — Eu não estava tentando escapar.

— Besteira. — O peito de Roman retumbou. — Eu vi o jeito que você correu em direção àquele seu irmão de merda mentiroso. Se não tivesse te agarrado, você estaria no caminhão com ele agora, a meio caminho da Fronteira.

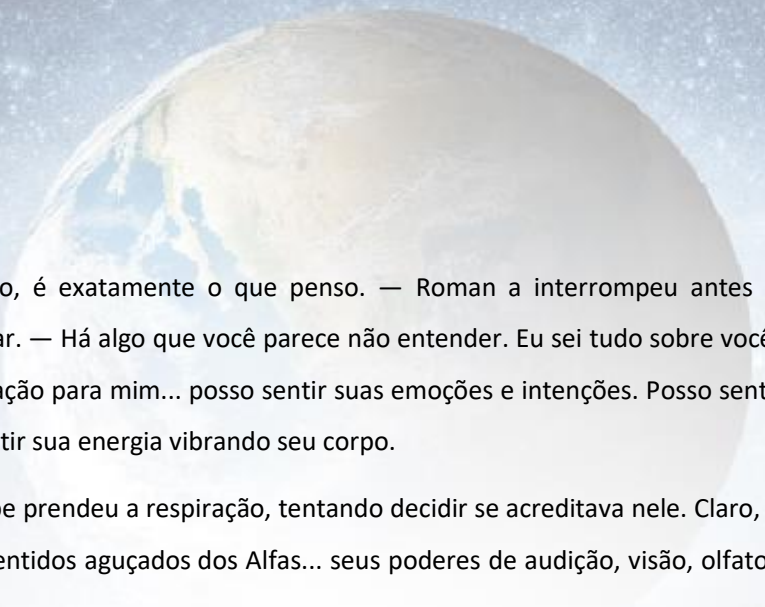
Oh. Então era disso que se tratava.

Phoebe deveria ter percebido que a dor de Roman não tinha desaparecido simplesmente porque os dois estavam excitados. Estava lá sob sua sedução gelada, presente mesmo em seu toque mais áspero. As mãos que a seguravam não queriam machucá-la. Seu corpo não estava tenso com o desejo de agredi-la.

Ele estava com medo de perdê-la.

E isso era algo que podia entender. Phoebe tinha sofrido perdas suficientes para uma vida inteira.

— Não é o que você pensa...



— Não, é exatamente o que penso. — Roman a interrompeu antes mesmo que ela pudesse começar. — Há algo que você parece não entender. Eu sei tudo sobre você. Este não é um jogo de adivinhação para mim... posso sentir suas emoções e intenções. Posso sentir o cheiro delas no ar. Posso sentir sua energia vibrando seu corpo.

Phoebe prendeu a respiração, tentando decidir se acreditava nele. Claro, ela tinha ouvido tudo sobre os sentidos aguçados dos Alfas... seus poderes de audição, visão, olfato e paladar eram incomparáveis.

Mas o resto parecia uma espécie de fantasia de ficção científica. Como isso era possível? Afinal, as emoções não tinham forma ou som. Phoebe repassou seus pensamentos e emoções de seus últimos dias como refém Beta. Cada frustração, cada preocupação, cada atração oculta... era realmente possível que ele tivesse sentido todos eles?

O olhar de compreensão em seus olhos era toda a resposta de que precisava. Mesmo agora, ele a estava lendo como um livro. — Não adianta mentir para mim, — continuou ele. — Eu pude sentir seus sentimentos quando sua família apareceu. Eu sei o quanto você queria ir com eles.

Era verdade... uma parte dela queria isso.

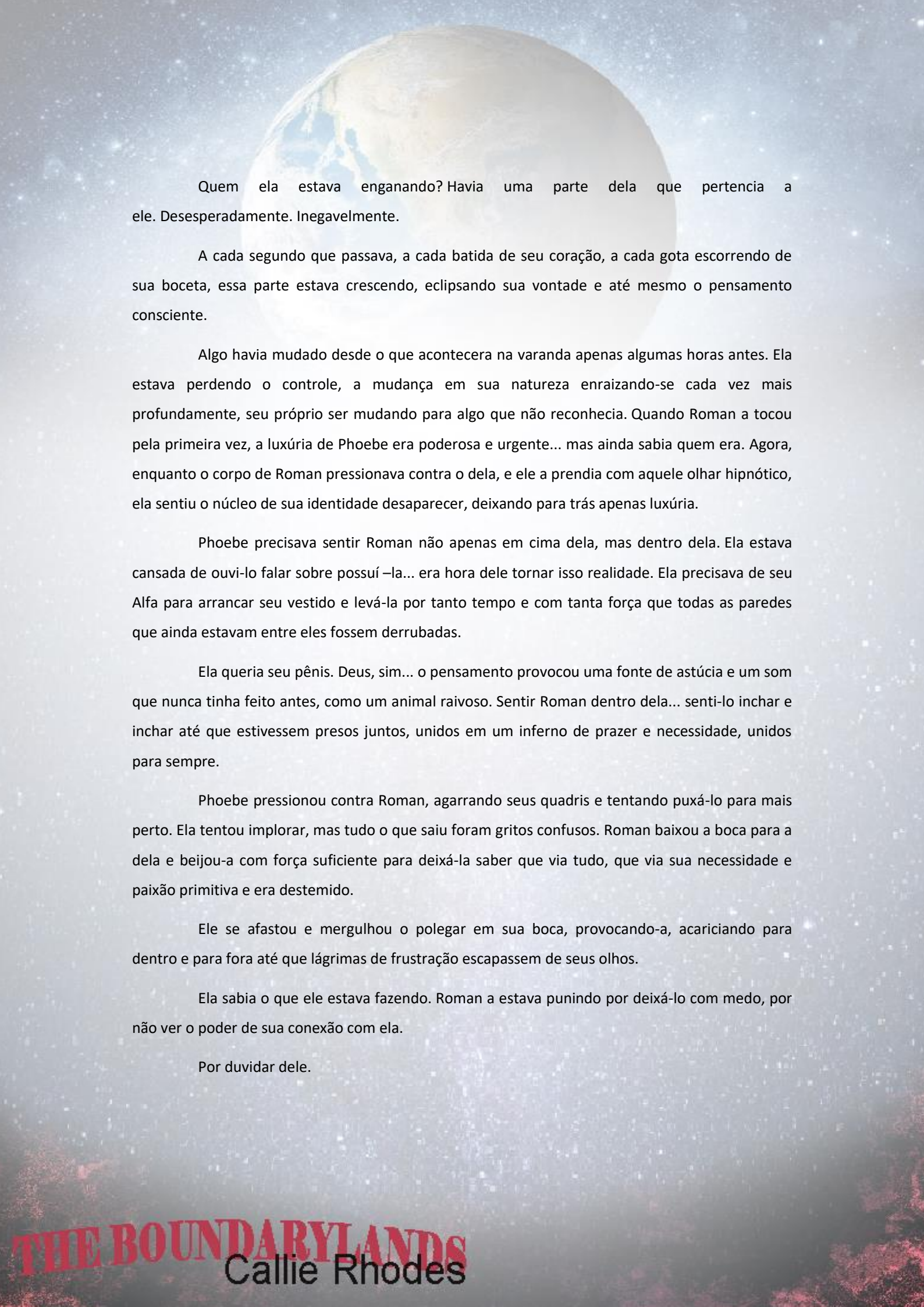
Mas outra parte dela queria ficar com ele. E outra queria fugir para São Francisco e deixar tudo para trás. Ele sentiu esses desejos também? Como todas as outras pessoas que Phoebe já conheceu, seus sentimentos e desejos eram frequentemente complexos e às vezes até contraditórios. Eles também estavam mudando e mudando constantemente.

— Eu queria ir com eles, — ela admitiu. — Por um minuto. Eles são minha família, Roman. Eu os amo. Seria estranho se não sentisse falta deles.

— Você compartilha sangue com os Whitfields, — ele vociferou, sem se mover. — Mas você é minha Ômega. Você pertence a mim agora... e provarei isso.

Phoebe queria argumentar que as duas coisas podiam ser verdadeiras... que o amor não era limitado e que família não tinha nada a ver com propriedade.

Mas tudo o que saiu foi um gemido baixo e urgente quando Roman se abaixou contra ela e apertou seu pênis rígido contra seu monte. A camada escorregadia desceu pela parte interna de suas coxas, colando o vestido em sua pele.



Quem ela estava enganando? Havia uma parte dela que pertencia a ele. Desesperadamente. Inegavelmente.

A cada segundo que passava, a cada batida de seu coração, a cada gota escorrendo de sua boceta, essa parte estava crescendo, eclipsando sua vontade e até mesmo o pensamento consciente.

Algo havia mudado desde o que acontecera na varanda apenas algumas horas antes. Ela estava perdendo o controle, a mudança em sua natureza enraizando-se cada vez mais profundamente, seu próprio ser mudando para algo que não reconhecia. Quando Roman a tocou pela primeira vez, a luxúria de Phoebe era poderosa e urgente... mas ainda sabia quem era. Agora, enquanto o corpo de Roman pressionava contra o dela, e ele a prendia com aquele olhar hipnótico, ela sentiu o núcleo de sua identidade desaparecer, deixando para trás apenas luxúria.

Phoebe precisava sentir Roman não apenas em cima dela, mas dentro dela. Ela estava cansada de ouvi-lo falar sobre possuí-la... era hora dele tornar isso realidade. Ela precisava de seu Alfa para arrancar seu vestido e levá-la por tanto tempo e com tanta força que todas as paredes que ainda estavam entre eles fossem derrubadas.

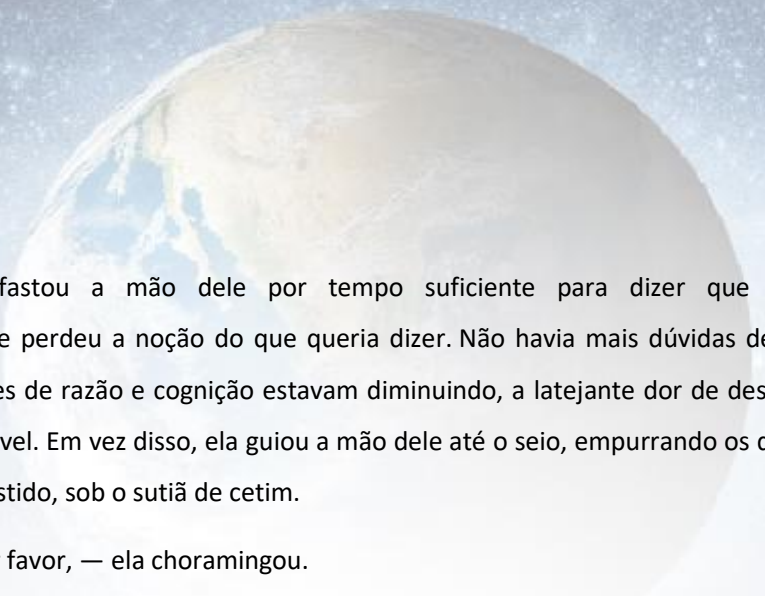
Ela queria seu pênis. Deus, sim... o pensamento provocou uma fonte de astúcia e um som que nunca tinha feito antes, como um animal raivoso. Sentir Roman dentro dela... senti-lo inchar e inchar até que estivessem presos juntos, unidos em um inferno de prazer e necessidade, unidos para sempre.

Phoebe pressionou contra Roman, agarrando seus quadris e tentando puxá-lo para mais perto. Ela tentou implorar, mas tudo o que saiu foram gritos confusos. Roman baixou a boca para a dela e beijou-a com força suficiente para deixá-la saber que via tudo, que via sua necessidade e paixão primitiva e era destemido.

Ele se afastou e mergulhou o polegar em sua boca, provocando-a, acariciando para dentro e para fora até que lágrimas de frustração escapassem de seus olhos.

Ela sabia o que ele estava fazendo. Roman a estava punindo por deixá-lo com medo, por não ver o poder de sua conexão com ela.

Por duvidar dele.



Ela afastou a mão dele por tempo suficiente para dizer que sentia muito... e imediatamente perdeu a noção do que queria dizer. Não havia mais dúvidas de que estava no cio. Seus poderes de razão e cognição estavam diminuindo, a latejante dor de desejo tornando-se quase insuportável. Em vez disso, ela guiou a mão dele até o seio, empurrando os dedos dele entre os botões do vestido, sob o sutiã de cetim.

— Por favor, — ela choramingou.

Roman desabotoou o vestido dela, movendo-se muito devagar. Ele puxou o tecido e o ergueu sobre sua pele febril, reprimindo suas tentativas de apressá-lo. Ele desabotoou o sutiã e o tirou, descendo sua calcinha encharcada, então se manteve imóvel acima dela, apenas seus olhos se movendo, observando cada centímetro dela.

Phoebe sabia que suas próximas palavras seriam as últimas até que se saciasse, a fala seguindo o caminho da lógica e do bom senso.

— Faça isso agora, Roman, — ela implorou. — Prove a quem eu pertença.



CAPÍTULO TREZE

Roman

O cheiro do calor de Phoebe encheu a sala, provocando e invadindo até que Roman não pudesse se concentrar em mais nada. Sua umidade era o néctar da vida, e queria festejar com ela, explorando e provocando até que implorasse a ele para tomá-la e torná-la sua novamente, repetidamente até que nunca mais questionasse onde deveria estar e com quem deveria estar.

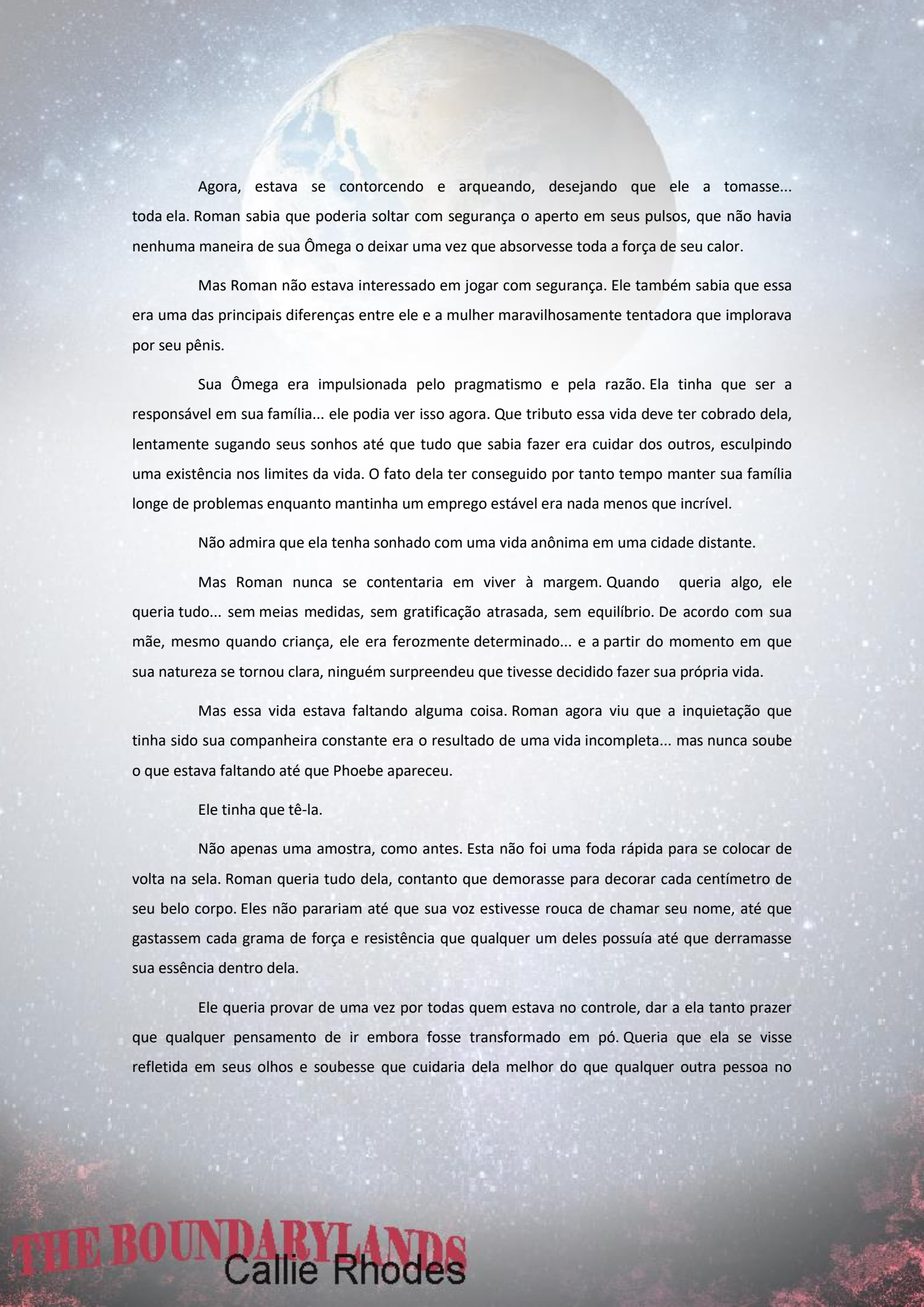
Ele estava surpreso que ela não pudesse sentir a maré de seu calor subindo da maneira que ele podia. Ela estava se equilibrando na corda bamba desde o momento em que ele agarrou sua mão, sua natureza Ômega reconhecendo o gesto pelo que era... uma reivindicação de propriedade... mesmo que sua mente ainda não estivesse pronta.

Mas suas defesas estavam desmoronando ao redor deles agora, caindo como uma cobra trocando de pele. Os últimos resquícios da identidade Beta de Phoebe ainda não estavam prontos para admitir a derrota, mas seu corpo sabia a verdade. Sua natureza Ômega não só reconhecia seu mestre, mas ansiava pelo que só ele poderia dar a ela... seu pênis, seu nó e, em última instância, a marca que a marcaria como sua e só dele.

Os olhos de Phoebe estavam desfocados e ela mantinha um ritmo constante de suspiros e gemidos. Mesmo com os braços presos e as pernas bem abertas, ela ainda encontrou uma maneira de moer contra ele, arqueando e escrevendo em uma tentativa desesperada de sentir seu toque.

O peito de Roman se inchou com a profunda satisfação de propriedade, de saber que essa Ômega estava se unindo cada vez mais fortemente a ele. O prazer que sentia em sua cama parecia uma vitória, mas também parecia como uma promessa... a promessa de um futuro em que nenhum dos dois lutava contra o que obviamente deveria ser.

Momentos atrás, Phoebe pensou que queria voltar para sua triste vida Beta.



Agora, estava se contorcendo e arqueando, desejando que ele a tomasse... toda ela. Roman sabia que poderia soltar com segurança o aperto em seus pulsos, que não havia nenhuma maneira de sua Ômega o deixar uma vez que absorvesse toda a força de seu calor.

Mas Roman não estava interessado em jogar com segurança. Ele também sabia que essa era uma das principais diferenças entre ele e a mulher maravilhosamente tentadora que implorava por seu pênis.

Sua Ômega era impulsionada pelo pragmatismo e pela razão. Ela tinha que ser a responsável em sua família... ele podia ver isso agora. Que tributo essa vida deve ter cobrado dela, lentamente sugando seus sonhos até que tudo que sabia fazer era cuidar dos outros, esculpindo uma existência nos limites da vida. O fato dela ter conseguido por tanto tempo manter sua família longe de problemas enquanto mantinha um emprego estável era nada menos que incrível.

Não admira que ela tenha sonhado com uma vida anônima em uma cidade distante.

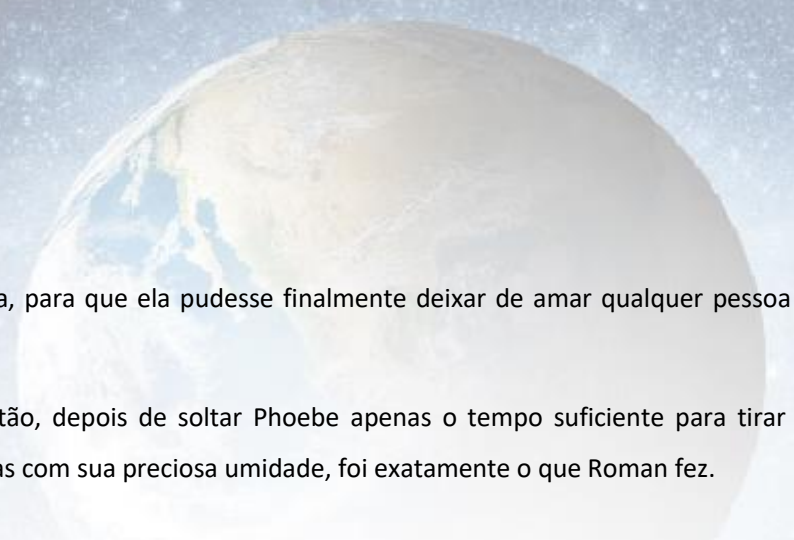
Mas Roman nunca se contentaria em viver à margem. Quando queria algo, ele queria tudo... sem meias medidas, sem gratificação atrasada, sem equilíbrio. De acordo com sua mãe, mesmo quando criança, ele era ferozmente determinado... e a partir do momento em que sua natureza se tornou clara, ninguém surpreendeu que tivesse decidido fazer sua própria vida.

Mas essa vida estava faltando alguma coisa. Roman agora viu que a inquietação que tinha sido sua companheira constante era o resultado de uma vida incompleta... mas nunca soube o que estava faltando até que Phoebe apareceu.

Ele tinha que tê-la.

Não apenas uma amostra, como antes. Esta não foi uma foda rápida para se colocar de volta na sela. Roman queria tudo dela, contanto que demorasse para decorar cada centímetro de seu belo corpo. Eles não parariam até que sua voz estivesse rouca de chamar seu nome, até que gastassem cada grama de força e resistência que qualquer um deles possuía até que derramasse sua essência dentro dela.

Ele queria provar de uma vez por todas quem estava no controle, dar a ela tanto prazer que qualquer pensamento de ir embora fosse transformado em pó. Queria que ela se visse refletida em seus olhos e soubesse que cuidaria dela melhor do que qualquer outra pessoa no



mundo poderia, para que ela pudesse finalmente deixar de amar qualquer pessoa que não fosse ele.

E então, depois de soltar Phoebe apenas o tempo suficiente para tirar as roupas que estavam úmidas com sua preciosa umidade, foi exatamente o que Roman fez.

Phoebe

Os dias de êxtase se misturaram, deixando Phoebe balançando pacificamente em um mar de experiências sensuais onde os pensamentos deixavam de existir. Havia um ritmo na passagem do tempo, prazer contruindo e contruindo e crescendo que levou a vértices cada vez mais altos de prazer, seguido por um êxtase rodopiante e flutuante enquanto seus corpos se restauravam em preparação para mais. A satisfação e a necessidade pareciam se sobrepôr, de modo que, mesmo enquanto Phoebe estava passando por outra rodada de orgasmos dentro dela, o ciclo estava crescendo novamente.

E o nó de Roman... oh, Deus, Phoebe ansiava por isso mais e mais a cada vez. Foi uma realização que nunca chegou perto de experimentar, que nunca seria capaz de colocar em palavras.

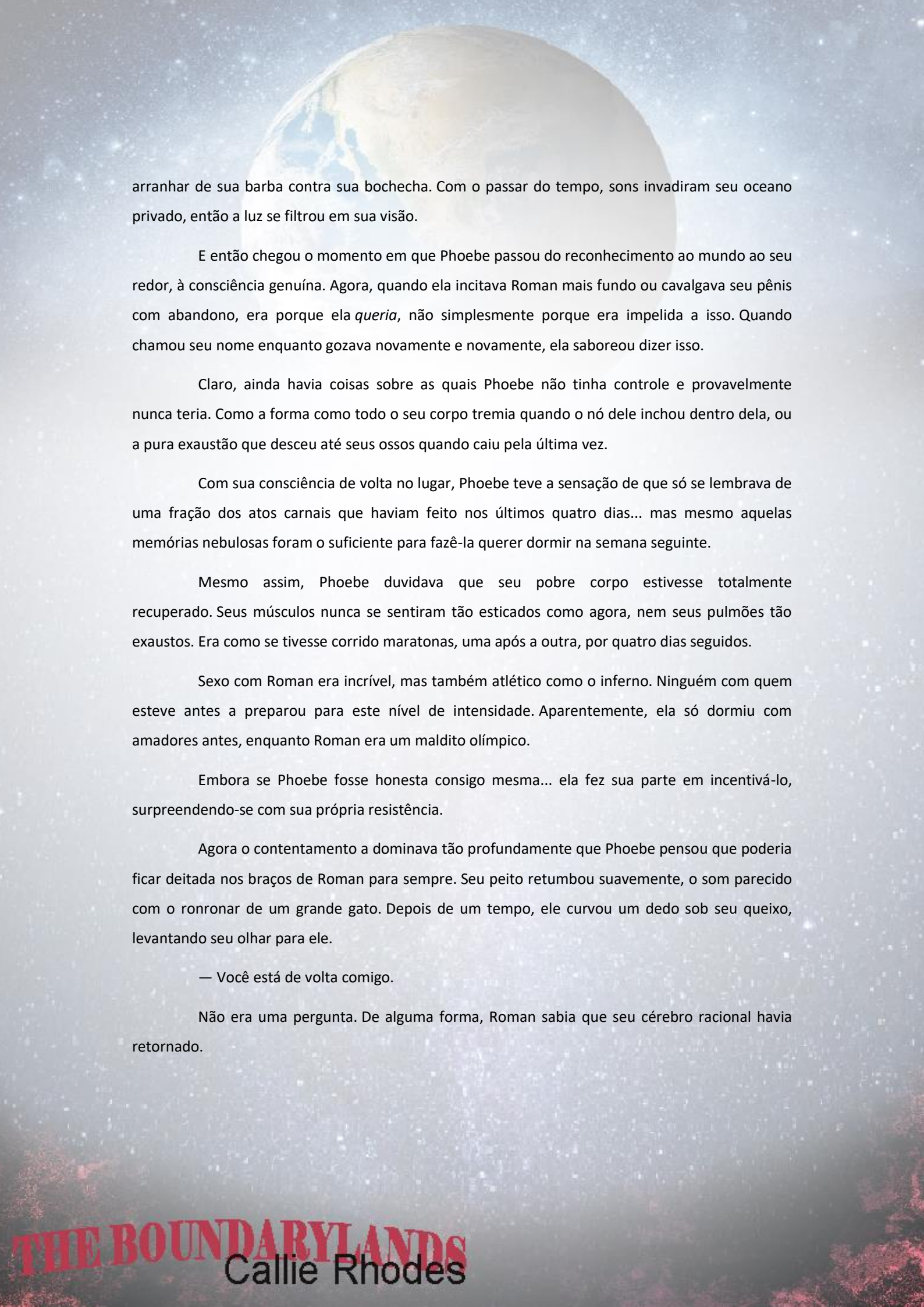
Foi tudo.

Eventualmente, tudo recuou, tão suavemente como uma maré subindo sob a lua cheia, o desenho antigo conhecido apenas pela própria Terra. Se a mente de Phoebe estivesse ativamente ocupada, tudo teria sido demais. Ela nunca teria sobrevivido a tanta sensação.

Quando Phoebe chegou a esse entendimento, que sua consciência precisava recuar para permitir que sua identidade Ômega primitiva viesse à tona, algo se encaixou para ela. Não era de se admirar que tivesse resistido até ao momento em que cedeu completamente: simplesmente não havia como os dois lados da identidade estarem no controle ao mesmo tempo.

Mas o fato de que era capaz de raciocinar por meio de um pensamento tão complexo disse a ela que seu cio deve estar chegando ao fim.

A consciência voltou lentamente, pouco a pouco agonizante. A princípio, Phoebe só percebeu sensações como a maciez áspera do cabelo de Roman sob a ponta dos dedos ou o



arranhar de sua barba contra sua bochecha. Com o passar do tempo, sons invadiram seu oceano privado, então a luz se filtrou em sua visão.

E então chegou o momento em que Phoebe passou do reconhecimento ao mundo ao seu redor, à consciência genuína. Agora, quando ela incitava Roman mais fundo ou cavalgava seu pênis com abandono, era porque ela *queria*, não simplesmente porque era impelida a isso. Quando chamou seu nome enquanto gozava novamente e novamente, ela saboreou dizer isso.

Claro, ainda havia coisas sobre as quais Phoebe não tinha controle e provavelmente nunca teria. Como a forma como todo o seu corpo tremia quando o nó dele inchou dentro dela, ou a pura exaustão que desceu até seus ossos quando caiu pela última vez.

Com sua consciência de volta no lugar, Phoebe teve a sensação de que só se lembrava de uma fração dos atos carnavais que haviam feito nos últimos quatro dias... mas mesmo aquelas memórias nebulosas foram o suficiente para fazê-la querer dormir na semana seguinte.

Mesmo assim, Phoebe duvidava que seu pobre corpo estivesse totalmente recuperado. Seus músculos nunca se sentiram tão esticados como agora, nem seus pulmões tão exaustos. Era como se tivesse corrido maratonas, uma após a outra, por quatro dias seguidos.

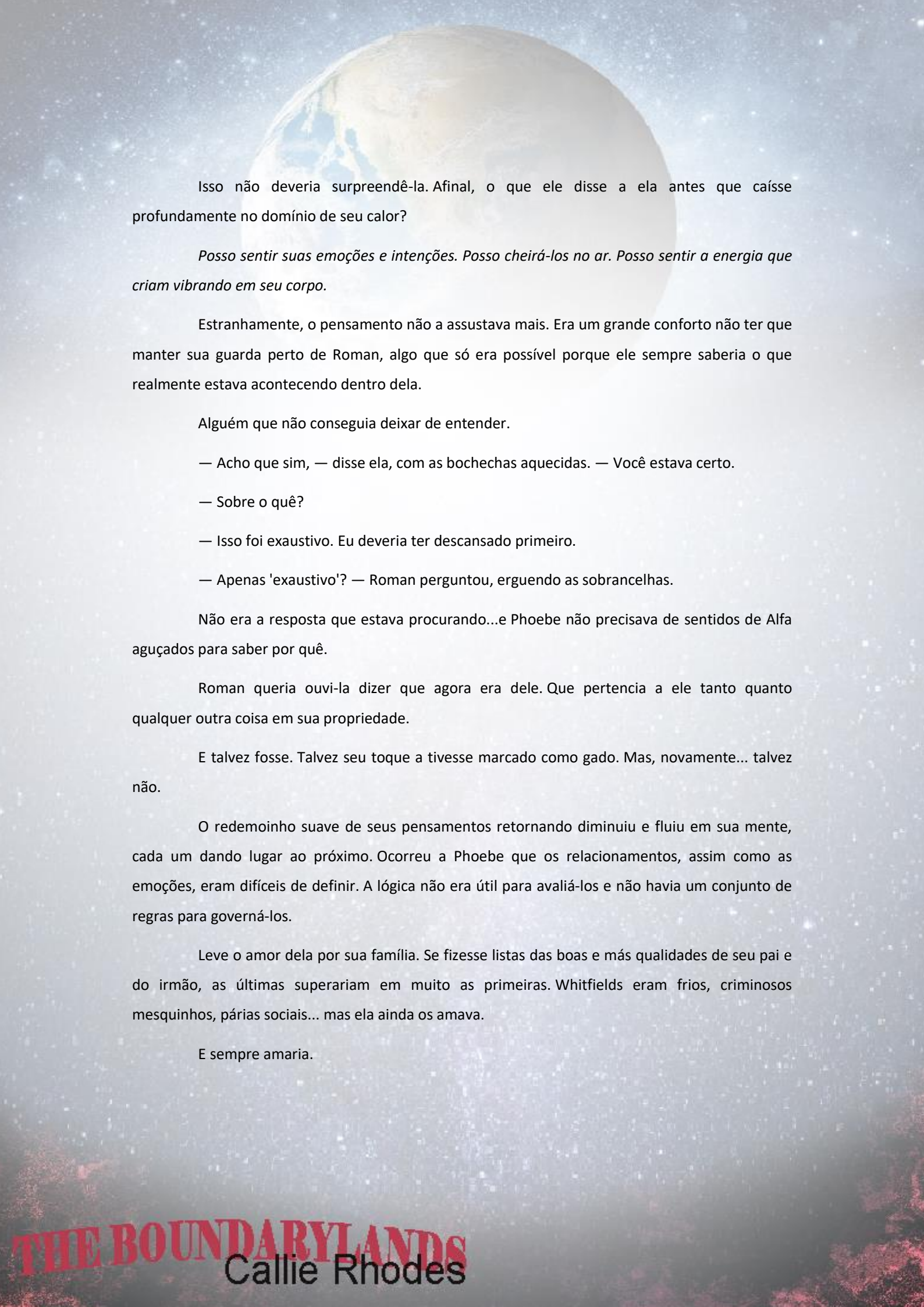
Sexo com Roman era incrível, mas também atlético como o inferno. Ninguém com quem esteve antes a preparou para este nível de intensidade. Aparentemente, ela só dormiu com amadores antes, enquanto Roman era um maldito olímpico.

Embora se Phoebe fosse honesta consigo mesma... ela fez sua parte em incentivá-lo, surpreendendo-se com sua própria resistência.

Agora o contentamento a dominava tão profundamente que Phoebe pensou que poderia ficar deitada nos braços de Roman para sempre. Seu peito retumbou suavemente, o som parecido com o ronronar de um grande gato. Depois de um tempo, ele curvou um dedo sob seu queixo, levantando seu olhar para ele.

— Você está de volta comigo.

Não era uma pergunta. De alguma forma, Roman sabia que seu cérebro racional havia retornado.



Isso não deveria surpreendê-la. Afinal, o que ele disse a ela antes que caísse profundamente no domínio de seu calor?

Posso sentir suas emoções e intenções. Posso cheirá-los no ar. Posso sentir a energia que criam vibrando em seu corpo.

Estranhamente, o pensamento não a assustava mais. Era um grande conforto não ter que manter sua guarda perto de Roman, algo que só era possível porque ele sempre saberia o que realmente estava acontecendo dentro dela.

Alguém que não conseguia deixar de entender.

— Acho que sim, — disse ela, com as bochechas aquecidas. — Você estava certo.

— Sobre o quê?

— Isso foi exaustivo. Eu deveria ter descansado primeiro.

— Apenas 'exaustivo'? — Roman perguntou, erguendo as sobrancelhas.

Não era a resposta que estava procurando...e Phoebe não precisava de sentidos de Alfa aguçados para saber por quê.

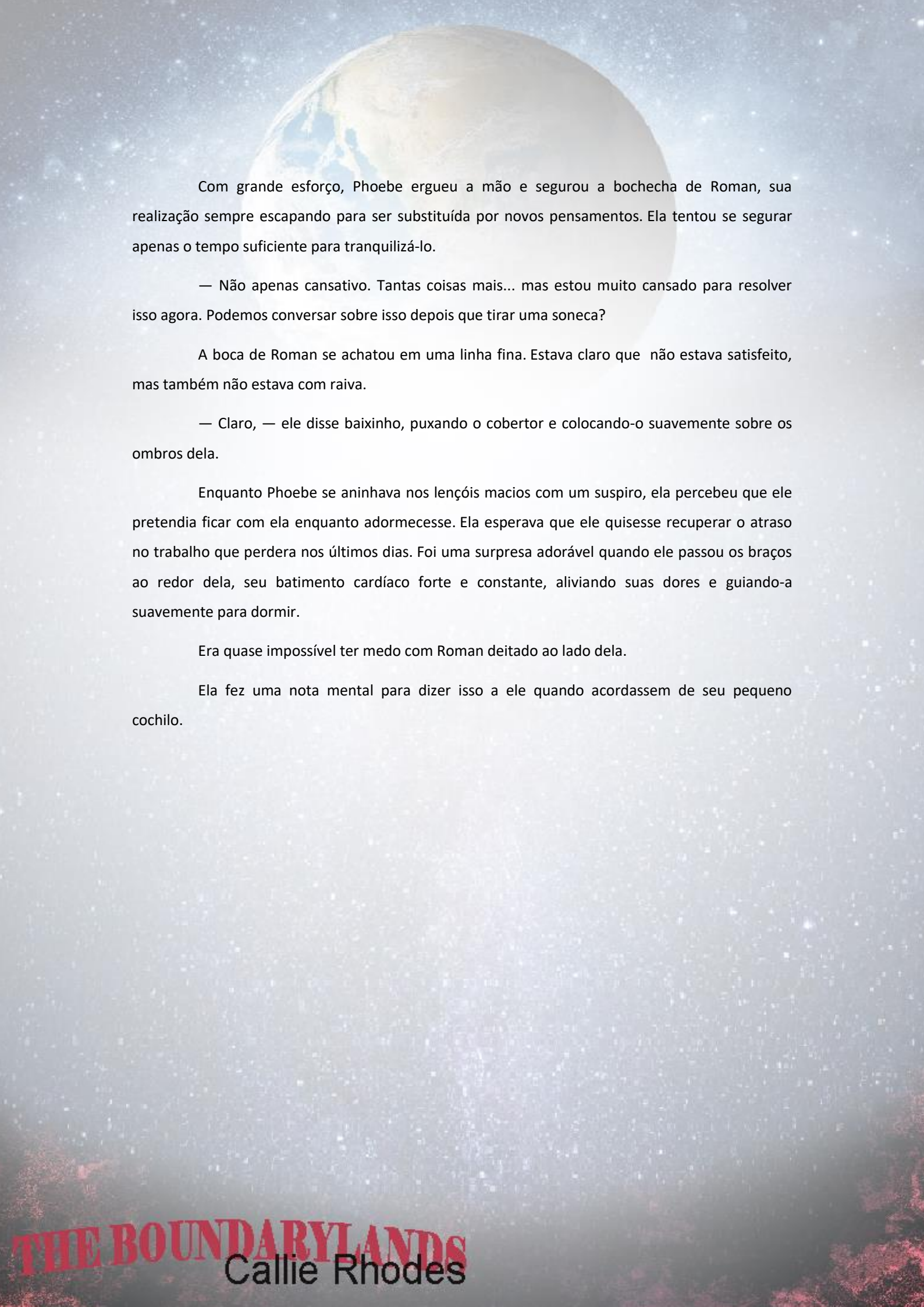
Roman queria ouvi-la dizer que agora era dele. Que pertencia a ele tanto quanto qualquer outra coisa em sua propriedade.

E talvez fosse. Talvez seu toque a tivesse marcado como gado. Mas, novamente... talvez não.

O redemoinho suave de seus pensamentos retornando diminuiu e fluíu em sua mente, cada um dando lugar ao próximo. Ocorreu a Phoebe que os relacionamentos, assim como as emoções, eram difíceis de definir. A lógica não era útil para avaliá-los e não havia um conjunto de regras para governá-los.

Leve o amor dela por sua família. Se fizesse listas das boas e más qualidades de seu pai e do irmão, as últimas superariam em muito as primeiras. Whitfields eram frios, criminosos mesquinhos, párias sociais... mas ela ainda os amava.

E sempre amaria.



Com grande esforço, Phoebe ergueu a mão e segurou a bochecha de Roman, sua realização sempre escapando para ser substituída por novos pensamentos. Ela tentou se segurar apenas o tempo suficiente para tranquilizá-lo.

— Não apenas cansativo. Tantas coisas mais... mas estou muito cansado para resolver isso agora. Podemos conversar sobre isso depois que tirar uma soneca?

A boca de Roman se achatou em uma linha fina. Estava claro que não estava satisfeito, mas também não estava com raiva.

— Claro, — ele disse baixinho, puxando o cobertor e colocando-o suavemente sobre os ombros dela.

Enquanto Phoebe se aninhava nos lençóis macios com um suspiro, ela percebeu que ele pretendia ficar com ela enquanto adormecesse. Ela esperava que ele quisesse recuperar o atraso no trabalho que perdera nos últimos dias. Foi uma surpresa adorável quando ele passou os braços ao redor dela, seu batimento cardíaco forte e constante, aliviando suas dores e guiando-a suavemente para dormir.

Era quase impossível ter medo com Roman deitado ao lado dela.

Ela fez uma nota mental para dizer isso a ele quando acordassem de seu pequeno cochilo.



CAPÍTULO QUATORZE

Phoebe

Quando Phoebe acordou, havia anoitecido.

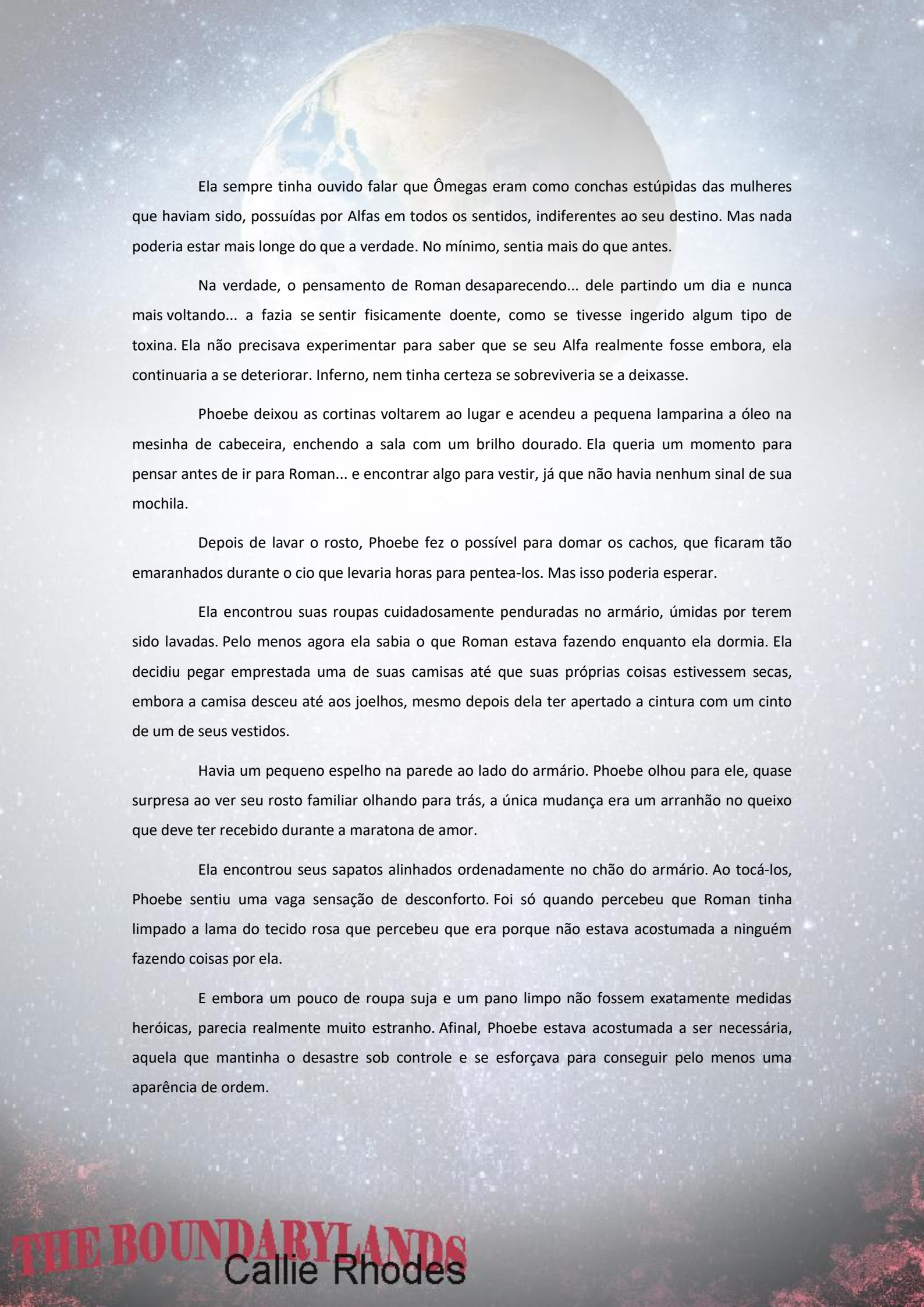
Por um momento, ficou desorientada, incapaz de ver nada além do contorno tênue das cortinas que haviam sido puxadas através da janela. Ela se sentou rápido, seu coração batendo forte, sabendo apenas que algo estava faltando, mas logo depois desse medo, as memórias dos últimos dias se precipitaram, e Phoebe percebeu que seu corpo estava ciente da ausência de Roman antes mesmo que sua mente se desse conta.

E um segundo depois disso, ela sentiu o cheiro subindo dos lençóis emaranhados em que estava deitada, a mistura única de sabão e âmbar de Roman, com notas de fumaça e óleo de teca e café, tão exclusivos para ele quanto seus olhos de veludo marinho.

Sim, ele esteve aqui recentemente... mas não estava aqui agora. Com o coração ainda disparado, Phoebe ergueu a cabeça como vira Roman fazer e ouviu.

Embora seus sentidos Ômega nunca rivalizassem com os de Roman, eles ainda eram aguçados o suficiente para ouvir seus passos do lado de fora. Só para se tranquilizar, ela puxou as cortinas e olhou para fora. Ela o viu sentado em uma cadeira de madeira Adirondack sob os galhos graciosos de uma enorme e velha sequoia, olhando para as montanhas distantes e o céu estrelado acima, bebendo de uma caneca que sem dúvida continha seu amado café. Phoebe não conseguia distinguir seus traços ao luar, mas reconheceu seu perfil... o cabelo que sempre caía sobre seus olhos, os ombros largos e musculosos.

Sua sensação de alívio e conforto a surpreendeu com sua intensidade. Phoebe não sabia exatamente quando isso aconteceu, mas em algum momento durante seu tempo aqui, ela formou uma conexão com Roman que ia além da emoção ou mesmo da intuição, um vínculo físico real que ficava inquieto em sua ausência e se regozijava em sua presença.



Ela sempre tinha ouvido falar que Ômegas eram como conchas estúpidas das mulheres que haviam sido, possuídas por Alfas em todos os sentidos, indiferentes ao seu destino. Mas nada poderia estar mais longe do que a verdade. No mínimo, sentia mais do que antes.

Na verdade, o pensamento de Roman desaparecendo... dele partindo um dia e nunca mais voltando... a fazia se sentir fisicamente doente, como se tivesse ingerido algum tipo de toxina. Ela não precisava experimentar para saber que se seu Alfa realmente fosse embora, ela continuaria a se deteriorar. Inferno, nem tinha certeza se sobreviveria se a deixasse.

Phoebe deixou as cortinas voltarem ao lugar e acendeu a pequena lamparina a óleo na mesinha de cabeceira, enchendo a sala com um brilho dourado. Ela queria um momento para pensar antes de ir para Roman... e encontrar algo para vestir, já que não havia nenhum sinal de sua mochila.

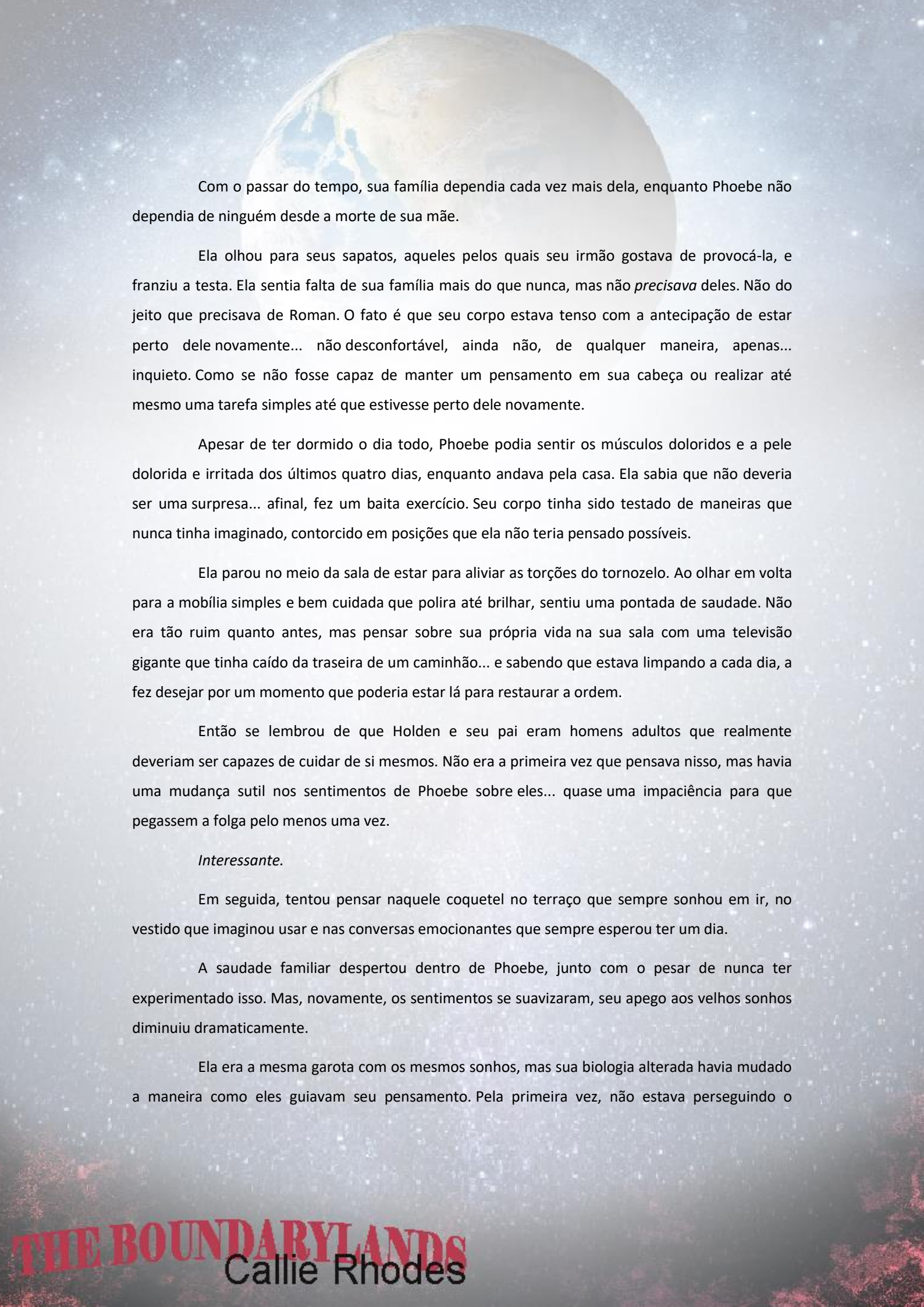
Depois de lavar o rosto, Phoebe fez o possível para domar os cachos, que ficaram tão emaranhados durante o cio que levaria horas para penteá-los. Mas isso poderia esperar.

Ela encontrou suas roupas cuidadosamente penduradas no armário, úmidas por terem sido lavadas. Pelo menos agora ela sabia o que Roman estava fazendo enquanto ela dormia. Ela decidiu pegar emprestada uma de suas camisas até que suas próprias coisas estivessem secas, embora a camisa desceu até aos joelhos, mesmo depois dela ter apertado a cintura com um cinto de um de seus vestidos.

Havia um pequeno espelho na parede ao lado do armário. Phoebe olhou para ele, quase surpresa ao ver seu rosto familiar olhando para trás, a única mudança era um arranhão no queixo que deve ter recebido durante a maratona de amor.

Ela encontrou seus sapatos alinhados ordenadamente no chão do armário. Ao tocá-los, Phoebe sentiu uma vaga sensação de desconforto. Foi só quando percebeu que Roman tinha limpado a lama do tecido rosa que percebeu que era porque não estava acostumada a ninguém fazendo coisas por ela.

E embora um pouco de roupa suja e um pano limpo não fossem exatamente medidas heróicas, parecia realmente muito estranho. Afinal, Phoebe estava acostumada a ser necessária, aquela que mantinha o desastre sob controle e se esforçava para conseguir pelo menos uma aparência de ordem.



Com o passar do tempo, sua família dependia cada vez mais dela, enquanto Phoebe não dependia de ninguém desde a morte de sua mãe.

Ela olhou para seus sapatos, aqueles pelos quais seu irmão gostava de provocá-la, e franziu a testa. Ela sentia falta de sua família mais do que nunca, mas não *precisava* deles. Não do jeito que precisava de Roman. O fato é que seu corpo estava tenso com a antecipação de estar perto dele novamente... não desconfortável, ainda não, de qualquer maneira, apenas... inquieto. Como se não fosse capaz de manter um pensamento em sua cabeça ou realizar até mesmo uma tarefa simples até que estivesse perto dele novamente.

Apesar de ter dormido o dia todo, Phoebe podia sentir os músculos doloridos e a pele dolorida e irritada dos últimos quatro dias, enquanto andava pela casa. Ela sabia que não deveria ser uma surpresa... afinal, fez um baita exercício. Seu corpo tinha sido testado de maneiras que nunca tinha imaginado, contorcido em posições que ela não teria pensado possíveis.

Ela parou no meio da sala de estar para aliviar as torções do tornozelo. Ao olhar em volta para a mobília simples e bem cuidada que polira até brilhar, sentiu uma pontada de saudade. Não era tão ruim quanto antes, mas pensar sobre sua própria vida na sua sala com uma televisão gigante que tinha caído da traseira de um caminhão... e sabendo que estava limpando a cada dia, a fez desejar por um momento que poderia estar lá para restaurar a ordem.

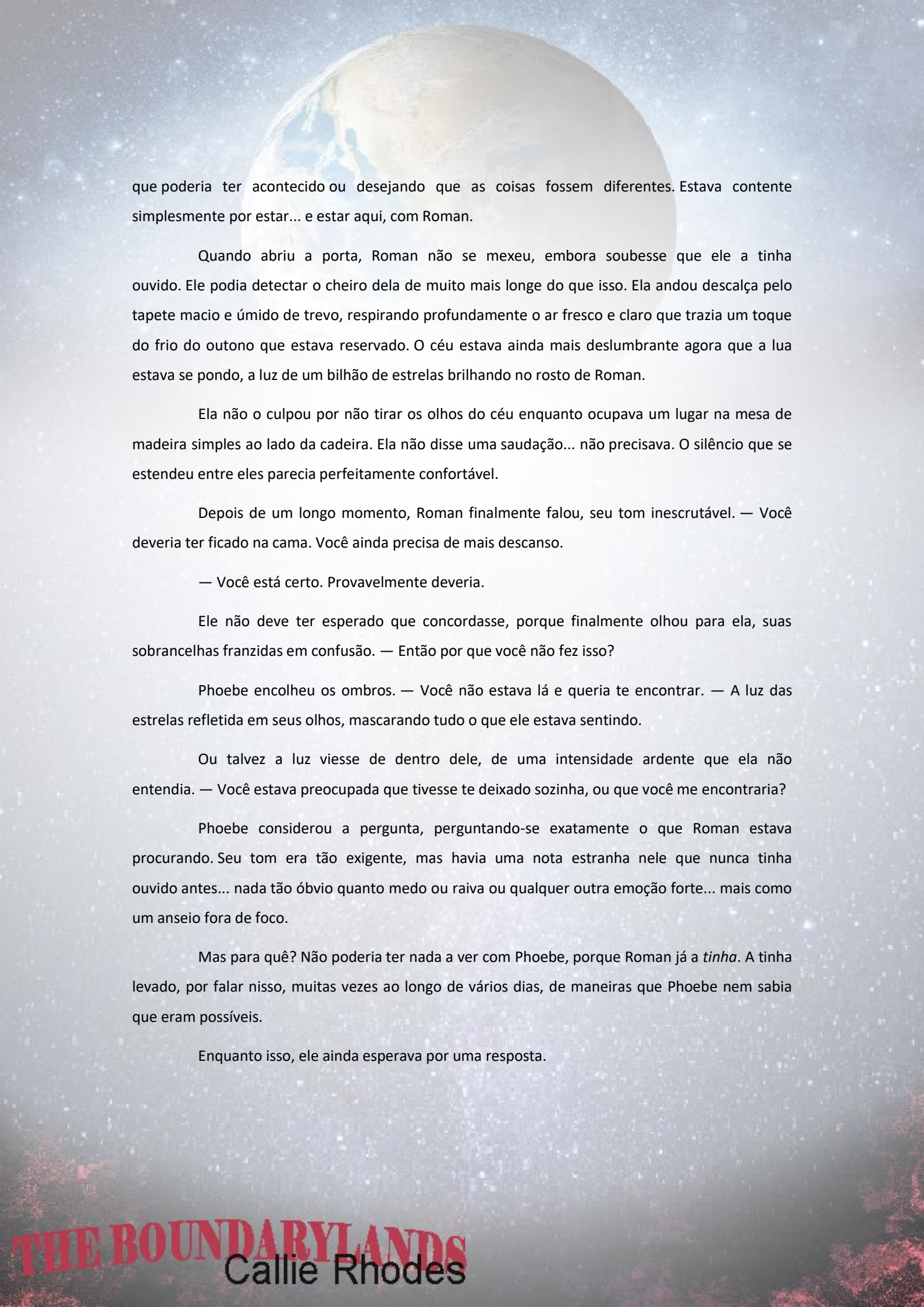
Então se lembrou de que Holden e seu pai eram homens adultos que realmente deveriam ser capazes de cuidar de si mesmos. Não era a primeira vez que pensava nisso, mas havia uma mudança sutil nos sentimentos de Phoebe sobre eles... quase uma impaciência para que pegassem a folga pelo menos uma vez.

Interessante.

Em seguida, tentou pensar naquele coquetel no terraço que sempre sonhou em ir, no vestido que imaginou usar e nas conversas emocionantes que sempre esperou ter um dia.

A saudade familiar despertou dentro de Phoebe, junto com o pesar de nunca ter experimentado isso. Mas, novamente, os sentimentos se suavizaram, seu apego aos velhos sonhos diminuiu dramaticamente.

Ela era a mesma garota com os mesmos sonhos, mas sua biologia alterada havia mudado a maneira como eles guiavam seu pensamento. Pela primeira vez, não estava perseguindo o



que poderia ter acontecido ou desejando que as coisas fossem diferentes. Estava contente simplesmente por estar... e estar aqui, com Roman.

Quando abriu a porta, Roman não se mexeu, embora soubesse que ele a tinha ouvido. Ele podia detectar o cheiro dela de muito mais longe do que isso. Ela andou descalça pelo tapete macio e úmido de trevo, respirando profundamente o ar fresco e claro que trazia um toque do frio do outono que estava reservado. O céu estava ainda mais deslumbrante agora que a lua estava se pondo, a luz de um bilhão de estrelas brilhando no rosto de Roman.

Ela não o culpou por não tirar os olhos do céu enquanto ocupava um lugar na mesa de madeira simples ao lado da cadeira. Ela não disse uma saudação... não precisava. O silêncio que se estendeu entre eles parecia perfeitamente confortável.

Depois de um longo momento, Roman finalmente falou, seu tom inescrutável. — Você deveria ter ficado na cama. Você ainda precisa de mais descanso.

— Você está certo. Provavelmente deveria.

Ele não deve ter esperado que concordasse, porque finalmente olhou para ela, suas sobrancelhas franzidas em confusão. — Então por que você não fez isso?

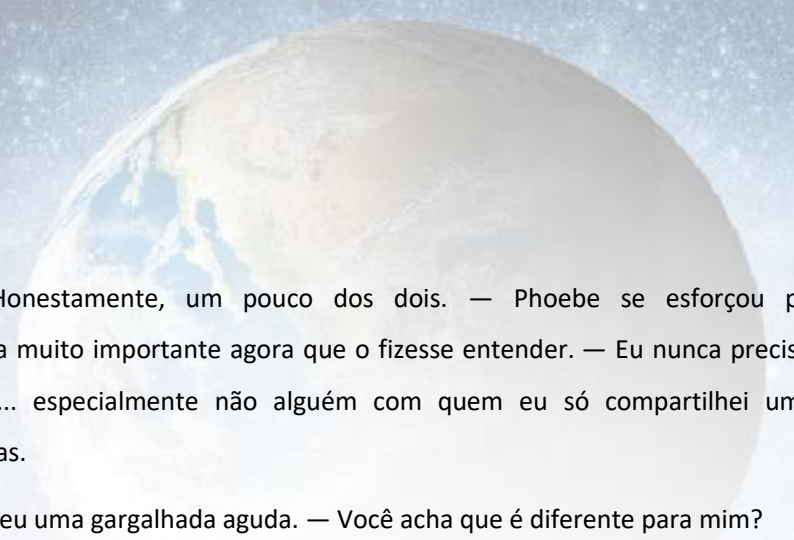
Phoebe encolheu os ombros. — Você não estava lá e queria te encontrar. — A luz das estrelas refletida em seus olhos, mascarando tudo o que ele estava sentindo.

Ou talvez a luz viesse de dentro dele, de uma intensidade ardente que ela não entendia. — Você estava preocupada que tivesse te deixado sozinha, ou que você me encontraria?

Phoebe considerou a pergunta, perguntando-se exatamente o que Roman estava procurando. Seu tom era tão exigente, mas havia uma nota estranha nele que nunca tinha ouvido antes... nada tão óbvio quanto medo ou raiva ou qualquer outra emoção forte... mais como um anseio fora de foco.

Mas para quê? Não poderia ter nada a ver com Phoebe, porque Roman já a *tinha*. A tinha levado, por falar nisso, muitas vezes ao longo de vários dias, de maneiras que Phoebe nem sabia que eram possíveis.

Enquanto isso, ele ainda esperava por uma resposta.



— Honestamente, um pouco dos dois. — Phoebe se esforçou para ser mais precisa. Parecia muito importante agora que o fizesse entender. — Eu nunca precisei de ninguém antes, Roman... especialmente não alguém com quem eu só compartilhei um punhado de conversas curtas.

Ele deu uma gargalhada aguda. — Você acha que é diferente para mim?

— Bem... sim, na verdade. Este é o *seu* mundo. Há quanto tempo você mora em Boundarylands?

— Doze anos, — disse ele sem hesitação. — Doze anos morando sozinho. Indo para o comércio uma vez, talvez duas vezes por ano. Raramente conversando com outra alma viva. Sobrevivendo com minha inteligência e coragem. Então me faça um favor e lembre-se de que você não é a única que não está acostumada a precisar de ninguém.

Suas palavras foram diretas, mas não foram deliberadamente cruéis.

Talvez não fosse a única que se acalmou e se concentrou em seu calor. Seu tom racional tornou mais difícil para Phoebe rejeitar suas palavras. A culpa a atravessou quando percebeu que nunca realmente teve tempo para ver as coisas da perspectiva dele.

Para Phoebe, o vínculo com um Alfa era a coisa mais distante de sua mente no dia em que chegou na cabine de um caminhão-tanque roubado. Previsivelmente, sua reação inicial foi de terror e medo. Levou algum tempo para avaliar completamente as implicações de sua natureza Ômega e o que isso significava para sua vida.

Mas estava tão envolvida em seu próprio drama que nunca havia ocorrido a ela se perguntar se tudo isso... sua chegada, transição para uma Ômega, seu vínculo... tinha sido algo que ele queria. Ela assumiu que todo Alfa queria uma Ômega. Isso é o que aprendeu na escola, mas e se isso não fosse verdade?

E se Roman se sentisse tão preso quanto ela no início? Ele poderia ter passado a melhor parte de sua vida como um poderoso Alfa acostumado a conseguir tudo o que queria, mas isso era claramente tão novo para ele quanto para ela. Eles estavam navegando nessas águas desconhecidas juntos. Talvez um pouco de gentileza e paciência fosse necessária.

— Sinto muito, — disse Phoebe. — Eu nunca percebi como era a vida para você em Boundarylands. Sempre pensei que os Alfas vinham aqui porque queriam. Que eram mais felizes aqui. Eu... nunca considerei que fosse sequer possível para você ser solitário.

— Nem eu, — Roman admitiu, sem olhar para ela. — Não até que você apareceu.

Essa não era a resposta que Phoebe esperava. Não podia acreditar no que estava ouvindo... seu sentimento beirava a doce. Nem um pouco o tipo de coisa que tinha se acostumado a ouvir de seu Alfa conciso.

Mas também era verdade... Phoebe poderia jurar. E não apenas porque sabia que ele nunca mentia, mas porque podia sentir em seus ossos, no âmago de quem ela era.

Logo após essa constatação, Phoebe foi atingida por um novo entendimento.

— É por isso que você ficou com tanto medo quando pensou que eu iria embora com minha família, — disse ela. — Você não sabia se seria capaz de continuar sem mim se eu o fizesse.

A expressão de Roman se tornou uma carranca e Phoebe temeu ter ido longe demais... até que ele agarrou a mão dela e a pressionou entre as suas. — Eu não estava com medo porque nunca teria permitido que isso acontecesse, — ele vociferou.

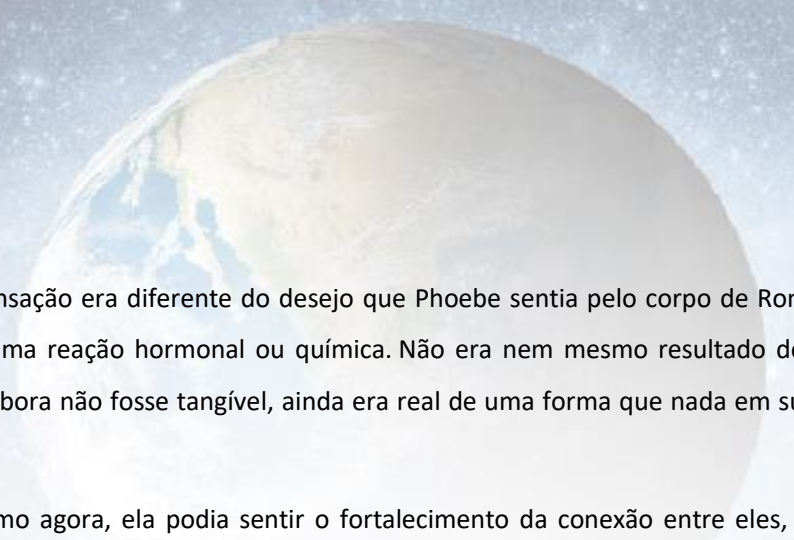
Phoebe lutou para manter sua expressão neutra. Roman poderia não perceber que havia falado uma mentira e uma verdade tudo ao mesmo tempo, mas a última coisa que Phoebe faria era desafiá-lo. Seu Alfa não conseguia nem ver seu medo pelo que era.

Assim como com a necessidade avassaladora de estar ao seu lado, a emoção era muito nova para ele entender completamente. Melhor deixá-lo pensar nisso como um desconforto, ou mesmo raiva ou fúria, se necessário, até que estivesse pronto para aceitar essa nova faceta de seu ser.

— Está tudo bem, — disse ela suavemente. — Eu também não tinha percebido na época, mas estou começando a perceber que nunca seria capaz de ir embora.

Roman manteve o olhar em suas mãos entrelaçadas. — Você sente isso também? Esse vínculo entre nós?

— Eu acho... sim. Eu acho.



A sensação era diferente do desejo que Phoebe sentia pelo corpo de Roman. Era muito mais do que uma reação hormonal ou química. Não era nem mesmo resultado de sua natureza mutante. E embora não fosse tangível, ainda era real de uma forma que nada em sua vida parecia real antes.

Mesmo agora, ela podia sentir o fortalecimento da conexão entre eles, uma força tão imparável quanto a gravidade. Ela se inclinou ao seu toque, apenas para que a levantasse da mesinha e a colocasse em seu colo, envolvendo os braços em volta dela com força.

— Eu disse que era muito cedo para você sair da cama, — disse ele, e ela podia ouvir o sorriso em sua voz. — Você nunca vai me ouvir?

Phoebe se aninhou em seu peito, seu batimento cardíaco forte e constante contra sua bochecha. — Talvez, — ela murmurou. — E ficarei feliz em voltar para a cama... contanto que você pare de ficar de mau humor aqui no escuro e venha comigo.

Roman não teve que ser perguntado duas vezes. — Eu não estava de mau humor, — ele disse a ela enquanto a erguia em seus braços e começava a carregá-la de volta para dentro. — Eu estava olhando as estrelas.

— E amuado — provocou Phoebe.

— Garota, você sabe o que acontece com uma Ômega que responde ao seu Alfa? — O peito de Roman retumbou daquela maneira sexy que a fez escorregar.

— Não, — disse Phoebe, — Mas espero estar prestes a descobrir.



CAPÍTULO QUINZE

Phoebe

Se Phoebe esperava que as coisas se acalmassem no quarto nos próximos dias, estava enganada. Era difícil o suficiente envolver sua mente em torno do fato de que, uma vez por mês, ela seria superada pela necessidade avassaladora de acasalar por dias, apenas para ser restaurada ao estado de êxtase de contentamento que se seguiu. Mas estava realmente surpresa por ela e Roman estarem de volta, então logo depois, sua paixão um pelo outro não diminuiu.

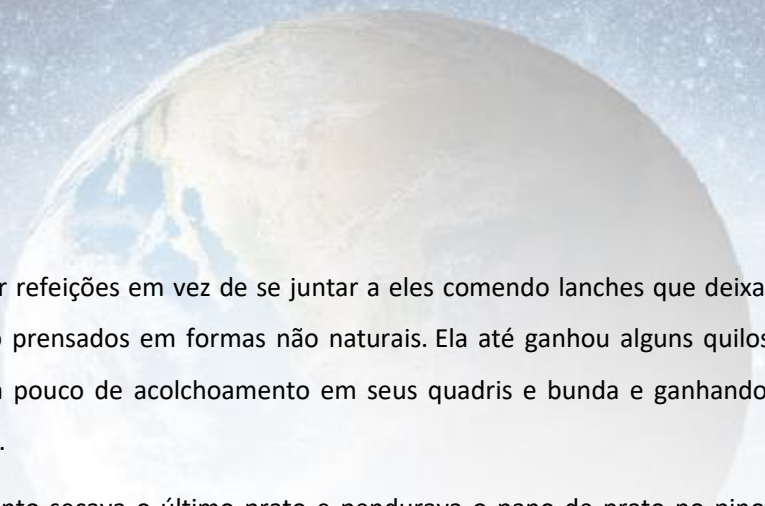
Eles não conseguiam manter as mãos longe um do outro, fazendo amor todos os dias, geralmente mais de uma vez. Às vezes começava antes do café da manhã... e às vezes voltavam para uma segunda rodada para o almoço.

E mesmo que Phoebe ficasse dolorida como resultado, ela se sentia melhor... mais forte, mais enérgica, mais feliz... do que nunca.

Uma semana depois que seu cio terminou, ela estava secando pratos na pia da cozinha, observando Roman atizar o fogo que torrava o café no tambor de cobre giratório colina acima. Era uma vista esplêndida, todos os músculos ondulantes e brilhantes sob o sol do início do outono. A manhã teve um friozinho no ar, mas quando o sol nasceu no céu, Roman tirou a camisa e pendurou-a em um galho próximo, e agora ela planejava banquetear os olhos com a cena até que ele chegasse para almoçar.

Eles haviam estabelecido uma rotina em que Phoebe cuidava da cabana e preparava as refeições, enquanto Roman mantinha sua propriedade e todos os seus vários projetos. Ele caçava e pescava nas águas cristalinas do riacho que serpenteava por sua terra. Ele também construiu uma série de canteiros elevados para cultivar vegetais, provocando-a por não conseguir manter seu apetite.

Era verdade que Phoebe estava gostando da comida simples e nutritiva que preparava com as provisões que encontrou na adega, no fumeiro e na despensa. Antes, ela tinha que manter os armários estocados com todos os alimentos processados que seu pai e irmão esperavam. Ela



costumava pular refeições em vez de se juntar a eles comendo lanches que deixavam seus dedos laranja e frango prensados em formas não naturais. Ela até ganhou alguns quilos recentemente, adicionando um pouco de acolchoamento em seus quadris e bunda e ganhando um assobio de lobo de seu Alfa.

Enquanto secava o último prato e pendurava o pano de prato no pino, ela viu Roman começar a descer o caminho em direção à casa. Phoebe instantaneamente sentiu o florescimento da luxúria começar bem fundo dentro dela, umedecendo sua calcinha com uma camada escorregadia. Ela não pôde deixar de sorrir com a intensa faísca de atração que não mostrou nenhum sinal de desaparecer. A conexão entre eles ficava mais forte o tempo todo... e não apenas por causa do sexo.

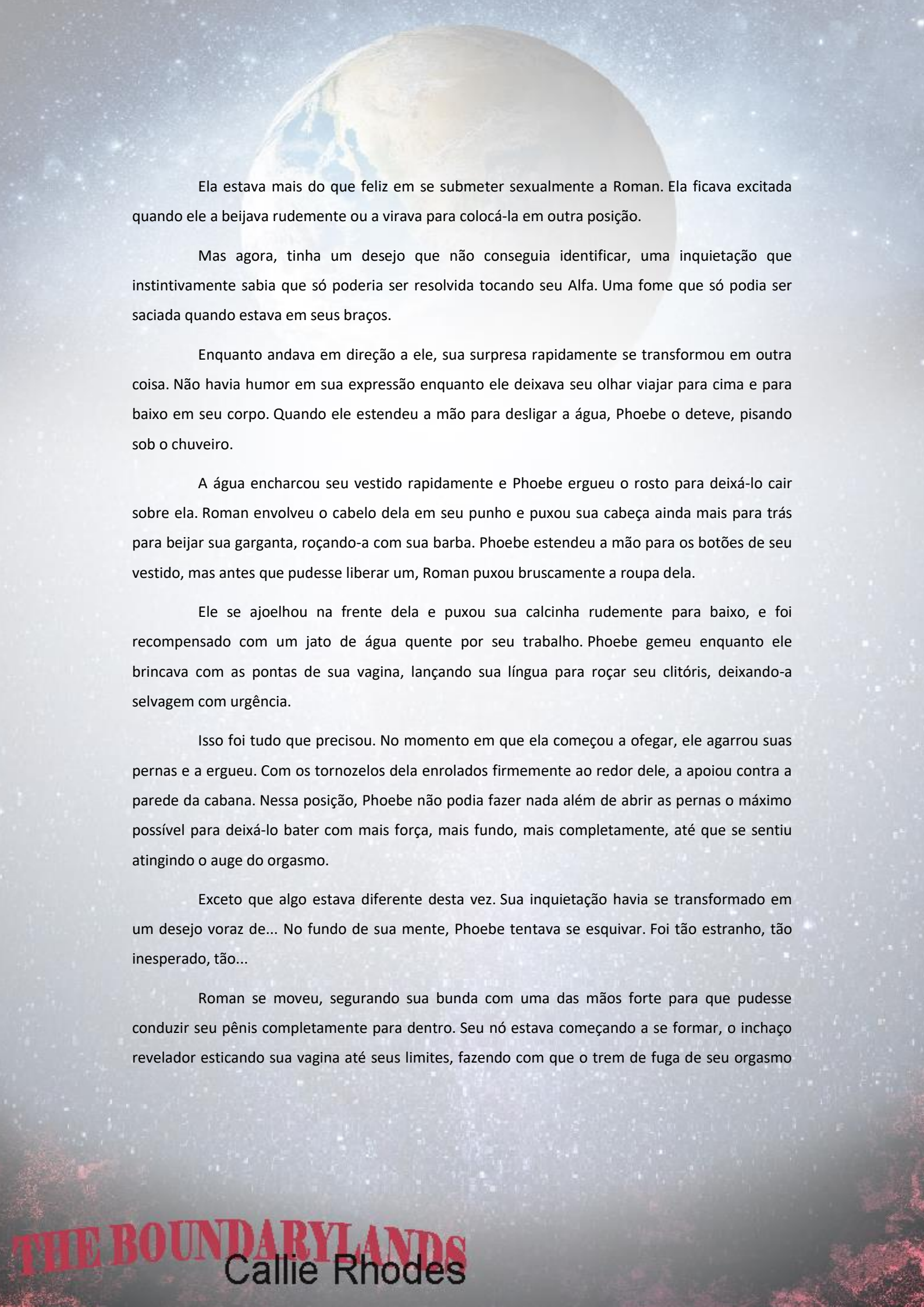
Roman não mudou durante a noite. Em muitos aspectos, não mudou em nada. Ele ainda era rude, ainda desajeitado quando se tratava de compartilhar seus sentimentos. Mas se abriu um pouco. Talvez nem sempre verbalmente, mas mostrou de outras maneiras.

Houve menos resmungos, para começar. Ele não criticou nada que ela fizesse, mesmo quando ela queimou uma frigideira de biscoitos ou torceu as meias dele ao lavá-las com seu vestido vermelho. Quando ele olhava para ela agora, seu olhar era sempre apreciativo... mesmo quando estava em chamas de luxúria.

Até sua linguagem corporal havia mudado. Sim, seu toque era possessivo e Phoebe tinha que admitir secretamente que não havia nada mais sexy do que um homem que automaticamente puxava você para o lado quando ouviu um motor à distância ou protegeu você com o corpo quando um urso vagou pela propriedade. Mas em outras ocasiões, havia uma gentileza em seu toque que a fazia se sentir querida até ao fundo de sua alma.

Phoebe saiu para a varanda a tempo de ver Roman ligar o chuveiro externo que havia construído. Ele tirou a calça antes de ficar embaixo dela, deixando-a fluir sobre os planos esculpidos de seu rosto, descendo por seu pescoço e ombros para formar riachos que corriam sobre seu corpo. Phoebe lambeu os lábios enquanto se imaginava traçando os mesmos caminhos com a língua.

Quando Roman se virou e a pegou olhando, Phoebe se surpreendeu ao sustentar seu olhar.



Ela estava mais do que feliz em se submeter sexualmente a Roman. Ela ficava excitada quando ele a beijava rudemente ou a virava para colocá-la em outra posição.

Mas agora, tinha um desejo que não conseguia identificar, uma inquietação que instintivamente sabia que só poderia ser resolvida tocando seu Alfa. Uma fome que só podia ser saciada quando estava em seus braços.

Enquanto andava em direção a ele, sua surpresa rapidamente se transformou em outra coisa. Não havia humor em sua expressão enquanto ele deixava seu olhar viajar para cima e para baixo em seu corpo. Quando ele estendeu a mão para desligar a água, Phoebe o deteve, pisando sob o chuveiro.

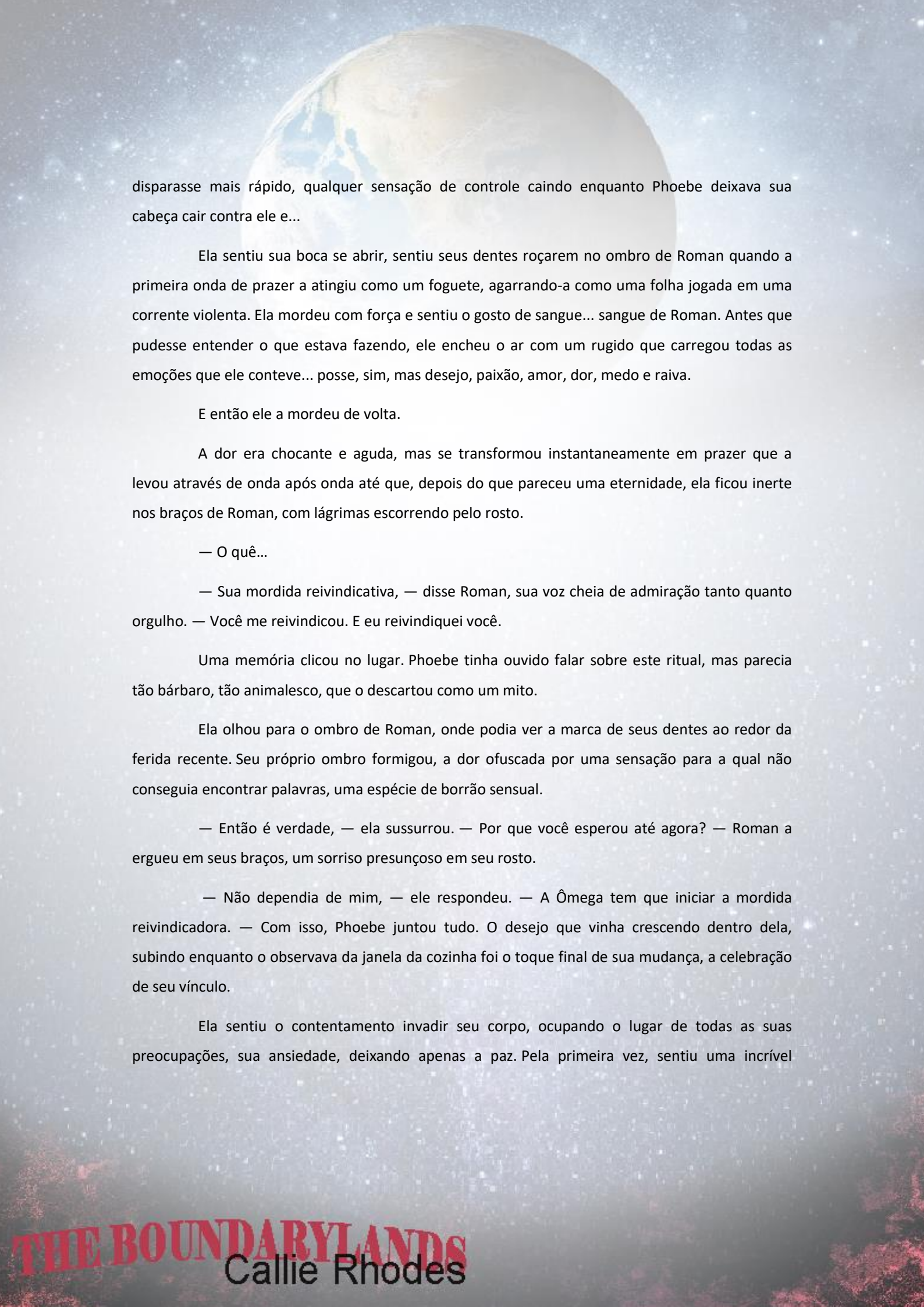
A água encharcou seu vestido rapidamente e Phoebe ergueu o rosto para deixá-lo cair sobre ela. Roman envolveu o cabelo dela em seu punho e puxou sua cabeça ainda mais para trás para beijar sua garganta, roçando-a com sua barba. Phoebe estendeu a mão para os botões de seu vestido, mas antes que pudesse liberar um, Roman puxou bruscamente a roupa dela.

Ele se ajoelhou na frente dela e puxou sua calcinha rudemente para baixo, e foi recompensado com um jato de água quente por seu trabalho. Phoebe gemeu enquanto ele brincava com as pontas de sua vagina, lançando sua língua para roçar seu clitóris, deixando-a selvagem com urgência.

Isso foi tudo que precisou. No momento em que ela começou a ofegar, ele agarrou suas pernas e a ergueu. Com os tornozelos dela enrolados firmemente ao redor dele, a apoiou contra a parede da cabana. Nessa posição, Phoebe não podia fazer nada além de abrir as pernas o máximo possível para deixá-lo bater com mais força, mais fundo, mais completamente, até que se sentiu atingindo o auge do orgasmo.

Exceto que algo estava diferente desta vez. Sua inquietação havia se transformado em um desejo voraz de... No fundo de sua mente, Phoebe tentava se esquivar. Foi tão estranho, tão inesperado, tão...

Roman se moveu, segurando sua bunda com uma das mãos forte para que pudesse conduzir seu pênis completamente para dentro. Seu nó estava começando a se formar, o inchaço revelador esticando sua vagina até seus limites, fazendo com que o trem de fuga de seu orgasmo



disparasse mais rápido, qualquer sensação de controle caindo enquanto Phoebe deixava sua cabeça cair contra ele e...

Ela sentiu sua boca se abrir, sentiu seus dentes roçarem no ombro de Roman quando a primeira onda de prazer a atingiu como um foguete, agarrando-a como uma folha jogada em uma corrente violenta. Ela mordeu com força e sentiu o gosto de sangue... sangue de Roman. Antes que pudesse entender o que estava fazendo, ele encheu o ar com um rugido que carregou todas as emoções que ele conteve... posse, sim, mas desejo, paixão, amor, dor, medo e raiva.

E então ele a mordeu de volta.

A dor era chocante e aguda, mas se transformou instantaneamente em prazer que a levou através de onda após onda até que, depois do que pareceu uma eternidade, ela ficou inerte nos braços de Roman, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— O quê...

— Sua mordida reivindicativa, — disse Roman, sua voz cheia de admiração tanto quanto orgulho. — Você me reivindicou. E eu reivindiquei você.

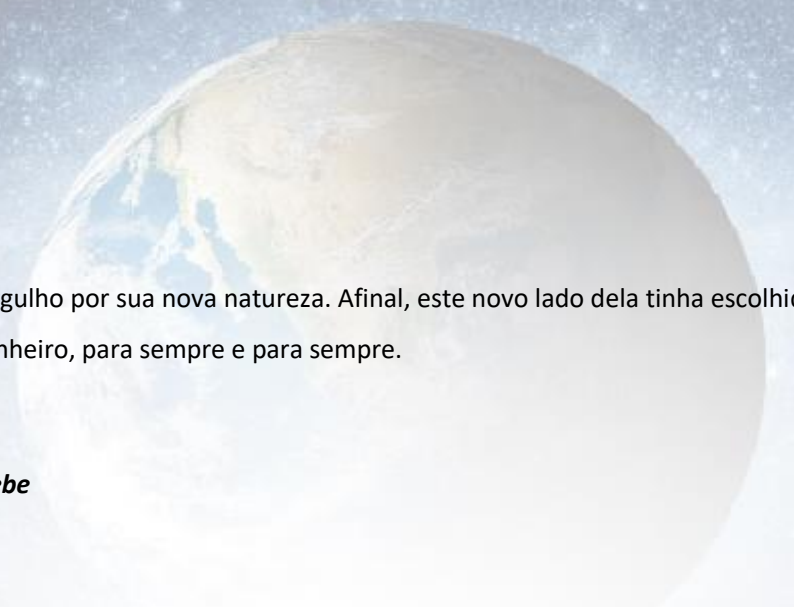
Uma memória clicou no lugar. Phoebe tinha ouvido falar sobre este ritual, mas parecia tão bárbaro, tão animalesco, que o descartou como um mito.

Ela olhou para o ombro de Roman, onde podia ver a marca de seus dentes ao redor da ferida recente. Seu próprio ombro formigou, a dor ofuscada por uma sensação para a qual não conseguia encontrar palavras, uma espécie de borrão sensual.

— Então é verdade, — ela sussurrou. — Por que você esperou até agora? — Roman a ergueu em seus braços, um sorriso presunçoso em seu rosto.

— Não dependia de mim, — ele respondeu. — A Ômega tem que iniciar a mordida reivindicadora. — Com isso, Phoebe juntou tudo. O desejo que vinha crescendo dentro dela, subindo enquanto o observava da janela da cozinha foi o toque final de sua mudança, a celebração de seu vínculo.

Ela sentiu o contentamento invadir seu corpo, ocupando o lugar de todas as suas preocupações, sua ansiedade, deixando apenas a paz. Pela primeira vez, sentiu uma incrível



sensação de orgulho por sua nova natureza. Afinal, este novo lado dela tinha escolhido Roman para ser seu companheiro, para sempre e para sempre.

Phoebe

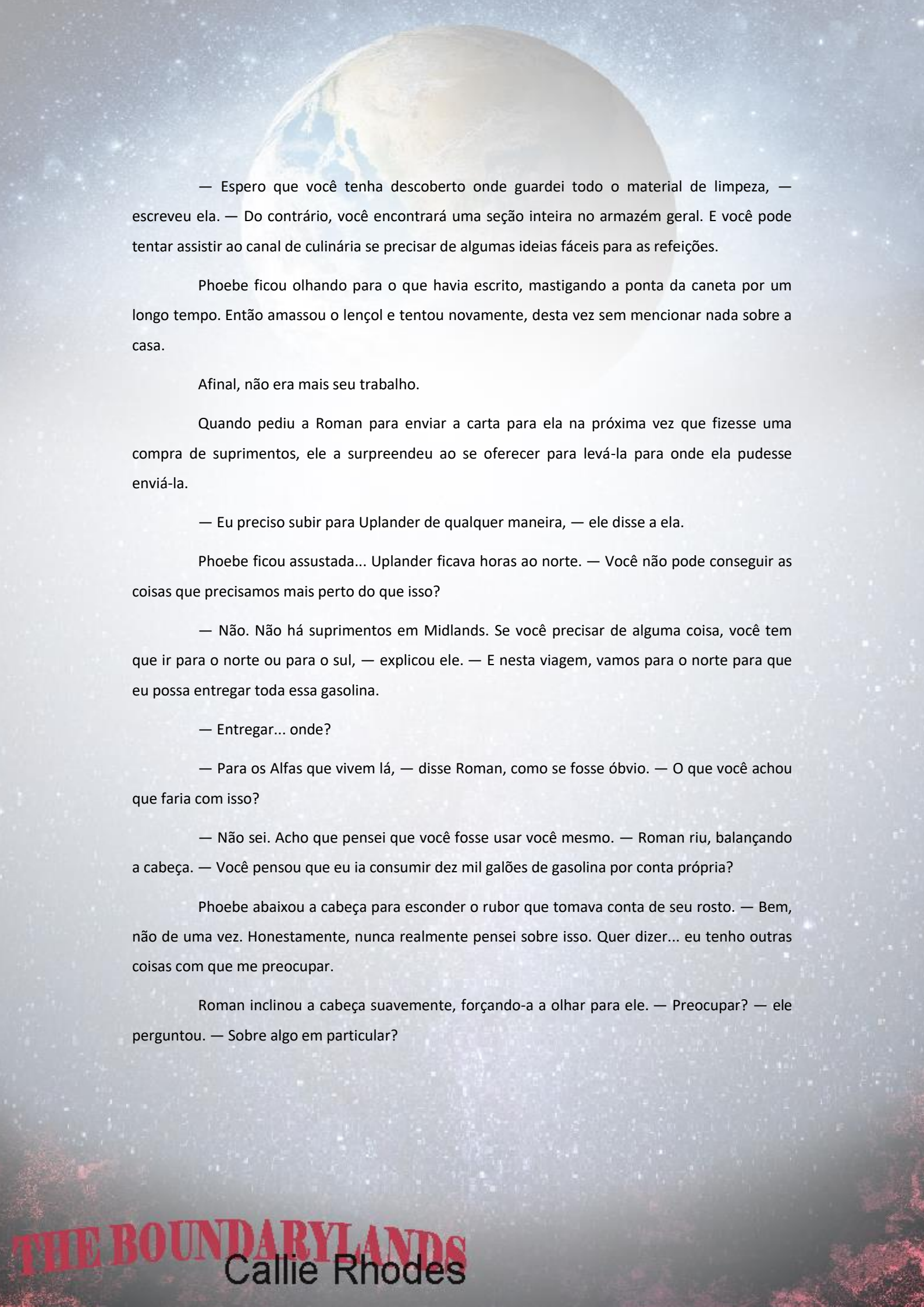
Pela primeira vez na vida, Phoebe estava contente. Realmente, verdadeiramente contente de maneiras que nunca tinha estado antes. Ela não se pegava mais sonhando acordada com lugares distantes, não mais ansiava por casa. Sua casa era aqui. E embora sentisse falta de Holden e de seu pai, eles não ocupavam mais a maior parte do espaço em sua cabeça.

Claro, essa constatação veio com uma forte dose de culpa. Sua felicidade parecia indulgente quando se preocupava com o que estavam fazendo sem ela. Ela nunca tinha visto seu pai tão chateado como quando Roman os expulsou de suas terras, e não havia maneira dele e Holden saberem que esta situação tinha acabado para o melhor. Ela sabia que eles deviam estar sofrendo, pensando que estava vivendo uma vida torturada em um relacionamento abusivo com um monstro.

E então, é claro, havia as questões práticas. Os homens de sua família mal conseguiam descobrir como ligar a máquina de lavar sem inundar a lavanderia. Se algum deles metesse na cabeça para ligar o fogão, provavelmente iriam incendiar a casa.

Mas isso era realmente responsabilidade dela? Quando pensou em quão autossuficiente Roman havia aprendido a ser, não apenas construindo uma existência, mas prosperando no deserto, o fracasso de sua família em fazer por si mesmos incomodou Phoebe de uma maneira que nunca antes. Ela estava começando a se perguntar se eles nunca aprenderam a se defender sozinhos simplesmente porque nunca precisaram. Apenas talvez, sem ela lá para cuidar deles e limpar sua bagunça, finalmente aprenderiam a viver como adultos de verdade.

Todos esses pensamentos estavam em sua cabeça quando Phoebe se sentou para escrever uma carta para seu pai e Holden. Ela passou a maior parte das quatro páginas manuscritas descrevendo sua nova vida maravilhosa e garantindo-lhes que não precisavam se preocupar com ela. Só no final escorregou em uma referência de como ela administrava a casa.



— Espero que você tenha descoberto onde guardei todo o material de limpeza, — escreveu ela. — Do contrário, você encontrará uma seção inteira no armazém geral. E você pode tentar assistir ao canal de culinária se precisar de algumas ideias fáceis para as refeições.

Phoebe ficou olhando para o que havia escrito, mastigando a ponta da caneta por um longo tempo. Então amassou o lençol e tentou novamente, desta vez sem mencionar nada sobre a casa.

Afinal, não era mais seu trabalho.

Quando pediu a Roman para enviar a carta para ela na próxima vez que fizesse uma compra de suprimentos, ele a surpreendeu ao se oferecer para levá-la para onde ela pudesse enviá-la.

— Eu preciso subir para Uplander de qualquer maneira, — ele disse a ela.

Phoebe ficou assustada... Uplander ficava horas ao norte. — Você não pode conseguir as coisas que precisamos mais perto do que isso?

— Não. Não há suprimentos em Midlands. Se você precisar de alguma coisa, você tem que ir para o norte ou para o sul, — explicou ele. — E nesta viagem, vamos para o norte para que eu possa entregar toda essa gasolina.

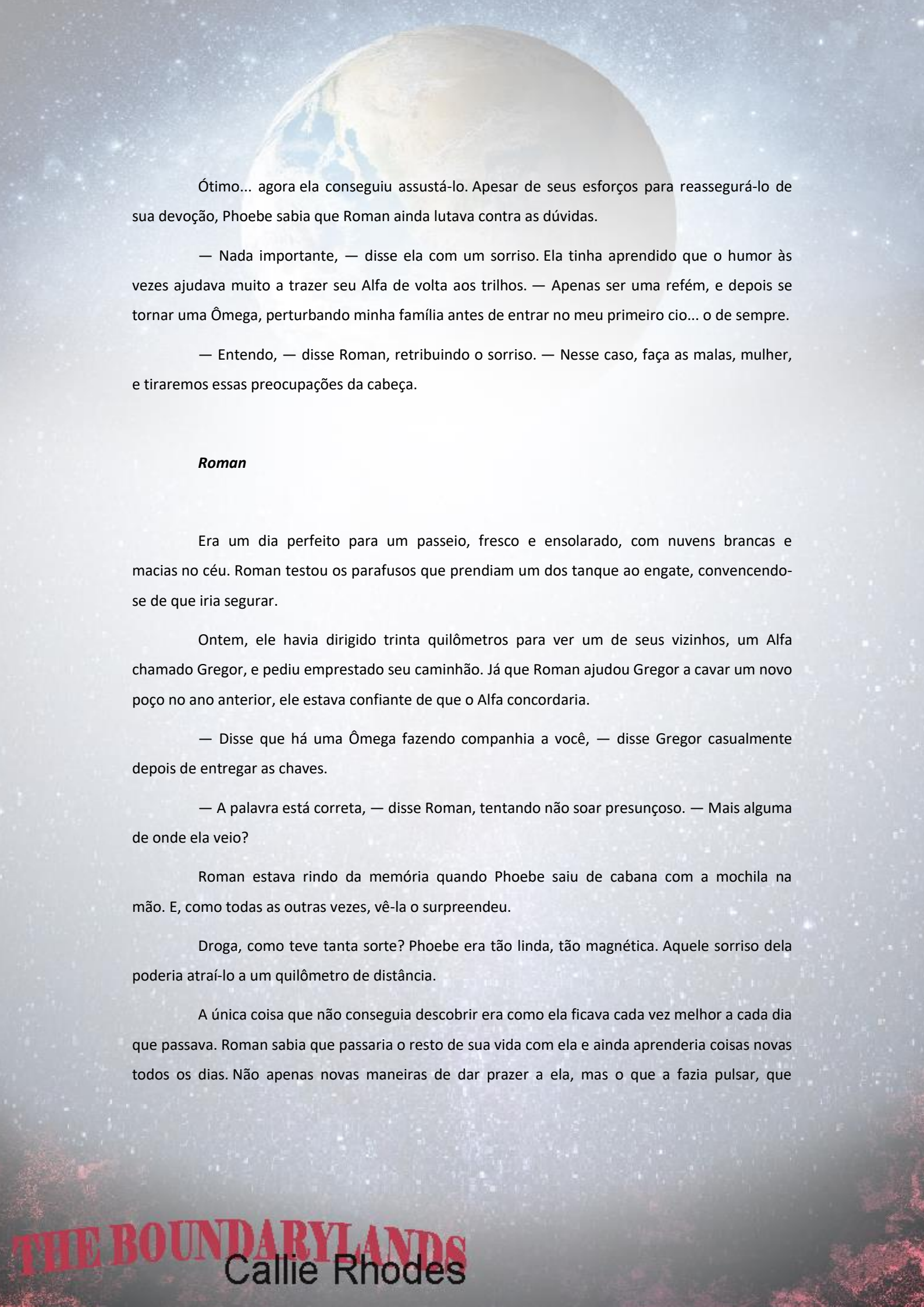
— Entregar... onde?

— Para os Alfas que vivem lá, — disse Roman, como se fosse óbvio. — O que você achou que faria com isso?

— Não sei. Acho que pensei que você fosse usar você mesmo. — Roman riu, balançando a cabeça. — Você pensou que eu ia consumir dez mil galões de gasolina por conta própria?

Phoebe abaixou a cabeça para esconder o rubor que tomava conta de seu rosto. — Bem, não de uma vez. Honestamente, nunca realmente pensei sobre isso. Quer dizer... eu tenho outras coisas com que me preocupar.

Roman inclinou a cabeça suavemente, forçando-a a olhar para ele. — Preocupar? — ele perguntou. — Sobre algo em particular?



Ótimo... agora ela conseguiu assustá-lo. Apesar de seus esforços para reassegurá-lo de sua devoção, Phoebe sabia que Roman ainda lutava contra as dúvidas.

— Nada importante, — disse ela com um sorriso. Ela tinha aprendido que o humor às vezes ajudava muito a trazer seu Alfa de volta aos trilhos. — Apenas ser uma refém, e depois se tornar uma Ômega, perturbando minha família antes de entrar no meu primeiro cio... o de sempre.

— Entendo, — disse Roman, retribuindo o sorriso. — Nesse caso, faça as malas, mulher, e tiraremos essas preocupações da cabeça.

Roman

Era um dia perfeito para um passeio, fresco e ensolarado, com nuvens brancas e macias no céu. Roman testou os parafusos que prendiam um dos tanque ao engate, convencendo-se de que iria segurar.

Ontem, ele havia dirigido trinta quilômetros para ver um de seus vizinhos, um Alfa chamado Gregor, e pediu emprestado seu caminhão. Já que Roman ajudou Gregor a cavar um novo poço no ano anterior, ele estava confiante de que o Alfa concordaria.

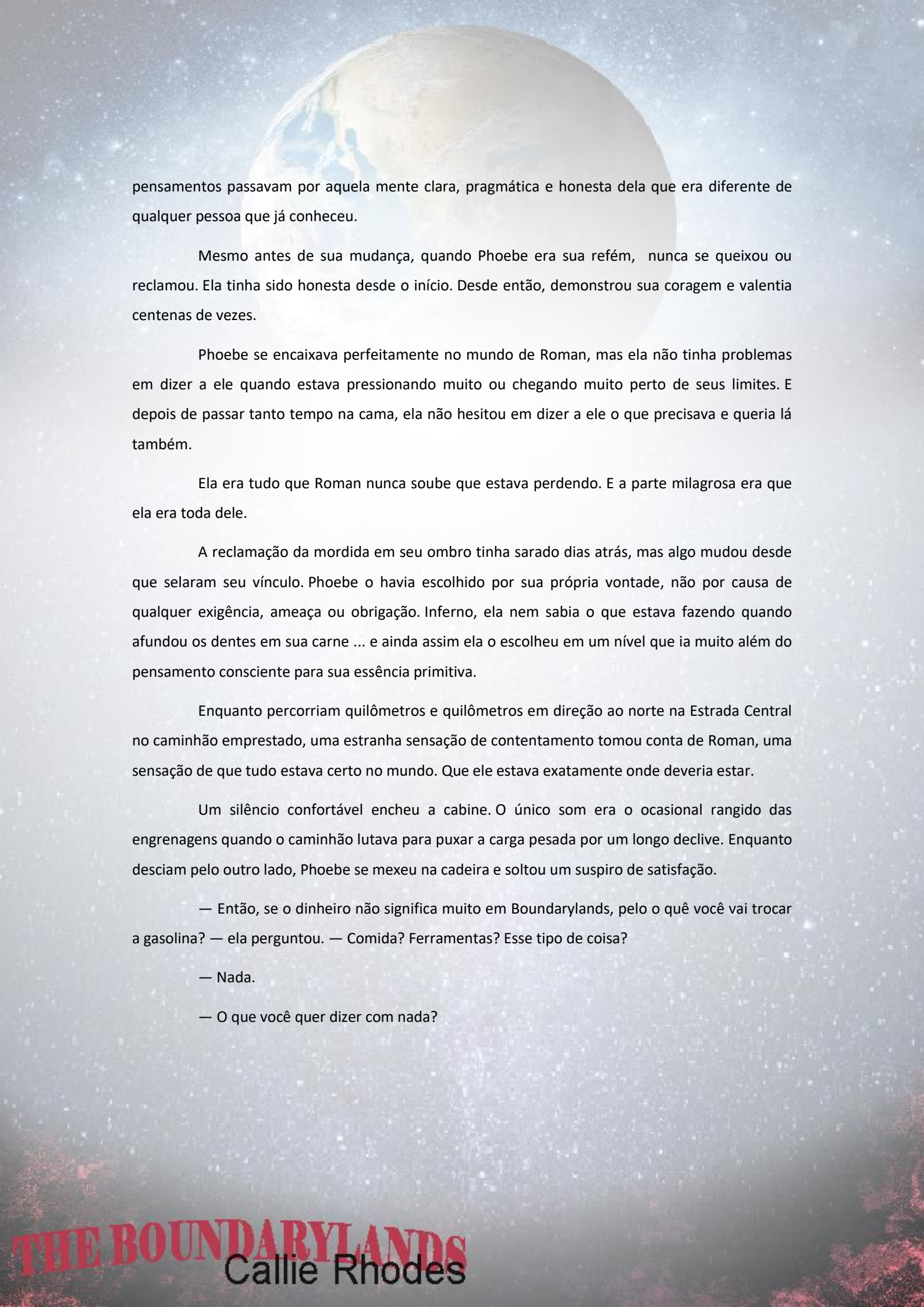
— Disse que há uma Ômega fazendo companhia a você, — disse Gregor casualmente depois de entregar as chaves.

— A palavra está correta, — disse Roman, tentando não soar presunçoso. — Mais alguma de onde ela veio?

Roman estava rindo da memória quando Phoebe saiu de cabana com a mochila na mão. E, como todas as outras vezes, vê-la o surpreendeu.

Droga, como teve tanta sorte? Phoebe era tão linda, tão magnética. Aquele sorriso dela poderia atraí-lo a um quilômetro de distância.

A única coisa que não conseguia descobrir era como ela ficava cada vez melhor a cada dia que passava. Roman sabia que passaria o resto de sua vida com ela e ainda aprenderia coisas novas todos os dias. Não apenas novas maneiras de dar prazer a ela, mas o que a fazia pulsar, que



pensamentos passavam por aquela mente clara, pragmática e honesta dela que era diferente de qualquer pessoa que já conheceu.

Mesmo antes de sua mudança, quando Phoebe era sua refém, nunca se queixou ou reclamou. Ela tinha sido honesta desde o início. Desde então, demonstrou sua coragem e valentia centenas de vezes.

Phoebe se encaixava perfeitamente no mundo de Roman, mas ela não tinha problemas em dizer a ele quando estava pressionando muito ou chegando muito perto de seus limites. E depois de passar tanto tempo na cama, ela não hesitou em dizer a ele o que precisava e queria lá também.

Ela era tudo que Roman nunca soube que estava perdendo. E a parte milagrosa era que ela era toda dele.

A reclamação da mordida em seu ombro tinha sarado dias atrás, mas algo mudou desde que selaram seu vínculo. Phoebe o havia escolhido por sua própria vontade, não por causa de qualquer exigência, ameaça ou obrigação. Inferno, ela nem sabia o que estava fazendo quando afundou os dentes em sua carne ... e ainda assim ela o escolheu em um nível que ia muito além do pensamento consciente para sua essência primitiva.

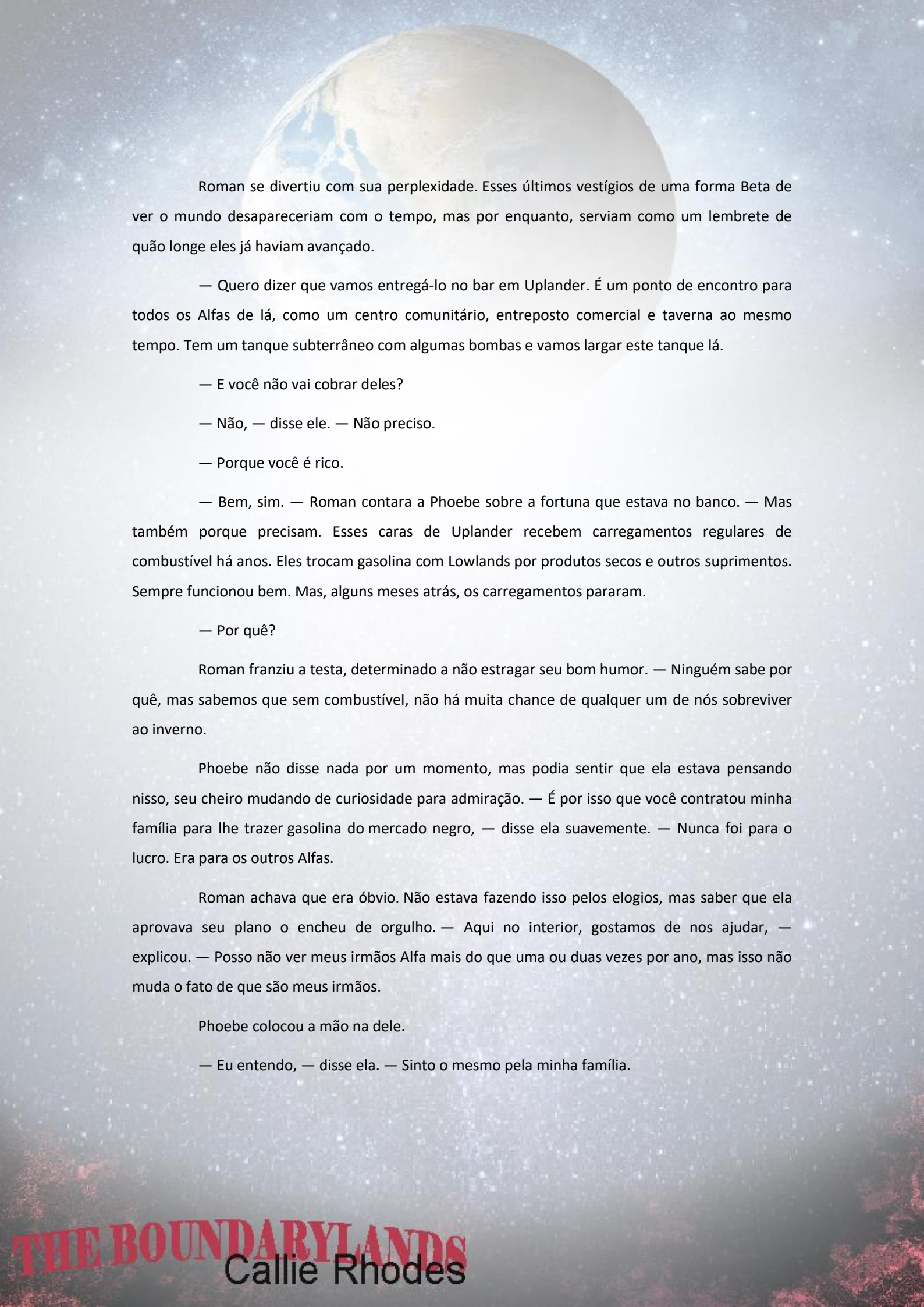
Enquanto percorriam quilômetros e quilômetros em direção ao norte na Estrada Central no caminhão emprestado, uma estranha sensação de contentamento tomou conta de Roman, uma sensação de que tudo estava certo no mundo. Que ele estava exatamente onde deveria estar.

Um silêncio confortável encheu a cabine. O único som era o ocasional rangido das engrenagens quando o caminhão lutava para puxar a carga pesada por um longo declive. Enquanto desciam pelo outro lado, Phoebe se mexeu na cadeira e soltou um suspiro de satisfação.

— Então, se o dinheiro não significa muito em Boundarylands, pelo o quê você vai trocar a gasolina? — ela perguntou. — Comida? Ferramentas? Esse tipo de coisa?

— Nada.

— O que você quer dizer com nada?



Roman se divertiu com sua perplexidade. Esses últimos vestígios de uma forma Beta de ver o mundo desapareceriam com o tempo, mas por enquanto, serviam como um lembrete de quão longe eles já haviam avançado.

— Quero dizer que vamos entregá-lo no bar em Uplander. É um ponto de encontro para todos os Alfas de lá, como um centro comunitário, entreposto comercial e taverna ao mesmo tempo. Tem um tanque subterrâneo com algumas bombas e vamos largar este tanque lá.

— E você não vai cobrar deles?

— Não, — disse ele. — Não preciso.

— Porque você é rico.

— Bem, sim. — Roman contara a Phoebe sobre a fortuna que estava no banco. — Mas também porque precisam. Esses caras de Uplander recebem carregamentos regulares de combustível há anos. Eles trocam gasolina com Lowlands por produtos secos e outros suprimentos. Sempre funcionou bem. Mas, alguns meses atrás, os carregamentos pararam.

— Por quê?

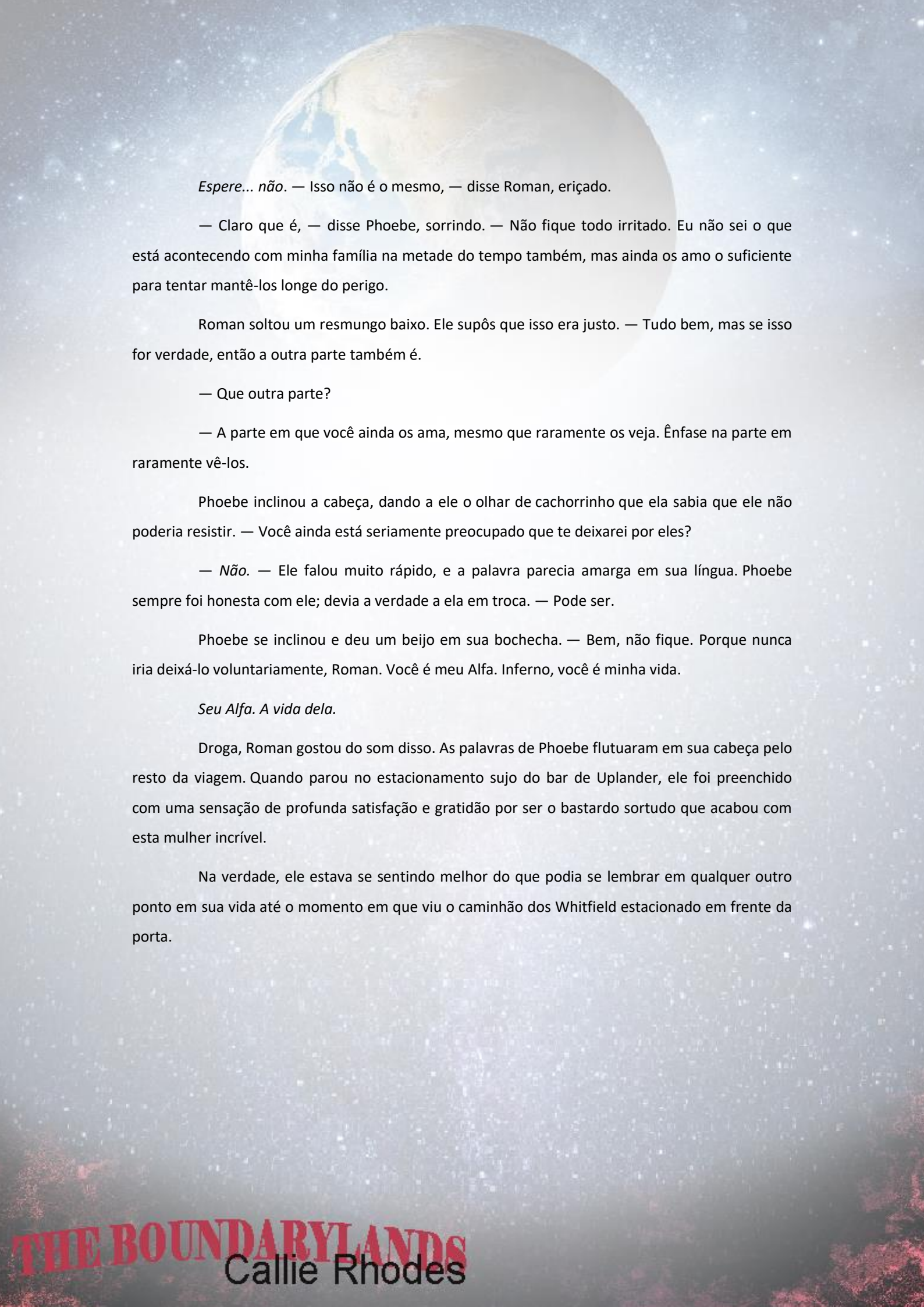
Roman franziu a testa, determinado a não estragar seu bom humor. — Ninguém sabe por quê, mas sabemos que sem combustível, não há muita chance de qualquer um de nós sobreviver ao inverno.

Phoebe não disse nada por um momento, mas podia sentir que ela estava pensando nisso, seu cheiro mudando de curiosidade para admiração. — É por isso que você contratou minha família para lhe trazer gasolina do mercado negro, — disse ela suavemente. — Nunca foi para o lucro. Era para os outros Alfas.

Roman achava que era óbvio. Não estava fazendo isso pelos elogios, mas saber que ela aprovava seu plano o encheu de orgulho. — Aqui no interior, gostamos de nos ajudar, — explicou. — Posso não ver meus irmãos Alfa mais do que uma ou duas vezes por ano, mas isso não muda o fato de que são meus irmãos.

Phoebe colocou a mão na dele.

— Eu entendo, — disse ela. — Sinto o mesmo pela minha família.



Espere... não. — Isso não é o mesmo, — disse Roman, eriçado.

— Claro que é, — disse Phoebe, sorrindo. — Não fique todo irritado. Eu não sei o que está acontecendo com minha família na metade do tempo também, mas ainda os amo o suficiente para tentar mantê-los longe do perigo.

Roman soltou um resmungo baixo. Ele supôs que isso era justo. — Tudo bem, mas se isso for verdade, então a outra parte também é.

— Que outra parte?

— A parte em que você ainda os ama, mesmo que raramente os veja. Ênfase na parte em raramente vê-los.

Phoebe inclinou a cabeça, dando a ele o olhar de cachorrinho que ela sabia que ele não poderia resistir. — Você ainda está seriamente preocupado que te deixarei por eles?

— *Não.* — Ele falou muito rápido, e a palavra parecia amarga em sua língua. Phoebe sempre foi honesta com ele; devia a verdade a ela em troca. — Pode ser.

Phoebe se inclinou e deu um beijo em sua bochecha. — Bem, não fique. Porque nunca iria deixá-lo voluntariamente, Roman. Você é meu Alfa. Inferno, você é minha vida.

Seu Alfa. A vida dela.

Droga, Roman gostou do som disso. As palavras de Phoebe flutuaram em sua cabeça pelo resto da viagem. Quando parou no estacionamento sujo do bar de Uplander, ele foi preenchido com uma sensação de profunda satisfação e gratidão por ser o bastardo sortudo que acabou com esta mulher incrível.

Na verdade, ele estava se sentindo melhor do que podia se lembrar em qualquer outro ponto em sua vida até o momento em que viu o caminhão dos Whitfield estacionado em frente da porta.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Phoebe

Phoebe não conseguia acreditar no que via. Estacionado em um ângulo descuidados em frente da grande estrutura de madeira estava o velho Ford de sua família com seus pontos de ferrugem e painéis incompatíveis.

Ela podia até ver a jaqueta jeans desbotada de seu irmão pendurada no assento.

— Minha família! — ela gritou, sua mão já na maçaneta da porta. — Eles estão aqui!

Ela não conseguia se mover rápido o suficiente, desafivelando o cinto de segurança e pulando da caminhonete. Pequenos pedaços de terra vermelha subiram sob as solas de seus sapatos quando atingiu o chão.

— Uau! — O grito de Roman parou Phoebe quando estava na metade do caminho para a porta da frente do bar. Ela relutantemente se virou para ver nuvens de tempestade se formando em sua expressão de pedra. — Onde você pensa que está indo?

Não era óbvio? — Para encontrar papai e Holden!

Mas quando Roman bateu a porta do motorista com tanta força que o caminhão inteiro estremeceu, ela se obrigou a ficar parada.

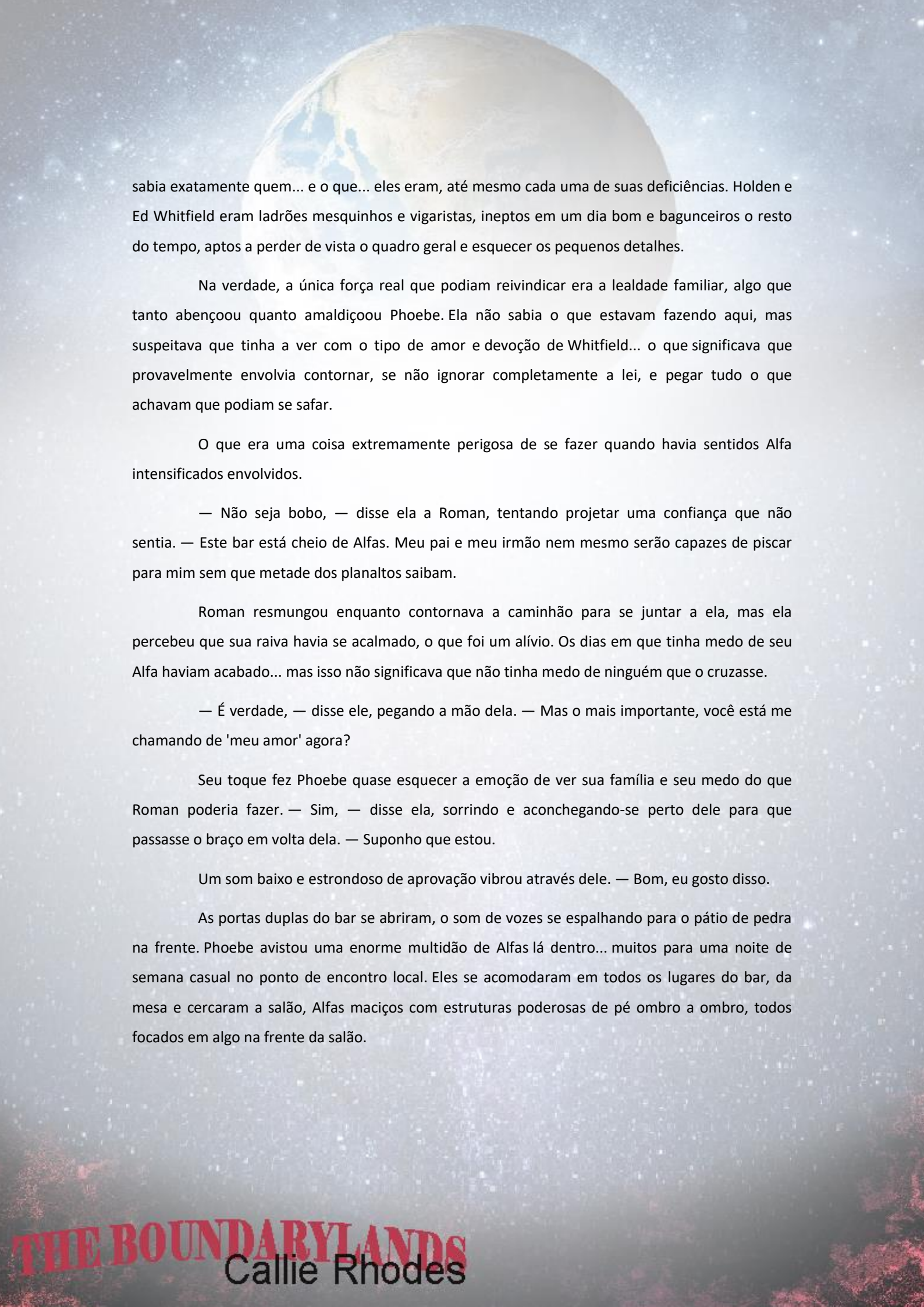
— Sem mim?

Oh Deus... não isso de novo, não *agora*. Phoebe achava que isso já tinha passado.

— Vamos, meu amor, — disse ela com um suspiro. — Você já deve saber que não te deixarei.

Seu olhar se estreitou ligeiramente quando ele olhou para a porta da frente. — Não é com você que estou preocupada.

Ele estava dizendo a verdade... foi a presença da família dela que o deixou tão chateado. E Phoebe não podia culpá-lo. Embora amasse sua família de todo o coração, ela também



sabia exatamente quem... e o que... eles eram, até mesmo cada uma de suas deficiências. Holden e Ed Whitfield eram ladrões mesquinhos e vigaristas, ineptos em um dia bom e bagunceiros o resto do tempo, aptos a perder de vista o quadro geral e esquecer os pequenos detalhes.

Na verdade, a única força real que podiam reivindicar era a lealdade familiar, algo que tanto abençoou quanto amaldiçoou Phoebe. Ela não sabia o que estavam fazendo aqui, mas suspeitava que tinha a ver com o tipo de amor e devoção de Whitfield... o que significava que provavelmente envolvia contornar, se não ignorar completamente a lei, e pegar tudo o que achavam que podiam se safar.

O que era uma coisa extremamente perigosa de se fazer quando havia sentidos Alfa intensificados envolvidos.

— Não seja bobo, — disse ela a Roman, tentando projetar uma confiança que não sentia. — Este bar está cheio de Alfas. Meu pai e meu irmão nem mesmo serão capazes de piscar para mim sem que metade dos planaltos saibam.

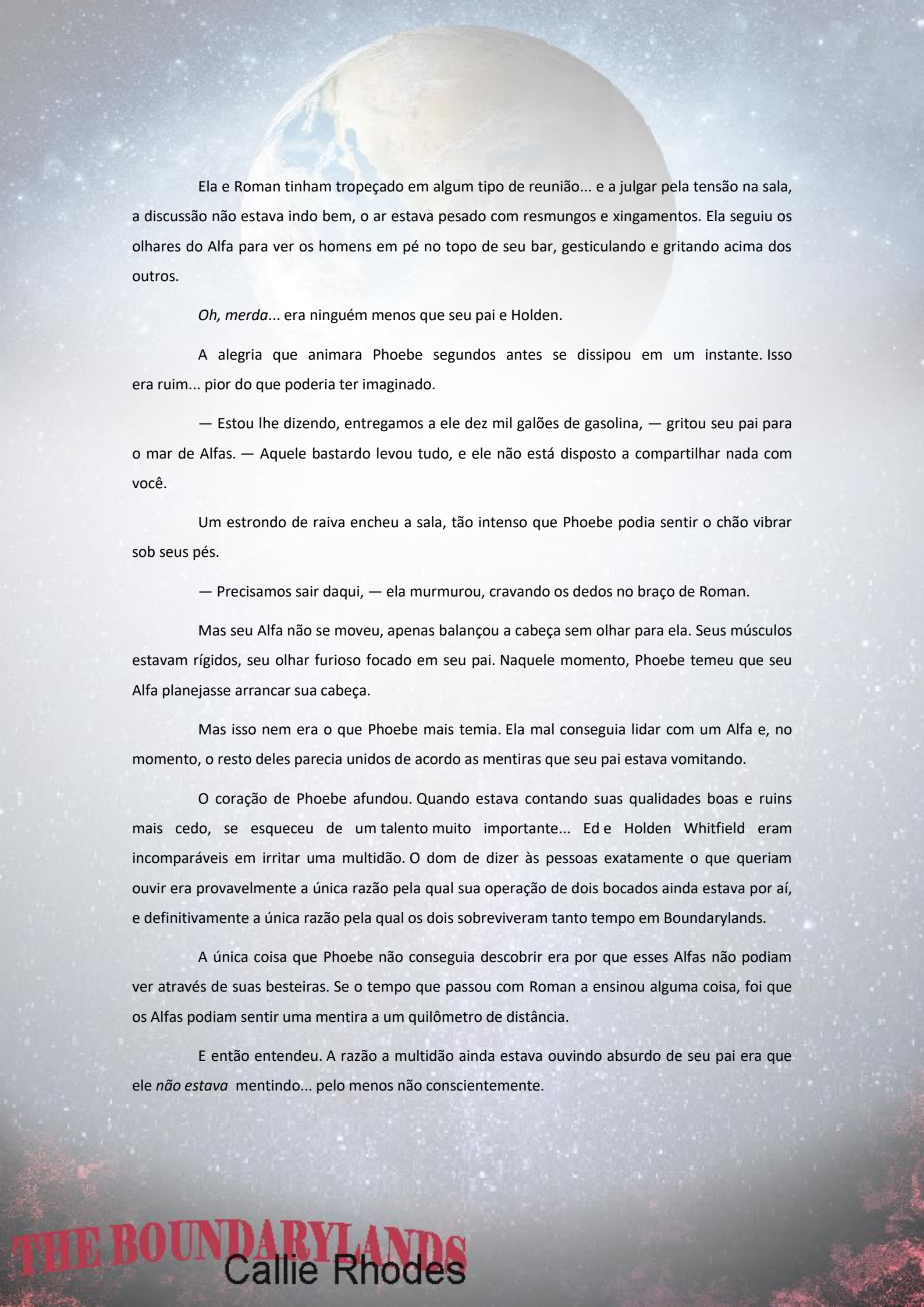
Roman resmungou enquanto contornava a caminhão para se juntar a ela, mas ela percebeu que sua raiva havia se acalmado, o que foi um alívio. Os dias em que tinha medo de seu Alfa haviam acabado... mas isso não significava que não tinha medo de ninguém que o cruzasse.

— É verdade, — disse ele, pegando a mão dela. — Mas o mais importante, você está me chamando de 'meu amor' agora?

Seu toque fez Phoebe quase esquecer a emoção de ver sua família e seu medo do que Roman poderia fazer. — Sim, — disse ela, sorrindo e aconchegando-se perto dele para que passasse o braço em volta dela. — Suponho que estou.

Um som baixo e estrondoso de aprovação vibrou através dele. — Bom, eu gosto disso.

As portas duplas do bar se abriram, o som de vozes se espalhando para o pátio de pedra na frente. Phoebe avistou uma enorme multidão de Alfas lá dentro... muitos para uma noite de semana casual no ponto de encontro local. Eles se acomodaram em todos os lugares do bar, da mesa e cercaram a salão, Alfas maciços com estruturas poderosas de pé ombro a ombro, todos focados em algo na frente da salão.



Ela e Roman tinham tropeçado em algum tipo de reunião... e a julgar pela tensão na sala, a discussão não estava indo bem, o ar estava pesado com resmungos e xingamentos. Ela seguiu os olhares do Alfa para ver os homens em pé no topo de seu bar, gesticulando e gritando acima dos outros.

Oh, merda... era ninguém menos que seu pai e Holden.

A alegria que animara Phoebe segundos antes se dissipou em um instante. Isso era ruim... pior do que poderia ter imaginado.

— Estou lhe dizendo, entregamos a ele dez mil galões de gasolina, — gritou seu pai para o mar de Alfas. — Aquele bastardo levou tudo, e ele não está disposto a compartilhar nada com você.

Um estrondo de raiva encheu a sala, tão intenso que Phoebe podia sentir o chão vibrar sob seus pés.

— Precisamos sair daqui, — ela murmurou, cravando os dedos no braço de Roman.

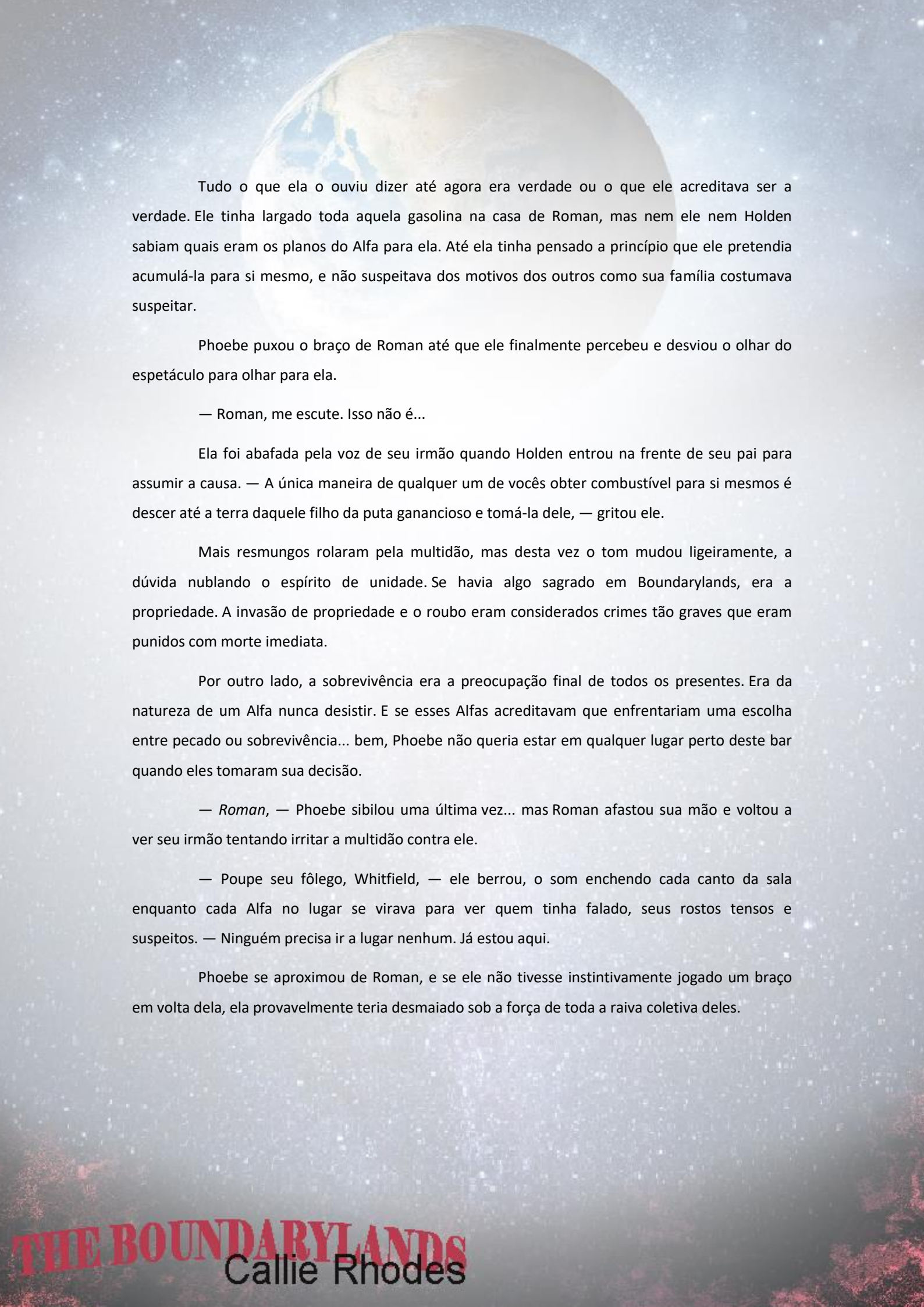
Mas seu Alfa não se moveu, apenas balançou a cabeça sem olhar para ela. Seus músculos estavam rígidos, seu olhar furioso focado em seu pai. Naquele momento, Phoebe temeu que seu Alfa planejasse arrancar sua cabeça.

Mas isso nem era o que Phoebe mais temia. Ela mal conseguia lidar com um Alfa e, no momento, o resto deles parecia unidos de acordo as mentiras que seu pai estava vomitando.

O coração de Phoebe afundou. Quando estava contando suas qualidades boas e ruins mais cedo, se esqueceu de um talento muito importante... Ed e Holden Whitfield eram incomparáveis em irritar uma multidão. O dom de dizer às pessoas exatamente o que queriam ouvir era provavelmente a única razão pela qual sua operação de dois bocados ainda estava por aí, e definitivamente a única razão pela qual os dois sobreviveram tanto tempo em Boundarylands.

A única coisa que Phoebe não conseguia descobrir era por que esses Alfas não podiam ver através de suas besteiras. Se o tempo que passou com Roman a ensinou alguma coisa, foi que os Alfas podiam sentir uma mentira a um quilômetro de distância.

E então entendeu. A razão a multidão ainda estava ouvindo absurdo de seu pai era que ele *não estava* mentindo... pelo menos não conscientemente.



Tudo o que ela o ouviu dizer até agora era verdade ou o que ele acreditava ser a verdade. Ele tinha largado toda aquela gasolina na casa de Roman, mas nem ele nem Holden sabiam quais eram os planos do Alfa para ela. Até ela tinha pensado a princípio que ele pretendia acumulá-la para si mesmo, e não suspeitava dos motivos dos outros como sua família costumava suspeitar.

Phoebe puxou o braço de Roman até que ele finalmente percebeu e desviou o olhar do espetáculo para olhar para ela.

— Roman, me escute. Isso não é...

Ela foi abafada pela voz de seu irmão quando Holden entrou na frente de seu pai para assumir a causa. — A única maneira de qualquer um de vocês obter combustível para si mesmos é descer até a terra daquele filho da puta ganancioso e tomá-la dele, — gritou ele.

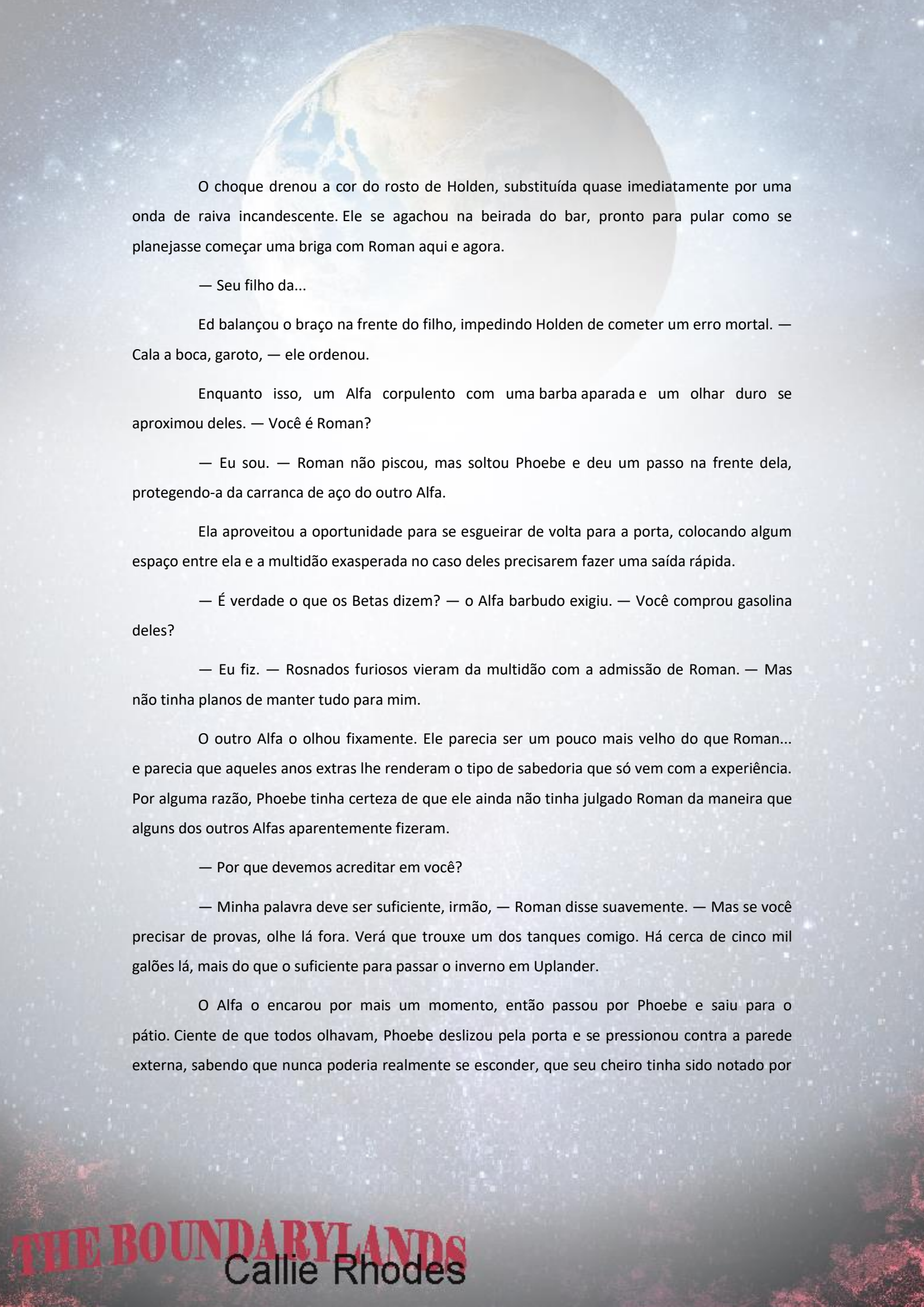
Mais resmungos rolaram pela multidão, mas desta vez o tom mudou ligeiramente, a dúvida nublando o espírito de unidade. Se havia algo sagrado em Boundarylands, era a propriedade. A invasão de propriedade e o roubo eram considerados crimes tão graves que eram punidos com morte imediata.

Por outro lado, a sobrevivência era a preocupação final de todos os presentes. Era da natureza de um Alfa nunca desistir. E se esses Alfas acreditavam que enfrentariam uma escolha entre pecado ou sobrevivência... bem, Phoebe não queria estar em qualquer lugar perto deste bar quando eles tomaram sua decisão.

— *Roman*, — Phoebe sibilou uma última vez... mas Roman afastou sua mão e voltou a ver seu irmão tentando irritar a multidão contra ele.

— Poupe seu fôlego, Whitfield, — ele berrou, o som enchendo cada canto da sala enquanto cada Alfa no lugar se virava para ver quem tinha falado, seus rostos tensos e suspeitos. — Ninguém precisa ir a lugar nenhum. Já estou aqui.

Phoebe se aproximou de Roman, e se ele não tivesse instintivamente jogado um braço em volta dela, ela provavelmente teria desmaiado sob a força de toda a raiva coletiva deles.



O choque drenou a cor do rosto de Holden, substituída quase imediatamente por uma onda de raiva incandescente. Ele se agachou na beirada do bar, pronto para pular como se planejasse começar uma briga com Roman aqui e agora.

— Seu filho da...

Ed balançou o braço na frente do filho, impedindo Holden de cometer um erro mortal. — Cala a boca, garoto, — ele ordenou.

Enquanto isso, um Alfa corpulento com uma barba aparada e um olhar duro se aproximou deles. — Você é Roman?

— Eu sou. — Roman não piscou, mas soltou Phoebe e deu um passo na frente dela, protegendo-a da carranca de aço do outro Alfa.

Ela aproveitou a oportunidade para se esgueirar de volta para a porta, colocando algum espaço entre ela e a multidão exasperada no caso deles precisarem fazer uma saída rápida.

— É verdade o que os Betas dizem? — o Alfa barbudo exigiu. — Você comprou gasolina deles?

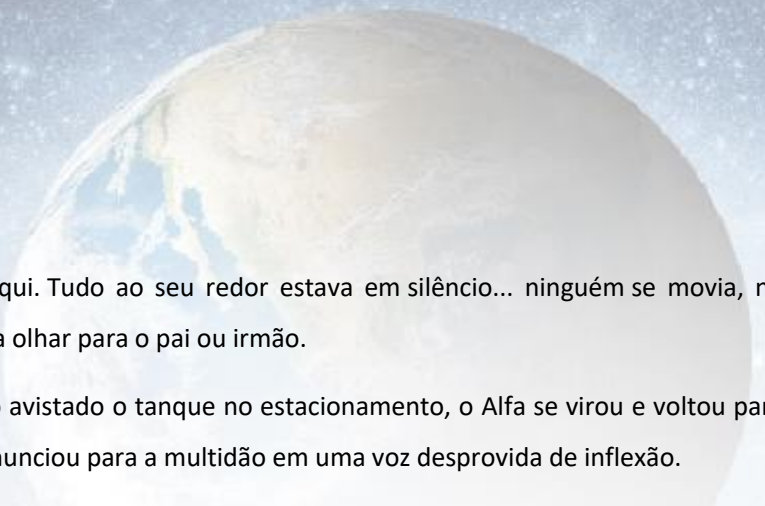
— Eu fiz. — Rosnados furiosos vieram da multidão com a admissão de Roman. — Mas não tinha planos de manter tudo para mim.

O outro Alfa o olhou fixamente. Ele parecia ser um pouco mais velho do que Roman... e parecia que aqueles anos extras lhe renderam o tipo de sabedoria que só vem com a experiência. Por alguma razão, Phoebe tinha certeza de que ele ainda não tinha julgado Roman da maneira que alguns dos outros Alfas aparentemente fizeram.

— Por que devemos acreditar em você?

— Minha palavra deve ser suficiente, irmão, — Roman disse suavemente. — Mas se você precisar de provas, olhe lá fora. Verá que trouxe um dos tanques comigo. Há cerca de cinco mil galões lá, mais do que o suficiente para passar o inverno em Uplander.

O Alfa o encarou por mais um momento, então passou por Phoebe e saiu para o pátio. Ciente de que todos olhavam, Phoebe deslizou pela porta e se pressionou contra a parede externa, sabendo que nunca poderia realmente se esconder, que seu cheiro tinha sido notado por



todos os Alfa aqui. Tudo ao seu redor estava em silêncio... ninguém se movia, ninguém falava... e ela não ousava olhar para o pai ou irmão.

Tendo avistado o tanque no estacionamento, o Alfa se virou e voltou para dentro. — Ele está certo, — anunciou para a multidão em uma voz desprovida de inflexão.

Phoebe nem tentou seguir o estranho de volta para dentro, deixando a porta se fechar. Era melhor aqui ao ar livre, onde não estava amontoadas em todos os lados por Alfas com o dobro do seu tamanho. E não era como se Roman a tivesse ouvido de qualquer maneira.

Ele tinha outras coisas para se concentrar agora, como evitar que uma multidão Alfa raivosa invadisse sua cabana com tochas e forçados. Se uma luta estourasse, ela não ajudaria em nada, sua presença era apenas outra coisa para Roman se preocupar.

Ela tinha que confiar que os outros Alfas veriam a razão, que a presença da gasolina que sua família acusou Roman de acumular os convenceria de que seus motivos eram altruístas. Quanto ao pai e ao irmão... levariam mais tempo para esfriar, mas até eles eram espertos o suficiente para recuar quando perceberam que a maré estava se voltando contra eles.

A melhor atitude de Phoebe era simplesmente ficar fora de perigo e esperar que as coisas fossem resolvidas.

Pelo menos isso é o que acreditava até que, segundos depois, um par de braços fortes a agarrou por trás, uma mão apertando sua boca com força e a outra erguendo-a do chão.



CAPÍTULO DEZESSETE

Roman

— Você quer que acreditemos que você dirigiu todo o caminho até aqui só para nos dar aquele combustível?

O orador era um Alfa sorridente com cabelo curto e olhos duros... recém-chegado, se Roman tivesse que adivinhar, com algo a provar. Era assim com muitos jovens Alfas que ainda estavam se acostumando com sua nova natureza, especialmente aqueles que haviam sido desprezados pelo mundo Beta.

Eventualmente, tendiam a se acalmar e aprenderiam a deixar suas ações falarem por eles em vez de sair por aí arrumando brigas. Mas Roman não podia esperar que este amadurecesse... não hoje.

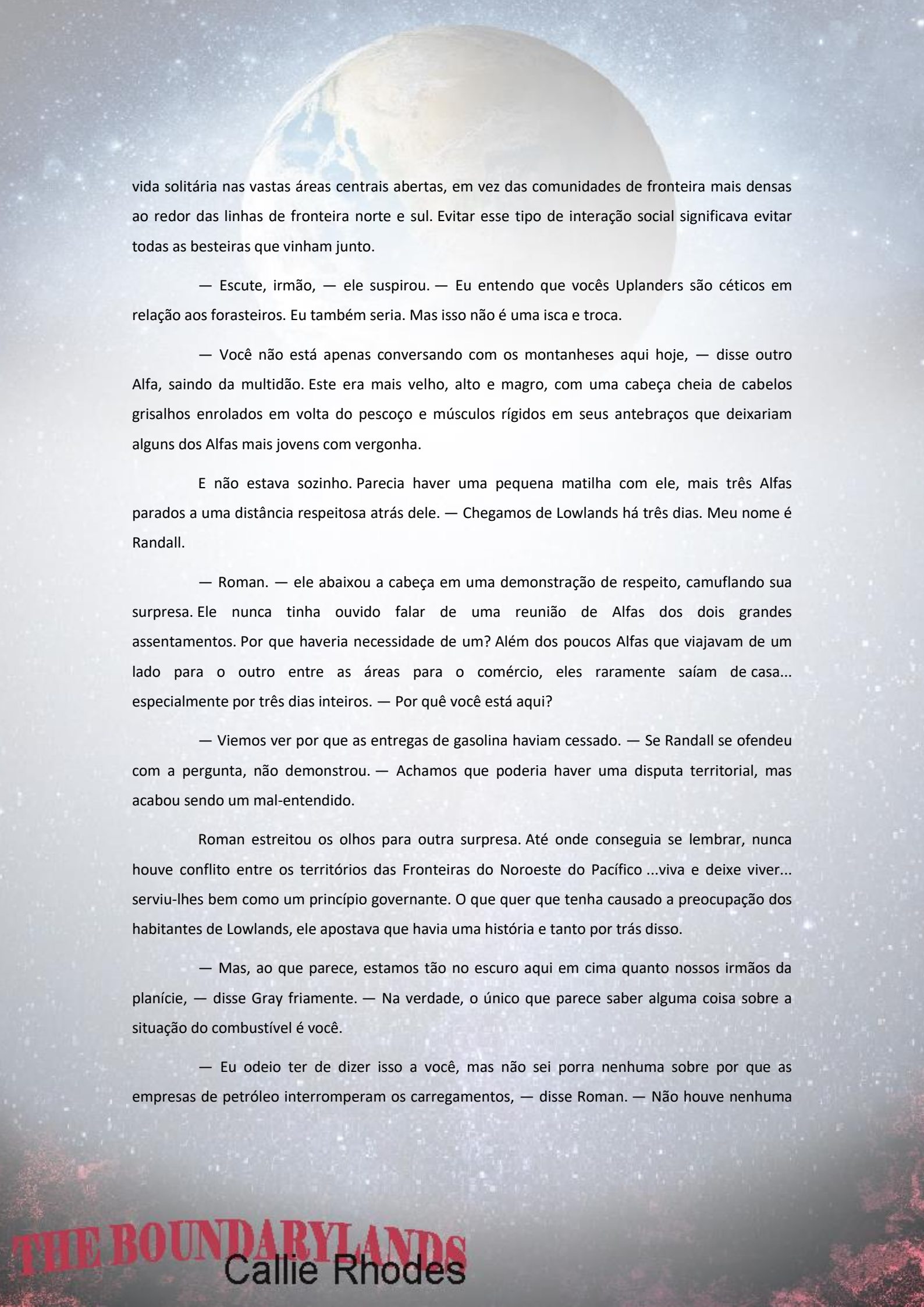
— Eu não dou a mínima para o que você acredita, filhote, — ele vociferou. — Mas é isso que estou fazendo.

O jovem Alfa se irritou com o insulto, seu rosto ficando vermelho por ser chamado na frente de seus irmãos. Seus lábios se curvaram e ele deu um grunhido de advertência. O Alfa que primeiro desafiou Roman... aquele chamado Gray ... levantou a mão, e o salão ficou em silêncio.

Aparentemente, Gray era um líder aqui, alguém que todos ouviam. Roman tinha a sensação de que não era apenas sua idade ou os poucos fios de prata em sua têmpora que lhe davam esse status, mas uma energia dominante que falava de experiência e lições difíceis aprendidas.

— Cuidado, estranho. — O Alfa falou suavemente, mas havia ferro em sua voz. — Ryder pode ser jovem, mas não é estúpido. Ele está dizendo o que todos nós estamos pensando.

Roman não precisava que isso lhe explicasse. Só porque levava uma existência solitária, isso não significava que não pudesse rastrear as tendências da conversa. Na verdade, há muito suspeitava que era um pouco hábil *demaís* em ler as entrelinhas. Isso foi o que o fez preferir sua



vida solitária nas vastas áreas centrais abertas, em vez das comunidades de fronteira mais densas ao redor das linhas de fronteira norte e sul. Evitar esse tipo de interação social significava evitar todas as besteiras que vinham junto.

— Escute, irmão, — ele suspirou. — Eu entendo que vocês Uplanders são céticos em relação aos forasteiros. Eu também seria. Mas isso não é uma isca e troca.

— Você não está apenas conversando com os montanhese aqui hoje, — disse outro Alfa, saindo da multidão. Este era mais velho, alto e magro, com uma cabeça cheia de cabelos grisalhos enrolados em volta do pescoço e músculos rígidos em seus antebraços que deixariam alguns dos Alfas mais jovens com vergonha.

E não estava sozinho. Parecia haver uma pequena matilha com ele, mais três Alfas parados a uma distância respeitosa atrás dele. — Chegamos de Lowlands há três dias. Meu nome é Randall.

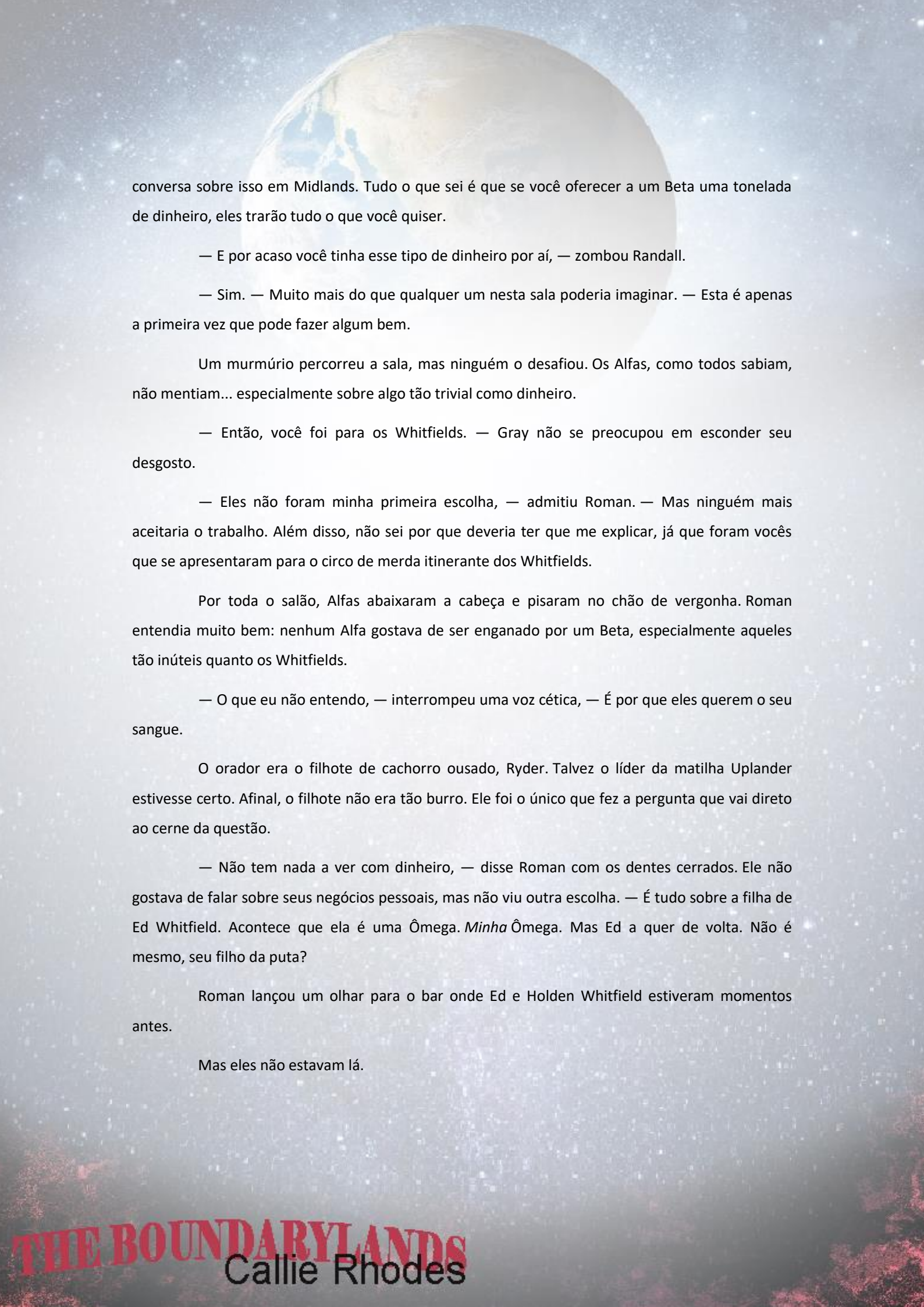
— Roman. — ele abaixou a cabeça em uma demonstração de respeito, camuflando sua surpresa. Ele nunca tinha ouvido falar de uma reunião de Alfas dos dois grandes assentamentos. Por que haveria necessidade de um? Além dos poucos Alfas que viajavam de um lado para o outro entre as áreas para o comércio, eles raramente saíam de casa... especialmente por três dias inteiros. — Por quê você está aqui?

— Viemos ver por que as entregas de gasolina haviam cessado. — Se Randall se ofendeu com a pergunta, não demonstrou. — Achamos que poderia haver uma disputa territorial, mas acabou sendo um mal-entendido.

Roman estreitou os olhos para outra surpresa. Até onde conseguia se lembrar, nunca houve conflito entre os territórios das Fronteiras do Noroeste do Pacífico ...viva e deixe viver... serviu-lhes bem como um princípio governante. O que quer que tenha causado a preocupação dos habitantes de Lowlands, ele apostava que havia uma história e tanto por trás disso.

— Mas, ao que parece, estamos tão no escuro aqui em cima quanto nossos irmãos da planície, — disse Gray friamente. — Na verdade, o único que parece saber alguma coisa sobre a situação do combustível é você.

— Eu odeio ter de dizer isso a você, mas não sei porra nenhuma sobre por que as empresas de petróleo interromperam os carregamentos, — disse Roman. — Não houve nenhuma



conversa sobre isso em Midlands. Tudo o que sei é que se você oferecer a um Beta uma tonelada de dinheiro, eles trarão tudo o que você quiser.

— E por acaso você tinha esse tipo de dinheiro por aí, — zombou Randall.

— Sim. — Muito mais do que qualquer um nesta sala poderia imaginar. — Esta é apenas a primeira vez que pode fazer algum bem.

Um murmúrio percorreu a sala, mas ninguém o desafiou. Os Alfas, como todos sabiam, não mentiam... especialmente sobre algo tão trivial como dinheiro.

— Então, você foi para os Whitfields. — Gray não se preocupou em esconder seu desgosto.

— Eles não foram minha primeira escolha, — admitiu Roman. — Mas ninguém mais aceitaria o trabalho. Além disso, não sei por que deveria ter que me explicar, já que foram vocês que se apresentaram para o circo de merda itinerante dos Whitfields.

Por toda o salão, Alfas abaixaram a cabeça e pisaram no chão de vergonha. Roman entendia muito bem: nenhum Alfa gostava de ser enganado por um Beta, especialmente aqueles tão inúteis quanto os Whitfields.

— O que eu não entendo, — interrompeu uma voz cética, — É por que eles querem o seu sangue.

O orador era o filhote de cachorro ousado, Ryder. Talvez o líder da matilha Uplander estivesse certo. Afinal, o filhote não era tão burro. Ele foi o único que fez a pergunta que vai direto ao cerne da questão.

— Não tem nada a ver com dinheiro, — disse Roman com os dentes cerrados. Ele não gostava de falar sobre seus negócios pessoais, mas não viu outra escolha. — É tudo sobre a filha de Ed Whitfield. Acontece que ela é uma Ômega. *Minha* Ômega. Mas Ed a quer de volta. Não é mesmo, seu filho da puta?

Roman lançou um olhar para o bar onde Ed e Holden Whitfield estiveram momentos antes.

Mas eles não estavam lá.

Roman amaldiçoou, já em movimento. Ele baixou a guarda por um maldito momento para lidar com a multidão de Alfas furiosos... e os bastardos covardes haviam escapado.

Ele abriu caminho até a porta, procurando por Phoebe na multidão... e não a vendo. Os sinos de alarme abafaram todos os outros sons em sua cabeça. Ele poderia perder tempo procurando cada canto da sala, mas seu instinto já dizia que ela não estava aqui. Inspirando profundamente, ele detectou apenas o mais fraco traço de seu cheiro persistente no ar.

Merda.

O coração de Roman martelava no peito quando alcançou a porta e a abriu. Ninguém tentou impedi-lo. Os Alfas mais espertos presentes certamente já haviam chegado à mesma conclusão que ele... e o resto perceberia isso em breve.

Ele correu para o pátio e examinou o estacionamento. Exatamente como ele temia, o caminhão dos Whitfield tinha sumido... e Phoebe também.

Phoebe

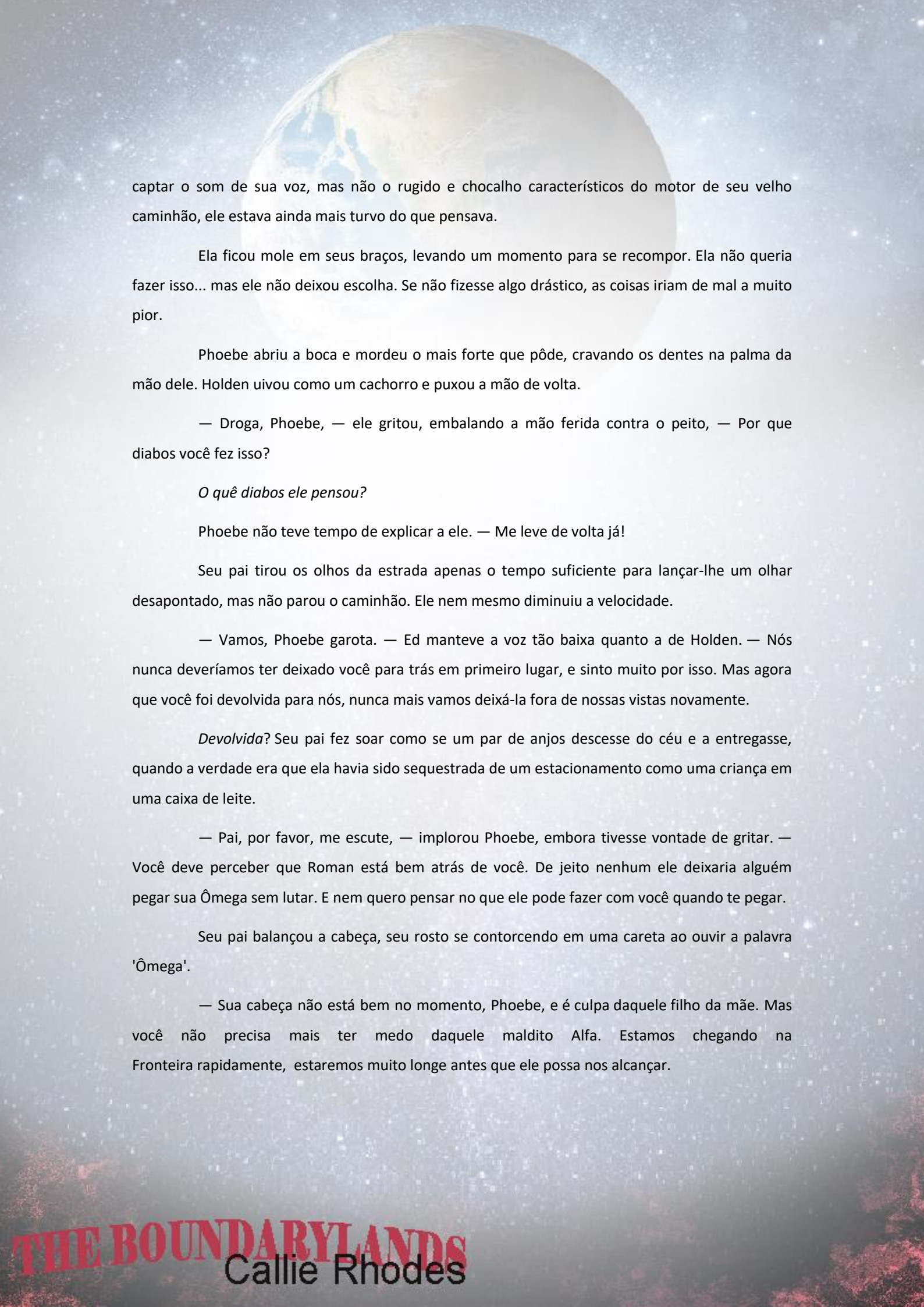
— Deixe-me ir!

Phoebe gritou a exigência o mais alto que pôde, mas saiu soando como — Mmtt mrf mo. — Quanto mais lutava para se libertar do aperto de seu irmão e sua mão cobrindo sua boca, mais forte ele a segurava. Holden tinha quinze centímetros e trinta quilos a mais... e isso *antes* de começar a levantar pesos por duas horas todos os dias. Phoebe não era párea para ele.

— Shhh, quieta, Phoebe, — Holden sussurrou em seu ouvido. — Você sabe que esses Alfas malditos podem ouvir tudo.

Oh, pelo amor de Deus.

Phoebe fez uma última tentativa, torcendo o corpo o mais forte que podia no banco do passageiro que estava compartilhando contra sua vontade, mas era tão inútil quanto tentar falar com bom senso com seu irmão. Se Holden pensasse honestamente que Roman seria capaz de



captar o som de sua voz, mas não o rugido e chocalho característicos do motor de seu velho caminhão, ele estava ainda mais turvo do que pensava.

Ela ficou mole em seus braços, levando um momento para se recompor. Ela não queria fazer isso... mas ele não deixou escolha. Se não fizesse algo drástico, as coisas iriam de mal a muito pior.

Phoebe abriu a boca e mordeu o mais forte que pôde, cravando os dentes na palma da mão dele. Holden uivou como um cachorro e puxou a mão de volta.

— Droga, Phoebe, — ele gritou, embalando a mão ferida contra o peito, — Por que diabos você fez isso?

O quê diabos ele pensou?

Phoebe não teve tempo de explicar a ele. — Me leve de volta já!

Seu pai tirou os olhos da estrada apenas o tempo suficiente para lançar-lhe um olhar desapontado, mas não parou o caminhão. Ele nem mesmo diminuiu a velocidade.

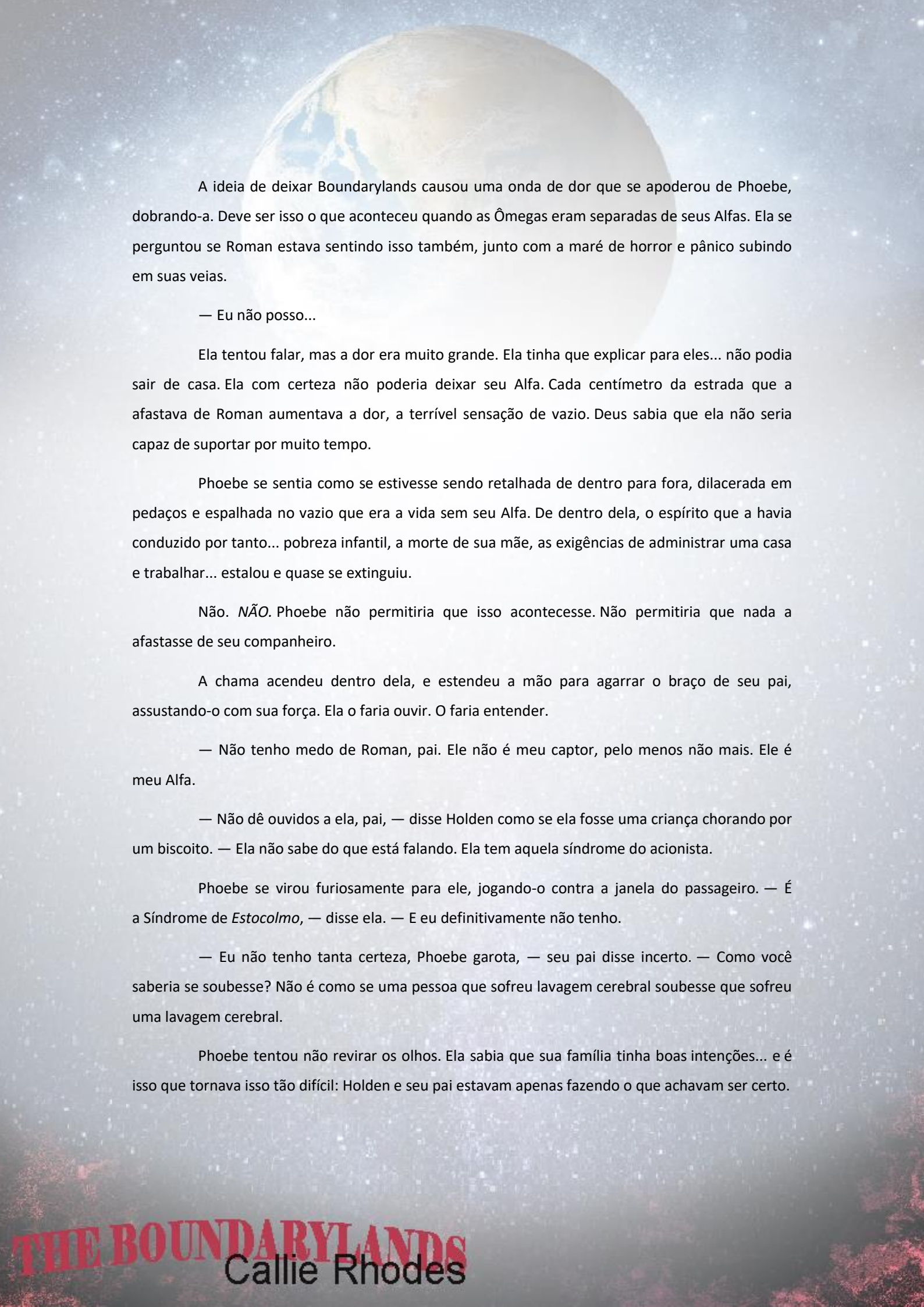
— Vamos, Phoebe garota. — Ed manteve a voz tão baixa quanto a de Holden. — Nós nunca deveríamos ter deixado você para trás em primeiro lugar, e sinto muito por isso. Mas agora que você foi devolvida para nós, nunca mais vamos deixá-la fora de nossas vistas novamente.

Devolvida? Seu pai fez soar como se um par de anjos descesse do céu e a entregasse, quando a verdade era que ela havia sido sequestrada de um estacionamento como uma criança em uma caixa de leite.

— Pai, por favor, me escute, — implorou Phoebe, embora tivesse vontade de gritar. — Você deve perceber que Roman está bem atrás de você. De jeito nenhum ele deixaria alguém pegar sua Ômega sem lutar. E nem quero pensar no que ele pode fazer com você quando te pegar.

Seu pai balançou a cabeça, seu rosto se contorcendo em uma careta ao ouvir a palavra 'Ômega'.

— Sua cabeça não está bem no momento, Phoebe, e é culpa daquele filho da mãe. Mas você não precisa mais ter medo daquele maldito Alfa. Estamos chegando na Fronteira rapidamente, estaremos muito longe antes que ele possa nos alcançar.



A ideia de deixar Boundarylands causou uma onda de dor que se apoderou de Phoebe, dobrando-a. Deve ser isso o que aconteceu quando as Ômegas eram separadas de seus Alfas. Ela se perguntou se Roman estava sentindo isso também, junto com a maré de horror e pânico subindo em suas veias.

— Eu não posso...

Ela tentou falar, mas a dor era muito grande. Ela tinha que explicar para eles... não podia sair de casa. Ela com certeza não poderia deixar seu Alfa. Cada centímetro da estrada que a afastava de Roman aumentava a dor, a terrível sensação de vazio. Deus sabia que ela não seria capaz de suportar por muito tempo.

Phoebe se sentia como se estivesse sendo retalhada de dentro para fora, dilacerada em pedaços e espalhada no vazio que era a vida sem seu Alfa. De dentro dela, o espírito que a havia conduzido por tanto... pobreza infantil, a morte de sua mãe, as exigências de administrar uma casa e trabalhar... estalou e quase se extinguiu.

Não. *NÃO*. Phoebe não permitiria que isso acontecesse. Não permitiria que nada a afastasse de seu companheiro.

A chama acendeu dentro dela, e estendeu a mão para agarrar o braço de seu pai, assustando-o com sua força. Ela o faria ouvir. O faria entender.

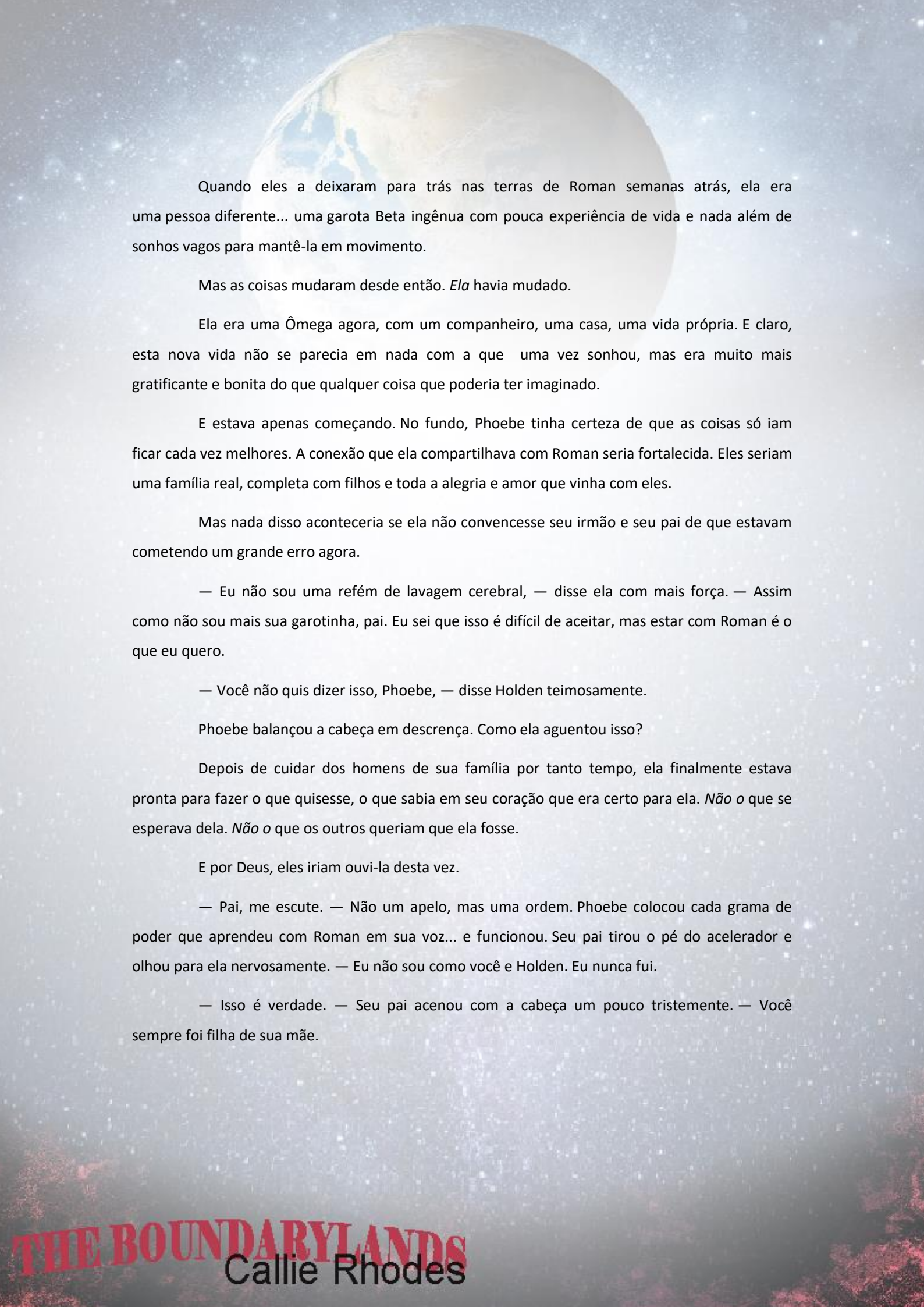
— Não tenho medo de Roman, pai. Ele não é meu captor, pelo menos não mais. Ele é meu Alfa.

— Não dê ouvidos a ela, pai, — disse Holden como se ela fosse uma criança chorando por um biscoito. — Ela não sabe do que está falando. Ela tem aquela síndrome do acionista.

Phoebe se virou furiosamente para ele, jogando-o contra a janela do passageiro. — É a Síndrome de *Estocolmo*, — disse ela. — E eu definitivamente não tenho.

— Eu não tenho tanta certeza, Phoebe garota, — seu pai disse incerto. — Como você saberia se soubesse? Não é como se uma pessoa que sofreu lavagem cerebral soubesse que sofreu uma lavagem cerebral.

Phoebe tentou não revirar os olhos. Ela sabia que sua família tinha boas intenções... e é isso que tornava isso tão difícil: Holden e seu pai estavam apenas fazendo o que achavam ser certo.



Quando eles a deixaram para trás nas terras de Roman semanas atrás, ela era uma pessoa diferente... uma garota Beta ingênua com pouca experiência de vida e nada além de sonhos vagos para mantê-la em movimento.

Mas as coisas mudaram desde então. *Ela* havia mudado.

Ela era uma Ômega agora, com um companheiro, uma casa, uma vida própria. E claro, esta nova vida não se parecia em nada com a que uma vez sonhou, mas era muito mais gratificante e bonita do que qualquer coisa que poderia ter imaginado.

E estava apenas começando. No fundo, Phoebe tinha certeza de que as coisas só iam ficar cada vez melhores. A conexão que ela compartilhava com Roman seria fortalecida. Eles seriam uma família real, completa com filhos e toda a alegria e amor que vinha com eles.

Mas nada disso aconteceria se ela não convencesse seu irmão e seu pai de que estavam cometendo um grande erro agora.

— Eu não sou uma refém de lavagem cerebral, — disse ela com mais força. — Assim como não sou mais sua garotinha, pai. Eu sei que isso é difícil de aceitar, mas estar com Roman é o que eu quero.

— Você não quis dizer isso, Phoebe, — disse Holden teimosamente.

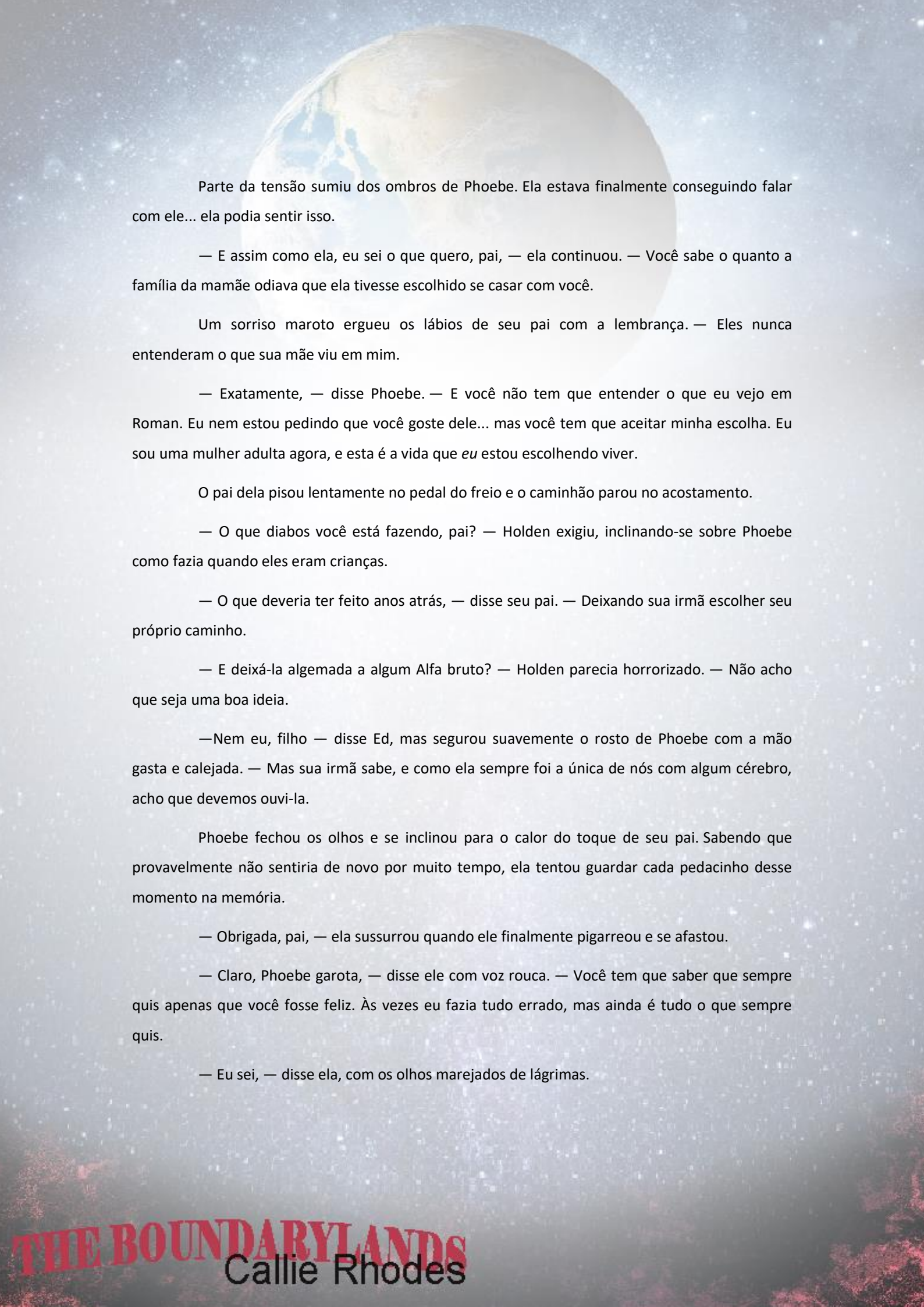
Phoebe balançou a cabeça em descrença. Como ela aguentou isso?

Depois de cuidar dos homens de sua família por tanto tempo, ela finalmente estava pronta para fazer o que quisesse, o que sabia em seu coração que era certo para ela. *Não o* que se esperava dela. *Não o* que os outros queriam que ela fosse.

E por Deus, eles iriam ouvi-la desta vez.

— Pai, me escute. — Não um apelo, mas uma ordem. Phoebe colocou cada grama de poder que aprendeu com Roman em sua voz... e funcionou. Seu pai tirou o pé do acelerador e olhou para ela nervosamente. — Eu não sou como você e Holden. Eu nunca fui.

— Isso é verdade. — Seu pai acenou com a cabeça um pouco tristemente. — Você sempre foi filha de sua mãe.



Parte da tensão sumiu dos ombros de Phoebe. Ela estava finalmente conseguindo falar com ele... ela podia sentir isso.

— E assim como ela, eu sei o que quero, pai, — ela continuou. — Você sabe o quanto a família da mamãe odiava que ela tivesse escolhido se casar com você.

Um sorriso maroto ergueu os lábios de seu pai com a lembrança. — Eles nunca entenderam o que sua mãe viu em mim.

— Exatamente, — disse Phoebe. — E você não tem que entender o que eu vejo em Roman. Eu nem estou pedindo que você goste dele... mas você tem que aceitar minha escolha. Eu sou uma mulher adulta agora, e esta é a vida que *eu* estou escolhendo viver.

O pai dela pisou lentamente no pedal do freio e o caminhão parou no acostamento.

— O que diabos você está fazendo, pai? — Holden exigiu, inclinando-se sobre Phoebe como fazia quando eles eram crianças.

— O que deveria ter feito anos atrás, — disse seu pai. — Deixando sua irmã escolher seu próprio caminho.

— E deixá-la algemada a algum Alfa bruto? — Holden parecia horrorizado. — Não acho que seja uma boa ideia.

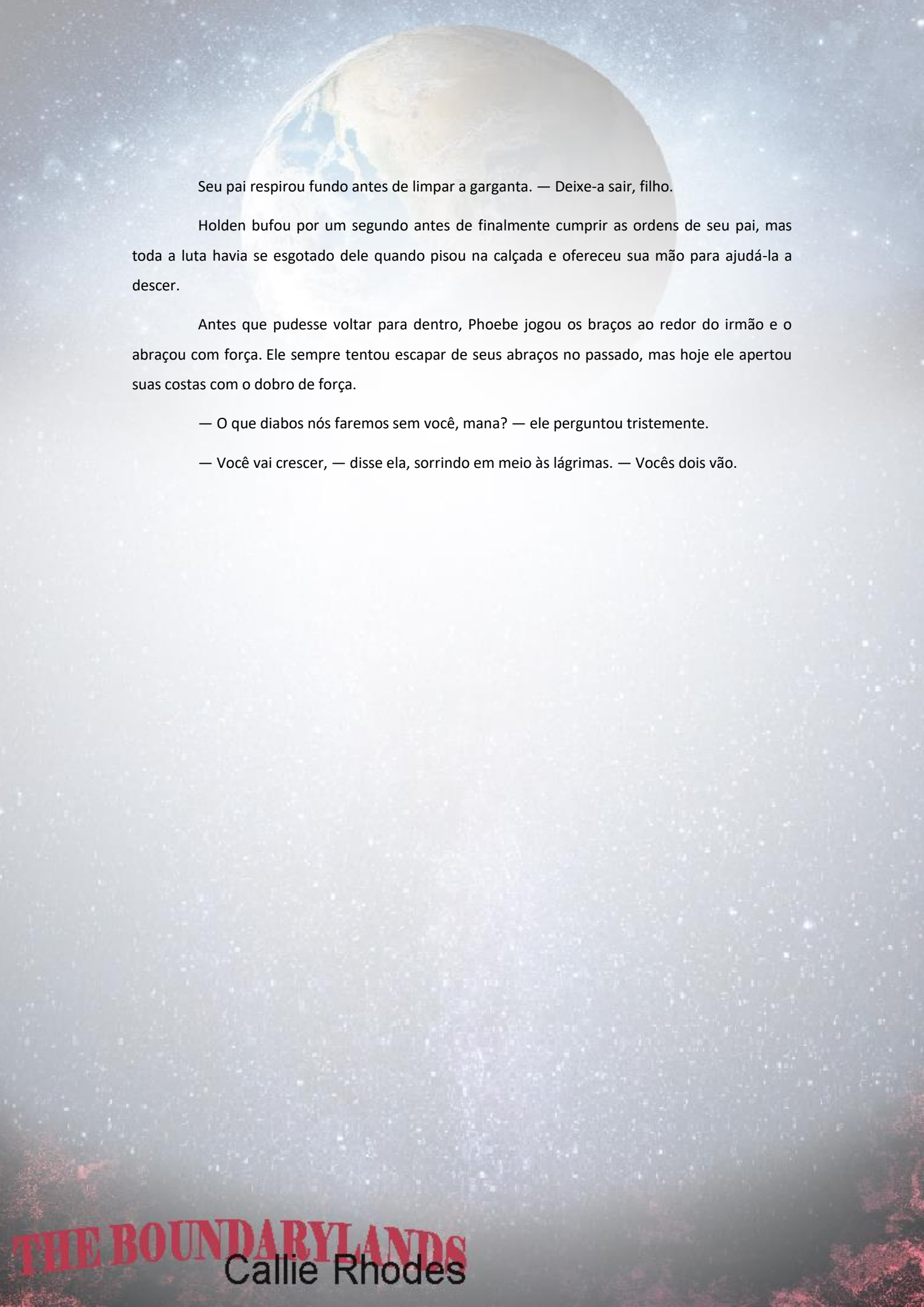
— Nem eu, filho — disse Ed, mas segurou suavemente o rosto de Phoebe com a mão gasta e calejada. — Mas sua irmã sabe, e como ela sempre foi a única de nós com algum cérebro, acho que devemos ouvi-la.

Phoebe fechou os olhos e se inclinou para o calor do toque de seu pai. Sabendo que provavelmente não sentiria de novo por muito tempo, ela tentou guardar cada pedacinho desse momento na memória.

— Obrigada, pai, — ela sussurrou quando ele finalmente pigarreou e se afastou.

— Claro, Phoebe garota, — disse ele com voz rouca. — Você tem que saber que sempre quis apenas que você fosse feliz. Às vezes eu fazia tudo errado, mas ainda é tudo o que sempre quis.

— Eu sei, — disse ela, com os olhos marejados de lágrimas.



Seu pai respirou fundo antes de limpar a garganta. — Deixe-a sair, filho.

Holden bufou por um segundo antes de finalmente cumprir as ordens de seu pai, mas toda a luta havia se esgotado dele quando pisou na calçada e ofereceu sua mão para ajudá-la a descer.

Antes que pudesse voltar para dentro, Phoebe jogou os braços ao redor do irmão e o abraçou com força. Ele sempre tentou escapar de seus abraços no passado, mas hoje ele apertou suas costas com o dobro de força.

— O que diabos nós faremos sem você, mana? — ele perguntou tristemente.

— Você vai crescer, — disse ela, sorrindo em meio às lágrimas. — Vocês dois vão.



CAPÍTULO DEZOITO

Roman

Pela primeira vez na vida de Roman Fontana, ele estava com medo. Verdadeiramente, muito medo... o tipo de medo que nunca soube que existia. O tipo que assumia cada pensamento em sua cabeça e transformava sua barriga em um mar turbulento, seu coração um motor martelando.

Se era isso que os Betas sentiam, então realmente sentia alguma simpatia pelos bastardos.

Mas nenhum Beta jamais enfrentou a situação em que Roman se encontrava. Nenhum Beta jamais experimentaria o terror de saber que sua Ômega estava em perigo e que poderia nunca mais vê-la novamente. Nenhum Beta tinha que aceitar o terrível conhecimento de que sem sua companheira, a sobrevivência seria impossível.

Roman nunca admitiria, mas estava grato pela presença de seu irmão Alfa. Gray não hesitou em se oferecer para ir atrás dos Whitfields. Na verdade, não faltaram Alfas dispostos a assumir a perseguição... tanto no interior quanto na planície... mas essa situação não exigia um destacamento, apenas um veículo rápido o suficiente para ultrapassar o velho caminhão do Whitfield.

A caminhonete de Gray mais do que cabia no projeto, uma grande Dodge vintage com um motor totalmente reconstruído, suspensão elevatória e pneus enormes. O Alfa parecia completamente confortável ao volante, navegando habilmente pela estrada que serpenteava pelo terreno montanhoso e arborizado. O que era uma coisa boa, porque as mãos de Roman tremiam muito para ficarem firmes no volante.

Nunca antes tivera algo a perder, alguém que significava mais para ele do que qualquer pedaço de propriedade ou acre de terra jamais poderia. Ele desistiria de tudo... seus pertences, terras, a fortuna no banco... apenas para segurar Phoebe em seus braços novamente.

— Está tudo bem, irmão, — Gray disse sem tirar os olhos da estrada, sua voz calma e responsável. — Ela está bem.

Roman assentiu, mas não foi até que sua próxima respiração trouxe o cheiro de Phoebe... perto o suficiente agora para ele detectar a batida firme e calma de seu coração, a surpreendente tranquilidade em seu cheiro... que ele realmente acreditou.

Phoebe *estava* bem e mais, ela estava apenas além da próxima curva na estrada. Roman podia sentir sua presença, cada parte dela, e seu coração subiu na garganta enquanto era bombardeado por muitas emoções para nomear.

Gray fez esta curva final a uma velocidade quase razoável e encostou no acostamento. Mas Roman já havia avistado sua Ômega parada ao lado da estrada. Ele não esperou a caminhonete parar, abriu a porta e saltou para a calçada.

Gray gritou algo, mas Roman o ignorou enquanto suas botas derrapavam no cascalho solto. Ele conseguiu recuperar o equilíbrio e correu para Phoebe, pegando-a nos braços.

Ele foi recompensado com uma gargalhada que soou como uma canção de anjo em seus ouvidos. Phoebe colocou os braços em volta do pescoço dele e o abraçou com força.

— Você está machucada? — Roman exigiu enquanto a colocava suavemente no chão e a examinava em busca de ferimentos. Não havia nenhum, nem mesmo um arranhão.

— Claro que não, — disse Phoebe. — Holden e papai nunca me machucariam.

O alívio de Roman rapidamente se transformou em raiva com a menção deles. — Onde eles estão?

Ele farejou o ar, tentando pegar qualquer vestígio deles no vento, mas eles haviam sumido há muito tempo. Além da Fronteira, sem dúvida, e de volta à segurança do mundo Beta... onde ficariam, se soubessem o que era bom para eles.

Phoebe puxou seu braço, exigindo sua atenção. — Eles foram para casa, Roman. Eles não fizeram por mal.

— O inferno que não fizeram. — Roman sabia que precisava controlar seu temperamento, mas neste momento, com tanta adrenalina subindo em suas veias e uma nuvem vermelha de raiva obscurecendo sua visão, era quase impossível.

Phoebe, entretanto, não queria saber disso. Ela colocou os punhos nos quadris, mais séria do que ele já a tinha visto.

— Ouça-me, — disse ela, olhando-o bem nos olhos. — Eles pensaram que estavam fazendo o que era melhor para mim. Estavam apenas tentando me proteger... assim como você está fazendo agora. E agora eles sabem melhor. Eu expliquei tudo e pedi que me soltassem, e eles o fizeram.

— E devo ser *grato*? — Roman zombou. — Eles sequestraram você.

— Você também, — ela respondeu. Ela não estava com raiva, mas seu cheiro poderia muito bem ser misturado com ferro, tão determinada e teimosa quanto revelava que ela era. — Mas ninguém nunca vai me afastar das pessoas que eu amo novamente.

— 'Pessoas?' — Roman ecoou.

— Sim, 'pessoas', — disse ela. — O amor não é uma mercadoria limitada, Roman. Eu posso amar você e os dois ao mesmo tempo. Vocês dois podem me amar. Ninguém precisa escolher um lado. Na verdade, estou declarando que esta rixa entre você e minha família acabou.

Roman resmungou no fundo de seu peito. Ele não sabia disso... paz era pedir muito depois do que os Whitfields o fizeram passar.

Mas, enquanto ele tivesse Phoebe de volta, e ela pudesse jurar que sua família nunca mais faria uma merda dessas de novo, acreditaria nela.

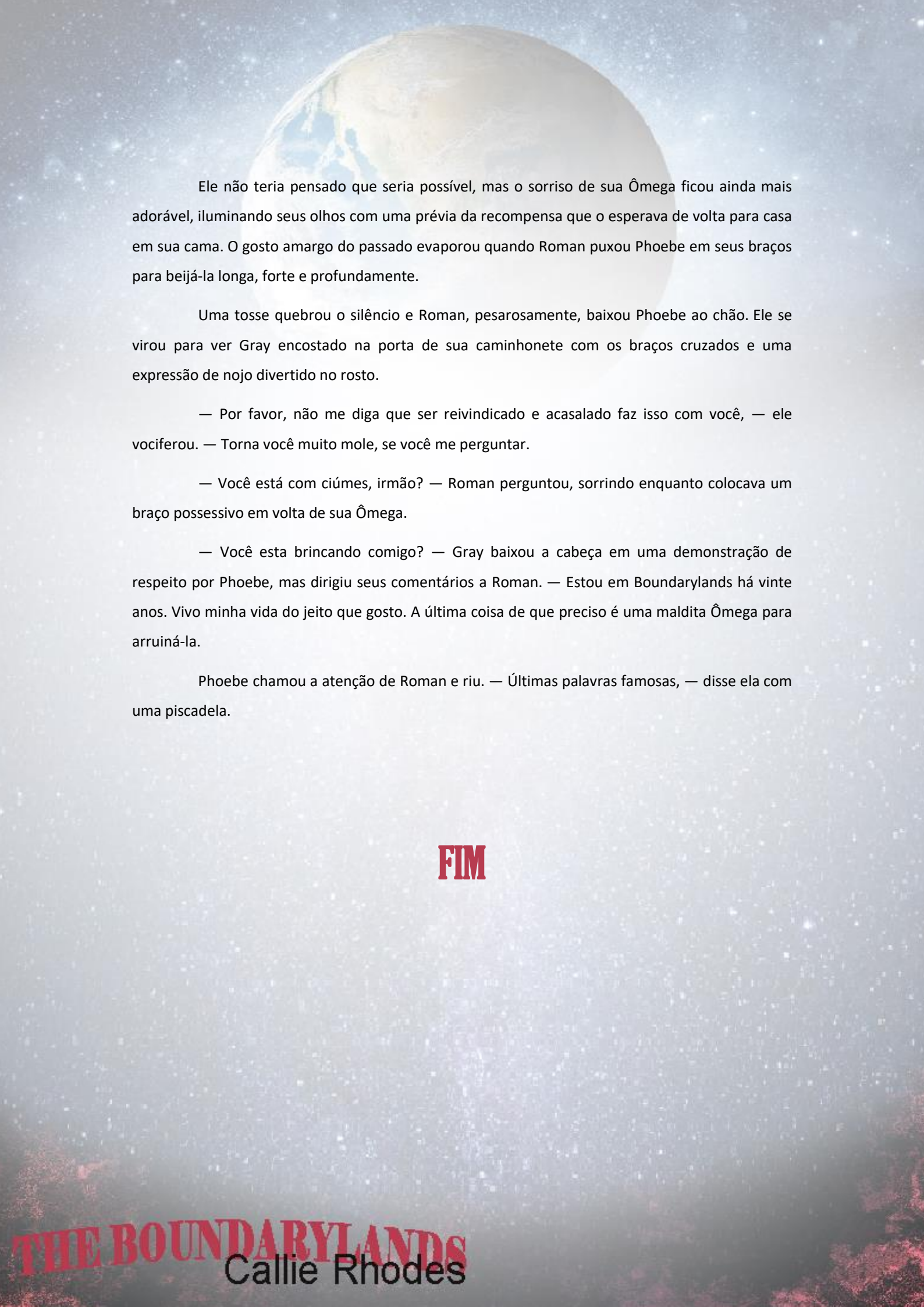
Não eles... apenas ela.

— Contanto que você não espere que eu os ame, — ele vociferou.

Phoebe riu, o sorriso mais lindo do mundo se espalhando em seu rosto. — Eu vou me contentar com vocês não se matando. Prometa-me isso.

Roman franziu a testa. Se era isso o que Phoebe realmente queria, ele estava disposto a dar a ela, como se fosse negar qualquer coisa a ela.

— Eu prometo, — disse ele, tentando ignorar a amargura que as palavras deixaram em sua boca.



Ele não teria pensado que seria possível, mas o sorriso de sua Ômega ficou ainda mais adorável, iluminando seus olhos com uma prévia da recompensa que o esperava de volta para casa em sua cama. O gosto amargo do passado evaporou quando Roman puxou Phoebe em seus braços para beijá-la longa, forte e profundamente.

Uma tosse quebrou o silêncio e Roman, pesarosamente, baixou Phoebe ao chão. Ele se virou para ver Gray encostado na porta de sua caminhonete com os braços cruzados e uma expressão de nojo divertido no rosto.

— Por favor, não me diga que ser reivindicado e acasalado faz isso com você, — ele vociferou. — Torna você muito mole, se você me perguntar.

— Você está com ciúmes, irmão? — Roman perguntou, sorrindo enquanto colocava um braço possessivo em volta de sua Ômega.

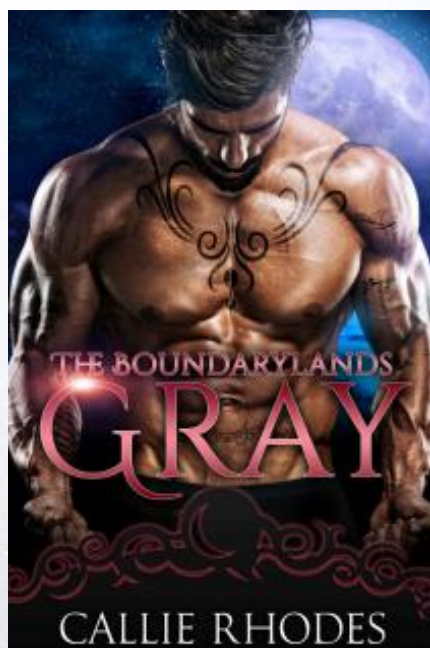
— Você esta brincando comigo? — Gray baixou a cabeça em uma demonstração de respeito por Phoebe, mas dirigiu seus comentários a Roman. — Estou em Boundarylands há vinte anos. Vivo minha vida do jeito que gosto. A última coisa de que preciso é uma maldita Ômega para arruiná-la.

Phoebe chamou a atenção de Roman e riu. — Últimas palavras famosas, — disse ela com uma piscadela.

FIM

Próximo Livro

A história de Gray e Olivia



THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes